

Um romance de
SAMANTA HOLTZ



O
PÁSSARO

2ª EDIÇÃO

novo século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Dedico este livro a todas as pessoas que têm um sonho. Abram suas asas;
vocês podem alcançá-los!

ONDE, QUANDO E COMO...

Europa, século XIII. Época dos vestidos pomposos, das charretes elegantes e das extensas propriedades de terra com seus castelos, onde perambulavam serviçais, condes, duques, barões e segredos.

Uma sociedade cujos extremos eram marcados por servos e senhores, respectivamente conhecidos como vassalos e suseranos, que conviviam no sistema feudal. Uma cerimônia simples, um punhado de terra despejado, mais um vassalo a servir. Este se instalava com mulher e filhos nas terras do seu senhor, nas quais viveriam a troco de trabalho, suor e tributos dos mais incabíveis. Uma vida difícil, porém, para os menos afortunados, era a condição mais aceitável para se viver com dignidade.

Do outro lado, estavam os senhores das terras e suas famílias. Esposas caladas, filhas obedientes, homens rígidos. A imagem perfeita para se passar à sociedade – muito embora ninguém imaginasse que aventuras e amores proibidos se escondiam por trás daqueles olhos baixos, submissos a uma vida de regras, castigos, imposição do certo e proibição do errado. Uma vida resumida a aceitar sem argumentos ou contestação.

Mas havia uma jovem determinada a quebrar essas convenções.

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA

Ela suspirou, com a cabeça cheia de perguntas para as quais queria respostas, mas que não sabia se tinha coragem de perguntar ao pai.

Era o ano de 1227, na propriedade do barão de Mondevieu, um dos grandes senhores feudais da época. Ele era conhecido por suas infundáveis extensões de terras, onde se praticava plantio, criação animal, e era, também, palco das mais ilustres visitas da sociedade e da realeza – afinal, o barão era um homem influente. Mas não era somente a magnitude da propriedade e a pompa do castelo que faziam de Enézio Mondevieu um homem tão comentado. Além de conhecido, ele era, também, muito temido.

Piedade era uma palavra que o barão não conhecia muito bem. Entre os vários servos que trabalhavam dia e noite nos arredores do castelo, havia os vigilantes, fiéis guardas espalhados por toda a propriedade. Eles tinham ordens para, à vista de uma única irregularidade, providenciar as devidas consequências. Nada muito incomum, se não fosse a pouca sensatez do barão para diferenciar o tolerável do irregular, ou sua imaginação sádica para inventar castigos inconfessáveis. Não eram raros os casos de espancamentos e mortes misteriosas ocorridos com aqueles que, de alguma forma, se opunham a Mondevieu. Casos como esses, no entanto, ninguém se atrevia a investigar demais, no temor de ser o próximo.

Enézio era alguém nascido para ser respeitado em silêncio. Quem bem sabia disso era sua esposa, Antonelle, bem como as duas filhas: Caroline, que acabara de completar sete anos de idade, e Elizabeth, então com nove. Duas meninas adoráveis, como todos não cansavam de dizer. A mais velha era muito loura e alva, tal qual a mãe, com olhos verde-claros e cachos nos cabelos. O nariz e o queixo não eram mais que delicadas circunferências, traços bastante diferentes da irmã mais nova; esta tinha os cabelos castanho-escuros do pai, pesados e sem cachos, e formas menos redondas no rosto sério. Até mesmo o

olhar obediente, presente naqueles três pares de olhos, tinha uma aparência diferente na mais nova; um quê de desafio, ousadia ou astúcia. Ou tudo junto. O que quer que fosse, já não tardaria a lhes ser revelado.

Era mais uma tarde em que se reuniam para o chá no jardim em frente à mansão dos Mondevieu. Enézio estava acomodado numa mesa circular junto às suas meninas, comportadas e com fitas nos cabelos, sua esposa, sempre muito discreta, e as visitas: Fernão de La Frièt, duque e amigo da família, e seu filho, Filip, que completava nove anos de idade naquele mês de verão ameno.

— Volto a repetir, meu caro amigo — dizia o duque, após esvaziar mais uma xícara —, a cada vez que os visito, suas meninas parecem mais próximas a verdadeiras damas!

Elizabeth baixou o rosto corado, enquanto Caroline sorria com vontade perante o elogio. Enézio devolveu a gentileza referindo-se a Filip:

— Pois, se eu não conhecesse seu pequeno rapaz, diria que já está encaminhado aos mais nobres títulos da realeza! Não é, *sir* Filip?

Deu tapinhas amigáveis na cabeça do menino, deixando ecoar sua gargalhada bruta. Filip também sorria, embora não tivesse compreendido o comentário. Seu sorriso, no entanto, tinha outra fonte; era Caroline, que ria deliciosamente ao lado da calada irmã, divertindo-se com uma borboleta. Naqueles tempos, não era muito comum presenciar garotas rirem, e Caroline era uma alegre exceção. Ela não imaginava o quanto maravilhava o juvenzinho, que a observava com um misto de admiração e encantamento a cada vez que seus lábios se esticavam num novo sorriso.

Assim seguia o chá no jardim, sob as fortes gargalhadas do anfitrião diante de qualquer novo caso ou mexerico, estendidas até depois do último riso ter-se cessado. Fazia comentários constantes e arregalava os olhos de entusiasmo, inchando mais a face gorda. Era um homem estimado, pois assim se fazia ser. Já em aspectos pessoais, era um grande esbanjador de ouro em luxos e novidades, adepto da fartura e dos excessos. Descrever Enézio era dividi-lo em dois: aquele que era, diante das visitas, uma companhia exuberante e simpática; e o outro, tão contrário daquele, que apenas a família, calada e temerosa, conhecia. Partida a visita, calavam-se as risadas altas, dando lugar a frases

curtas e imperativas. O sorriso se desfazia, emburrando a feição, que logo se tornava carrancuda e, muitas vezes, amedrontadora.

As mulheres da casa não ousavam dirigir-lhe muitas palavras além das necessárias. Sua esposa Antonelle, oito anos mais jovem, por várias noites chorava a desilusão de lhe terem escolhido um marido tão frio e cruel. Tinha grandes dificuldades em levar uma gestação adiante; já contavam três as gravidezes perdidas logo nos primeiros meses, o que fazia de Caroline e Elizabeth felizes raridades em sua vida fértil. Enézio, cujo único entusiasmo com a esposa era o almejo de ter um filho homem, culpava-a por não poder realizar seu capricho. Sua relação comunicativa com a companheira esfriou até tornar-se quase inexistente, transformando a sua presença numa “bela peça de decoração, porém inútil”, como o ouvira dizer certa vez.

Na aspiração frustrada de ter um filho homem para exhibir, Enézio mal notava as duas joias femininas que Antonelle lhe concedera, lindas como ela. Elizabeth, desde pequena, era muito meiga e silenciosa, a exemplo da mãe. Com o passar dos anos, mostrou-se também obediente. Tinha um sorriso restrito e raro. Com estranhos, a única comunicação era um olhar fixo e desconfiado diante dos mimos que recebia, constrangendo as madames escandalosas, cheias de comentários mimosos e apertões nas bochechas. Mas o pai ria alto, dizendo que a menina não tinha jeito, e tudo terminava em risadas. Ao menos da porta para fora.

Também havia Caroline. O completo oposto da irmã! Curiosa desde muito cedo, que trabalho dera àqueles que a seguiam por onde queria ir – e, quando queria, ia. Era risonha e falante diante de todos, exceto do pai, por quem

desenvolveu medo e dever de obediência, embora de forma menos explícita do

Começou a falar logo, e como falava! Depois, vieram os passos, e como caminhava! E, em meio a tantas diferenças com relação à irmã, sempre se mencionava seus olhos, que não herdaram o esverdeado da mãe. Eram escuros e marcantes. Quem os via desconfiava que ela jamais seria uma mulher frágil.

De volta à mesa no jardim, lá estavam todos: Antonelle, sempre serena, com um sorriso esboçado nos lábios finos e claros; Elizabeth, com a coluna excessivamente ereta, preocupada em praticar o que aprendia nas aulas

semanais de etiqueta; o barão, rindo com exagero; os convidados; e uma cadeira vazia...

Até surgir a pergunta óbvia:

— Onde está Caroline?

Todos olharam em volta, atentos. Não tardaram a concluir que a menina não estava mais por perto. Fernão despreocupou o pai da menina, tomando a xícara novamente cheia nas mãos:

— Oras, é criança! Deve estar por aí, a traquinar...

— Garotas não traquinam – interveio Elizabeth, com as mesmas palavras da tediosa professora Agatha. Logo se censurou e, corando, corrigiu o tratamento: – Senhor duque.

— Fernão está certo, não há com o que se preocupar! – concordou o barão, forçando mais um riso. – Da propriedade, não há de sair, a não ser que caminhasse longas milhas.

— Há criados por toda parte – complementou Antonelle, quase num sussurro. – Um deles há de trazê-la de volta, onde quer que esteja.

— Sensata como sempre, Antonelle, se me permite dizer – disse-lhe o duque, com um encantamento contido no olhar.

Antonelle evitou os olhos do visitante e pediu mais biscoitos para a servente, enquanto Enézio mudava o rumo da conversa, falando sobre a grande novidade do momento: cavalos.

— Cavalos estão na moda! – dizia, estufando o peito de orgulho. – As grandes corridas estão se tornando frequentes e atraem grandes investidores e apostadores nas ricas províncias.

Esse foi o motivo que o levou a tê-los em suas terras, a partir daquele verão. Adquiriu-os sem pensar no mais óbvio; como cuidar deles. Nenhum vassalo local sabia lidar com equinos, e ele quase desistiu da ideia quando, por recomendação de Dinamene, uma das servas do castelo, recebeu Gerson Rachlev em sua propriedade. Gerson trabalhara com cavalos por muitos anos,

em terras distantes, e sabia bem como tratá-los e domá-los de maneira adequada.

Era este homem que Caroline agora contemplava, boquiaberta de admiração. Nunca tinha visto um cavalo, e, desde quando soube que seu pai agora os possuía, estava curiosa para saber como eram. Com os pezinhos balançando através do cercado de madeira sobre o qual se acomodara, seus olhos mal conseguiam acompanhar os movimentos rápidos do cavalo, lutando por seu direito de ser livre. Ela acompanhou o desenrolar do duelo ali travado; a dominação humana contra a liberdade do animal. Aos poucos, viu a vitória do

primeiro sobre o outro, que cedia lentamente, abrandando os passos e diminuindo o ritmo da respiração.

— Milady...?

Ela se assustou com uma voz repentina ao seu lado. Despertando do seu transe, viu o filho mais novo do domador sentando-se ao seu lado.

— Como me chamou?

— É a filha do barão, não é?

— Sim. Mas você se enganou. Meu nome não é *milady*, é Caroline! — replicou, risonha.

— Meu pai me ensinou como tratar corretamente uma garota de posses — dizia o garoto, numa formalidade que soava quase cômica em sua voz indefinida de quase rapaz. — Não recebem o mesmo tratamento que outras meninas. E a senhorita com certeza é uma delas.

Embora a tratasse com cortesia, seus olhos denunciavam um desgosto escondido. Caroline, no entanto, não percebeu; ainda não compreendia aquela explicação.

— Oras, se meu pai nunca me chamou assim, você também não precisa! Basta me chamar de Caroline...

— Acontece que nós somos *diferentes*.

— Diferentes? Óbvio que não! — agora, ela ria com vontade. — Você é igualzinho a mim! Só tem a pele um pouco mais escura, mas deve ser porque fica muito tempo debaixo do sol, como as jardineiras...

Apontou para os braços do menino; sua pele era castigada pelo sol, como os cabelos, cujo tom castanho desbotara um tanto. Caroline reparou que a camisa suja de terra não tinha botões, apenas um decote rasgado à mão, que deixava quase metade da barriga à mostra. *Não é o tipo de roupa que Filip usaria*, pensou ela.

— Se somos iguais, milady, então me diga: qual o tamanho da sua casa?

— Minha casa? É aquela ali — apontou para o castelo, animada.

— Pois a minha casa é aquela.

Seguindo o olhar dele, ela viu o velho casebre de madeira ao qual ele se referia. Seu coração ficou apertado, como ela nunca sentiu antes.

— Lá, eu moro com meu pai e meu irmão mais velho — explicou, com os olhos marejados.

Mas Caroline não prestava atenção nele. Ainda olhava a pequena casa, transtornada. Sempre pensou que todos tivessem a mesma vida que ela, todas as famílias com seu castelo, todos felizes. Era a primeira vez que alguém lhe apontava a realidade com o dedo.

Então, uma ideia iluminou seus olhos, e ela ficou em pé:

— Por que seu pai não constrói um castelo?

— Ah, claro! — ele revirou os olhos. — E como pagaria?

— Com o ouro que ele ganha trabalhando!

— É pouco. Aliás, dizer que é pouco talvez já seja muito — ele se mexeu no cercado, incomodado. — Na verdade, milady, a maior diferença entre nós é que meu pai sempre trabalhou e sempre foi pobre. Já o seu, nunca fez nada, e tem tudo isso...

Apavorada, Caroline agora via com clareza o ódio que aqueles grandes olhos castanhos continham. Sem olhar para ela, o menino saltou do tronco e

se afastou, chutando várias pedras no caminho.

— Espere! Menino...

Mas ele já estava no interior do cercado, indo ajudar o pai a enrolar algumas

Caroline não moveu um músculo desde que ele saiu. Aquilo que ouvira começava a fazer muito sentido, embora achasse ilógico. Ruminou aquelas ideias por muito tempo, até que foi interrompida pela voz de um garoto muito diferente do último com quem estivera conversando.

— Boa tarde, Caroline.

Era Filip, filho do duque de La Frièt. Ela o encarou sem responder, ainda mergulhada em pensamentos.

— Meu pai mandou vir procurá-la, para ver se está tudo bem.

— Oh, sim. Pode dizer a ele que está.

Filip baixou a cabeça e mexeu no botão da camisa branca, perfeitamente engomada.

— Na verdade, eu queria ficar aqui com você.

Ela finalmente emergiu dos pensamentos e olhou para ele. Filip era um belo menino de cabelos castanhos e olhos azuis. Tinha um rosto com formas bonitas e a pele bastante alva, agora avermelhada nas bochechas, o que Caroline achou divertido.

— Claro. Pode ficar.

Ela se acomodou numa pedra chata ali perto, deixando um espaço para ele.

Filip franziu as sobrancelhas, analisando a garota demoradamente.

— Você não prefere ir para o balanço, ou para um banco?

— Ora, Filip! Não seja tolo! Se preferir ir embora...

Rendido, ele se sentou ao lado dela, tentando se sujar o menos possível.

— O que fazia aqui sozinha?

Ela penteou os cabelos com os dedos, buscando as palavras certas em sua mente. Enfim, indagou:

— Estava pensando, Filip: por que eu tenho uma casa grande e bonita enquanto outros têm uma casa velha e pequena?

Filip perdeu-se um pouco com a dinâmica das suas reflexões, mas entendeu aonde ela queria chegar.

— Bem, Caroline... Nós nascemos ricos, enquanto eles...

— E por que você pode me chamar de Caroline, enquanto outros não? — interrompeu-o, falando tão rápido quanto pensava.

— Eu... — os olhos faiscantes da menina o intimidaram. — Eu não sei, talvez por quê... Não queiram...

— E você sabe por que esses homens que trabalham o dia inteiro, todos os dias, nunca ficaram ricos?

Filip ergueu os ombros, confuso.

— Eu... Não sei... Juro que não sei! — reforçou, sob aquele olhar autoritário.

Caroline suspirou, exausta, com a cabeça cheia de perguntas para as quais queria respostas, mas que não sabia se tinha coragem de perguntar ao pai.

— Sabe, Caroline, eu acho que devíamos deixar os adultos pensando nisso. Eles sempre dizem que somos pequenos demais para tudo...

— É verdade! — concordou, automaticamente, deixando aquele amontoado de informações para ser digerido depois. — E você, Filip, o que estava fazendo?

— Eu estava no jardim, com todos os outros. Até que começaram a falar

Ele baixou os olhos, envergonhado. Aquilo foi demais para a curiosidade aguçada da amiga:

— O quê? Oras, diga logo!

Mas ele parecia arrependido pelo que disse. Seu rosto passou do branco para o rosa num instante. Ignorando seu desembaraço, Caroline insistia, ameaçando atacá-lo com cócegas.

— Sempre dá certo com minha irmã! — explicou, ameaçando-o. — Pode falar, Filip! Nós somos amigos, nunca escondemos segredos um do outro, não é?

Ele ponderou por mais alguns segundos, contrariado.

— É que seu pai e o meu começaram a falar de... Mas são só ideias, não é nada importante!

— Então, diga! — insistia, impaciente, retorcendo-se de curiosidade.

Filip suspirou, adquirindo coragem, e olhou para ela.

— Seu pai falou que, quando crescermos, eu vou me casar com você.

Caroline franziu a testa, enquanto o rosto dele retomava o tom vermelho incrivelmente intenso.

— Casar? — repetiu ela.

— Eu disse, é bobagem! — interrompeu, com medo das dimensões que o assunto poderia tomar.

— Mas por que o meu pai escolheria com quem devo me casar, e não eu?

— Sempre foi assim. Não acredito que não saiba disso! Meu pai me contou que...

— Como assim? — gritou, pondo-se em pé. — Se o marido será meu, e não dele, como é que...

— Também não sei! — ele a interrompeu, com a voz alta. — Não queria que você se perturbasse, eu já disse que foi só uma ideia!

As palavras de Filip a relaxaram. Sorrindo, Caroline voltou para o lado dele, em seu banco improvisado.

— É mesmo, não é? O meu casamento ainda está tão longe!

Ele observou o rosto sorridente da sua amiga querida, sorrindo também.

— Não que eu não goste da ideia — falou, cheio de coragem. — Você é muito bonita, Caroline. E também é... muito...

Não encontrou palavras para definir o jeito dela, que ele tanto gostava. Poderia ter dito espontânea, ou simpática. Mas um novo sorriso dela, agora de agradecimento, resumiu tudo por ele.

— Vamos voltar para os adultos, antes que venham atrás da gente! — disse ela, saltando da pedra. — Aposto que ganho de você numa corrida...

Antes de ele poder se levantar, censurando aquela ideia, ela já disparava à sua frente. E, como apostou, ganhou de Filip com folga! Rindo e competindo, os dois voltaram ao encontro das famílias, despreocupados. Afinal, os motivos para

preocupação ainda estavam longe, no futuro; eles podiam deixar-se ocupar apenas de uma corrida inocente, por ora.

Uma vez de volta à mesa, no entanto, as reivindicações de Caroline adquiriram força. Guardou-as para si até não se conter mais, quando perguntou

— Papai, como é que o senhor tem tanto ouro se eu nunca vi o senhor trabalhando?

Todos congelaram. Antonelle disfarçou, enchendo a boca de chá. Elizabeth ficou muda, com a boca entreaberta, e até o barão parou de falar, encarando a filha com uma expressão de terror. Até que resolveu rir.

— Crianças! — exclamou, apertando a xícara com muita força.

— E por que os seus empregados são pobres, se eles, sim, trabalham, e deveriam ganhar por isso? Eu vi a casa do homem que cuida dos cavalos, e é muito menor que a nossa! Sabia que moram três pessoas lá dentro?

Antonelle afogou com o chá, sendo acudida pelo duque.

— Está tudo bem — dispensou-o, sem olhar para ele. — Filha, é claro que o seu pai trabalha...

— Mesmo? O que ele faz? — empolgou-se. Imaginou se o seu pai domava cavalos, igual vira aquele homem corajoso fazer. *Seria fantástico*, pensou.

Enézio estava com o pescoço avermelhado, contendo a raiva. Queria socar a mesa naquele mesmo instante e gritar para a menina enxerida se calar, porém aquilo não faria nada bem à sua imagem social.

— Querida... — chamou-a, com um sorriso trêmulo. — Você não vê o papai trabalhar porque, quando saio, você ainda está dormindo...

— Mas, quando eu acordo, o senhor ainda está em casa.

— Caroline...

Antonelle interrompeu o gesto quase desesperado, engolindo seco. A menina não entendeu muito bem aquela atmosfera tensa, até que o duque interveio, sorrindo bondosamente para a garotinha:

— Seu pai lida com assuntos que você não compreende, pequena! Assuntos do rei... — e dirigindo-se ao barão: — Não se incomode, meu amigo! Crianças não entendem dessas particularidades.

— Então, que tal um assunto do qual todos possam participar? — sugeriu Antonelle, ofegante.

— Mais uma vez, falou a sensatez! — disse o duque, com uma reverência. — Porém, creio que já seja bastante tarde para nós. Filip e eu precisamos ir.

Os visitantes se levantaram e se despediram dos Mondevieu. Filip ficou particularmente sem graça para dizer adeus à melhor amiga e quase tropeçou nos próprios sapatos.

— Até breve, Caroline.

— Até breve, Filip!

Virou-se para acompanhar o pai, mas lançou um último olhar por sobre o ombro.

— Que foi? — perguntou, notando o interesse do garoto.

— Estava pensando...

— Em quê?

— No dia em que eu vier buscá-la. Quando você já for minha noiva...

Ela sorriu, sem resposta. Foi com aquele sorriso que Filip sonhou acordado durante todo o dia, enquanto indagava se eles realmente se casariam, e se ela continuaria tendo aquele jeito tão...

Ele não sabia explicar, mas sabia que gostava muito.

Caroline acenou até a carruagem dos de La Frièt perder-se de vista. Alguns vislumbres de casamento entre ela e Filip chegaram a se formar em sua mente, no entanto ela não pensou nisso por muito mais tempo, assim como ele. Foi arrancada dos seus devaneios por uma mão no colarinho do seu vestido, que a arrastava escada acima até a mansão.

— Você precisa aprender algumas lições sobre bons modos, mocinha!

Era seu pai. Ele atirou a menina no centro da ampla sala, fazendo-a cair sobre os cotovelos. Dinamene, a serva pessoal de Antonelle e das meninas, desesperouse:

— Senhorita! Que há?

— Deixe-a — ordenou o barão, fazendo-a interromper bruscamente a corrida. — E deixe-nos a sós.

Caroline olhou para a serva e amiga, que sentiu os olhos marejarem. Nunca vira aqueles olhinhos contentes tão amedrontados, assim como Caroline nunca vira tamanho ódio nos olhos do pai. Sua mãe estava atrás dele, com Elizabeth agarrada às suas pernas e as mãos apertando o colo.

— Papai, o que foi? — perguntou, com a voz entrecortada. — Por que está bravo comigo?

— Você vai aprender, menina... — bufou, apanhando uma vara de um dos vasos decorativos. — Vai aprender a ficar com a boca bem fechada!

Ela se arrastava para trás, soluçando de medo e balbuciando qualquer coisa.

— Querido... — Antonelle se adiantou, com a voz inibida. — Não seria melhor...

— Cale a boca, mulher! — seu urro paralisou a todos. — Alguém precisa ensinar essa menina. E serei eu, do *meu* jeito! E já devia ter feito isso há muito tempo, ah, se devia...

Antes que Caroline percebesse, seu pai avançava sobre ela, chicoteando-a com a vara improvisada. A menina gritava, implorando ajuda à mãe e à irmã, mas as duas simplesmente se abraçavam, chorando, com os olhos fechados.

Antonelle ousou ordenar que ele parasse, por algumas vezes, mas aquilo apenas o incentivava a bater mais forte, enquanto repetia de maneira doentia:

— *Fique quieta, vadiazinha! Aprenda a ficar quieta!* Mulheres não nasceram para falar...

Não houve um dia em que Caroline tivesse chorado tanto como naquele. A voz que sempre enchera o castelo de risos alegres invadia-o com gritos agudos. Os empregados baixaram a cabeça, com pena. Dinamene desatou a chorar, correndo para não ser flagrada em piedade. E a cabecinha de Caroline, que já tinha sido tão distorcida, naquele dia, encheu-se de novas conclusões; a crueldade explícita do seu pai, o medo da irmã, a covardia da mãe. As marcas sumiram da sua pele em algumas semanas. No entanto, naquela mesma noite, enquanto chorava sozinha, desenhou em sua alma a personalidade e ideologia que a acompanhariam pelo resto da vida. Descobriu, da maneira mais difícil, que aquelas marcas jamais se apagariam do seu coração.

CAPÍTULO 2

CAROLINE MONDEVIEU

Lançava um fulminante olhar que já deixava prevista a desobediência. Onde foi que ela aprendeu a usar os olhos desse jeito?

Seus gritos ecoaram dez anos mais tarde, numa manhã em que Caroline acordou assustada. Seu pai mais uma vez avançara sobre ela, com os olhos vermelhos, e seu coração batia apressado. Desta vez, no entanto, ela estava segura em seus sonhos.

Dinamene correu até o quarto, escancarando a porta sem pedir licença.

— Menina! Menina! O que houve?

Caroline sentou-se, trêmula. Demorou alguns segundos até se situar novamente no presente. Então, respirou aliviada, limpando o suor do pescoço.

— Nada, Dinamene... Não foi nada!

— Como nada? — ela pegou um lenço no criado-mudo e enxugou o rosto da menina. — E aquele grito que eu ouvi?

Caroline fechou os olhos, respirando fundo. Nunca acordava com um humor muito bom.

— Foi só um pesadelo. Não há com o que se preocupar.

Levantou-se, deixando a serva com o lenço para trás. Já não era aquela garotinha de dez anos atrás; era alta e os cabelos, pesados e escuros, cobriam suas costas. Seu rosto era de uma beleza diferente dos quadros da época; nariz fino, queixo pontudo e olhos intensos. Não tinha os traços delicados de Elizabeth, que mantinha o nariz, o queixo e as bochechas arredondados. Liza, aliás, era toda *círculos!* Seu rosto, todos diziam, parecia cuidadosamente esculpido, e seu corpo tinha mais curvas que o da irmã.

As diferenças não se resumiam à estética, como todos perceberam desde cedo. Elizabeth era totalmente subordinada às ordens e decisões do pai, enquanto Caroline o desafiava de uma maneira que o intrigava. Não mais ousava contestá-lo verbalmente, após aquele lamentável episódio, mas lançava um olhar fulminante que já deixava prevista a desobediência, fazendo o velho barão levar a mão à cabeça e pensar: *Onde foi que ela aprendeu a usar os olhos desse jeito?* Entendeu bem a lição de uma década atrás; fechara a boca. Não era difícil o dia em que palavra alguma era dirigida ao pai. Em compensação, tornara-se mestre na linguagem dos olhos, a qual ele não sabia como punir ou repreender. Nem ela mesma conhecia quanto poder eles tinham.

Apesar de tão diferentes, as irmãs eram grandes amigas e fiéis confidentes. Naquele mesmo momento, Caroline planejava ir ao quarto de Liza, quando sua mãe entrou, assustada.

— Filha! Ouvi um grito...

Mais uma vez, ela explicou que tivera um pesadelo. Antonelle respirou aliviada, e Caroline virou o rosto para a janela, séria. Era a primeira vez que se lembrava daquele dia, depois de muito tempo. A cicatriz em seu coração ardia com intensidade, mas ela se esforçava para esconder.

— Está tudo bem, querida! — sua mãe se aproximou, passando a mão em seus

Por que, naquele dia, você não pôde me dizer isso? — pensou, indignada. Ainda não se conformava com a falta de reação da mãe quando o pai a espancou diante dos seus olhos.

— Sonhei com aquele dia, mamãe — ela revelou, sombria. — O dia em que ele me bateu.

Antonelle mordeu o lábio, inquieta.

— Caroline, nós já conversamos sobre isso.

— Eu sei — afastou-se, nervosa. — Mas você não pode me obrigar a agir como se nunca tivesse acontecido!

— Nem devo, meu bem. Só quero que compreenda que coisas ruins acontecem, e existem momentos dos quais devemos simplesmente nos

esquecer e deixar para trás, porque já se foram...

Caroline notou a voz da mãe falhar, enquanto o olhar se distraía numa misteriosa angústia.

— Do que está falando, mamãe?

Ela ergueu os olhos úmidos, respirando fundo.

— Da vida, minha filha — explicou, num tom grave. — E você ainda tem muito para viver antes de contestar o certo e o errado.

— Você o está defendendo, mamãe? — explodiu. — Parece concordar com o que ele me fez...

— Ah, Caroline!

Balançou a cabeça e deu as costas à filha. Encontrou Dinamene à porta, retornando ao quarto.

— Bela manhã, senhora.

— Concordo com você, Dinamene.

— Acha que vai esfriar, antes do entardecer?

— Sim, é possível...

— Mandarei engomar seu casaco.

A patroa agradeceu e se retirou, com os passos tranquilos roçando o chão.

Caroline sentou-se na beirada da cama, penteando os longos cabelos castanhos.

— Não, senhorita! Deixe que eu faça isso...

Adiantou-se até a menina, tomando a escova das suas mãos.

— Sabe que não precisa... — replicou, com polidez.

A serva, porém, não lhe deu ouvidos e continuou penteando suas grossas madeixas, cantarolando. Dinamene era uma mulher negra, quase da mesma idade que Antonelle. Tinha sempre um pano à cabeça, amarrado na nuca, e os cabelos caíam sobre o nó que ela fazia, presos com um pedaço de fita. Usava

sempre os mesmos vestidos surrados para trabalhar. Era a serva de confiança da patroa desde quando esta se casara. Por esse motivo, tinha algumas pequenas vantagens em relação aos demais servos, tal qual a liberdade de opinar – como quando

sugerira ao barão que chamasse Gerson Rachlev para domar seus cavalos. Gerson era um viajante, e chegou ao país a tempo de conhecer Dinamene e garantir um trabalho para ele e seus filhos. A esposa morrerá no parto do segundo e último filho, antes de realizarem o sonho de terem uma garotinha.

Depois de pentear os cabelos de Caroline, Dinamene tentou convencê-la a vestir um dos tantos belos vestidos que a garota possuía, mas ela simplesmente se recusou, como de costume.

– Vestidos de festa durante o dia, Dinamene?

– Mas, menina! – insistia, segurando nas mãos um belo vestido azul. – A senhorita tem classe! Devia aproveitar que pode usar essas peças maravilhosas...

Caroline suspirou, pegando o vestido das mãos de Dinamene.

– Pois, se gosta tanto, fique com ele – respondeu empurrando o vestido contra a mulher, que a olhava com pavor. – Vou escolher outro mais simples. É o que sinto vontade de vestir.

Encontrou uma peça bastante simples – mas, ainda assim, bela – e vestiu-a. Quando se virava para sair do quarto, encontrou Dinamene ainda boquiaberta, com o vestido nas mãos.

– Falo sério. É seu!

Antes que ela pudesse contestar, Caroline disparou pelo corredor em direção ao quarto da irmã. Aos poucos, o terror do sonho passava, e ela retomava a alegria de sempre.

– Liza? – cantarolou, batendo à porta.

– Entre!

Caroline abriu a porta e viu a irmã sentada na beirada da cama, com os olhos pregados no chão, e o pensamento vagando longe, longe...

– Posso saber em que está pensando?

– Como? – despertou, piscando os olhos. – Ah, desculpe-me, minha irmã!
Estava distraída.

Caroline sorriu, jogando-se ao seu lado e quase a derrubando.

– Agora, vai ter de me contar!

Elizabeth abriu um sorriso envergonhado e seu rosto corou.

– Ontem à noite, mamãe me confidenciou algo...

– Contou? O quê?

Ela riu, um pouco pelo nervosismo e ainda mais pela curiosidade desesperada da irmã.

– Que, hoje, será anunciado o meu noivado com Jeán Delcour.

A família Delcour era muito amiga dos Mondevieu – e quase tão bem financeiramente.

– Que boa notícia... – disse Caroline, franzindo a testa. – E você está feliz, minha irmã?

– Sim! Quero dizer... Toda a minha vida esperei pelo meu casamento! Mamãe me disse que já passou da hora – fez uma pausa séria, brincando com a bainha do vestido. – Sei que é uma bobagem, mas imagino que o casamento seja algo tão bonito...

– Sim, deve ser – concordou Caroline, ainda confusa. – Mas você o conhece?

– Quem?

– Ora, quem! O seu *noivo*!

– Ah, Jeán! – bateu na testa. – Sim, já o vi algumas vezes. É bonito e parece ser muito educado...

Caroline balançou a cabeça, concordando.

– E o papai perguntou sua opinião sobre essa decisão?

Os olhos de Elizabeth se arregalaram, medrosos.

— Não – respondeu, aflita. – No entanto, sei que ele escolheu certo. Quero dizer, ele é meu pai!

— Ele realmente sabia o *bem* que estava me fazendo no dia em que me bateu com a vara...

Caroline baixou a cabeça. A amargura daquele pesadelo pousou de novo sobre ela e escureceu seu olhar.

— Caroline... – sussurrou Elizabeth, aterrorizada. – Eu...

— Esqueça, Liza. Não queria trazer essa lembrança ruim a você, também.

— Mas... Por que se lembrou disso, de repente, depois de tanto tempo?

— Tive um sonho – contou, levantando-se. – Foi só. Vamos descer para o café da manhã?

À mesa, todos da família sentavam-se juntos, num silêncio quebrado apenas pelo tilintar dos talheres e das xícaras retornando aos respectivos pires. Até que a voz do barão ecoou pela mesa, fazendo a esposa saltar de susto.

— Conversou com ela, Antonelle?

A esposa ajeitou-se na cadeira, limpando a boca antes de responder:

— Sim, meu marido.

Ele terminou de mastigar um grande bocado, sem olhar para ninguém.

— Então, está avisada – olhou rapidamente para a filha mais velha. – O noivado será hoje à noite. O casamento e a festa serão no final da semana. Antonelle, cuide para que Elizabeth esteja apresentável.

— C-correto – respondeu, apressada, engolindo um pedaço quase não mastigado de pão.

O silêncio voltou a predominar. Elizabeth sorria ligeiramente pelo canto da boca, mas não demonstrou qualquer emoção, sentimento ou dúvida. A única a se manifestar foi Caroline, após um longo minuto sem tocar na comida.

— O senhor já perguntou se ela concorda? – questionou, com a voz seca.

O pai ergueu o rosto para ela, surpreso.

— Concorda com o quê?

— Com a sua escolha — explicou, séria. — Não perguntou se ela aceita, perguntou?

— Ela não precisa aceitar o que cabe a *mim* decidir!

— Caberá a ela viver a bênção ou desgraça que estiver colocando em seu caminho!

— Caroline... — interveio a mãe, com a voz baixa. — Os Delcour sempre foram grandes amigos...

— Falam por vocês! — bateu os talheres na mesa, irritada. — Quem vai se casar, no final das contas, não é Elizabeth?

— Caroline! — as mãos do barão tremiam perigosamente. — Coloque-se em seu lugar, senão...

— Senão o quê? — replicou, zombeteira. — Vai me bater?

Ela se levantou, sob os olhares surpresos da mãe e da irmã.

— Pois venha me pegar! — exclamou, desafiadora, e deixou a sala de jantar a Antonelle suspirou, trêmula. O sorriso de Elizabeth apagou-se, e o barão ficou calado, sem revelar o que se passava em sua mente. O olhar entregava pensamentos obscuros.

Em pouco tempo, Caroline estava do lado de fora, caminhando sem rumo pela imensa propriedade. A cada passo, soltava uma nova exclamação furiosa.

— Surpreendem-me a cada dia... — desabafava. — Todos eles! O papai, principalmente, mas são todos tão... Tão...

Parou no meio do gramado, as mãos agarrando o próprio couro cabeludo.

— Tão diferentes de mim!

Soltou os braços para baixo, exausta, retomando sua caminhada inquieta. Era como se tentasse fugir de um monstro invisível que a seguia por todos os lugares, ou como se descobrisse que ele, na verdade, era uma parte indesejada

do seu próprio corpo. Como era ruim sentir-se assim! Caroline não fora sempre desse jeito, e sabia disso; costumava ser muito alegre quando criança. Essa alegria inabalável durou até o dia em que um garotinho lhe mostrou a realidade com tanta frieza, e seu pai lhe revelou seu lado mais obscuro. Tudo no mesmo dia. Desde então, uma nuvem negra pairava sobre metade da sua alma, como se lhe faltasse algo para ser feliz, algo que nem todo o ouro do seu pai poderia comprar. Ela não sabia bem o que era, mas sentia um doloroso espaço vazio dentro de si pedindo para ser preenchido.

Passou por um grupo de jardineiros que aparava os arbustos. Enquanto se afastava, eles a olhavam, curiosos.

— Essa moça... Sempre por aí! — comentou Anita, a maior fofoqueira dentre todos os servos. — Fico em dúvida se é mesmo filha dessa gente rica, ou se é só uma empregada bem-vestida...

— Para mim, é uma sobrinha órfã que adotaram em segredo — opinou uma senhora corcunda, num tom misterioso. — Senão, por que não recebe o mesmo tratamento que a branquinha?

— Elas recebem o mesmo tratamento — um terceiro entrou na conversa. — Há vezes em que trabalho lá dentro para cuidar das flores nas janelas. É a menina que se rebela, não o pai.

— Não sei! Há algo de muito estranho, nessa história — insistiu Anita, sedenta por um fuxico novo. — Que razões teria uma dama tão rica para se revoltar? Mas... Você disse que já entrou no castelo? Como é lá dentro?

E começou uma interminável conversa sobre a parte de dentro da mansão, deixando de lado qualquer teoria sobre a vida e o nascimento da explosiva Caroline Mondevieu.

Um longo tempo depois, exausta de tanto caminhar e desabafar em voz alta, Caroline sentou-se em um tronco familiar de um cercado de madeira. Ficou observando três homens que lidavam com alguns cavalos, montando, amarrando e guiando-os com as cordas. Embora olhasse naquela direção, seus pensamentos se prendiam em um outro ponto. Estava, na verdade, refletindo sobre si mesma.

— Não é essa a vida que eu almejo para mim — murmurou a ninguém mais que ela mesma. — Até quando vou viver cercada de cuidados e limitações que não quero? Queria ser livre como essas pessoas... Já devem ter viajado tanto, para lugares que eu talvez nem imagine que existam...

Sentiu uma agonia forte inundar-lhe a alma. Não gostava de se rebelar, gritar ou ofender. Fazia isso por impulsividade, e logo sentia o coração pesar. Como queria resgatar a alegria pura da criança que fora! Não que ainda não o fosse; continuava a ser a garota de sorriso fácil que sempre fora. No entanto, só ela sabia, por trás dos sorrisos, a dor que a habitava, lá dentro, desde um certo dia...

Suas lembranças foram arremessadas para longe, quando um dos cavaleiros passou muito próximo a ela, veloz como um raio. Seu corpo arqueou-se para trás e ela gritou de susto, agarrando a cerca para não cair. — William! — gritou um deles. — Não viu a moça?

Cavalgando até mais perto dela, o domador fez uma reverência apressada e preocupada.

— Está ferida, senhorita?

— Não... Não, senhor! — respondeu, ofegante, pondo-se em pé atrás da cerca.

— Perdoe o meu filho, ele não agiu com prudência!

Disse em voz alta, mais para o filho que para a própria Caroline. William pareceu um pouco irritado com a atitude do pai, mas relevou:

— Não foi proposital — justificou-se. — Perdoe-me se a assustei...

William era um rapaz de tórax largo e braços fortes, sobre os quais as mangas da camisa rasgavam ligeiramente. Como o pai, usava um chapéu contra o sol forte da estação. Retirou-o por um instante, em respeito à dama presente, revelando os ralos cabelos castanho-claros. Tinha olhos estreitos sob grossas sobranceiras, o queixo grave e um rosto de quem parecia estar sempre muito tenso.

— Não se preocupem, foi só um susto — tranquilizou-os Caroline. Não sabia se o rapaz estava bravo com o pai, ou se aquela era sua expressão natural... —

Bom trabalho para vocês. Se me dão licença, eu preciso...

Mas não terminou a frase. Na verdade, não sabia para onde ia ou o que faria. O pai do garoto olhava-a com curiosidade.

— A senhorita não deve ter muitos compromissos – sorriu, gentil. Era um senhor na casa dos 40 anos de idade, embora o cansaço e os maus-tratos do sol o fizessem parecer mais velho. – É a filha mais nova do barão, não é?

— Sim. Sou eu. Mas perdoe-me, não conheço o senhor...

— Sou Gerson Rachlev. E você deve ser Caroline. – consertou rapidamente, sem jeito. – Quis dizer, a *senhorita*...

— Não se preocupe com formalidades, senhor Rachlev! Não me interessam. Só me importa o respeito que me tem demonstrado, e a isso, sim, sou grata. Ele sorriu bondosamente.

— Então já sabia meu nome!

— Seria estranho não saber. Ouvimos falar muito dos patrões.

— De fato! O senhor trabalha para o meu pai.

Ele balançou a cabeça em concordância, olhando para o chão, então voltou a sorrir para ela.

— Não quero roubar seu tempo, senhorita.

Ergueu o chapéu, num cumprimento, e se afastou. Enquanto se despedia, Caroline sentiu um afeto encher seu coração. *Engraçado*, pensou, *um estranho dedicar-me mais afeto e atenção que o meu próprio pai...*

Pai e filho desmontavam dos animais, observando-a partir.

— Difícil uma coisa dessas – comentou William.

— Que coisa?

— A filha do barão conversar com gente como nós. O senhor sabe, pai...

— Sim, filho. Pobres. Mas eu não fico tão surpreso assim. Fico é feliz, por saber que ainda existem pessoas que enxergam além do ouro que um homem

possui.

William sorriu. Gerson bateu em seu ombro, com animação. – Vamos, filho. Deixamos seu irmão sozinho.

No caminho de volta ao castelo, Caroline sentiu mais uma vez aquele vazio apertá-la por dentro. Olhou ao redor, tentando se distrair entre as árvores, as plantações, os jardins, a capela...

– Padre Reynald! – exclamou, aliviada, apressando os passos em direção à igreja.

Reynald era o padre residente que celebrava as missas na capela da propriedade. Caroline sempre conversava muito com ele, aturdindo o pobre senhor com suas indagações intermináveis, enquanto ele repetia, incansavelmente, que ela só teria paz quando aceitasse o que Deus propusera à sua vida.

Caroline entrou na igreja vazia. As paredes eram altas, marcadas pelos poucos raios de sol que atravessavam os vitrais das janelas compridas. Ela levou as mãos aos braços, com frio.

– Padre Reynald! – chamou, com a voz baixa. – O senhor está aí?

Reynald era um senhor alto e magro, com escassos cabelos grisalhos próximos à nuca. Estava sempre com suas vestes marrons e o tradicional cordão na cintura. A menina ia chamá-lo mais uma vez, quando ele surgiu atrás de uma pesada porta de madeira, vestindo os óculos de aros grossos.

– Carolyn? – apertou os olhos, duvidoso. – Oh, menina, entre!

Tinha um jeito curioso de falar, atropelando as palavras. Alguns julgavam ser consequência de muito estudo, somado ao avançar da idade. Talvez tivesse aderido totalmente ao modo de rezar as missas, quando pronunciava muito rápido as citações em latim. No entanto, quando numa confissão, ou perante um simples desabafo, sua voz soava calma e até bonita, despertando confiança e admiração.

Caroline correu até o velho amigo e o abraçou.

– O que há, Carolyn?

— Ah, padre! — inspirou um suspiro trêmulo. — Há tanto sobre o que gostaria de conversar com o senhor! Mas deve guardar segredo. Tal qual em uma confissão!

— Como quiser, minha querida.

Sua voz agora estava lenta e suave, e ela se sentiu acalmar. Sentaram-se no primeiro banco em frente à nave, e o padre ficou olhando-a, aguardando em

silêncio enquanto ela se recuperava da corrida. Num súbito, começou a falar, disparando as palavras como tiros:

— É essa vida, padre! Essas pessoas, essas regras, este lugar. Sinto como se eu fosse um grande torrão de açúcar infestado de saúvas...

— Saúvas? — ele se arrumou no banco, confuso. — Menina, fale com clareza...

— Estou sendo sufocada por tudo que me rodeia. Minha família, a sociedade, as regras a serem seguidas... — fechou os olhos, exausta. — Às vezes, acho que não pertença a este lugar!

— E que outro lugar haveria para ti? — questionou, com gentileza.

Caroline sorriu, sonhadora. Permitiu-se sonhar alto, imaginando um mundo perfeito inventado para ela.

— Um lugar onde eu não tivesse limitações. Onde ninguém me cobrasse modos e boa educação, e eu falasse quando e o que desejasse. Onde eu pudesse rir livremente, como quando era criança, e ouvir alegria ao meu redor! Mas meu pai... — baixou a cabeça, mordendo os lábios. — Meu pai está sempre com aquela expressão de quem planeja algo ruim. E minha mãe, perto dele, nada mais é do que uma estátua, como Elizabeth.

— Minha querida...

Passou a mão pela cabeça dela, aliviado por ela estar chorando. Porém, assustou-se quando a menina voltou a falar, com fervor ainda maior, e os olhos secos...

— Desisto, padre! Cansei de fingir ser uma garota rica e tola que não liga para nada além das festas e dos vestidos chiques. Como faço para mudar isso?

Digame, por favor!

Reynald se certificou de que ela havia terminado. Diante daqueles olhos sedentos por auxílio, após uma brevíssima reflexão, deu o seu conselho:

— Menina, nem tudo o que nos acontece é como desejamos. Pessoas que vivem como me disseste, que riem à vontade e são livres de regras, sonham com uma condição como a sua!

Ela virou o rosto, duvidando, mas ele recuperou sua atenção:

— Precisas te conformar – continuou. – Deus dividiu assim a sociedade, dando a cada um o seu papel. A ti, Ele reservou a riqueza, e deves viver de maneira que, quando partires deste mundo, possas ingressar no paraíso.

Aquilo fazia sentido para ela. Naquele tempo, a religião pregava que Deus dividira o mundo entre os que trabalham, os que sofrem e os que desfrutam, sendo que jamais um plebeu se tornaria um nobre, tampouco um nobre cairia de condição. Aquilo significava que não havia esperanças de mudança.

— Não compreendo... – murmurou, sem argumentos diante daquela verdade incrustada na mente da época. – Deus deve ter cometido algum engano em relação a mim...

Dois olhos cheios de água se voltaram para o padre, em tom confidencial:

— O senhor considera isso justo?

Ele esfregou as mãos, pego de surpresa. Abriu a boca para falar, mas nenhum som foi emitido.

— Eu sabia... – ela abriu um sorriso conformado. – O senhor também não concorda.

— Não! Não há contestação contra a vontade Divina! Nós, homens,

— Padre Reynald... – interrompeu-o, pousando as mãos sobre a dele. – Obrigada por me ajudar!

Beijou-o no rosto, baixou a cabeça para o altar e saiu, sem ouvir ou dizer mais nada. Ao vê-la cruzar a porta e partir, Reynald tirou os óculos e suspirou com preocupação:

— Senhor... Liberta a mente da menina dessas perversões!

A garota caminhava com lentidão, refletindo sobre o que o padre lhe dissera. Conseguira abrandar o seu espírito, mas não a progressão das suas ideias. Definitivamente, não se conformava em ter de se acomodar a um destino que ela repudiava. Sentia-se como uma águia no topo de uma montanha, diante de todo um horizonte a ser conquistado, porém com as duas asas presas ao corpo.

Estendeu os braços para os lados e, com um sorriso determinado, sussurrou para si mesma:

— Sim... Eu ainda vou voar!

Aquela era a noite do noivado de Elizabeth. Caroline não pôde contestar; vestiu-se linda e impecavelmente. Providenciaram-lhe um vestido em tons variados de verde, cujo tecido dobrava várias vezes no colo, formando um belo detalhe abaixo do decote levemente arredondado sobre os ombros.

Admirava, no espelho, o coque que Dinamene fizera, quando sua mãe entrou no quarto.

— Caroline! Você está tão linda! – exclamou, orgulhosa, não menos bela que a filha.

— Obrigada, mãe – respondeu, soltando com os dedos alguns fios do penteado apertado, sob o olhar reprovador da serva. – Mas não tanto quanto a senhora...

Antonelle riu, lisonjeada.

— De qualquer maneira, eu trouxe algo que vai aprimorar ainda mais sua beleza.

Caroline virou as costas para o espelho, curiosa. Sua mãe segurava uma fina caixa vermelha de veludo, que abriu com certa cerimônia, revelando um belíssimo colar prateado com uma grande pedra esverdeada cravada em seu pingente.

— Mamãe... É tão lindo!

— Sim, querida — passava as mãos pela joia com um olhar saudoso. — Ele foi da minha avó. Foi passado para minha mãe, depois para mim... Agora, eu o estou dando a você!

Caroline ergueu o rosto, confusa.

— A mim?

— Sim, querida, a você! Parece não ter gostado muito...

— Eu adorei, mamãe! — apressou-se em corrigir, vendo o desapontamento no olhar da mãe. — Só não entendo por que não o deu a Elizabeth. Afinal, hoje é o noivado dela!

Antonelle balançou o rosto, silenciosa.

—

— Ela terá a aliança que pertenceu à sua avó. Esta noite, Jeán a presenteará com ela. Quanto ao colar... Use-o hoje, querida! Vai ficar bom com seu vestido. Só peço que cuide dele muito bem!

Caroline ergueu o colar diante dos olhos, com um sorriso emocionado. Ele brilhava à luz do lampião sobre o criado-mudo, e a pedra em sua extremidade, de um lindo verde semitransparente, parecia repleta de minúsculos pontos luminosos, como se emitisse luz própria.

— Obrigada, mamãe! É tão bonito...

A mãe pousou um beijo na testa da filha e se retirou do quarto. Dinamene aproximou-se da menina, com os olhos deslumbrados fixos na joia.

— A senhora sua mãe me contou que a pedra é legítima!

— É, imagino que seja — Caroline suspirou, séria. — Tudo nessa família é tão *legítimo*...

— Perdão?

Olhou para o rosto confuso de Dinamene e fez um gesto rápido com as mãos. — Nada! — levantou-se, animada. — Vou pôr o colar e sair para a festa.

CAPÍTULO 3

O NOIVADO DE ELIZABETH

Ele adiantou-se mais um pouco e beijou-lhe a testa com carinho. Aquilo trouxe uma súbita ternura dentro dela...

A mansão dos Mondevieu estava recheada de glamour na noite do noivado da filha mais velha do casal. O jardim fora todo aparado e enfeitado, mesas foram espalhadas com velas e toalhas brancas, e o salão de visitas fora limpo e arrumado como um plano de contingência, em caso de chuva.

Grandes carruagens chegavam a todo instante. Aos poucos, o jardim era tomado daquela gente ilustre, que inundava o ambiente de vestidos chiques, ternos engomados e conversas formais.

Caroline passeava em meio aos mais altos nomes da nata da sociedade, quando viu um grupo muito diferente reunido mais adiante, com quem seu pai conversava.

— Vão para os seus aposentos e não saiam de lá por toda a noite – orientava o barão, dirigindo-se aos empregados que não trabalhariam na festa. Um deles era Gerson, o criador de cavalos, e Caroline o reconheceu.

Acenou com alegria e caminhou até onde ele estava. Seu pai já havia se dirigido para instruir outro grupo quando ela os alcançou.

— Então, vai participar da festa, senhor... senhor...?

— Gerson, senhorita.

Ela riu, encabulada.

— Tem um sobrenome tão difícil!

— Diferente – concordou, sorrindo para ela. – Mas não. Não vamos participar da festa. Eu e meus filhos recebemos ordens para ficarmos em casa a noite toda.

O sorriso de Caroline se apagou.

— Que grande injustiça! Afinal, esta é a propriedade onde trabalham todos os dias...

— Diga isso ao barão — sugeriu o filho mais novo de Gerson, que ela não conhecia. — Aquele sujeito estúpido...

Tinha os mesmos cabelos castanhos do irmão, porém um tanto mais compridos e desarrumados. As sobrancelhas eram menos espessas e o olhar mais expressivo. Também tinha a pele morena de sol, mas não era tão musculoso quanto o irmão, embora o serviço diário lhe confiasse uma aparência forte.

— Bernardo! — censurou o pai. — Está falando com a filha do barão!

— Tudo o mesmo tipo de gente.

Encarava-a com desprezo. Ofendida, Caroline franziu as sobrancelhas, abrindo a boca para rebater. Contudo, o rapaz simplesmente virou as costas e, tranquilo, caminhou antes que ela pudesse dar qualquer resposta.

— Perdoe o meu irmão! — pediu William, sem jeito. — Ele é assim mesmo...

— Tudo bem — interrompeu-o, contrariada. Na verdade, sentia como se seu sangue fervesse.

Pai e filho pediram licença e seguiram atrás do mais novo. Caroline ficou observando, com os olhos estreitos, o rapaz ser bombardeado de repreensões, às quais respondia com resmungos e gestos rápidos das mãos.

A garota não sabia se estava mais furiosa ou intrigada. Afinal, todos os empregados tinham por ela tanto respeito quanto teriam diante de uma rainha. Bernardo era uma exceção inédita.

— Mesmo tipo de gente... — murmurou, sentindo o rosto esquentar. — Mesmo tipo que o arrogante barão de Mondevieu... Não *mesmo!*

— Caroline?

Uma voz masculina atrás de si trouxe-a de volta à festa. Quando se virou, a surpresa que teve foi tão agradável que toda aquela ira abandonou seu coração.

— Filip!

Lançou-se a ele num abraço inesperado que o fez rir.

Filip e o pai haviam passado os últimos meses viajando. Antes disso, os amigos já não se viam havia meses, de forma que esta era a primeira vez em que se encontravam após cerca de dois anos.

— Por que não me escreveu mais? — ela se afastou, encarando-o. — Passei semanas aguardando por uma carta sua! Sequer me disse que retornaria logo...

— Voltamos antes do esperado — explicou. — Assim que chegamos, o mensageiro nos avisou sobre o noivado da sua irmã. Foi uma sorte termos vindo a tempo...

Analisando Caroline um pouco melhor, Filip completou o que dizia com um sorriso cortês:

— Feliz sorte, se me permite dizer. Você está deslumbrante, Caroline!

— Não adianta elogiar! — desconversou, bem-humorada. — Continuo brava com você...

— Não menti! Está mudada... Enquanto estivemos longe, creio que o tempo tenha levado a graça de menina para trazer a beleza de mulher.

Em pensamentos, ela agradeceu por não ter a pele tão clara como a da irmã, podendo corar sem que ele notasse tão facilmente.

— Deve ter visto tantas mulheres lindas! Quanta gente diferente deve haver lá fora...

— Nenhuma semelhante a você.

Ela abriu um sorriso — aquele que ele tanto adorava! Sempre tivera uma afeição muito grande pela amiga, que ia além da simples amizade. Contudo, o impacto de rever Caroline e encontrá-la quase uma mulher formada reacendeu sua admiração e seu encanto por ela numa chama muito mais forte.

Ele também continuava belo; a criança graciosa crescera e ganhara o ar maduro de um adulto. Era, agora, um belo rapaz de cabelos castanhos e ondulados e olhos muito azuis. Para ela também era desconcertante reencontrar o amigo tão mudado, depois de tanto tempo e com tanta saudade.

— Então, vamos? — ele sugeriu apontando as mesas, sem saber o que mais dizer.

Ela aceitou o convite, e já dava os primeiros passos quando o rapaz ofereceu-lhe gentilmente o braço. Caroline não era voltada a cordialidades, mas abriu uma exceção e aceitou, satisfeita.

Continuavam amigos desde os tempos de infância, consequência da aproximação entre as famílias. Filip, desde pequeno, alimentava uma forte afeição por ela. Caroline sentia um carinho muito verdadeiro por ele, porém jamais interpretara de outro modo que não a amizade, embora não soubesse explicar por que gostava tanto da sua companhia.

Elizabeth, muitas vezes, conversava com a irmã sobre os dois.

— Sabe que formam um lindo casal...

— Filip é meu amigo!

— Você sabe o quanto ele gosta de você, e creio que adoraria repartir a vida ao seu lado!

Em momentos como esse, ela costumava se calar, pensativa. Não podia fingir não notar que Filip tinha, de fato, certo encanto por ela.

— Seria um ótimo casamento — sonhava Elizabeth. — Filip é um rapaz tão bom!

— É, ele é...

Então, a exasperada Caroline se aquietava, sentindo o coração balançar. Não podia afirmar que jamais pensara na possibilidade de se unir ao encantador Filip de La Frièt, por quem tantas garotas da sua idade suspiravam.

— Vê? Você gosta do Filip, minha irmã!

— Tenho medo, Elizabeth. Temo que eu tenha me convencido disso pelo simples fato de jamais ter conhecido um outro moço.

E terminava por aí. Elizabeth jamais tentara entender o que chamava de *complicações da Caroline*. Então, partiam as duas, Elizabeth pensando em quão

feliz era a irmã em ter por perto tão bom partido, enquanto a própria Caroline se afogava em dúvidas sobre estar realmente ao lado daquele que a fazia feliz. Parecia gostar de desafios da mente e do coração...

Continuou acompanhando o rapaz até encontrarem o duque, que travava uma animada conversa com o anfitrião.

– Que bonito vê-los juntos! – exclamou Fernão, satisfeito.

O barão sorriu, estufando o peito e batendo nas costas de Filip.

– Fico contente pela companhia em que está minha Caroline, caro rapaz!

Ela moveu os olhos para o lado, preguiçosamente.

– Filip, você já cumprimentou minha irmã? – perguntou, de repente.

– Na verdade, eu já...

– Venha, vamos procurá-la!

Apertou mais o braço dele e o puxou para um lado, bruscamente. Após vários passos, sentiu-se aliviada por ter conseguido se livrar do pai com tanta facilidade.

Continuava caminhando, a passos rápidos, quando Filip a fez parar.

– Caroline! – perguntou, enfim. – Para onde está me levando?

– Como?

– Bem, você perguntou se eu já tinha cumprimentado sua irmã, e eu ia dizendo que...

– É isso! Eu o estou levando até ela. Vamos...

Deu outro impulso à frente, mas ele não se moveu, travando o braço em que ela estava enganchava.

– Caroline, eu já cumprimentei sua irmã! – recitou, incisivo. – Além disso, Elizabeth está ali, do outro lado...

Caroline olhou para trás e enxergou-a ao longe. Levou a mão livre ao rosto, envergonhada; não queria precisar explicar ao amigo que fugira do próprio pai, mas o que mais diria?

Filip abriu um sorriso encabulado.

— Você não estaria... — arriscou, deixando a frase morrer.

Ela aguardou-o continuar, enquanto ele ponderava, olhando para os lados.

— Venha cá.

Conduziu-a para mais longe dos grupos de pessoas e parou próximo ao lago. Sem entender, Caroline o viu se colocar à sua frente, com um largo sorriso no rosto, falando numa voz baixa, de quem divide um segredo:

— Você queria um pretexto para ficarmos a sós, era isso?

Caroline arregalou os olhos, aturdida. Ensaiou uma resposta àquela conclusão equivocada, mas Filip tornou a falar, ao sabor da sua ansiedade:

— Porque... Eu queria, sabe? Não pense nada errado! — gaguejou, nervoso. — Na verdade, eu... Queria uma oportunidade para dizer algumas... Coisas.

— Que tipo de *coisas*?

Ele olhava para todos os lados, certificando-se de que ninguém os ouviria.

Então, fixou seu olhar naquela que tanto adorava.

— Filip, se eu tiver feito algo que...

— Não, Caroline, você não fez nada! — tranquilizou-a. — Ou talvez tenha feito.

Meu coração parece tão inquieto quando estou perto de você...

Ela ficou muda, enquanto o via tomar fôlego e um tanto de coragem.

— Eu gosto de você, Caroline — continuou. — Mais que um simples gostar de amigo. Creio que você já suspeitasse, pois é tão difícil disfarçar! Porém, já não consigo mais esconder.

Ela continuou apenas olhando-o, sem qualquer mudança na expressão que servisse de resposta. Aos poucos, ele baixou os ombros, decepcionado.

— Não vai dizer nada?

Caroline apertou as mãos, incomodada. Vê-lo abrir o coração com tanta convicção a pegara desprevenida. Simplesmente não sabia o que dizer.

Tornou a olhar os olhos dele, com um sorriso cauteloso.

— É muito bonita a sua atitude, Filip.

— Não fale das minhas palavras! Quero saber sobre os seus sentimentos.

— Sentimentos? — sussurrou, quase sem que ele a ouvisse. — Filip... Ah, Filip!

Movia-se ansiosamente, confusa em seus próprios pensamentos. Ele tinha os olhos fixos naquele rosto, a fim de não perder qualquer sinal que sua expressão indicasse.

Naqueles segundos de indecisão, fez uma rápida análise sobre seu grande amigo. Filip era aquele com quem ela tanto gostava de estar e conversar, ao lado de quem se sentia bem. Respeitava-a, era carinhoso e até mesmo atraente ela o achava. Contudo, após todas as qualidades, havia sempre o *porém*, que impedia seu coração de se entregar. Como se Filip atendesse a todos os itens de uma

complexa lista de exigências, exceto um — o mais importante, mas cuja tinta borrara e ninguém era capaz de saber o que era.

— Não estou cobrando uma resposta, Caroline — sorriu, com angústia nos olhos. — Só quero saber a verdade, por melhor ou pior que seja.

— A verdade é que não sei! — confessou, objetiva. — Meu coração parece sempre tão confuso, quando penso nisso...

A amargura pareceu deixá-lo e seus olhos se iluminaram instantaneamente.

— Então... Você *pensa* em mim! E em nós...

Caroline sentiu o rubor subir ao seu rosto. Lutou para manter o controle da situação e conter o alvoroço que causou no coração dele.

— Como você mesmo disse — explicou, cautelosa —, eu já desconfiava do seu sentimento por mim. Isso me fez pensar, algumas vezes, na possibilidade de, algum dia, nós dois... Bem...

— Na possibilidade de nos casarmos! — emendou, satisfeito, como se a simples menção fizesse daquilo um fato concreto.

A garota se inquietou, buscando outras palavras. Mas não havia.

— É! — rendeu-se, risonha.

Ele se perdeu naquele riso gracioso, desejando, mais do que nunca, tomá-la em seus braços como sua mulher. Um silêncio perturbador se fez, e ela notou que os olhos dele adquiriam um brilho diferente. Notou, também, que se aproximava mais.

Sentiu uma onda agradável de ternura quando Filip ergueu a mão até seu rosto. Ele adiantou-se mais um pouco e beijou-lhe a testa com carinho. Aquilo trouxe uma súbita ternura dentro dela.

— Há tanto tempo eu a admiro em silêncio...

Abraçou-a com carinho, repetindo várias vezes o quanto estava feliz por estar ali com ela. Aquela proximidade fez seu coração disparar; secretamente, em seus pensamentos, Caroline se permitiu entregar-se aos seus carinhos. Então, um frio atravessou-lhe o estômago... E se ele tentasse beijá-la?

Ora, que tolice! Sequer eram casados! Mas o que faria se por acaso...?

Com um riso nervoso, ela desfez o abraço.

— O que foi, Caroline?

Balbuciu tentativas de explicação, evitando o olhar de Filip, que já se aproximava de novo.

— Vocês garotas são cheias de embaraço...

Mas ela recuou, aflita, deixando-o intrigado. Não sabia o que dizer a ele. A verdade é que jamais havia beijado um rapaz — como a imensa maioria das garotas da sua idade. A simples ideia de alguém tentar beijá-la a apavorava. Tinha tanto medo de como seria, ou de não saber fazê-lo...

Filip tentou se aproximar pela terceira vez, cuidadoso. Sentindo as mãos dele nas suas, ela sentiu o corpo congelar e ergueu os olhos amedrontados para ele, que não pôde deixar de rir.

— Qual o problema? Está com medo de mim?

— Medo? É, é isso! É medo...

Afastou-se vários passos, deixando as mãos dele no ar. Filip bufou, impaciente.

—

— Filip, por favor! – advertiu, rigorosa. – Não quer que eu me zangue com

Ele ergueu os braços, prestes a falar, mas não disse nada. Estava sinceramente confuso. Não estava tudo tão bem até então?

— Sabe... – ela ergueu os braços, apontando para o lago e as árvores ao redor. – Eu tenho medo desta parte do jardim, à noite. Dizem que é mal-assombrada! Acho melhor voltarmos à festa.

O coração batia com força em seu peito. Só queria um lugar seguro, onde estivesse livre de qualquer possível tentativa de Filip.

Ele tentou argumentar, no entanto a garota estava mais decidida do que nunca.

— Está certo – rendeu-se, com a voz exausta –, vamos voltar.

Caroline sorriu, agradecida, fingindo não ver o braço que Filip estendia para ela.

— Definitivamente, acho que seu medo não era bem sobre o lugar onde estávamos...

— Oh, mas é, sim! – arregalou os olhos, convincente. – Estou muito feliz por sairmos de lá, eu estava começando a ficar aflita...

— Caroline, eu a conheço! – corrigiu, com um riso curto. – Você sempre teve sangue de aventureira...

Ela parou de caminhar e o encarou com admiração.

— O que disse?

Ele parou também, vendo-a imóvel, sorrindo com ternura.

— Você acha que sou diferente dos meus pais... Da minha irmã... De todos eles?

— Se eu acho? — riu. — Caroline, você é completamente diferente de todos que conheço!

Era tudo o que desejava ouvir. Levou as duas mãos ao colo, emocionada, e apertou um beijo no rosto do amigo.

— Adoro você! — exclamou, animada, e saiu cantarolando de volta à festa, sem perceber que ele continuava parado lá atrás.

Filip não compreendeu, mas ficou exultante. Passou a mão sobre o local onde ela o beijara, com um sorriso sonhador, enquanto repetia mentalmente: *Ela me adora...*

Foi uma belíssima noite. Todos se deixaram ficar até muito tarde nas propriedades do barão, que também não se importou. Aquilo não deixava de indicar popularidade.

Ah, que perdido estava Filip na multidão, tendo olhos para uma, apenas! A própria Elizabeth, protagonista da noite, disputada para cumprimentos e conversas, chegou ao lado dele com um sorriso maroto:

— Onde você está, Filip? — cantarolou.

Teve um leve sobressalto, de tão distraído que estava. Desde que voltara do lago, estava sentado naquele banco, mergulhado em pensamentos.

— Seu corpo está na minha festa, mas seus pensamentos estão, decididamente, distantes...

— Ora, Elizabeth! Onde estariam?

Ela ergueu os ombros, sentando-se ao lado dele com uma expressão de alívio. Seus pés latejavam.

— Em qualquer lugar, com minha irmã ao seu lado...

Ele ruborizou, incomodado.

— É claro que não! — defendeu-se, engolindo seco.

— Seus olhos caem sobre ela a todo instante! — riu. — Talvez você devesse admitir de uma vez a ela o que sente.

– Admiti – confidenciou, olhando para a amada, que conversava num grupo de damas perto dali. – Confessei-lhe tudo o que sinto.

– Mesmo? – ela conteve uma comemoração. – E o que ela disse?

Filip apenas suspirou, com os olhos perdidos.

– Acho que jamais entenderei Caroline. Ela é tão... Como posso dizer? Simplesmente não é como as outras garotas.

– Caroline sempre foi diferente. Mesmo em seu nome... Mamãe diz que veio de um bonito conto. Não que papai concordasse, mas ela fez tanta questão!

Viu que Filip não prestava atenção, então pousou a mão em seu ombro, chamando seu olhar.

– De qualquer maneira, é dela que você gosta – sussurrou, compreensiva.

Nesse momento, o barão a chamou. Tinha ao lado um dos seus mais ilustres convidados.

– Preciso ir... – adiantou-se, com uma prontidão exagerada. – Boa sorte com Caroline!

Observou-a caminhar apressada até o pai, ajustando o vestido. Segundos depois, seus olhos caíam de novo sobre a amada, do outro lado do jardim. Eram inevitáveis aqueles olhares, dos quais apenas este último Caroline encontrou, deixando escapar um leve sorriso para ele.

CAPÍTULO 4

UMA DEIXA PARA A REVOLTA

Ela olhou para o horizonte, com a mente cheia de planos...

O casamento aconteceu no final da semana seguinte. Horas antes da cerimônia, Elizabeth andava de um lado para o outro em seu quarto, ansiosa, limpando a testa com um lenço ensopado por causa da incessante transpiração.

Dinamene entrou com o vestido nos braços, admirando-se com a visível aflição da jovem.

— Ô, menina! Que se passa que está aí, a se descabelar?

— Ora, Dinamene! É meu casamento. Sou a noiva. Não é normal eu ficar assim?

A mulher arregalou os olhos diante da aspereza da sempre serena e tranquila Elizabeth.

— Está bem, menina. Só vim trazer o vestido para...

— O vestido! — exclamou, atirando-se em direção à serva. — Algo errado com o vestido?

— Não... — agora, estava realmente assustada. — Olhei cada detalhe, assim que a costureira o entregou nessas minhas mãos. Ficou muito bom, se me permite dizer...

Dinamene sorriu, passando a mão pela peça.

— Sempre sonhei casar-me usando um desses, chiques assim... — sonhou, em voz alta.

Elizabeth não deu atenção às aspirações da outra. Apenas pegou o vestido com rapidez, abriu-o na sua frente e o analisou com olhar crítico.

— Nenhuma mancha? Nenhuma ruga?

– Absolutamente nada! – garantiu Dinamene, cheia de certeza.

Elizabeth suspirou, sentando-se na cama como quem está prestes a ter um desmaio.

– Estou com medo que algo saia errado...

– Ora! E o que haveria de acontecer?

– Não sei... Papai faz questão de que tudo esteja perfeito, de que eu seja a noiva mais bela e de que meu casamento fique conhecido como o mais elegante.

Nada pode sair errado!

– Ah, menina, vai ver! Será uma festa linda.

Caroline surgiu, neste instante, dando batidinhas na porta aberta.

– Está tudo bem por aqui? – cantarolou, alegre.

– Oh, sim... – respondeu a irmã, limpando mais uma vez a testa com o lado seco do lenço.

A garota balançou a cabeça, adentrando o quarto.

– É claro que não está tudo bem! – falou, num tom crítico. – Olhe para você! A expressão em seu rosto...

Sentiu remorso ao ver os olhos da noiva inundarem. Com delicadeza, pediu para Dinamene deixá-las sozinhas e sentou-se ao lado da irmã.

– Vamos nos esquecer do papai e daquilo que ele espera de você por um instante, está bem? E me responda com sinceridade: você está feliz com esse casamento?

Elizabeth sorriu, ainda com os olhos cheios de água.

– Desde o momento em que fui apresentada ao Jeán, senti meu coração bater mais forte...

– Isso é bom. Muito bom! – comemorou. – Por que não nos demonstrou sua alegria quando falávamos do seu casamento?

Os olhos da noiva estavam sérios, como Caroline quase nunca via. Ela inspirou profundamente e explicou:

— Você vai achar tolo, mas tive medo de o papai desmanchar o noivado por eu estar feliz com ele.

Uma lágrima finalmente escorreu sobre seu rosto rosado. Caroline piscou, tentando absorver o sentido daquele pensamento.

— E por que acha que ele faria isso?

Pensou que a irmã não responderia, até que Elizabeth sussurrou, de forma quase inaudível:

— Até hoje, só consegui permissão para aquilo que não gosto. Para aquilo que não quero...

Mordia os lábios, apertando os olhos com força, o rosto encharcando-se de lágrimas. Caroline sentiu compaixão, mas também estava satisfeita; era a primeira vez que a irmã demonstrava reação ao tratamento do pai. Deixou-a continuar:

— Prefiro que ele pense que estou infeliz – desabafou, magoada. – Para fazer *questão* que eu me case! Caroline, é horrível admitir isso, porém sempre tive a impressão de que papai deseja nossa infelicidade...

Apertou as mãos no rosto e pôs-se a soluçar no ombro cedido pela irmã. Caroline jamais pensara que, por trás do silêncio de Elizabeth, houvesse conclusões tão negras. Não imaginava que, a cada vez que ela baixava a cabeça ao pai, obediente, deixava crescer uma revolta interior.

— Está tudo bem, Liza. Compreendo o que me diz! Também penso assim.

E ela soluçava ainda mais. Caroline tentou animá-la:

— Pense, minha irmã. Você vai se casar! Vai viver com o homem que ama, ter filhos. Tudo será diferente!

Elizabeth ergueu o rosto, limpando-o mais uma vez.

— Eu sei. Estou feliz por isso – olhou para a janela, ainda sacudida por soluços. – Sabe que, às vezes, eu queria ter esse seu jeito? Enfrentá-lo sempre que não concordo com algo... Ah, é tão difícil ficar sempre calada!

Um pouco mais calma, olhou com preocupação para o rosto da irmã mais nova e segurou as mãos dela com força.

— Irmã querida, ouça-me: seja cautelosa! Há vezes em que o silêncio é nossa melhor arma. Tenho medo do que ele seria capaz, caso...

Calou-se, temerosa, mas ambas entenderam que um “desobedecêssemos” completaria muito bem a frase.

— Como vai ser, Caroline? Estou indo embora, mas... E você?

A menina levantou-se e foi até a janela. De início, entristeceu-se; imaginou sua vida sem a companhia diária da irmã. Segundos mais tarde, no entanto, abriu um sorriso cheio de esperança.

— Eu ainda levantarei voo, minha irmã!

Elizabeth estava encantadora. Parecia uma boneca entrando na igreja a passos vagarosos. Seu pequeno rosto estava corado e o vestido, impecavelmente belo.

Toda a sociedade elogiou a cerimônia do padre Reynald, que agradeceu os comentários com sua voz frenética, diferente do momento no qual celebrava, sério e tranquilo.

Antes que o primeiro convidado pensasse em deixar a festa, o barão chamou a atenção de todos, erguendo a voz e uma taça que segurava. Subiu alguns degraus, atraindo todos os presentes para o local à sua frente. Caroline revirou os olhos.

— O que ele vai inventar agora? — murmurou para a irmã, com desgosto. A expressão se desmanchou ao encontrar os olhos de Filip, que a olhava, de longe. Fazia algum sinal que ela não compreendeu.

O barão sorriu, gesticulando para que todos se silenciassem, e o fizeram. Ouvia-se apenas os ruídos distantes da floresta.

— Estou grato pela ilustre presença de cada um de vocês, neste dia tão feliz para os Mondevieu e os Delcour, famílias que se unem a partir de hoje — algumas pessoas aplaudiram, mas ele deu continuidade ao discurso, cessando-os. — Sendo a ocasião de tal modo festiva e considerando o motivo das

comemorações deste dia, aproveito para fazer um pronunciamento ao lado do meu velho amigo, o duque Fernão de La Frièt!

O duque subiu alguns degraus, até o mesmo patamar do colega, que lhe passou a palavra. Com a voz orgulhosa, Fernão começou seu discurso:

— É feliz a união de duas famílias num casamento tão notório! E por que não planejarmos outro? Em primeira mão, gostaria de anunciar o feliz noivado entre meu filho, Filip de La Frièt, e Caroline Mondevieu, segunda filha do barão, e futura senhora de La Frièt!

Uma onda de aplausos e exclamações inundou o jardim. O duque e o barão brindaram com suas taças, em comemoração, gesto que se repetiu por todos os lados. Todos os olhares, neste instante, recaíam sobre um avermelhado Filip e uma boquiaberta Caroline. Pareciam ambos pegos de surpresa.

Elizabeth fitou a irmã com nervosismo.

— Caroline...

— Ele não me avisou... — murmurou, estupefata. — Sequer teve o bom-senso de me avisar...

— Minha irmã, acalme-se! Pela graça de Deus...

Ela ofegava. Nunca se sentira tão exposta, tão passiva, tão... Submissa! Isso feria profundamente seu orgulho, seu sentimento de liberdade e todos os ideais

que alimentara desde os sete anos de idade, quando conversou com o garoto na cerca, quando levou uma surra do pai, quando esvaziou um pedaço da alma em

Enxergou seu futuro entregue nas mãos cruéis do pai, toda uma vida resumida a isso. A apenas isso. Todos sorriam para ela, cochichavam, aplaudiam. Até que uma mulher de cabelos curtos e negros, atrás de si, tocou seu braço, animada:

— Vá para junto deles!

Apontava a escada, onde estavam seu pai, seu suposto futuro sogro e, mais abaixo, Filip, estático. Viu todos os olhares sugando-a, ao seu redor, e lembrouse do que dissera ao padre: *Um torrão de açúcar rodeado de saúvas.*

Empurrando a mão da convidada, deu as costas a todos eles, acotovelando-se entre as pessoas ali acumuladas e ignorando a voz da irmã, que a chamava ininterruptamente, num tom desesperado.

Ninguém tentou segurá-la. Assim que se desvencilhou da multidão, Caroline correu para longe, ofegando de cansaço e raiva. A multidão a acompanhava com os olhos e, quando a garota se distanciou, as atenções se voltaram para as três figuras no topo da escadaria. Filip sentiu o coração apertar dolorosamente e engoliu em seco, tentando desfazer o nó que se formava em sua garganta.

O barão forçou um sorriso despreocupado, exclamando num falso tom de animação:

– Adolescentes! Deve ser timidez, pobrezinha! Voltemos à festa...

E a movimentação retomou seu ritmo habitual, agora com cochichos e zombarias, as quais o barão observou com desagrado. Alimentava uma raiva crescente pela filha mais nova, culpada por estragar sua festa perfeita.

Para Caroline, no entanto, não havia mais festa. Chegou à grande pedra onde costumava refugiar-se e se sentou, sem cuidado algum com o belo vestido, terminando de desmanchar, com as mãos, o penteado impecável. Arremessou para longe o fino casaco, principal detalhe das suas vestes de outono, e o chutou para longe com a ponta do pé. Como se, dessa forma, pudesse se livrar da influência do pai, da sua condição, do seu sobrenome, da sociedade inteira.

Lançou no chão as presilhas que arrancara dos cabelos e levou as mãos à cabeça, com os olhos apertados, como se fosse torturada por um ruído insuportável que vinha de dentro de si.

– Ele não podia ter feito isso comigo... Não podia! – murmurou, revoltada, como se aquilo pudesse mudar tudo.

Mas não mudava, e ela sabia. Aliás, era isso que a maltratava: saber que nada podia fazer. Como gostaria de ser a principal influente em seu destino e em suas escolhas...

Bufou alto. Estava bem em frente ao setor dos equinos, porém não se preocupou em ser vista ou ouvida. Sabia que todos os vassallos deveriam estar em suas casas, por causa da ordem absurda do seu pai.

E estavam. Todos, exceto um, que passou à sua frente, pelo outro lado da cerca, sobre um cavalo.

— Algum problema, moça?

Ela ergueu o rosto para ele, amargurada. Era Bernardo, o filho mais novo do domador. Ver aquela figura hostil não melhorou em nada sua irritação. A reação foi igual para ele, que pareceu perder a compaixão e virou o rosto, impaciente.

— Ah... É a *filhinha dele*...

Caroline imediatamente se lembrou da noite em que Bernardo a comparara com o seu pai. Levantou-se, impulsiva, encarando-o com vivacidade:

— Não ouse falar assim comigo! – berrou. – Não pode me tratar como se eu fosse igual ao meu p... *A ele!*

Ele voltou a olhar para Caroline, com a expressão mais cheia de repugnância que ela já vira na vida.

— Por acaso menti? Você é rica, não é?

Ela suspirou, olhando para os próprios pés.

— Materialmente, sim.

Ele revirou os olhos, atijando o cavalo com os pés.

— Tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo reclamação de quem não tem motivos.

— Não tenho motivos? – acompanhou os passos do cavalo, do lado de fora da cerca. – Não ouse falar daquilo que desconhece! Não imagina pelo que passo!

Ele parou o cavalo mais uma vez, soltando ar com força. Encarou-a com as sobrancelhas muito juntas.

— Você passa o dia suando debaixo do sol, servindo a quem jamais pagará o valor real do seu trabalho? Mora numa casa cheia de buracos, fria, dividindo o pequeno espaço com sua família? Precisa ceder quase as próprias roupas para pagar os tributos absurdos daquele *estúpido*? – retomou seu caminho,

desabafando em grunhidos. – Espere até eu conseguir um cavalo, que sumirei daqui...

Essas últimas palavras iluminaram os olhos de Caroline. Ela arregalou os olhos, pronunciando baixinho para si mesma:

– É isso... Só estarei sujeita às ordens do meu pai enquanto estiver nas terras dele!

Bernardo olhou-a com curiosidade. Ela notou que ele ainda a espiava e jogou os cabelos para trás dos ombros com superioridade.

– Não foi ainda, mal-educado?

Bernardo desceu do animal, ficando os pés no chão. Enfrentaram-se com os olhos, e a atmosfera pareceu vibrar ao redor deles. Estavam apenas começando a perceber o quanto seus gênios eram parecidos...

– Do que me chamou?

– Disso mesmo que ouviu. *Mal-educado!* Uma pena, porque seu pai e seu irmão são pessoas maravilhosas. Já você...

– Escute! – gritou, aproximando-se com passos largos. – Pensa que, só porque é a filhinha querida do barão, tem o direito de vir aqui me ofender?

– Até agora, é tudo o que demonstrou ser.

Encaravam-se frente a frente, com tanto ódio pulsando no olhar que, não fosse a cerca entre os dois, talvez já tivessem partido para a agressão física.

– E o que faz aqui, toda descabelada? É a filha do barão. Devia estar na festa.

– E você devia estar na sua casa.

– Não obedeço às ordens dele.

Caroline sorriu, maliciosa.

– Então, temos algo em comum!

Bernardo acatou a observação por um momento e fechou novamente a expressão, voltando a montar sobre o cavalo.

— Se ele o vê aqui, manda-o embora.

— Sabe que seria bom? — retrucou, em voz alta.

— Sim, eu sei.

Ela olhou para o horizonte, com a mente cheia de planos. Bernardo não pôde deixar de se intrigar.

— Não respondeu à minha pergunta. O que faz aqui, que não está no casamento?

— Estou fazendo planos.

— E o que pretende?

Ela suspirou, expondo pela primeira vez suas ambições, com os olhos cheios de determinação:

— Fugir!

Bernardo deu uma risada alta, fazendo sumir o sorriso em seu rosto. Ela olhou para ele, sem emoção.

— Qual a graça?

— *Qual* a graça? — conteve o riso, fitando-a. — Jamais conseguiria! Nunca passaria pelos guardas. Aliás, nem pelos jardineiros! É a filha do barão, acha que não a veriam partir?

Caroline franziu as sobrancelhas. Ele ficou satisfeito em deixá-la sem reação.

— Está presa a isso tudo, entende?

O horizonte, dessa vez, pareceu-lhe mais distante. Sentiu-se acuada, no centro de um labirinto gigante.

Bernardo continuava a zombar, e suas risadas ecoavam dentro da menina, alimentando em si um impulso quase insano.

— É melhor ir se acostumando — continuou, enquanto se afastava. — Se bem que, com a vida fácil que se leva no castelo, até eu faria questão de me

acostumar! Ter de tudo... Um castelo, festas, lindas mulheres... Quem é que não...

Mas suas reflexões foram interrompidas por um barulho inesperado atrás de si. Uma inquietação estranha entre os cavalos soltos, um tapa, um relincho e um gritinho feminino.

Virou-se com nervosismo, imaginando que os cavalos se rebelaram e investiam contra a menina. Pior: sob sua responsabilidade! O que ele viu, no entanto, não foi exatamente isso – talvez até tivesse preferido. Na verdade, era a garota que parecia ter se rebelado contra os animais...

Um cavalo galopava em altíssima velocidade para além da porteira aberta, com Caroline sobre ele, muito desajeitada, parecendo prestes a cair.

O rapaz soltou uma exclamação indelicada e açoitou seu cavalo, fazendo-o correr. Caroline ainda gritava, tentando se ajeitar sobre o animal descontrolado. O cavalo estava sem sela nem rédeas; Caroline tinha se equilibrado na cerca e saltado nas costas do animal, que disparou estrada adentro, com a garota segurando miseravelmente em seu pescoço. Começou a se desesperar quando

suas mãos deslizaram sobre os lustrosos pelos do cavalo negro e seus pés ficaram pendurados para trás...

Rendeu-se à queda óbvia. Sem mais forças para resistir, soltou o bicho de uma vez. Apertou os olhos, mas, antes de sentir o choque do seu corpo contra o gramado, um braço laçou sua cintura. Viu-se ainda galopando, as imagens balançando ao trote do animal, e ela se sentiu enjoada, sem entender que tipo de milagre lhe acontecera.

Compreendeu quando olhou para cima: Bernardo os alcançara no instante em que ela escorregava para o chão, segurando-a bem a tempo e prendendo-a contra seu próprio corpo, enquanto abrandava o animal em disparada.

Finalmente pararam, e Bernardo desmontou, apressado, com a garota nos braços. Assim que pisou no chão, devolveu-a em pé. Mas ela bambeou e sentouse na grama, com o olhar fixo de quem acaba de escapar de uma tragédia.

— O que pensou... Que estava... Fazendo? — perguntou ele, com a voz cortada pela respiração exausta.

Ela ergueu os ombros, como uma criança flagrada em sua traquinagem.

– Fugindo...

– Milady! Perdeu o juízo?

Ela parou de ofegar por um instante e ergueu os olhos para ele.

– Do que me chamou?

De alguma maneira, aquilo lhe soava familiar. Não precisou forçar demais a memória para se lembrar, levando a mão à boca.

– Você é o menino... O menino da cerca!

– Menino da cerca?

Franziu a testa, imaginando se ela não teria batido a cabeça, naquela confusão. Caroline, contudo, parecia convicta.

– Sim! – insistiu, alternando palavras com a respiração. – O menino que conversou comigo quando eu era criança... Filho do domador de cavalos...

– Milady, não me parece bem, acho melhor...

– É claro que é você! – exclamou. – Quem mais me chamaria de milady?

Mencionou mais alguns detalhes daquele dia, e Bernardo acabou por se lembrar. Não se enganara; era ele mesmo, o garoto que a surpreendera com uma nova visão do mundo, dez anos atrás.

– Eu me lembro... – sussurrou, dobrando os joelhos para agachar ao lado dela.

Estava surpreso por Caroline também se lembrar daquele longínquo dia de infância. Não que ele pensasse naquilo com frequência; a memória simplesmente arquivara o instante. Porém, Bernardo mal sabia que aquele inocente encontro mudaria para sempre a vida e os pensamentos daquela pobre menina rica, libertando a revolucionária que se encolhia dentro de si e trazendo atitudes como aquela que ele acabara de presenciar.

Numa trégua temporária, estendeu-lhe a mão e abriu um sorriso torto. – Bernardo Rachlev.

CAPÍTULO 5

REENCONTRO

E logo ali estavam, presos nos olhos um do outro involuntariamente...

Bernardo ficou impressionado com quão perfeitamente Caroline se lembrava daquela breve conversa, ocorrida havia tantos anos. Ela falava daquele dia com precisão, omitindo, apenas, a importância que aqueles novos pensamentos tiveram sobre sua mentalidade, bem como as consequências da sua mania de falar demais, ao questionar seu pai frente diante das visitas.

Quando terminou de falar, Caroline tentou ficar em pé. Apoiou o tronco com as mãos, mas sentiu as pernas ainda muito trêmulas. Sua expressão de dor alertou Bernardo.

— Está tudo bem? — perguntou, preocupado.

Ela fez que sim com a cabeça, abrandando o ritmo da respiração. Vendo-a em melhor estado, ele reassumiu a velha postura antipática.

— Não está encenando para chamar a atenção, está?

Caroline revirou os olhos.

— Já estou bem — anunciou, desanimada.

— É bom, porque preciso voltar ao trabalho.

Ele ficou em pé num salto, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. Quando a colocou em pé, os joelhos da garota vacilaram e ela pendeu para frente, apoiando-se no tronco do rapaz.

— Milady!

Uma situação como essa, é claro, não poderia passar sem um momento de embaraço. Eles tinham os rostos tão próximos que evitaram olhar um para o outro.

— Acho que ainda não me recuperei por completo do susto...

— Pois eu tenho certeza.

Eles riram, contidos. Segurando os ombros do rapaz, ela conseguiu arrumar a postura e firmar os pés no chão.

Ergueu o rosto para falar com Bernardo e, no constrangimento da proximidade, também não podia deixar de haver o momento em que os olhares acabaram por se encontrar, mantendo-se imóveis por raros segundos. Como é teimoso, o destino! Odiavam-se há poucos minutos, e logo ali estavam, presos nos olhos um do outro involuntariamente.

Nada, porém, passou do olhar. Caroline se afastou dele, dizendo que precisava voltar, mas o primeiro passo dado a nocauteou. Entrelaçou as pernas bambas e tombou para o lado, sendo sustentada pelo rapaz mais uma vez.

Decidiu levá-la de volta, ao menos até próximo à festa. Com cuidado, ele a amparou até o cavalo mais próximo, ajudando-a a montar. Não trocaram uma única palavra, desde então.

Aproximaram-se do jardim pela área arborizada, para que não fossem vistos – especialmente Bernardo, que não poderia estar ali. Uma vez próximos às mesas, ele a ajudou a descer do animal. Foi o segundo momento embaraçoso entre os dois. Mas as pernas já não tremiam tanto, e Caroline se afastou rapidamente, limpando o vestido sob o olhar tenso do rapaz.

— Imagino que não seja nada bom você voltar à festa neste estado.

— Isso não é nada, depois da maneira como me livrei deles.

Ele rejeitou a ponta de curiosidade, e não perguntou nada.

— Seja como for, é bom não demorar – aconselhou.

Caroline apertou os olhos, imaginando o que a esperava assim que colocasse os pés no jardim. As críticas, os olhares, as perguntas...

Os castigos.

Cogitou, por um breve instante, não retornar jamais. Porém, já havia vivido emoções demais para um único dia. Enchendo-se de coragem, tornou a vestir

o casaquinho que arrancara, ajeitou os cabelos com as mãos e bateu as mãos na longa saia do vestido.

— É isso. Estou indo — anunciou, apressada.

— Divirta-se na festa... — sorriu, irônico, enquanto estendia a mão para ela.

A moça riu com o comentário, sentindo um arrepio incômodo ao apertar aquela mão tão calejada. Antes de soltá-la, contudo, olhou diretamente nos olhos dele, hesitando em dizer algo que não era muito acostumada.

— Obrigada — falou, com a voz amena. — Eu não gosto de você, acho-o grosseiro e mal-educado, mas você me salvou pelo menos umas três vezes hoje, e devo reconhecer isso.

Ele arqueou as sobrancelhas, admirado.

— Tem certeza de que isso é um agradecimento, milady?

Ela riu brevemente, mas logo recolheu a mão, pensativa.

— Não sei se apenas dizer *obrigada* reflete o quanto estou realmente grata pelo que fez por mim. A verdade é que nunca tive um motivo real para agradecer alguém, em toda a minha vida, antes de hoje.

Era uma dolorosa conclusão, e Bernardo notou a tristeza nos olhos dela.

— Volte para a festa e tente se divertir — sugeriu. — Pode me agradecer assim. Ah, sim; também não conte ao seu pai que o desobedeci!

Ela respondeu com um aceno afirmativo de cabeça. Satisfeito, Bernardo montou de volta no cavalo enquanto a garota dava os primeiros passos de volta à realidade, virando-se para ele uma última vez:

— Mas isso não quer dizer que gosto de você!

Ele ergueu os ombros, sorrindo maliciosamente.

— Vai aprender a gostar.

Com uma piscadela, bateu os pés no lombo do animal e cavalgou para longe, entre as árvores. Ela o observou por alguns instantes, rindo da sua ousadia e, ao mesmo tempo, invejando a sua liberdade.

O retorno foi exatamente como imaginara:

— Caroline! Para onde foi?

— O que aconteceu com você?

— Olhe os seus cabelos!

— Olhe o seu vestido!

— Você está imunda!

Mas ela simplesmente agiu como se nada ouvisse e dirigiu-se à escadaria do castelo. Pediria a Dinamene para preparar seu banho e se isolaria de toda aquela

Logo nos primeiros degraus, alguém segurou seu braço. Ela olhou para o lado, prestes a protestar, mas emudeceu. Seu coração deu um salto. Era Filip.

— Posso conversar com você?

Tinha a expressão muito amargurada, pela qual ela se sentiu inteiramente responsável, o que a machucou por dentro.

— É claro – respondeu, com um nó na garganta.

Ele a conduziu até um dos bancos do jardim, onde estava quase deserto. Caroline não conseguia olhar nos olhos dele, tampouco ele a olhava. Ela sabia que devia tê-lo magoado profundamente com sua reação ao pronunciamento do pai.

— Serei direto com você, Caroline – pigarreou, tentando afirmar a voz. – Se não quiser se casar comigo, não tem de aceitar isso tudo.

Fez uma pausa, mas ela o deixou continuar.

— Confesso que não haveria homem mais feliz que eu se você sentisse por mim o mesmo que sinto por você. Porém, não quero que esteja comigo forçosamente. Quero vê-la feliz, mesmo que isso signifique jamais tê-la ao meu lado. É isso que me faz saber que o que eu sinto é amor...

Respirou fundo antes de continuar. Seu coração pedia desesperadamente que implorasse pelo amor dela, mas ele sabia que, em se tratando de Caroline, era melhor deixá-la livre para escolher. Conhecia o coração dela melhor que ninguém.

— Quando meu pai me contou sobre o noivado, eu disse a ele que só aceitaria se tivesse certeza de que você também queria.

Ela virou o rosto para ele, com os olhos faiscando.

— Então, você sabia...

Ele ergueu os ombros, neutro.

— Sim, é claro.

— E por que não me disse nada?

Ela ficou em pé, com os olhos prestes a desabar em lágrimas. Filip empalideceu; pela primeira vez, compreendeu a reação dela. Sem querer, tornou-se cúmplice daquele sistema que sabia o quanto ela repudiava, e se sentiu um grande idiota.

— Caroline, minha amada...

Levantou-se também, segurando as mãos dela com ternura, mas ela recuou.

— Não posso acreditar que até você... Justo *você*...

— Caroline, por tudo que é mais sagrado, perdoe-me!

— O meu melhor amigo... — interrompeu-o, com a voz fraca.

Olhava-o com uma tristeza indescritível. Ele teria preferido mil vezes uma explosão de raiva do que ver aquele par de lindos olhos tão desapontados com ele.

— Caroline, eles também não me contaram espontaneamente — justificou-se.

—

Eu só soube porque insisti até que meu pai me contasse o que tanto conversava

— Não importa como soube, importa que escondeu de mim!

Deu-lhe as costas, mas Filip se adiantou e conseguiu barrá-la antes que disparasse para longe. Estava desesperado.

— Caroline, não fiz por mal!

— Imagino que tudo aquilo que me disse, na outra noite, foi uma preparação – mordeu os lábios, as primeiras lágrimas escapando-lhe dos olhos.
— Quis me deixar garantida, para que eu tivesse uma reação feliz ao saber do noivado que vocês inventaram para mim...

— Você sabe que não é nada disso!

— Talvez sequer houvesse verdade naquelas lindas palavras que me disse...

Os soluços vieram. Em prantos, deixou Filip e seus argumentos para trás, correndo para o seu quarto. Derramou toda a sua tristeza sobre a cama, vendo-se aprisionada em uma gaiola da qual não via saída, a não ser render-se aos caprichos daqueles que domavam sua vida adiante. E tudo parecia muito mais triste, agora que seu único amigo havia se mostrado parte dessa grande inquisição.

Em algumas horas, todos os convidados já haviam partido. Começava a anoitecer, e Caroline estava à janela, com os cabelos molhados do banho e o coração dolorido.

Elizabeth apareceu à porta.

— Posso entrar?

Caroline deu as costas à paisagem lá fora, abrindo um sorriso ameno.

— Irmã querida... – aproximou-se para um abraço. – Imagino o choque que deve ter sido para você! Papai devia tê-la avisado...

Sentiu Caroline apertar mais os braços ao seu redor, então cessou o assunto.

Quando tornou a olhar para ela, tinha um sorriso doloroso.

— Vim me despedir.

Caroline teve um sobressalto. Quase esquecera que, a partir daquele dia, Elizabeth partiria com o marido para seu novo lar.

— Ah, Liza...

Apertaram-se num novo abraço, dessa vez, mais apertado.

— Parecia que esse dia jamais ia chegar... — sussurrou Caroline, com a voz tremendo. — O dia em que uma de nós deixaria esta casa!

Parou para observar a irmã e deparou-se com os olhinhos inchados, porém serenos e compreensivos como ela sempre os vira. Arqueou as sobrancelhas, forçando um sorriso maior do que ela realmente gostaria de abrir.

— Quanto drama, não é mesmo? Você está indo para sua casa, mas ainda nos veremos sempre!

Elizabeth, no entanto, não sorriu de volta, o que preocupou Caroline.

— Querida, a propriedade dos Delcour é muito distante — explicou, triste. — Será difícil para nós irmos sempre. É claro que nos veremos, mas... Não com muita frequência.

Foi como se lhe tivessem atirado uma grande tina cheia de água fria. Caroline não soube o que dizer ou responder; apenas ficou com os olhos parados na figura da irmã, sentindo a ferida em seu coração aumentar.

— Quero deixar um conselho, minha irmã — finalizou Elizabeth, entre lágrimas. — E digo porque sei que faz parte da sua personalidade...

Alguém apareceu à porta, batendo com os nós dos dedos.

— Senhora! A carruagem está partindo.

— Sim... — respondeu, distraída. — Caroline, minha querida, haja o que houver, façam o que fizerem... Seja forte! Podem tirar de você o que bem entenderem, mas jamais a sua determinação. Insista nela sempre... Agarre-se ao que acredita, não importa o que...

— Senhora Delcour? — insistiu o velho.

— Já vou! — impacientou-se. — Querida, eu preciso ir...

— Não!

Apertaram-se no último abraço antes de Caroline ver a irmã partir, dividida entre a alegria do casamento e a dor da separação da irmã, confidente e companheira de todos aqueles anos. Caroline assistiu à sua partida pela janela

e, quando não podia mais ver a carruagem, pousou os olhos em um cavaleiro solitário, num certo cercado, ao longe.

— Feliz é você, Bernardo – sussurrou. — Feliz é você, que é livre para buscar sua felicidade onde quer que ela esteja.

Bernardo também olhava para o castelo, naquele momento, limpando a testa.

— Feliz é você, milady, que tem tudo ao seu alcance sem precisar derramar uma só gota de suor.

Invejando a felicidade um do outro, ele se recolheu ao velho casebre enquanto ela afundava em sua cama macia, pensando em tudo e em nada ao mesmo tempo.

Porém, não durou muito o seu sossego. Seus pais apareceram à porta. Antonelle ficou parada na entrada, enquanto o barão se adiantava para dentro.

Caroline não olhou para nenhum dos dois.

— O que querem?

— Explicações – exigiu o pai, contendo-se. — O que deu em você para reagir daquela maneira diante de todos os convidados?

— Preferia que eu gritasse? – sugeriu, sem emoção. — Tudo bem. Da próxima vez, farei isso.

— Caroline... Você precisa aprender a ter bons modos... – falou, entre os dentes. Sua expressão assustou Antonelle, que se adiantou, com a voz serena:

— O que ele quis dizer é que você magoou o duque. Ele pode considerar falta de consideração com a família dele...

Ela não respondeu, lembrando-se de Filip com mágoa. Estava muito decepcionada com ele.

— Devia ter reagido polidamente – recomeçou o pai. — Agora a sociedade vai pensar que tenho uma filha descontrolada!

Nesse momento, ela se sentou na cama e encarou o pai com ar de desafio.

— E se pensarem?

Antonelle apertou os olhos, desejando que Caroline parasse de falar daquela

— Para o senhor, é tudo o que interessa, não é? — continuou. — *A sociedade!* Quando vai começar a se importar com outras coisas, como o bem da própria família?

O barão se aproximou mais um passo. Pai e filha trocavam olhares fulminantes.

— Eu me importo com minha família — falou com a voz grave.

— Pois não parece. Preferiu anunciar o noivado da *amada* filha mais nova aos ilustres convidados a dizer primeiramente a ela! — balançava a cabeça, incrédula. — E ainda espera que eu reaja com naturalidade. É claro, *para a sociedade!* Queria que eu acenasse e sorrisse *para a sociedade...*

O barão ouvia a tudo com uma veia pulsando na têmpora. Tomara fôlego várias vezes para falar, mas não conseguira uma deixa no discurso acalorado da filha. Caroline não sabia se seus olhos transmitiam ódio ou arrependimento. Apostava na primeira opção.

— Diga a verdade, meu pai: não importa muito para o senhor se estamos realmente felizes, não é?

Os olhares se encontraram mais uma vez, com uma intensidade perigosa. Aflita, Antonelle entrou no quarto com uma postura definitiva.

— Assunto encerrado! — exclamou, cheia de coragem, empurrando o peito do marido. — Foi um dia cheio para todos.

— Concordo — virou-se para a mãe, grata pela interrupção. — Mãe, quando será que Liza vem nos visitar?

— Quando quer que seja — o barão respondeu, áspero —, será proibida de vê-la.

A insensibilidade dele a emudeceu. Após um curto silêncio indignado, ela questionou:

— O que está dizendo?

— Será o seu castigo. Aliás, é bom que passe os próximos dias aqui, dentro do seu quarto, para pensar nas inúmeras besteiras que fez hoje.

— Para quem já vive presa...

— Enézio, *vamos!*

A esposa o empurrou para fora do quarto e fechou a porta. Uma vez sozinha, a garota atirou alguns enfeites da penteadeira contra a parede, antes de cair no sono. Como sua mãe bem dissera, o dia fora cheio, e ela logo adormeceu. Acordou tarde, no dia seguinte, com uma ressaca emocional por todos os acontecimentos ruins do dia anterior. Irritou-se novamente contra o pai, ameaçando estilhaçar mais objetos, mas calou-se em sua revolta. Apenas bufava alto, mesmo sem ninguém para ouvir.

Dinamene espiou à porta e, vendo que a menina acordara, entrou, mais sorridente que o normal.

— Bela manhã, senhorita!

Trazia uma bandeja com o café da manhã. Caroline enjoou apenas em olhar.

— Não vejo nada de belo nesta manhã, nem nesta vida – retrucou, cheia de desgosto.

A serva compreendeu que qualquer tentativa de alegrar a garota seria em vão, então desarmou o sorriso enorme.

— Não fique triste, menina! – aconselhou, colocando a bandeja sobre uma mesinha. – Afinal, são só alguns dias...

— Engana-se, Dinamene. Todos os meus dias são um castigo constante! A prisão na qual ele me pôs não é nova para mim.

A outra não disse nem perguntou nada. Apenas continuou a arrumar os talheres sobre a bandeja.

— Eu, em seu lugar, seria tão grata! – comentou, alguns segundos mais tarde. – A senhorita tem poder para tudo, nesta vida, e sempre terá. Tem ouro! Entende isso?

Baixou os olhos, com uma tristeza que comoveu a garota.

— Dinamene, você ainda pode conquistar o que quiser...

— Conquistar? — riu, sarcástica. — Hei de morrer do mesmo jeito que nasci: pobre. Assim como a senhorita jamais saberá o que é ter uma vida miserável, com a graça de Deus! O que mais há de querer?

Sorriu para a menina e se retirou, pedindo licença. Depois que ela saiu, Caroline caminhou compulsivamente pelo quarto, parando à janela para responder à indagação de Dinamene:

— E se aquilo que eu almejo, na verdade, estiver um degrau abaixo de onde estou?

Olhou pela sua pequena vitrine do mundo. Todos os servos trabalhavam em sincronia. Jamais notara que havia tantos...

Invejava-os como jamais invejara nenhuma dama ou lorde que seu pai convidava ao castelo. Invejava, sim, aqueles excluídos do reconhecimento da sociedade pela qual seu pai tinha tanta devoção.

Abriu um sorriso, concluindo poeticamente:

— Talvez o que eu precise não seja alçar voo, mas parar de insistir em me manter nos ares.

CAPÍTULO 6

CAVALOS

Já estava praticamente correndo de costas quando colidiu violentamente com alguém.

Alguns tediosos dias se passaram, sem que Caroline pudesse escapar para nada. Seu pai providenciara um servo para vigiar a porta do quarto, e aquilo, para ela, era golpe baixo. Conformou-se que teria de esperar até ter sua alforria, o que aconteceu antes do previsto.

Na manhã do quinto dia do castigo, alguém abriu a porta do seu quarto, deixando uma luz forte bater diretamente em seus olhos. Era sua mãe. Parecia séria, e não demonstrou esforço em tentar ser simpática. – Vista-se.

Caroline bocejou, sonolenta, e questionou o motivo.

– Apenas faça o que estou mandando – levantou-se. – Saímos todos em quinze minutos.

– Mas para onde? E o meu castigo?

– Esqueça o castigo! – sussurrou, ríspida. – Já foi um esforço tremendo convencer seu pai a deixá-la ir conosco!

– Está bem, está bem... Posso saber, ao menos, para onde estamos indo?

Um pouco mais serena, Antonelle explicou que iam ver a corrida de cavalos.

– A corrida de cavalos? – espantou-se. – Tem certeza de que o papai nos convidou?

Antonelle suspirou, recitando as palavras dele com desgosto:

– É bom que a sociedade o veja com a família, em harmonia. Especialmente depois de... – interrompeu-se, determinada a não relembrar o assunto com a filha. – Apresse-se, estamos atrasadas!

Do lado de fora, atrás da porta fechada, chamava impacientemente por Dinamene, que chegou com seu habitual “Bela manhã, senhora”, seguido das indagações sobre mudanças no tempo. Caroline ouviu a mãe responder à outra com rispidez, e lamentou que seu pai tivesse o poder de irritá-la daquela maneira.

Ela, que era sempre tão serena...

Em poucos instantes, Dinamene entrava em seu quarto, cantarolando.

— Bela manhã, senhorita!

— Espero que sim... – levantou-se, cheia de preguiça.

— Devo providenciar um casaco? – ofereceu, pronta para abrir o armário.

Caroline riu.

— Para você, está sempre prestes a esfriar, não é mesmo?

— Ah, senhorita! O tempo anda imprevisível ultimamente...

Pegou um belo vestido rosado e encorajou a menina a se levantar, sob ordens de Antonelle de não deixá-la se atrasar. Em pouco tempo, estava quase pronta,

ajeitando os cabelos em frente ao espelho enquanto Dinamene recolhia alguns cacos de louça do chão, frutos de uma nova explosão de raiva da menina durante

— Sabe que não devia se comportar dessa maneira...

— Eu me comporto como bem quiser! – retrucou, pensando no pai. – Se outros pensam que podem me dizer o que devo fazer ou não...

— Mas o barão foi tão generoso! Noivar a senhorita com um rapaz tão bondoso, amigo da família...

— E alguém me perguntou se eu queria?

Encarou Dinamene com tanta agressividade que ela se assustou. A mulher desculpou-se pelo comentário, tornando a encher o avental de pedaços do que um dia foram estatuetas.

— Comentário bastante insensato — censurou, com a voz mais branda. Então, murmurou baixinho: — Só espero não ter magoado o Filip. Fui muito dura com ele...

Um silêncio pairou pelos instantes em que Caroline ficou parada, olhando para o puxador da gaveta, e Dinamene arriscou uma observação:

— É provável que ele esteja lá, hoje. Na corrida...

Caroline sorriu. Cheia de boas perspectivas, decidiu: encontraria Filip, falaria com ele e pediria para perdoá-la pelo mau comportamento. Não era muito chegada a pedidos de desculpas, mas sabia que era necessário, se quisesse voltar a ter um bom convívio com ele. Aqueles dias de castigo a ajudaram a refletir e a entender que não fora intenção do amigo magoá-la. E, naquele momento, era só o que importava.

A família Mondevieu tomou um dos assentos preferenciais num dos lados da pista de terra, onde aconteceria a corrida. Lá da fileira de cima, podia-se ver a euforia dos apostadores, ansiosos pelo início da corrida, e o amontoado de gente que lotava os assentos inferiores. Enézio olhava para eles com desprezo.

— Parecem primitivos! — lamentava, cheio de superioridade, com um colega ao seu lado.

A corrida sequer começara e os olhos de Caroline já estavam atentos, embora não à arena. Vasculhava cada assento em busca de Filip, sentindo um frio estranho no estômago toda vez que via uma nuca castanha, parecida com a dele. Porém, em todas as vezes, concluiu desgostosamente não ser ele.

Faltava muito pouco para o início da corrida. Apostadores cruzavam os dedos, olhos curiosos fitavam os portões, e os mais ricos conversavam tranquilamente, tentando disfarçar a ansiedade e a curiosidade, comportamento que julgavam inadequado.

— Teve notícias dos Malditos? — perguntou o barão ao amigo com quem conversava.

— Nenhuma, por graça de Deus! Mandeí meus homens vasculharem toda a propriedade e parece que, dessa vez, partiram para sempre.

— Temo que estejam rondando minhas terras – comentou, baixando a voz.
— Há alguns dias, um dos meus guardas encontrou resquícios de fogueira na orla da floresta.

— São realmente enviados do demônio... – murmurou o outro, sombrio.

Aquela e todas as conversas do estádio foram caladas ao disparo do tiro que dava início à corrida, seguido do alvoroço das torcidas. O barão franziu de leve as sobrancelhas, enojado de toda aquela gente menos favorecida.

Caroline observou o desespero dos cavalos. Corriam tão velozmente que ela imaginou se não desmontariam antes da linha de chegada. Desinteressou-se deles logo, olhando de novo para os espectadores, com desânimo. Conseguira ver o rosto de todos os que suspeitava serem Filip, frustrando-se por nenhum deles revelar-se como aquele que ela procurava. Só restava um homem de capuz, mais abaixo, perto da plebe. Agarrou a esperança de que fosse ele e pôs-se a observar o rapaz.

O suposto Filip segurava um relógio de bolso que parecia muito velho. Pelo seu movimento, Caroline viu que ele alternava o olhar entre a corrida e o objeto.

Até que o primeiro cavalo cruzou a linha da chegada.

— Gládio! – comemorou um homem à sua direita. – Só podia ser...

— Mais uma vez! – disse outro. – É a quarta vitória consecutiva...

— Gládio venceu? – perguntou um terceiro, que estivera distraído com um defeito nas vestes. – Sorte a minha não ter apostado. Quase investi um valor significativo no Howard...

— Howard? – riu o primeiro. Assim, nasceu uma discussão fervorosa em que cada um defendia o seu favorito.

Caroline viu o homem de capuz observar o relógio com cuidado, fazendo breves anotações em um papel amarrotado que tirara das vestes. Ao redor, ouviase um trovão de vaias misturado a urros contentes de quem apostara corretamente.

De repente, tudo pareceu se silenciar: avistava Filip! Ela ficou em pé, observando-o descer da arquibancada e adentrando um corredor abaixo de

onde estavam.

— Aonde vai, Caroline? — quis saber a mãe.

Caroline gaguejou, não querendo confessar o real motivo pelo qual desejava descer.

— Ao toalete.

— Querida, espere para descermos todos juntos...

— Preciso ir *já*, mamãe! — argumentou, ansiosa. — Espero-os lá embaixo...

Antonelle fez menção de responder, mas a garota já caminhava para longe, determinada, desviando das pessoas. Procurava por Filip desesperadamente, murmurando xingamentos a si mesma por tê-lo perdido de vista.

Assim que seus pés tocaram o chão de terra batida, pôs-se a correr ao longo do corredor. De um lado, parede; do outro, gente. Olhava por todos os lados, na esperança de ver Filip, e vê-lo abrir seu lindo sorriso, perguntando o que ela fazia ali...

Então, numa das laterais, avistou alguém que poderia ser ele. Estreitou os olhos, virando o pescoço, e já estava praticamente correndo de costas quando colidiu violentamente com alguém.

Perdeu o rumo, por um instante, e quase desabou. Retomado o equilíbrio, voltou-se para pedir desculpas e reconheceu, à sua frente, o tal homem de capuz.

Com o encontrão, no entanto, o tecido escorregou-lhe dos cabelos, deixando seu rosto à mostra. O pedido de desculpas morreu em sua garganta.

— Você? — exclamou, zozza, reconhecendo Bernardo.

Ele não parecia nada confortável com aquele encontro. Ensaiou algumas palavras para se justificar, mas Caroline cobria suas tentativas com mais

— O que faz aqui? E por que está disfarçado?

— Milady... — olhava freneticamente ao redor — Eu...

Sua frase morreu quando ele viu a baronesa se aproximando, à procura da filha. Bernardo congelou. Caroline seguiu o olhar dele, virando-se para

entender o que o apavorara tanto, e ele se alertou ainda mais; a qualquer momento, mãe e filha se reconheceriam...

Sem qualquer aviso, Bernardo agarrou a garota pelos ombros e a puxou para um canto escondido na parede, atrás de uma estrutura de madeira. Caroline soltou uma exclamação alta, após atravessarem bruscamente um estreito vão que arranhou seus braços.

— O que pensa que está fazendo? — censurou-o, furiosa, empurrando as mãos dele.

— Milady, por favor! — sussurrou, suplicante. — Não posso ser visto aqui...

— Mas por quê? Não é nenhum fugitivo!

Ele levou as mãos à cabeça, nervoso. Ouviram a voz de Antonelle chamar a filha uma vez mais – desta vez, muito próxima; estavam passando ao lado da fenda para a qual Bernardo arrastara a garota, na óbvia intenção de se esconder. Mas de quê?

Caroline abriu a boca para responder ao chamado da mãe, porém Bernardo apertou a mão em sua boca sem delicadeza. A garota o encarou com olhos assustados.

— Ninguém pode saber que me viu aqui – avisou, sombrio.

Ela grunhiu uma interrogação, revoltada. Bernardo olhou direto nos olhos dela, falando muito pausadamente, com medo de ela não compreender:

— Milady, por tudo o que for mais sagrado, apenas saia daqui e finja que não me viu! Pode fazer isso?

Aquietada, Caroline pôde ver que os olhos dele estavam carregados de uma angústia verdadeira. Ele retirou devagar a mão grosseira do seu rosto, livrandolhe a boca. Num tom incrivelmente tranquilo, como se tivesse sido hipnotizada, ela disse que sim.

Bernardo sorriu, aliviado. Espiou através do espaço pelo qual passara.

— Seus pais estão olhando para o outro lado. Há tempo para sair sem ser vista. Vá!

Mas ela ficou parada. Parecia buscar qualquer indício na expressão dele, iluminada pelo único feixe de luz que entrava naquele compartimento. O restante estava tomado por uma sombra acinzentada, o que fazia suas palavras soarem como se ela fosse cúmplice de algum ato insensato.

— O que você está fazendo de tão errado para eu precisar mentir?

Ele estapeou a própria testa, impaciente. Então, chacoalhando-a pelos ombros, explicou:

— É por eu *estar* aqui! Se o seu pai me vir fora do serviço, sabe o que acontece comigo?

Sacudiu-a com mais força ao dizer as últimas palavras, e ela o empurrou.

— Estúpido! Isso não é jeito de tratar uma moça!

Sem qualquer cuidado, ela empinou o queixo, dirigiu-se à fenda e saiu. Bernardo esticou o braço para tentar impedi-la, mas era tarde; Caroline já se misturava às pessoas, resoluta e séria, sem qualquer garantia do seu silêncio.

Avistou seus pais mais adiante, quando uma mão atrás dela a deteve.

Indignada que ele insistisse em sequer tocar nela, virou-se e falou com violência:

— Encoste suas mãos em mim mais uma vez, e eu juro que...

Mas calou-se; era Filip. Ela ergueu as sobrancelhas lentamente, emudecendo no mesmo doce instante em que o reconhecera. Ele parecia apavorado.

— Desculpe-me... — gaguejou, sem ação. — Tentei chamá-la, mas você não me ouviu...

— Está tudo bem! Eu só não sabia que era você. Que bom que é!

O alívio que ele sentiu era visível. Mesmo assim, ainda estava incomodado com a discussão do dia do casamento.

— Ainda está brava comigo?

Caroline suspirou. Era chegado o momento que temera tanto: pedir desculpas. Começou a falar, mas seu pai chegou por trás de si, festejando:

— Aqui está você! — ria, acenando para amigos ao redor. — Pensei tê-la ouvido dizer que ia ao toalete, minha filha... Estávamos ali, esperando-a sair!

Segurava seu braço com força, sorrindo forçadamente, como se exigisse uma explicação nas entrelinhas.

— Eu *fui* ao toalete, papai, e obrigada por tornar a informação pública. Estava justamente procurando por vocês...

Convencido, ele soltou o braço da filha, deixando seus dedos marcados na pele arranhada pelo vão por onde Bernardo a arrastara minutos antes.

— Convém irmos embora — sugeriu o pai, com uma gentileza exagerada.

— Convém que me espere — retrucou, áspera. — Estou conversando. Pode deixar-nos a sós por um instante e esperar por mim lá fora?

Ele ergueu os ombros, piscando para Filip.

— Como quiser, *filhinha*. Até mais ver, La Frièt!

— Até mais ver, senhor barão — respondeu Filip, com uma reverência.

Assim que o casal partiu, Filip pigarreou, ansioso.

— Então... Você me dizia...

— Oh, sim! — voltou a atenção para ele. — Sabe, Filip... Pensei sobre tudo o que eu lhe falei naquela noite, e cheguei à conclusão de que exagerei. Fui insensata e grosseira. A maneira como o tratei...

— Não se preocupe com isso! Eu é que devia ter-lhe contado tudo, assim que soube...

Enquanto relembavam a discussão e seus motivos, Bernardo batia o pé no chão com impaciência, no esconderijo. À entrada do estádio, estava amarrado o melhor cavalo da propriedade, que o rapaz tomara “emprestado”. Agora que o barão ali estava, não podia simplesmente ir até lá e correr o risco de ser flagrado.

Precisaria esperar até partirem, e pegar o seu caminho habitual para chegar antes

Bernardo conhecia um acesso secreto ao feudo, sem guardas, do qual o barão sequer tinha conhecimento. Tomava um atalho pela floresta e logo encontrava o largo orifício esperando por ele, quando desejasse ir e vir sem dar justificativas. Era mais próximo que a entrada tradicional e, estando ele a rápido galope, e os outros de charrete, tinha certeza de que conseguiria chegar antes deles, mesmo partindo depois.

O barão atravessou o vestíbulo até a saída, enganchado à esposa, a quem sugeria disfarçadamente endireitar a postura e sorrir mais. Ao passar pelo cavalo no qual Bernardo pensava, deteve-se, intrigado.

— Um momento... — murmurou, aproximando-se do animal.

Observou-o por um longo tempo, com a feição invocada de quem tenta encontrar uma resposta que está tão aparente e parece não querer vir à tona.

— O que há de errado, marido?

— Este cavalo...

Afastou-se, ainda com os olhos desconfiados fixos no animal.

— Eu o conheço! — afirmou, definitivo.

— De onde o conheceria, homem?

Ele não respondeu. Em sua mente, construiu uma conclusão que trouxe um misto de vingança e fúria à sua expressão. Apenas disfarçou para sorrir para o sargento, que por ali passava.

Enquanto isso, Filip e Caroline continuavam a disputar quem estava mais equivocado.

— Eu o ofendi!

— Com razão. Acabei mentindo para você, mesmo sem querer. Fui um idiota!

— Filip!

Fechou a expressão. Era um dos motivos pelos quais ela sempre o repreendia; cansara-se de repetir ao amigo que ele se criticava demais. Filip riu diante daquele olhar de reprovação tão familiar.

– Está bem, ninguém aqui é idiota! – corrigiu.

Ela não riu com ele. Fixou os olhos no chão, criando coragem.

– Eu estava procurando-o – confessou.

O coração de Filip se aqueceu de esperança.

– Procurando por mim? – conteve um sorriso, tentando parecer neutro. – Hoje?

– Sim. Queria pedir desculpa por ter sido tão rude. Você me perdoa?

Ergueu os olhinhos tristes para ele, como uma criança que espera a bronca do pai. Filip ficou imóvel por um momento, até que a surpreendeu com um riso.

– Desculpar-se, Caroline?

Beijou as mãos dela, emendando um abraço cortês. Bernardo aproveitou para deixar lentamente o seu recanto, sem chamar a atenção, enquanto Filip recomeçava a falar:

– Fiquei com tanto medo de você desistir do nosso noivado...

Bernardo ergueu as sobrancelhas, interrompendo bruscamente os passos. Então, aquela garota rebelde tinha um noivo? Aquilo, sim, era surpresa!

Observou por um breve instante o rapaz, saciando sua curiosidade, e disparou em direção à saída.

Ajeitou o capuz sobre a cabeça e aproximou-se do cavalo, nos pilares da entrada, enghando meios de ir embora sem ser notado. Analisou cuidadosamente o ambiente, concluindo que estava fora do campo de visão do senhor feudal. Aproveitando a vantagem, desfez os nós da corda com agilidade, trouxe as rédeas para as costas do animal, deu um impulso para subir e...

Foi puxado pela roupa. Desabou sentado no chão, com o cuidado de segurar a veste que cobria seu rosto.

– Apresente-se, jovem senhor – ordenou o homem que o puxara. Era o sargento.

Bernardo murmurou palavras chulas. Em seguida, levantou-se com graça, tentando não demonstrar insegurança diante daquele rosto carrancudo atrás de um farto bigode escuro.

— Pois não, *sir*?

— Creio que não poderá levar seu cavalo, se é que ele é seu!

Engoliu seco, mas manteve a postura confiante. Estava acostumado a não se deixar entregar pelo nervosismo.

— O que o levaria a essa conclusão sem fundamentos? — perguntou, cheio de polidez.

— Um amigo. Dos poderosos — insinuou, com a expressão sempre fechada.

Bernardo riu à maneira dos nobres, como se ouvisse uma piada de humor sutil.

— Um pequeno mal-entendido, decerto...

— Nada que não deva ser averiguado — reforçou o outro, que levava a mão ao cinturão ameaçadoramente. Bernardo viu o brilho da arma de fogo.

— Como não, *sir*! Não apenas concordo como sugiro que chame até aqui o sujeito que se fez enganado diante do meu animal.

Satisfeito, o outro se fez de acordo e virou-se para chamar o nome que fez gelar a alma do pobre domador:

— Senhor Mondevieu! Pode vir até aqui um instante?

Nos segundos que se passaram até o sargento voltar a olhar para Bernardo, o rapaz já havia montado no cavalo e jogava as primeiras rajadas de poeira para trás, afastando-se com generosa velocidade.

— Detenha-o! — ordenou Enézio, cheio de raiva.

O sargento imediatamente montou em seu cavalo negro e disparou atrás do outro, com um sorriso maldoso.

— Estúpido... — murmurou. — Não sabe que sou o melhor montador da região?

Enquanto a perseguição tomava dimensões surpreendentes, Caroline continuava no confortável abraço de Filip, com um sorriso esboçado em seu rosto.

— Então, estou perdoada?

Filip recuou, olhando para ela com os ombros elevados.

— Considerando que é você quem deveria me perdoar, creio que estou lucrando!

Ambos sorriram, satisfeitos.

—

— Acho que o melhor a fazer é esquecermos aquela noite — ela sugeriu.

— Impossível. Qualquer momento com você sempre será inesquecível para

Ela não soube responder àquele belo agrado. Filip se aproveitou do silêncio e aproximou seu rosto, sussurrando ao ouvido dela:

— Todas as noites converso com Deus e O agradeço por tê-la colocado em meu caminho!

Seu rosto roçou o dela, enquanto falava, e a sensação daquela pele macia lhe trouxe um arrepio carinhoso. Ao sabor daquela emoção, do seu desejo e das batidas fortes do seu coração, ele se aproximou ainda mais, tanto que podia sentir a respiração quente dela em seu rosto.

Lá fora, o sargento também progredia; ia alcançando Bernardo, quase sem esforço, pois estava acostumado com fugitivos ousados.

— Vai se arrepender do dia em que nasceu, quando eu o alcançar! — esbravejava.

Bernardo se assustou com a proximidade daquela voz. Olhou para trás, e viu as mãos do sargento já próximas às costas dele. Inclinando-se para frente, ele exigiu mais do cavalo, que, por ser um velho conhecido, o obedeceu. O animal deu tudo de si numa corrida que fez o sargento literalmente engolir poeira. Coçando os olhos cheios de areia, perdeu a noção e o equilíbrio por um breve instante. Quando recuperou o controle do animal, viu Bernardo já distante, galopando numa velocidade que ele jamais havia presenciado.

Exclamou um palavrão e retornou, cheio de ódio.

Filip acabara de passar por uma situação semelhante à do sargento; chegara a poucos centímetros do seu alvo, que lhe escapara no último segundo.

— Filip, não!

Caroline empurrou seu peito, com o coração disparado.

— Preciso ir embora — explicou, apressada.

Filip suspirou com desânimo, rendido à derrota.

— Eu a acompanho.

Estendeu o braço e ela o aceitou, calada. Estava aliviada por ter fugido a tempo! A ideia de ter seu primeiro beijo a aterrorizava. Talvez por isso tivesse tanto receio de se casar..

No caminho, Filip fez uma pergunta que sempre o intrigou:

— Por que você age assim com seu pai?

Caroline o fitou, surpresa.

— O que quer dizer com isso?

Filip — que, em seu íntimo, sabia que não devia ter perguntado nada — sugeriu que se esquecessem do assunto e fossem embora, mas Caroline se soltou da companhia dele, e cruzou os braços, como quem exige uma explicação. Filip respirou fundo, arrependido de ter começado.

— Você sabe o quanto seu pai é estimado, de como ele é gentil, e tudo o mais. Não consigo entender como logo a filha dele pode agir de forma tão fria, às vezes agressiva...

— Entendo — murmurou, indignada. — Então, você é mais um que o considera uma pessoa calorosa e amigável, que sofre os maus-tratos da filha que não

— compreende seu bom coração! — ela soltou os braços para o lado, exasperada. — Filip, não seja ingênuo! Nunca lhe ocorreu que ele *finge* ser uma pessoa, quando, dentro de casa, é outra?

Ele raciocinou por alguns instantes, então tornou a falar, com a voz sempre

— Talvez você simplesmente não o compreenda. Já tentou se colocar no lugar dele?

Ela estalou um tapa na própria testa, incrédula com aquele comentário.

— Filip, eu vivo com meu pai há dezessete anos!

— Sei disso. Mas pode ser que você não procure ouvir o que ele tem a dizer...

— Você, decididamente, não conhece o meu pai, Filip. E pode ficar feliz por isso – murmurou, nada contente em afirmar aquilo. – Vamos embora, sim?

Voltaram a caminhar. A menina apertava passos firmes no chão, tanto quanto os do seu pai, do lado de fora.

O barão dirigia-se ao sargento, muito irritado em vê-lo voltar de mãos vazias.

— Não posso crer que o deixou escapar! – bufou.

— Senhor barão – desceu do cavalo, neutro. – Não foi possível...

— Como? O senhor é o melhor montador destas áreas...

O sargento fixou os olhos em qualquer ponto distante, irritado.

— Não me darei ao luxo de deixar passar essa derrota.

Nesse instante, Caroline apareceu. Tinha uma expressão nada amigável.

— Caroline! – recebeu-a, aliviado. – Precisamos ir!

— Vamos – respondeu, ignorando a despedida de Filip, o olhar do pai e o rapaz que se oferecia para ajudá-la a subir na carruagem. Sentou-se sem olhar para ninguém.

Antonelle subiu, logo depois dela, aceitando a ajuda do rapaz, que ainda olhava para Caroline com surpresa.

— A toda velocidade! – ordenou o barão, assim que se uniu a elas. – Quero tirar as devidas satisfações assim que chegarmos...

— O que quer dizer, Enézio?

— Quero saber se aquele era um dos meus cavalos. Se sim, quero saber quem o deixou sair de lá sem minha ordem. E com quem!

Caroline sentiu o estômago embrulhar com a lembrança de Bernardo. Certamente, o rapaz teria usado um dos cavalos para ir à corrida. Pelo jeito, fora descoberto.

— Ora, papai, que ideia fixa! Seus guardas jamais permitiriam tal irregularidade.

— Quero ver isso de perto. Sargento! — bradou, olhando para trás. — Acompanhe-nos. Preciso de ajuda na investigação.

E a carruagem partiu, balançando muito. Já estavam a uma velocidade perigosa, mas o barão insistia que aumentasse sempre, causando seguidas chicotadas aos pobres cavalos que os conduziam.

Atrás deles, seguia o sargento, com o rosto vermelho de raiva. Jamais fora passado para trás. E o homem que ousara fazê-lo, ele jurou, haveria de pagar muito caro por sua ousadia.

Não demorou muito até Bernardo chegar à sua entrada secreta. Atravessou o caminho por entre as árvores, dirigindo-se rapidamente ao celeiro. Teve apenas o tempo de olhar para o relógio, como de costume, contrair o rosto numa expressão indefinida e descer do animal. Guardou-o no celeiro, em seu cocho de costume, tratando de arrancar logo o capuz e a capa amarelados do corpo, enfiando-os de qualquer jeito debaixo do feno. Meteu o relógio no bolso, com um tanto a mais de cuidado, e saiu, apressado, no mesmo instante em que o grande portão de ferro se abria para a carruagem da família Mondevieu.

— Mais rápido com isso! — berrava o barão, impaciente, aos homens no portão.

— Fique calmo, senhor — disse o sargento ao seu lado. Olhava o horizonte como se pressentisse algo maléfico. — O que tiver de ser descoberto, haverá de ser.

Bernardo passou pelo pai e o irmão, quase sem fôlego.

— Filho! O que aconteceu?

Apoiou a mão no cercado, retomando o ar. Gerson pensou que desmaiaria.

— O barão chegou, pai – anunciou William, para o terror de Bernardo.

— Já? – exclamou, apurando-se.

— Sim – respondeu William, com naturalidade. – E onde é que você estava, Bernardo? Esteve sumido por toda a manhã!

Mas não ouviu, sequer respondeu. Apenas reuniu rapidamente pai e irmão ao seu lado.

— Ouçam-me! – disse-lhes, com pressa, inventando uma situação que o isentasse. – O que quer que perguntem sobre mim, a resposta será que acordei doente e não saí da cama o dia todo, sequer para trabalhar!

— Mas por quê...

— Por favor! – interrompeu-os, suplicante. – Depois, eu explico tudo o que quiserem!

Assim que concordaram, disparou em direção à sua casa. Entrou em seu quarto, fechou a cortina e espiou por um dos buracos daquele velho pedaço de pano.

Enquanto isso, alguns empregados selavam os cavalos, já fatigados da viagem, para levarem o barão e o sargento até a cocheira. Os dois homens já montavam nos animais para partirem, quando ouviram um chamado.

— Esperem!

Era Caroline. Ela vinha correndo, com os cabelos voando atrás de si.

— Caroline! O que é que...

— Papai! – interrompeu-o. – Que atitude ridícula! Os guardas já não disseram que ninguém passou por aquele portão, além de nós? Como alguém haveria de ter saído? Voando?

— É o que pretendemos descobrir – respondeu o sargento, com secura. – Seja um homem ou uma ave que o fez, será devidamente punido.

— Pois bem! — levou as mãos à cintura, repudiando-o. — E como têm tanta certeza de que era um dos nossos cavalos?

—

— Mocinha! — o sargento se impacientava. — Se estou aqui, é para desvendar mistérios como este. Agora, deixe-me trabalhar, que isso não é assunto para

Ela virou o rosto, com nojo daquele homem. Todavia, assim que os cavalos deram os primeiros passos, ela tratou de segui-los, a pé, sob inúmeras censuras. É claro que não conseguiram convencê-la a voltar, e tiveram de aceitar, a contragosto, sua companhia.

Chegaram até a cerca atrás da qual Gerson e William trabalhavam. Caroline notou que Bernardo não estava com eles e calou uma exclamação desesperada.

— Boa tarde, senhor barão — recebeu-o William, mas o senhor não respondeu.

Gerson permaneceu calado, notando que havia algo muito errado por ali.

— Quero todos os cavalos enfileirados, agora!

William desfez o sorriso receptivo, sentindo uma ponta de preocupação. Lembrou-se de Bernardo.

Pai e filho cumpriram a ordem do seu senhor, sob a atenção do mais novo, que a tudo observava, da janela do seu quarto. Assim que os cavalos estavam em ordem, analisaram um a um, sem notar os olhares desconfiados e temerosos que os domadores trocavam entre si.

— Não pode ser... — murmurou o barão, chegando ao último deles. — Sei que aquele animal era meu!

— Viu só, papai? Estava enganado!

— Talvez não — anunciou o sargento, fazendo Caroline odiá-lo ainda mais. — Se o animal não está aqui, talvez seja porque está realmente sendo utilizado por alguém...

— Não seja tolo! — gritou Caroline, sem pensar.

— E que outra sugestão a *senhorita* teria?

Não o respondeu, virando o rosto para o outro lado. A proximidade daquele homem lhe trazia náuseas. Gerson logo percebeu que, o que quer que significasse tudo aquilo, Caroline estava do lado deles.

— Tem o celeiro – ele anunciou, confuso. – Lá, ficam os cavalos feridos, ou os que estão de folga...

Caroline sorriu, irônica.

— Pois eu sugiro o celeiro, *caro sargento*.

E para lá se dirigiram. Caroline olhava para o lado de fora o tempo todo, desejando que Bernardo não chegasse, ou chegasse, às escondidas. Só queria que aquilo tudo acabasse! Sabia que não devia, mas estava realmente preocupada com aquele bruto.

Passando pela portinhola número seis, o barão se animou.

— É este! Meu cavalo! Meu melhor cavalo...

Enquanto se gabava, Caroline suspirou, com alívio. O sargento ainda observava com crítica no olhar, e a menina tentou empurrar as conclusões e dar o caso como resolvido.

— Pronto, papai, aqui está o seu cavalo! Satisfeito? Podemos ir embora?

— Ainda não...

Aquela voz já começava a coçar nos ouvidos dela. Ela franziu os olhos para o sargento, cansada de tanta insistência. O homem abriu a portinha e se aproximou do cavalo, examinando-o.

— Por que o melhor animal não está sendo domado hoje? – questionou.

Todos olharam para William, que, despreparado, gaguejou. Seu olhar encontrou o de Caroline e, notando a aflição da menina, encorajou-se a inventar uma desculpa, firmando a voz:

— É o dia de folga dele. Treinou demais todos esses dias, então resolvemos poupá-lo por hoje.

O sargento ergueu as sobrancelhas, imaginando por que um animal mereceria um dia de folga. Julgava que todos eles existiam para suarem em benefício dos homens, nada mais.

— Está afirmando, portanto, que ele não exerceu nenhuma atividade hoje?

— Exato.

O sargento encarou o rapaz, que se mostrava seguro das suas palavras.

— Então, por que ele está tão suado e ofegante?

Os ombros de William desabaram. Sentiu o rosto avermelhar, abrindo a boca sem produzir som nenhum.

— Eu o utilizei.

Era Gerson. Todas as atenções se voltaram para ele — que, até então, nada dissera. Mas parecia compreender que havia algo importante a ser encoberto, e decidiu colaborar.

— Para que fins? — o sorriso vitorioso se desmanchou do rosto do sargento, que comprimiu os lábios com raiva.

— Pensei que ele talvez suportasse mais um dia. Vem apresentando um rendimento incrível, e concluí que podemos fazer dele ainda *mais forte e veloz*.

Mais forte e veloz, pensou o sargento. Encarou o animal com desprezo, lembrando-se de como fora deixado para trás com eficiência.

— Ele é veloz?

— Muito.

— Compreendo — analisou mais um pouco, em silêncio. — Por que está selado, ao contrário de todos os outros?

— Descuido meu — respondeu, com firmeza. — Guardei-o de volta no celeiro, notando que se cansara demais, mas me esqueci de tirar seus acessórios.

Adiantou-se, sem mais palavras, e despiu o cavalo. Caroline continha um sorriso, convencida de que aquela batalha estava vencida.

Mas o sargento não descansava. Estava determinado a castigar alguém pela sua humilhação. Foi quando Enézio disse algo que era melhor não ter sido lembrado:

– Onde está o outro rapaz?

– Outro rapaz? – quis saber Gerson, apertando as mãos atrás das costas.

– Sei que são você e dois filhos que cuidam dos cavalos. Onde está o outro? Caroline sentiu o peito apertar. William se lembrou do pedido de Bernardo.

– Acordou adoecido, com muita febre – mentiu. – Está desde cedo na cama, sem condições de trabalhar. Achamos melhor que repousasse apenas por hoje.

Caroline ficou surpresa; compreendeu que dividia uma cumplicidade silenciosa com aquela família, naquele momento.

– Quero vê-lo – anunciou o sargento, ainda vasculhando o local.

– Como quiser – autorizou Gerson, guiando-os até sua humilde moradia.

Vendo o grupo se aproximar, Bernardo se atirou na cama e fingiu dormir. Todos entraram na casa, e o sargento, sem pedir licença, mexeu em tudo que encontrou. Ignorando as orientações de Gerson, encontrou por si só o quarto onde o terceiro domador estava.

– acorde! – ordenou, com a voz alta.

Bernardo abriu os olhos, esfregando-os.

– O que aconteceu? – espreguiçou, forjando uma voz fraca.

– Um de vocês utilizou indevidamente um dos cavalos do seu senhor. Não pediu permissão para utilizá-lo, além de sair da propriedade sem autorização.

Ele franziu as sobrancelhas, como quem não compreendeu. Então, o sargento nada mais disse. Com um sorriso triunfante, retirou do bolso um capuz bege todo sujo de feno.

– Reconhece isto?

O coração de Bernardo disparou, mas ele não deixou transparecer.

– Parece um capuz – sugeriu, debilmente.

– Não se faça de bobo...

— Se puder me dizer logo o que deseja, *sir*, minha cabeça está ardendo e eu preciso descansar. Quero estar recuperado para ajudar meu pai e meu irmão ainda hoje.

O sargento sorriu; era a segunda vez na sua vida que alguém se dirigia a ele com aquele sotaque e aquele jeito de dizer “*sir*”...

— Entendo — murmurou. Então, ergueu a voz: — Barão, está claro que este pobre enfermo não poderia ter culpa. Então, sugiro que puna devidamente os outros dois, até que a verdade seja confessada.

Os olhos dos dois inocentes se aterrorizaram. Bernardo sentiu o estômago afundar.

— Mas... Senhor... Que verdade é essa, a que se refere? — perguntou Gerson, assustado.

— Saberemos assim que o culpado decidir revelar — explicou, insensível. — Enquanto isso não acontece, vamos arrancar de vocês dois, à força, toda a informação que possuírem. É claro que pouparemos o doente, a não ser que ele tenha algo a pronunciar...

Sorriu maliciosamente para Bernardo, que continuava imóvel. Caroline estava prestes a perguntar o que queriam dizer com aquilo, mas o seu pai já anunciava, orgulhoso:

— Sargento, agradeço seu auxílio. Darei ordens estritas para serem açoitados até a verdade completa ser revelada.

Os três empregados tiveram um sobressalto, que Caroline acompanhou, levando as mãos à boca. Seus olhos se encheram de água.

— Isso é desumano... — murmurou, mas ninguém a ouviu. Não podia acreditar na crueldade fria existente no coração do seu pai.

O sargento dirigiu-se à porta, empurrando Gerson e William pelas costas com palavras bruscas. Estes sequer ousavam reagir. Mas, antes de se afastarem mais, Bernardo saltou da cama, decidido:

— Parem com isso! É a mim que estão procurando.

O sargento deu um risinho satisfeito, de quem já esperava por aquilo. Após um suspiro exausto, Bernardo estufou o peito e se preparou para as consequências que o esperavam.

CAPÍTULO 7

O CASTIGO QUE FERIU A ALMA

Levou as duas mãos à boca e virou as costas para ele, num movimento brusco de quem se depara com qualquer coisa terrível ou assombrosa...

Caroline viu o pai dirigir-se ao rapaz sem piedade no olhar. Com uma voz fria, avisou-o que seria devidamente punido, depois que toda a situação fosse esclarecida.

Todos rumaram em direção ao castelo. Caroline olhava para trás o tempo todo, desassossegada com o destino do pobre moço que os seguia. Tentou fazer algum sinal encorajador, mas ele mantinha os olhos fixos na grama.

Quando chegaram à frente do castelo, o barão se despediu do sargento com um agradecimento e três moedas. Caroline subiu lentamente os degraus, vendo o pai rumar a um casebre não muito distante, onde vivia um empregado que ela desconhecia. Bernardo seguia ao lado dele, acompanhado por dois guardas.

Entrou em seu quarto, de onde não mais saiu. Sentada em sua cama, digeriria todas aquelas injustiças, imaginando o que seria de Bernardo e se perguntando por que era tão grave a atitude dele.

Veza ou outra, arriscava um olhar pela janela, porém não havia sinal de qualquer um dos domadores. Apesar de ainda estar irritada com o rapaz, a piedade ultrapassou o seu desgosto, e ela assumiu abertamente, a si mesma, que estava preocupada com ele, imaginando qual seria a tal punição que seu pai mencionara com tanto gosto. De qualquer maneira, pensou que não haveria de ser torturado, como supunham antes. Afinal, confessara a verdade! Talvez ficasse suspenso por alguns dias, ou preso em seu quarto, como ela ficara. Convencida, esqueceu-se do assunto pelo resto do dia.

No dia seguinte, quando despertou, Caroline tomou o café que Dinamene lhe trouxe à cama e levantou-se. A repreensão iminente de Bernardo não tardou a invadir seus pensamentos, como uma rajada fria que incomodava e preocupava.

— Onde está meu pai? — perguntou a um dos empregados, assim que desceu as escadas.

— Saiu com a senhora sua mãe, senhorita. Deve retornar para o almoço.

Ciente daquilo, pensou em fazer uma visita rápida à casa da pequena família. Caminhou pelo jardim e, à medida que se aproximava, distinguiu apenas duas pessoas no cercado. Bernardo não estava ali.

Os dois homens trocaram um olhar estranho quando a viram aproximar-se. A face de William retorceu-se quando ela perguntou por seu irmão.

— Podem castigá-lo como bem entenderem, mas não exigir que ele trabalhe sem condições!

— William — advertiu o pai, num tom compreensivo. — A menina não tem nada com...

— Bernardo tem razão! — alterou-se, atirando no chão uns rolos de cordas. — São todos iguais! Aposto que o pai a enviou para investigar, enquanto ele estava fora. Pode ir! Corra para contar a ele que Bernardo não estava cumprindo com suas obrigações por causa de alguns *pequenos arranhões*.

— Está me dizendo que o machucaram?

William balançou a cabeça, revoltado. Apenas Gerson parecia acreditar em suas boas intenções, e foi a ele que ela voltou o olhar, em busca de apoio.

— Seu Gerson, vim até aqui porque ouvi meu pai ordenando para o punirem, mas não sei, exatamente, o que ele quis dizer com aquilo...

Gerson suspirou, com um sorriso leve, como quem sorri à criança que pergunta pela primeira vez a história do seu nascimento.

— Por que não vê por si própria? — sugeriu William, sério.

Caroline concordou e o seguiu, aflita, até o quarto de Bernardo. Nada foi dito enquanto se aproximavam da casa. William parecia estranhamente decepcionado com ela. Caroline, contudo, não deu atenção a isso. Uma preocupação maior tomava conta de si.

Chegaram à porta fechada do quarto, e foi quando William enfim falou com ela.

— Se disser qualquer coisa ao seu pai sobre meu irmão não estar trabalhando...

— É claro que não! — respondeu, agressiva. — Ele nem sabe que eu estou aqui. E também não tardará a chegar. Portanto, será que poderia abrir logo esta porta?

William apertou o maxilar, mudo. Girou a maçaneta, e Caroline passou rapidamente para dentro. Porém, assim que viu Bernardo, na cama, levou as duas mãos à boca e virou as costas para ele, num movimento brusco de quem se depara com qualquer coisa terrível ou assombrosa.

Voltou a olhá-lo mais uma vez, cautelosa. As mãos que estavam no rosto desceram e se apertaram contra o colo, como se isso diminuísse a aflição.

— Mas o que foi que...

Bernardo estava sem camisa nem cobertas, e com uma expressão dolorosa no rosto adormecido. Em toda a pele do seu tronco, ela viu rasgos e vergões recentes, brilhantes e avermelhados, dos quais escorriam fios de sangue.

Vendo-o em sono profundo, Caroline fez associação imediata à morte, o que trouxe fortes arrepios aos seus braços.

— Bom Deus! O que houve com ele? — perguntou, num fio fraco de voz.

— Chibatadas — explicou William, também oscilante. — Muitas. Bernardo está mais apresentável agora; quando o trouxeram de volta, logo depois de apanhar, estava tão forrado de sangue que pensei que tivessem arrancado sua pele.

Caroline não tirava os olhos do rapaz. O sentimento de pena chegou a arder dentro de si, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Quem, neste mundo, teria coragem de fazer isso a um ser humano?

E a resposta ecoou baixinho, em sua mente: *Meu pai*. Isso trouxe um novo aperto em seu coração, e ela olhou para o chão manchado de sangue. Virou-se para William, emocionada, e disse:

— Não acredito que o meu pai... Que foi ele quem...

Sobressaltou-se com a reação da garota. Caroline estava inquieta, contendo alguns soluços, e agarrou um trapo que encontrou sobre uma mesinha. Então, agachou, tentando remover algumas manchas de sangue do chão.

— Deixe-me ajudá-los. Eu não acredito, não acredito...

William a reteve, erguendo-a cuidadosamente pelos ombros e dizendo para não se ocupar. Ela, porém, sentia-se na obrigação de fazer qualquer coisa que compensasse ou ao menos amenizasse a crueldade que viera do seu próprio pai.

— Cheguei a me preocupar, pensando que iriam expulsá-lo — explicou, contendo a emoção. — Mas acho que teria sido melhor, não é?

William não respondeu. Apenas continuou olhando-a, envergonhado pelo tratamento que lhe reservara, momentos antes, por acreditar que ela fazia parte daquilo.

O sono do rapaz ferido se tornou inquieto até ele despertar. Olhou para os dois visitantes e franziu as sobrancelhas.

— O que está fazendo aqui?

Com a expressão carregada de ódio, acusou-a:

— Não bastava ter me entregado ao seu pai, não é? Não bastava ter contado a ele, mesmo eu lhe pedindo para não falar! Precisava vir até aqui, ver o resultado da sua perversidade...

Ela recuou alguns passos, incrédula. Não teve chance de responder, pois ele logo emendou:

— Pois olhe o que consegui! — exclamou. — Tudo porque você não pôde ficar quieta. Nem mentir, na pior das hipóteses! Vocês, ricos, pouco se importam com aqueles que estão abaixo de vocês...

— Você está sendo injusto! — murmurou, irritada com aquele mal-entendido.

— Não venha me falar de injustiça, porque eu senti *na pele* o que isso significa!

Inclinou-se para frente para falar, então abriu uma expressão de dor e se jogou de volta no colchão, o que lhe trouxe ainda mais ardor. Não havia parte

do corpo em que se pudesse apoiar sem sentir uma fisgada. William o socorreu rapidamente, pedindo para se acalmar. Caroline continuava indignada.

— William, como ele pode pensar que eu...

— Senhorita, por favor! — interrompeu-a, suplicante. — Melhor conversarem outra hora...

No auge da sua raiva, Bernardo ordenou à garota que fosse embora. Antes que a situação piorasse, William a conduziu para fora e fechou a porta, deixando Bernardo sozinho dentro do cômodo, a gritar os mais baixos xingamentos.

— Você viu? Ele pensa que eu contei ao meu pai! — exclamou, alterada. — Isso não está certo, vou esclarecer isso agora mesmo...

Adiantou-se em direção à porta, mas William a barrou, com dificuldade. Estava tão zangada que ele temeu que ela tentasse passar à força. E conseguisse.

— Bernardo me contou tudo — explicou, fazendo-a parar. — Ele me disse que a encontrou na corrida, que conversaram. Tem certeza de que foi a senhorita quem o entregou — suspirou, incomodado. — Eu estava com tanta raiva, quando o vi naquele estado, que acabei por acreditar nele. E confesso que senti tanto ódio quanto ele demonstrou, agora...

Ela piscou demoradamente, decepcionada.

— Você também?

— Só o meu pai acreditou em sua inocência. E temo que ele esteja certo — baixou a cabeça, envergonhado.

Caroline sentiu-se tentada a fazer as mais cruéis acusações, mas relevou aquela grande injustiça, dizendo a ele para esquecer aquilo. William agradeceu, satisfeito. Ela, contudo, continuava pensativa.

— Será que o seu irmão nunca vai acreditar em mim? Tentei ajudá-lo desde o início, vocês viram...

— Sim, nós sabemos. Mas ele está muito nervoso. Não podemos exigir sua compreensão, neste momento. Bernardo é muito teimoso, sabe?

Ela deu um breve sorriso. Sim, conhecia *alguém* exatamente igual a ele! Lembrou-se da maneira como tratara Filip, no calor da sua ira. Somente dias depois ela foi capaz de compreendê-lo e enxergar que estivera errada. Imaginou que seria assim, com Bernardo em relação a ela, e um pensamento a incomodou: por que, afinal, o consentimento dele era importante?

Não conseguiu olhar nos olhos do pai naquele dia inteiro, nem no seguinte, fato que sua mãe percebeu e, harmoniosa, tentou criar um assunto à mesa, no jantar do dia seguinte à frustrante visita de Caroline ao servo ferido.

— O que acharam da corrida dos cavalos? Ainda não falamos sobre isso!

— Parece estúpida, mulher! A corrida foi há dois dias — resmungou o barão, continuando a comer.

Antonelle corou, e a raiva de Caroline por ele tomou força.

— Achei muito interessante, mamãe — respondeu, ganhando um bonito sorriso de gratidão. — Se bem que alguns cavalos me surpreenderam muito com a agressividade...

É claro que não falava de outro animal senão daquele que estava à sua frente, na mesa. O pai olhou para ela, argumentando não ter presenciado nenhuma briga entre os bichos, mas ela logo esclareceu:

— Eu me referia a outro tipo de cavalo.

Sentia seu corpo tremer por dentro. Como de costume, bateu os talheres contra a mesa de madeira e se retirou, furiosa.

Foi esse o estado de espírito que a acompanhou pela semana inteira. Caroline talvez não soubesse, ou simplesmente não quisesse admitir, mas o fato de acordar pela manhã e não enxergar Bernardo pela janela, com seu jeito correto de cavalgar e o provável semblante emburrado, tornava seu dia enevoado, sem graça. A cada vez que via o pai sair pelo largo portão, uma ansiedade aguda inquietava suas pernas na vontade de correr em direção àquele cercado idiota e despejar sobre o rapaz palavras pesadas, fazer com que se arrependesse por ter desconfiado dela, quando ela tanto fizera para tentar encobrir as acusações daquele sargento repugnante.

— Pois é exatamente o que farei! — jurou a si mesma. — Assim que ele sair por aquela porta farei questão de calar sua boca impulsiva e inundar sua mente de remorsos!

Fitava a casinha dos Rachlev, ansiosa para que aquele momento não tardasse.

Enquanto Caroline se contorcia em sua pequena prisão existencial, Antonelle caminhava compulsivamente de um canto a outro em seu luxuoso quarto.

Dinamene abriu a porta, e a patroa deu um pequeno saltito.

— Seu senhor partiu — informou a serva, com a voz baixa e servil.

Antonelle fechou os olhos com relutância, dando as costas à outra mulher.

— Não posso mais conviver com isso.

Seus olhos pareciam murchos de tristeza, e ela não falava como uma senhora a uma servente, mas como uma dama à sua confidente.

— Mas senhora...

— Dinamene, esqueça! Será melhor assim.

— Mas não é justo que algo tão bonito seja perdido por causa de...

— Dinamene!

A mulher obrigou-se a se calar sob a ordem da patroa, embora não escondesse seu inconformismo. Após um suspiro comprido, a baronesa se justificou, inexpressiva:

— Tudo o que posso fazer é agradecer a Deus pelo destino que me proporcionou. Se eu procurar outro caminho, irei contra o que me é reservado, serei infeliz...

— E o seu coração? De nada vale o que ele aponta?

Antonelle mordeu os lábios, aturdida.

— Saia daqui, Dinamene — ordenou, com a voz fraca e os olhos cerrados.

— E o que eu digo para...

– O mesmo que da última vez. Que não a mande mais atrás de mim, a atormentar meus pensamentos, que de nada adiantará. E que seja definitivo dessa vez!

Sentou-se em sua cama, atormentada. Dinamene suspirou, quase rendida à teimosia da patroa.

– Somente alguns minutos, senhora! – sugeria, com ternura. – Não será perigoso...

– Não é o perigo que me intimida, mas essa situação, ao todo. Estou cansada disso! Diga que nunca mais me procure, sim?

A serva ergueu as sobrancelhas com um sorriso leve.

– Não direi nada de que a senhora possa se arrepender depois – insinuou.
– Sei que mudará de ideia.

– Se quiser, digo eu mesma – irritou-se. – Não preciso de informantes para tudo!

A negra arregalou um pouco os olhos e foi saindo pela porta.

– Pois então diga, se conseguir.

Soltou um riso pequenino diante da impotência da outra, e prosseguiu:

– Pode ser que o dia ainda esfrie, hoje...

– Não, Dinamene – corrigiu-a, olhando para seu próprio rosto triste no espelho. – Creio que minha vida tenha se transformado num deserto escaldante e seco.

Seus olhos se inundaram de lágrimas. Dinamene pediu licença e se retirou, deixando Antonelle sozinha no lindo quarto, com suas reflexões abstratas.

Na tradicional propriedade dos Delcour, o amor do marido de Elizabeth compensava a saudade de casa, e sua autoridade substituía a do pai, com a qual ela já estava acostumada. Projetava o esposo num pedestal de diamante, como se percebia em suas longas cartas às amigas.

No entanto, o real Jeán, que fizera dela a Senhora Delcour, não tinha o calor expressado em suas cartas. Passava as tardes lendo qualquer coisa

proibida a ela – “*Mulher não pensa, para que haveria de ler?*” – ou fora da casa, em assuntos também exclusivamente masculinos.

Elizabeth adaptara-se ao amor minimizado de Jeán, e a ele aderira de corpo e alma, servindo-o com sorrisos e pontualidade, sempre na esperança muda de recebê-los em resposta. Sua recompensa, contudo, era não receber advertências, o que já lhe significava muito.

Jeán não era uma pessoa de má índole. Era apenas um homem como qualquer outro do seu tempo, salvo raras e apaixonantes exceções. Casamentos eram negócios, trocas de favores, conveniência. Não amor. O fato de o marido não maltratar a mulher já fazia dele um bom homem. No contexto da sua época, Jeán até mesmo seria visto como um marido atencioso, já que conversava com Elizabeth e até a beijava às vezes.

Mas era homem. E, como todo homem, tinha uma imagem a zelar. E amar não era nada notório, não lhe garantia títulos nem o engrandecia perante os grandes nomes da sociedade. Amar era fraqueza, como seu pai sempre lhe dissera, e ele devia se prevenir desse mal.

Elizabeth, por sua vez, deixara-se apaixonar perdidamente encantando-se mais a cada pequeno gesto que o marido deixava escapar – por mais raros que fossem. Era, definitivamente, uma romântica incorrigível.

Numa tarde de céu cinza-escuro, em que o dia quase parecia noite, o barão não mediu esforços para tornar ainda pior a vida de Bernardo. Era seu oitavo dia sem trabalhar, e ele já teria retornado às obrigações, não fossem as insistências do pai, sempre argumentando que um dia a mais de repouso lhe faria bem – porque, além de tudo, uma constipação parecia estar começando.

A tarde mal adentrara e Enézio bateu à porta da pequena casa dos Rachlev. Bernardo, o único que ali estava, atendeu, sentindo um gosto amargo na boca ao ver quem era.

– Pois não? – perguntou, não mais atenciosamente do que o faria a uma mosca.

– Poderia me responder o que faz em minhas terras, se nada nela está produzindo?

Bernardo arqueou as sobrancelhas, sem responder. Imaginando que ele não havia compreendido, o barão tornou a perguntar, num linguajar mais simples, e com a voz menos paciente:

— Quero saber por que não está trabalhando.

O rapaz apertou os lábios entre os dentes para não dizer nenhuma besteira. O semblante estúpido e gordo daquele homem lhe trazia a vontade de responder no último grau de impolidez. Contendo-se, simplesmente escancarou a porta e deixou-se exposto diante do mandante da sua desgraça. As marcas dos seus ferimentos estavam bem visíveis, e as mais profundas sequer haviam cicatrizado.

— Mais alguma pergunta?

— Não tente me fazer sentir piedade de você, moleque. Minha única pergunta é se voltará logo a trabalhar, ou se deixará de vez minha propriedade.

— Ah, o senhor me daria *mesmo* esse presente?

Mordeu a língua, aliviado porque o barão deu mostras de não tê-lo ouvido. Em seguida, respondeu, a contragosto, que retornaria ao trabalho naquele mesmo instante.

— Acho bom — estufou o peito, orgulhoso. — Mas saiba que só continua aqui porque é forte e produtivo, ou eu já o teria banido. Alerta aquele velho do seu pai que faça por merecer a minha generosidade, ou não durará muito, por estes lados...

A frase soou como um tapa, ao qual Bernardo reagiu de imediato:

— O senhor não chega aos pés do meu pai.

— Não se iluda! — rosnou, grosseiro. — Bem dizia o meu amigo, Lorde Moreau: os vassallos têm um prazo de duração, depois do qual só geram despesas e dores de cabeça!

Virou as costas, vestindo novamente o chapéu.

— Se não quiser mais uma visita dos meus homens, é bom que volte a trabalhar. E logo!

Se um olhar fosse capaz de matar, o barão estaria estatelado no chão. Bernardo mirou seus passos com intensidade, para então bater a porta com violência, chutar alguns móveis e xingar em voz alta o barão, a família Mondevieu e toda aquela classe podre que detinha toda aquela riqueza pessimamente distribuída. Não porque eles tinham ouro, mas porque não possuíam alma.

Caroline observava a joia esverdeada do colar que ganhara da sua mãe no dia do noivado da sua irmã, poucos dias antes de ser anunciado o seu próprio. Criara afeição por aquela pedra irregular; sentia como se ela lhe cintilasse em resposta aos seus pensamentos, ora encorajando, ora abrandando. Era a única com quem compartilhava seus anseios secretos, ainda mais agora que Elizabeth partira.

Ficava ali, girando o pingente entre os dedos, sonhando. Suspirava sem saber o motivo. Aquelas nuvens ameaçadoramente negras, pareciam estar prestes a desabar sobre a humanidade, e o vento gélido que soprava forte nas copas das árvores lhe traziam sempre uma quietude. Talvez pela proteção das paredes do seu quarto, que a mantinham aquecida e segura enquanto o mundo lá fora enfrentava a fúria da natureza.

Deitou-se e adormeceu por toda a tarde, com a pedra entre as mãos.

O sol já se punha por trás da aglomeração escura de nuvens, e a chuva desabava com fúria quando Caroline foi arrancada do sono por um forte trovão. As paredes pareciam estremecer quando ela saltou em sua cama, com o coração acelerado.

Levantou-se e correu para a janela, por onde viu o vento desviar uma grande massa de água, traçando grossas diagonais na paisagem que ela costumava ver com claridade. Foi admirando aquela amostra de natureza viva que avistou, perto

do celeiro, um homem. Nenhum cavalo, nenhum ajudante. Apenas aquele homem, debruçado em frente à cerca, sendo castigado pela chuva pesada.

Ela deixou o quarto a passos aflitos. Onde já se vira tamanha imprudência? Precisava contar ao pai, para que tomasse alguma providência, nem que precisasse ordenar ao trabalhador para interromper seu serviço.

Desceu a escadaria branca em espiral até o saguão de entrada, detendo-se nos últimos degraus. Seus pais conversavam com um senhor vestido em trapos.

— Marido, talvez pudessem ficar na cozinha... — dizia Antonelle. — Somente até a chuva passar!

— Se querem um telhado sem goteiras, sabem que podem utilizar minhas ferramentas e consertá-lo. Basta pagar o tributo. Aliás, sua esposa ainda não me pagou pelo uso do forno...

O idoso apertou o chapéu imundo nas mãos. Era muito magro, e o rosto alongado com a barba por fazer parecia em pânico.

— Havemos de pagá-lo, senhor! — jurava, com a voz lenta e fraca. — A colheita será melhor nos próximos dias e tentaremos o possível para...

— Há semanas que me prometem o possível, e estão sempre devendo! — interrompeu-o, batendo as mãos no ar.

— Conseguiremos, senhor. Mas minhas crianças estão com frio, minha casa está inundando...

— Arranje-se, homem. Teve meses para correr atrás disso, antes das chuvas!

Caroline sentou-se no degrau para observar melhor. Havia um contraste gritante entre o olhar desesperançado do velho, o desinteresse do pai e a expressão dolorosa da mãe, que imaginava a tristeza de ver sua criança chorar de frio e nada poder fazer por ela. Apesar de ter sempre vivido com conforto e riqueza, era bastante sensível ao sofrimento alheio.

O humilde ainda aguardava por uma manifestação benevolente do barão, quando entrou pela porta um homem magro, de chapéu, todo vestido de preto. Enézio iluminou o rosto num entusiasmo formal ao vê-lo, falando-lhe como se o velho nem mais existisse.

— Demétrio! Enfim!

— O tempo não colaborou com meus cavalos — respondeu, sem emoção, limpando os ombros com uma pequena escova.

– Entre, por favor – bateu os olhos no outro senhor, desgostoso. – Quanto a você, volte antes que eu mande sua família procurar outro lugar para ficar, debaixo de chuva mesmo!

O idoso abaixou a cabeça em sinal de agradecimento e vestiu o velho chapéu, com os olhos tão inundados quanto o jardim que atravessaria a pé para contar a triste notícia da recusa de ajuda à sua esposa. Antonelle também deixava o saguão, com uma das mãos apertada contra o rosto.

Lá dentro, o recém-chegado olhava para a porta com desprezo.

– Quem era o velho?

– Ninguém importante. Apenas um dos agricultores. Imagine que veio me pedir reparos em sua casa! Alega que a água da chuva lhe penetra o telhado...

O outro fez uma expressão compreensiva, de quem compartilhava o mesmo problema.

– Vassalos! Querem sempre mais de nós. Mas não está muito avançado na idade para o serviço?

O barão revirou os olhos, fazendo um gesto despreocupado com a mão. – Esse já passou da hora de morrer. Não creio que tenha muitos meses mais

– Isso não o preocupa?

– Não. Ele tem um filho novo. Vinte e tantos anos. Logo, ele morre, então o filho me paga a Mão Morta e continua o serviço.

Mão Morta era a taxa paga na morte de um vassalo já nomeado, para transferência das suas propriedades e títulos na propriedade do senhor feudal a um herdeiro que os assumiria.

O homem abriu um sorriso desdenhoso, enquanto acendia um charuto.

– Pois, então, que morra hoje mesmo, de frio! Fez bem em não gastar seu ouro em causas improdutivas.

Trocaram um olhar de concordância e caminharam rumo ao escritório. No meio do caminho, o convidado pareceu lembrar-se de algo.

– O filho desse agricultor...

Forçava a memória enquanto explicava, movendo muito as sobrancelhas:

– Eu vi um rapaz jovem trabalhando numa cerca, não muito longe... Não seria o filho dele?

– Oh, não! – riu. – Aquele é filho do domador. Sofreu uns machucados e deixou-se ficar de molho por *duas* semanas inteiras! – exagerou, causando o espanto do outro.

Caroline sentiu o estômago afundar, mas sufocou a exclamação, para não ser vista.

– Então, é justo o que vi! – despreocupou-se. Então, mudou o rumo da conversa: – Creio ainda não ter lhe contado as más notícias. Sabe que os Malditos parecem estar mesmo rondando minhas terras?

– Não! – indignou-se o barão, com o olhar sombrio no rosto gorducho.

– Meus homens encontraram mais resquícios de fogueiras e várias pistas. Deixe-me pôr as mãos em um só deles...

As duas vozes diminuíram até desaparecerem, à medida que penetraram no interior da mansão em direção ao escritório, onde tratariam de assuntos que realmente lhes interessavam. Caroline continuou sentada, confirmando dolorosamente a ideia à qual ela ainda insistia em resistir: seu pai não possuía, de fato, um coração.

Já começava a escurecer, e ela correu de volta à janela do seu quarto. A chuva caía ainda com mais força, mas Bernardo não estava mais ali. Apesar do alívio que sentia, parte do seu coração continuava pesado, e algumas lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto sem que ela as notasse. Pensava no coração negro e frio do seu pai. Queria tanto poder ter orgulho daquele que a colocara no mundo, porém colecionava cada vez mais motivos para desgosto.

Enxugando o rosto, Caroline voltou ao salão principal, tentando conter o aborrecimento que crescia ininterruptamente em relação ao seu pai. Acabava de se acomodar numa poltrona quando ouviu alguém bater à porta.

Viu-se aguardando até que um criado fizesse o que ela mesma poderia.

Envergonhada, foi ela mesma ver quem era, surpresa com quem encontrou do

— Senhor Rachlev?

Gerson estava ofegante e encharcado. A menina percebeu uma nota de irritação no olhar dele.

— Boa noite, senhorita – cumprimentou-a, com pressa. – Preciso falar com o barão.

— Entre, por favor...

Ele ponderou, olhando para os próprios pés, depois para o chão polido diante dele.

— Venha, rápido! – encorajou. – Está ventando muito.

Gerson caminhou para dentro, sem avançar demais. Foi só então que uma criada chegou ao saguão, apressada.

— Oh, a senhorita atendeu! – parecia constrangida. – Perdoe a minha demora. Da próxima vez eu...

— Acaso morrerei por ter atendido à porta? – bufou. – Deixe disso, e faça o favor de chamar o meu pai.

A jovem criada empalideceu.

— Mas ele está em reunião com o Sr. Demétrio... Deu ordens para que ninguém...

— Diga que é a filha dele quem está chamando, e que é importante!

Engolindo em seco, a criada baixou o rosto e foi até o escritório, com as mãozinhas magras tremendo.

Caroline tentou oferecer roupas secas a Gerson, mas ele sequer pensou em aceitar. Estava acostumado a situações adversas. Além do mais, algo maior o preocupava, e Caroline percebeu, vendo que seus olhos não se encontravam com os dela ao conversarem. Ele olhava para todos os lados, estufado como um galo de briga.

— Aconteceu algo grave?

Ele sequer ouviu a pergunta; Enézio vinha chegando.

— Caroline, espero que seja realmente relevante o que tem a me...

Só então, avistou o domador. Os dois se entreolharam por alguns tensos segundos.

— Quem deixou este homem entrar, nestas condições?

— Fui eu, papai.

— E onde estão os criados, que conhecem e obedecem às minhas ordens? — seu rosto já estava vermelho.

Ela olhou para os rastros de lama no chão e cruzou os braços.

— Francamente, eu não deixaria um homem passando frio lá fora para evitar algo que um pedaço de pano úmido resolve!

Antonelle voltou ao salão, sobressaltando-se com a presença do estranho, que a cumprimentou com polidez:

— Boa noite — respondeu, antes de se voltar para o marido, nervosa. — Houve mais algum problema?

— Ainda não — ele enfrentava Gerson com os olhos.

Antonelle observou aquele duelo silencioso por mais alguns instantes, antes de inventar alguns crochês para terminar e subir ao seu quarto. Uma vez no andar de cima, no entanto, pôs-se a ouvir a conversa toda.

— Este homem veio procurá-lo — disse Caroline —, e se atravessou esse temporal apenas para isso, há de ser importante.

O barão suspirou, impaciente, fazendo sinal para o outro falar.

— O senhor sabia que meu filho estava trabalhando debaixo deste temporal?

— E o senhor sabia que seu filho se ausentou do trabalho por dias?

— O senhor sabia — engrossava a voz — que ele foi castigado cruelmente por ordens suas? E muito injustamente, diga-se de passagem...

— Pois, se ele não é homem de suportar alguns arranhões, também não é homem para trabalhar em minhas terras!

— Ora, o senhor bem sabe que *arranhões* foram aqueles! E, agora, além de machucado, ele está com uma maldita tosse carregada...

O barão arqueou as sobrancelhas sugestivamente.

— Não sabia que ele era tão frouxo...

O rosto vermelho de Gerson parecia prestes a explodir. Pensou em milhares de palavras grosseiras que cuspiria naquela cara branca e gorda, mas conseguiu se conter a tempo, talvez pela presença de Caroline. Retomou a palavra, falando com cautela:

— E que tipo de homem é o senhor? Forte o bastante, ou suficientemente protegido?

— Sou o tipo de homem na posição em que, certamente, você gostaria de ter nascido. Agora, retire o seu corpo imundo debaixo do meu teto antes que eu expulse você e sua família do meu território!

Qualquer vassalo prudente teria se calado e cumprido a ordem à risca. No entanto, Gerson estava visivelmente tentado a fazer o contrário, numa expressão teimosa muito parecida com a de Bernardo.

— Senhor, estou com um filho doente em casa, e não tenho mais minha saudosa esposa para dizer como se ameniza a tosse ou corta a febre.

Enézio estendeu as mãos.

— Este problema não me pertence – e, olhando para a filha: – Quanto a você, nunca mais interrompa uma reunião por motivos tão tolos. Há de se arrepender numa próxima vez!

Retornou pelo caminho de onde viera, sob dois olhares indignados. Quando não podia mais ser visto, Gerson atirou o chapéu ao chão com raiva.

— Eu devia saber que este verme jamais me ajudaria...

Em meio a resmungos indelicados, lembrou-se da presença de Caroline.

— Perdão, senhorita! Não tive a intenção de maldizer o seu...

– Não precisa dizer nada – olhou em volta. – Já não me engano mais em relação ao meu pai. E tenho certeza de que concordaria facilmente com suas reclamações...

Um sorriso leve se abriu por trás da expressão preocupada. Fez-se um breve silêncio, em que Caroline ponderava se seria prudente perguntar sobre o rapaz.

Mandou às favas as regras de etiqueta para damas:

– Bernardo está febril, senhor Rachlev?

– Gerson – corrigiu-a. Então, baixou a voz: – Creio que está. Não sou bom nesses assuntos! E, se ele não trabalhar amanhã, aqueles vigias dirão ao seu pai, e não sei o que ele pode fazer. Estou muito preocupado.

Caroline juntou as mãos, imaginando o que poderia fazer. Até que as bateu, entusiasmada com uma ideia:

– Mas é claro! Posso perguntar à cozinheira sobre os chás que preparam para nós, quando adoecemos! – sorriu, batendo mais palmas. – Espere um instante, sim?

Ele tentou responder qualquer coisa, porém a menina já corria para longe.

– Franci?

– Menina? Que faz aqui?

Franci era uma mulher de pele escura, em torno dos 40 anos de idade. Tinha estatura baixa e um rosto redondo e brilhante, sempre emoldurado por um pano colorido preso à cabeça.

– Preciso de algumas folhas, daquelas que a senhora usa para preparar chás quando adoecemos.

– Para quem são?

A menina gaguejou, temendo ser pega na mentira. Então, decidiu aproveitar-se da sua condição de superioridade, ao menos por uma vez – e por uma boa causa!

– Oras, chega de perguntas! Apenas faça o que estou mandando, e rápido.

A mulher arregalou os olhos e se dirigiu a um armário, sem argumentar. Caroline se surpreendeu com o poder de uma frase imperativa... Entendeu por que era tão fácil aderir àquele comportamento, como seu pai optara por fazer.

Em pouco tempo, Caroline tinha nas mãos vários tipos diferentes de ervas para tosse, catarro e febre. Franci fora cuidadosa em explicar detalhadamente as propriedades curativas de cada uma, bem como o modo correto de preparo para que estivessem nas proporções exatas e ela pudesse extrair o melhor do remédio.

Caroline agradeceu pela centésima vez e voltou à sala, recitando mentalmente as instruções da cozinheira. Repetiu tudo para Gerson, onde ele a esperava, mas a expressão dele era pura confusão.

— Entendeu? — insistia, olhando para trás, com medo que o pai os flagrasse.

Ele olhava para aquele monte de folhas secas em suas mãos, sem ideia do que fazer.

— Olhe, vou juntar tudo isso na água fervente e dar para Bernardo beber, acho que assim...

A menina se apavorou, explicando mais uma vez as proporções e quantidades para cada chá. Não vendo resultado, despejou tudo de volta nas mãos dele, pedindo para esperar.

— Mas, senhorita...

Ela já subia a escada, empolgada. Em pouco tempo, retornou, com um grande pedaço de pano nas mãos. Olhou cuidadosamente em volta, então sorriu para ele, radiante.

— Estou pronta! Vamos?

CAPÍTULO 8

LIVRE POR UM MOMENTO

Deixou cair o capuz, como se ele também significasse uma das suas amarras para aquela vida artificialmente bela e segura. Naquele momento, ela se declarava livre...

Gerson estava desconcertado, plenamente disposto a impedir a garota de segui-lo. Caroline, no entanto, deixou claro que não mudaria de ideia.

— Sr. Rachlev, irei à sua casa esta noite, com ou sem a sua ajuda. Porém, creio que me será de muita valia se me der uma carona...

Sentiu um frio na barriga, imaginando como faria aquilo, e ainda retornaria para casa, sem que ninguém a visse. Era um risco, mas um risco necessário, se ela queria mesmo ajudar aquela gente.

Elevou o tecido que carregava, o qual se desdobrou revelando uma capa comprida e grossa.

— Tentarei não me molhar, eu juro!

Ele não pôde deixar de rir. Percebeu que era inútil tentar impedi-la.

— Senhorita, se os seus pais perceberem que não está aqui...

— Já cuidei de tudo! — garantiu. — Só falta a sua permissão.

Gerson descruzou os braços, rendido.

— Certo — apontou para o gramado. — O cavalo está logo ali. Vamos correr até ele. Sabe montar?

A menina se lembrou da primeira e última vez que tentara, sentindo o estômago embrulhar.

— Se o senhor me ajudar...

— Certo. Então vamos. Corra!

Dispararam sob a chuva. Ela vestiu sua capa enquanto corria, encobrindo a cabeça com o capuz, de forma a não se deixar reconhecer. A chuva forte espantara grande parte dos guardas externos, e isso facilitava muito sua saída.

Caroline sentiu os pingos grossos gelarem seu rosto e o vento atingi-la com mais força do que imaginara. Deu-se conta de que era a primeira vez que sentia a chuva. Aquela vida privada de tudo o que é alheio ao castelo pareceu-lhe inteiramente inútil, agora que ela se via fora dela.

E foi ali, onde ela menos esperaria que acontecesse, que um pedacinho do vazio em seu coração foi momentaneamente preenchido.

Chegaram à pequena cobertura onde Gerson amarrara o cavalo, e ele desamarrou o animal, com pressa. Caroline adorou o sabor da adrenalina; sentia-se tão viva, tão dona de si! Olhou para aquele horizonte mal iluminado e imaginou-se a atravessá-lo num só impulso. Teve vontade de rugir de volta para o trovão que ameaçava os humanos, subir até ele e, lá de cima, roubar sua voz para gritar ao mundo que era livre.

– Apoie-se aqui...

Montaram sobre o animal, que mostrou desagrado com o excesso de peso sobre si. Gerson gritou para a menina se segurar com firmeza. Sua voz competia com o som alto do temporal em torno deles. Galopou em alta velocidade, o que tornou o vento e a chuva ainda mais fustigantes. Caroline não sabia se devia se defender daquilo ou sentir, com intensidade, aquele sinônimo cru da palavra liberdade. Deixou cair o capuz, como se ele também significasse uma das suas amarras para aquela vida artificialmente bela e segura. Naquele momento, ela se declarava livre.

Afinal, chegaram; imundos e encharcados, mas chegaram. Gerson orientou a garota a entrar e se proteger, enquanto ele recolhia o cavalo no pequeno celeiro ao lado da casa, improvisado para o único animal que possuíam.

A porta rangeu alto quando Caroline a abriu, enroscando no meio do caminho. Ela atravessou a fresta aberta e deixou os olhos se acostumarem com a escuridão do lado de dentro. Viu-se em uma cozinha pequena e precária. Admirou, pela janela pequenina, os fios de água sendo empurrados pelo vento forte, iluminados pelos riscos prateados que cortavam o céu, enchendo seus olhos. *E pensar que eu estava lá fora, contracenando com o mundo, naquele delirante cenário!...*

Tirou a capa encharcada, esfregando os braços para afastar o frio.

— Pai? É o senhor?

Caroline voltou os olhos para dentro, alerta; um rapaz vinha pelo minúsculo corredor, com um cobertor grosseiro sobre as costas. A luz de um relâmpago entrou pela janela, permitindo que eles se reconhecessem.

Ficaram mudos por alguns instantes, cada qual remoendo seus rancores.

Bernardo foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— O que está fazendo aqui?

Caroline endireitou a postura, incomodada.

— Seu pai nos procurou para pedir ajuda — explicou. — Falou de você, disse que estava doente...

— E, mais uma vez, você *precisava* vir até aqui ver o resultado do seu estrago!

Ela soltou uma exclamação indignada.

— Ainda acha que eu o entreguei? Tive o trabalho de acompanhar aquele sargento ridículo nas investigações, fiz de tudo para mudar o rumo das suspeitas...

— Oh, sim! Agora, vai bancar a boa moça.

— É a mais pura verdade! Por que não acredita em mim?

— Porque vocês são todos iguais!

Foi uma facada em seu coração. Era a segunda vez que Bernardo lhe dizia aquilo.

Exausta, ela atirou a capa no chão, fazendo esguichar água para os lados.

— Acha mesmo que atravessei este temporal, escondida, para *rir* de você?

Bernardo calou-se. A mágoa em sua voz tocava até o mais frio dos corações. Foi nesse momento que Gerson adentrou a cozinha, segurando um lampião aceso.

— Que frio danado! — comentou, batendo a mão desocupada na roupa suja.

— A senhorita foi muito corajosa em vir comigo, num tempo como este...

Sob a luz, Bernardo pôde notar melhor o estado em que ela estava: encharcada e despenteada, com lama nos sapatos e na barra do vestido azul-claro. Apesar da sua frieza de homem rústico, o coração se aqueceu sob um sentimento incômodo de culpa.

Caroline tirou as folhas secas das vestes, onde as guardara, e despejou de qualquer jeito sobre a mesa, pouco se importando se funcionariam ou não. Lançou um último olhar a Bernardo e virou as costas para os dois homens calados – agora, três; William surgira, do corredor e tentava compreender o que se passava.

Saiu de volta para a chuva, xingando a si mesma. Como era tola! Tola, tola, tola! Afundando o salto pequeno dos sapatos no gramado alagado, advertia a si mesma que aprendesse, de uma vez por todas, que só podia esperar estupidez por parte daquele grosseiro.

Já tomara certa distância quando alguém a alcançou, pedindo para esperar.

– Volte para casa, você está doente – orientou, sem parar de caminhar.

– Só se vier comigo.

– Ótimo. Não volte.

Ele deixou de segui-la por um instante, tremendo de frio e culpando-se por ter ido atrás daquela menina mimada.

Mas que atravessara um temporal gelado para ajudá-lo...

– Escute...

Bernardo a alcançou mais uma vez e barrou seu caminho, ofegante.

– Perdoe-me – pediu, contrariado.

– Perdoá-lo? Olhe só para mim! Eu devia era perdoar a mim mesma por ter sido tão idiota!

Estava no limite da sua tolerância, que já não era lá grande coisa.

– Não sei como vou entrar em casa sem que me vejam. Não sei como vou explicar o estado do meu vestido. Não sei como farei para não deixar rastros de lama no chão. Era com isso que eu devia ter me preocupado, antes de aderir à maldita ideia de acompanhar o seu pai até aqui.

— Eu sei, ele jamais devia ter pedido para vir...

— Ele não pediu. Eu o convenci a me trazer.

A carga sobre a consciência de Bernardo dobrou. Caroline suspirou, tremendo de frio.

— De qualquer maneira, vim para cumprir um favor, não para conseguir sua afeição — coçou a cabeça encharcada, olhando para trás. — Deixei algumas ervas sobre a mesa. Prepare um chá com elas, do jeito que quiser, já esqueci o jeito certo de fazer mesmo! — estapeou o ar, impaciente. — Espero que o ajudem a sarar. Agora, se me dá licença, preciso mesmo ir embora.

Dessa vez, ele não a impediu. Observou-a caminhar para longe, lutando contra o remorso que ameaçava tomar conta dele. Tentou sentir raiva dela, mas não conseguiu.

Voltou para casa a passos lentos, sentindo merecer aquele frio prolongado como castigo. Assim que abriu a porta, encontrou o pai e o irmão encarando-o como quem pensava o mesmo.

— O que você fez, Bernardo?

Sentiu-se uma criança de cinco anos levando uma bronca. Mas não se deixou vencer por essa sensação; estufou o peito, mostrando-se convicto da sua inocência.

— Do que está falando, pai?

— Da sua atitude com a garota! — engrossou a voz. — Isso é maneira de reconhecer uma generosidade? Pensei que eu o tivesse ensinado a ser um cavalheiro, não um brutamontes!

— Ser cavalheiro? — explodiu. — Isso lá é coisa pra gente pobre como nós?

— A educação é sempre o mais importante — insistiu. — Ela não tem a ver com sua riqueza, mas com sua honra de ser humano.

— Sei! — zombou. — Você não pensou nisso sozinho, pensou? Quem foi o idiota que colocou isso na sua cabeça?

— O idiota foi a sua mãe.

A serenidade em sua voz causou mais efeito em Bernardo do que se tivesse gritado. O rapaz pareceu baixar a guarda, enquanto o pai continuava a falar:

— Ela também me ensinou que, acima de qualquer dificuldade, está o amor. Agradeça a ela por me ensinar isso, porque é o único motivo para eu não me atirar em cima de você agora mesmo, mas deixá-lo ouvir o coração que eu sei que possui.

Ouviu as palavras do pai, compenetrado. Contudo, pareceu repentinamente desconsiderar aqueles pensamentos, como se perdessem o significado de um instante para o outro.

— Posso me tornar o melhor dos cavaleiros, mas jamais um *cavaleiro*.

Esperou a resistência do pai, porém só o que recebeu foi um sorriso carinhoso.

— Você é quem sabe, Bernardo. É a sua vida, não me cabe dizer o que deve ou não fazer. Sou apenas um velho cumprindo a missão de pai com seu filho crescido. Mas, se eu puder deixar apenas uma lição em sua vida, que seja esta: enquanto agir feito um animal, estará sempre magoando alguém. Até chegar o dia em que magoará a si próprio.

Deu um tapinha nas costas do caçula e saiu. Bernardo olhou para William em busca de apoio, mas este demonstrava clara concordância com o pai. Retirou-se, também, sem nada dizer.

Bernardo balançou a cabeça, olhando para os lados como se alguém fosse rir com ele daquela grande piada. Contudo, não encontrou mais nada além da luz trêmula do lampião sobre a mesa, que iluminou uma capa de pano amarrotada no chão. A capa de Caroline.

Recolheu a veste e a observou por muito tempo. O tecido ainda conservava um tanto de calor, o que o fez lembrar que a menina devia estar congelando lá fora. Com um acesso de tosse, jogou-se sentado, no chão, satisfeito por ninguém estar ali para ver sua expressão arrependida. Embora detestasse redimir-se, sabia

que era o correto a se fazer. E precisaria fazê-lo, se quisesse que aquelas toneladas alojadas sobre sua consciência o deixassem em paz.

Vários minutos mais tarde, Caroline se aproximou do castelo. Tremia dos pés à cabeça, tanto de frio quanto de medo. A cavalo, a trajetória parecera tão menos longa e torturante! Ao menos se não tivesse esquecido a sua capa...

Rezava para não encontrar ninguém em seu sôfrego caminho de volta. Olhava para todos os lados, sem enxergar direito, devido à forte chuva. Quase se perdera, por duas vezes, mas conhecia aquele lugar bem o suficiente. Logo reconhecia o caminho, e continuava a andar, andar e andar. Parecia uma trilha sem fim. A doçura da liberdade que experimentou pareceu amargar; a magia acabara, como para Cinderela, após as doze badaladas do relógio.

Quando se aproximou do hall de entrada, tomou o cuidado de seguir o caminho árvore por árvore, escondida atrás dos troncos até se certificar de que não havia ninguém ali que pudesse avistá-la. Quando chegou à última delas, seu coração parecia ter subido à garganta. *Que ideia estúpida eu tive*, pensava continuamente.

Encheu os pulmões mais uma vez e pôs-se a correr pelo jardim. Subiu a escadaria até atingir a porta, que, para seu imenso alívio, estava destrancada. Não imaginava quanto tempo teria passado fora de casa, nem o quanto estava encharcada e imunda. Aquilo não a preocupava muito. O que a aterrorizava era o que haveria do lado de dentro. Empurrou-a lentamente, sem um único ruído, espiando pelo vão que se formava.

Ninguém! Exigiu um último esforço das suas pernas, enfraquecidas pela adrenalina, e subiu aquelas escadas com mais agilidade que um felino.

Era a última etapa. Não havia mais perigo, e agradeceu aos céus enquanto subia com velocidade. Seus tamancos faziam um barulho alto demais para quem se escondia.

— ...No salão, Demétrio?

— Tenho certeza de que vi alguém entrar, barão!

Caroline congelou. Seu pai e o visitante da noite surgiram no andar de baixo. Como já não podia ser vista, onde estava, simplesmente parou e fez total silêncio.

O que diria, caso a encontrassem? Não queria sequer pensar naquilo...

Ela os ouvia com os olhos arregalados.

– Barão! Rastros...

Foi como se a sua alma tivesse sido sugada, por um segundo, então retornado a toda velocidade. Não precisou olhar para os degraus para saber que estavam imundos, com as marcas do seu sapato.

Disparou para o seu quarto. Como não pensara naquilo? Seus sapatos cheios de lama, a roupa molhada... Era um alvo fácil. *Devia ter pensado nisso, devia ter pensado nisso...!*

Mas era tarde para qualquer inconformismo. Só podia correr.

Passou estrondosamente pelo corredor, já sem se preocupar com os ruídos. Só precisava chegar ao seu quarto, trancar a porta e inventar qualquer coisa! Depois, pensaria com calma em uma história bem convincente, o que não seria tarefa fácil.

O que ela não se lembrou era que já tinha tomado algumas providências, antes da sua partida. Chegando à porta do quarto, deparou-se com um bilhete que ela mesma escrevera: “Não me perturbem. Estou com enxaqueca”.

Demétrio e o barão subiam as escadas com pressa. Suas vozes e seus passos estavam cada vez mais audíveis.

– Os rastros seguem por aqui, barão!

Disparou em direção ao quarto, mas sua segunda precaução quase a fizera quebrar o nariz contra a madeira: a porta estava trancada.

– As chaves... Onde estão as chaves...?

Procurou febrilmente em cada parte do seu vestido, então parou bruscamente, apavorada.

As chaves estavam no bolso da capa.

Seu coração disparou, enquanto a mão forçava, em vão, a maçaneta da porta lacrada. Precisava pensar em algo, precisava pensar em algo...

Então, os dois homens chegaram, seguindo o suposto invasor. Caroline os viu emergirem no andar superior, e seus nervos congelaram de medo. Seria pega.

O que ela viu, em seguida, foi dois rostos embasbacados olhando-a, sem ação.

— Caroline? — seu pai exclamou, numa confusão de exclamação e pergunta.

Permaneceu muda e imóvel, enquanto o pai apreciava seu estado deplorável. Ela própria não imaginava o quanto seus cabelos estavam desarrumados, seu vestido estava encharcado e ela toda estava encardida.

— Mas o que... O que é que...?

Sequer conseguia formular a pergunta. Demétrio, muito conveniente, o fez por ele:

— Seu pai quer uma explicação, senhorita.

Forçara tanto o tom formal que parecia ter cantarolado.

— Eu... Saí.

— Como assim, Caroline? — urrou. — Que motivos você teria para sair a esta hora, e com este tempo?

— Eu... Na verdade, eu...

Não adiantaria, e ela sabia disso. O pai já lera o bilhete, e a porta trancada do lado de fora a contradizia totalmente.

— Se me permite dizer, senhor barão — interveio Demétrio, com a “sensatez” de sempre —, o estado em que sua filha está é de quem passou um longo tempo sob a chuva...

— Ora, cale-se! — exclamou, irritada com a sua intromissão.

— Cale-se você, mocinha! — ordenou o barão, num berro que a fez estremecer.

Ela apenas obedeceu, enquanto o pai passava um lenço sobre a testa suada, parecendo prestes a desmaiar.

— Caroline... — continuou mais ameno. — Se tentou sair tão secretamente, só podia estar atrás de algo ainda mais secreto e errado!

— Não, eu apenas...

— Para onde foi? — voltou a gritar, encarando-a. — E onde está a chave do seu quarto?

– Eu... Perdi.

–

– MENTIRA! Vai me contar, ou eu...

Ela o encarou no momento em que deteve a frase. Contudo, não teve coragem de desafiá-lo ou ameaçá-lo – sabia, afinal, que estava em plena posição de defesa. Somente defesa.

– Acalme-se, barão – sugeriu Demétrio, desviando o olhar inconformado que mantinha sobre Caroline. – Por que não descemos, finalizamos nossos assuntos e, então, o senhor conversa com a menina?

O homem pareceu não ter ouvido, pelo longo momento em que simplesmente olhava para Caroline, com uma expressão indecifrável. Sem aviso, deu as costas para ela, voltando a descer as escadas. Demétrio olhou mais uma vez para a garota antes de segui-lo, não contendo um pensamento inoportuno:

– Uma dama tem lá suas extravagâncias, apesar de algumas as terem por demais – riu. – Como sua caçula, Enézio, que demonstra certa inclinação à masculinidade...

– Masculinidade? – caminhou até ele, agressiva. – Como ousa...?

Mas o barão a surpreendeu com um empurrão nos ombros, que a fez desequilibrar e tombar sentada no chão.

– Coloque-se em seu lugar – falou, com a voz muito seca. – Que, neste momento, está à altura dos porcos...

Prendendo um risinho zombeteiro, Demétrio seguiu o barão escada abaixo.

– Porcos... – murmurou, divertindo-se.

Ela permaneceu ali, sentada, onde seu pai a jogara. A agonia dentro de si era tão grande que se sobrepunha à raiva que sentia por aquele estranho.

Uma das portas do corredor se abriu e Antonelle correu até a filha.

– Caroline, minha querida...

Soltou uma exclamação surpresa ao ver o estado da filha.

— Céus! O que aconteceu com você?

Caroline não olhou para ela. Não sabia se contava a verdade ou se simplesmente não respondia.

— Senhora!

Dinamene surgiu do andar de baixo, parecendo aflita.

— O senhor patrão está a faiscar pelas orelhas de tanto nervosismo! E aqueles rastros?

Parou de falar quando avistou Caroline.

— Menina... Está tudo bem?

— Mamãe, onde estão as chaves de reserva? — ignorou a serva, exausta das especulações recebidas, e das que certamente viriam. — Tudo o que eu quero é me lavar e dormir...

— Caroline, eu ouvi a conversa! Como foi perder sua chave? A propósito, por que quis sair escondida? Está fazendo alguma besteira?

— É claro que não! — levantou-se, agora a mesma Caroline de sempre. — Foi uma idiotice, está bem? E não quero falar sobre isso.

— Foi para longe? — insistiu.

— Não, mamãe.

— Foi a pé?

Que importa?

— Encontrou-se com alguém?

— Mamãe!!!

Não estava nem um pouco disposta a responder. Antonelle suspirou, inquieta, e pediu para Dinamene buscar a segunda chave do quarto. Assim que a empregada saiu, a mãe olhou nos olhos de Caroline com uma seriedade madura:

— Você pode fugir das minhas perguntas, mas não das do seu pai.

A menina sentiu o frio percorrer-lhe a espinha. Antonelle passou a mão pelo rosto, olhando para o chão.

— O que quer que tenha feito, minha filha, pense em qualquer justificativa convincente...

— Não devo explicações a ele! — ergueu os ombros. — Não sou, afinal, filha do dono de todas estas terras? Não posso andar por elas livremente quando quiser?

— Mas a troco de quê? — exaltava-se.

— Queria andar na chuva! Sentir a grama molhada, as gotas caindo do céu sobre mim. Por que é que preciso informá-lo a todo instante sobre onde estou, para onde vou e por quê?

— Ele é seu pai, Caroline!

— Às vezes, sinto como se eu fosse apenas mais uma parte da sua propriedade. E eu *não sou!*

Dinamene chegou, nesse momento, com a chave nas mãos.

— Obrigada, Dinamene. Pode preparar meu banho?

— Sim, senhorita.

Antonelle ainda a fitava com preocupação, enquanto o quarto era destrancado.

— Seu pai não ficará nada satisfeito com isso.

— Paciência — sussurrou. — Agora, com licença, mamãe.

Antonelle balançou a cabeça, fazendo o sinal da cruz, e fechou-se mais uma vez em seu quarto. Enquanto isso, Caroline tirava as roupas imundas, que Dinamene recolhia num canto. Deixou-se permanecer por muito tempo no banho com água aquecida, pensando em como se livraria daquela enrascada. Inventaria qualquer desculpa ao seu pai, que se conformaria e esqueceria logo aquilo. Assim ela esperava!

Dinamene interrompeu seus pensamentos, batendo levemente à porta.

— Senhorita, o senhor seu pai gostaria de conversar um pouco.

— Diga a ele para esperar!

— Eu já disse. Mas ele parece bastante *ansioso*...

Caroline bateu as duas mãos contra a água, irritada.

— Está bem! Diga que já vou.

Dinamene a ajudou com as vestes de dormir e penteou seus cabelos. Foi quando o seu pai entrou, sem se anunciar.

— Papai! — indignou-se. — Eu poderia estar me trocando...

— Dinamene, saia do quarto — ordenou. — Preciso falar com a minha filha a sós.

Dinamene olhou para Caroline, aflita. Sem objeções, retirou-se, embora as pernas parecessem não obedecer. Caroline ficou estática enquanto o pai caminhava pelo quarto, pensativo.

— Todos esses anos, a sociedade vem comentando sobre seu comportamento — começou. — Zombam de você e também de mim, por minha falta de administração com as atitudes da minha própria filha. Quanto mexerico não rendeu a sua reação quando fugiu no anúncio do seu noivado!

— Foi aquele homem que falou para o senhor? — lembrou-se das ironias de Demétrio, com desgosto.

— Demétrio é um homem de boa conduta. E acho que deveria concordar comigo.

— Não vejo por quê.

Ele se sentou na beirada da cama dela. Caroline olhava-o pelo espelho.

— Já que pareceu reagir tão firmemente ao noivado com Filip, decidi que não a forcerei a se casar com ele. E quem me ajudou a chegar a essa conclusão foi o próprio Demétrio.

Ela arqueou as sobrancelhas, desconfiada.

— É mesmo?

– Sim. Decidi respeitar sua decisão.

Ela soltou o ar, contente com o pai pela primeira vez. Virou o rosto e olhou diretamente para ele, com gratidão.

– Contanto que respeite a minha – completou.

O sorriso que se formava no rosto dela apagou-se. O barão pigarreou antes de explicar:

– Não se casará com Filip. Logo, tratarei de preparar uma grande festividade que acontecerá no final da próxima semana. Nessa ocasião, anunciarei seu noivado com Demétrio, que você aceitará com a serenidade que cabe a uma dama.

Passou-se um minuto inteiro em silêncio. Ela estava atordoada.

– E por que eu deveria aceitar me casar com *ele*?

– Porque decidi assim. Já não fiz sua vontade desmanchando o outro noivado? Pois bem!

Sorriu, satisfeito, e se levantou para sair. Caroline fez o mesmo.

– Não pode fazer isso... – argumentou, sem forças. – Sou eu quem deve decidir meu futuro!

– E qual seria a minha função, enquanto pai?

– Deve me proteger. Cuidar de mim. E não manipular o meu destino!

– Proteger!? Onde você esteve na última hora?

Ela corou ligeiramente, virando o rosto para o lado.

– Não vê? Como protegerei uma filha que não me deixa saber seus passos?

– Saber é muito diferente de controlar...

– Pois *exijo* que me explique, e já!

Deu as costas ao pai. Decidiu que o convenceria contra aquele casamento num momento mais propício – sabia quando estava perdendo. O que não

esperava era que ele a puxasse pelo braço com tanta violência, apertando-o com raiva, enquanto insistia:

— Para onde foi?

— Está me machucando...

DIGA PARA ONDE FOI!

Ela empurrou o ombro dele e conseguiu afastá-lo. O barão, por sua vez, parecia determinado a arrancar a verdade, mesmo que à força.

— O que andou fazendo de tão errado que não pode me contar?

— Não fiz nada!

— Caroline, não sou idiota!

Ela se calou, com medo da proximidade agressiva que ele tomava dela.

— Papai... Ao menos mantenha meu noivado com Filip, que me parece mais razoável...

— Farei o que eu bem entender! Se Deus me glorificou com o poder, é para que eu usufrua dele.

— Oh, sim! – revoltou-se, encarando-o corajosamente. – Arrancar dinheiro daqueles mortos de fome que estão trabalhando, lá fora! Eles, sim, mereciam ter todo esse seu dinheiro sujo, arrancado com cobranças absurdas, pagando o que deveriam estar recebendo!

Sentiu na pele a intolerância do pai, que acertou a mão em seu rosto com tanta força que ela tropeçou para o lado. Apavorou-se ao vê-lo avançar sobre ela com as mãos erguidas, acertando-a cegamente com murros. Implorou, aos gritos, para ele parar, mas aquilo pareceu alimentar a sua ira.

— Eu a ensino a respeitar seu pai!

Ao contrário de dez anos antes, Caroline, agora, reagia. Bloqueava suas investidas com os braços cruzados sobre o rosto, mas ainda levava bons sopapos. Até que, depois de muito apanhar, houve um momento em que todo o desgosto com o pai, acumulado por tantos anos, transformou-se em força.

Ela conseguiu empurrá-lo com uma intensidade que o jogou longe o suficiente para que pensasse antes de voltar para cima dela.

— Saia daqui! — ordenou, trêmula.

Partia para uma nova investida, quando Antonelle surgiu, aflita.

— Homem, pelo amor de Deus!

Parou ao toque da esposa sobre seu ombro. Ofegante, ele mirou a filha encolhida contra a parede, com os braços vermelhos de tanto apanhar, e saiu sem falar com ninguém. Quando ouviram a porta do quarto dele bater, Antonelle levou a mão à testa e se sentou na beirada da cama. Dinamene correu para dentro do cômodo, com os olhos muito arregalados. Caroline estava imóvel, os olhos fixos no ponto onde, antes, estava o seu pai. Os pensamentos embaralhavam-se em sua mente.

Lembrou-se daquele sonho. Teria sido premonitório? Sim, acontecera de novo. Sua mãe continuava parada atrás da porta, seu coração ainda batia com força, seus braços estavam novamente doloridos. A imagem do seu pai no pesadelo e na lembrança mesclava-se à expressão deformada que adquirira, segundos atrás. Ela quase havia se esquecido de como ele era apavorante enquanto agredia.

E, antes que a primeira lágrima caísse, sussurrou baixinho, sem que ninguém além do seu coração pudesse ouvir, que o odiava.

CAPÍTULO 9

ANTONIETA

“Creio que a história desta mulher fará bem a você...”

O episódio da surra deixou marcas profundas na pele e no coração de Caroline. Nos dois dias que se seguiram, não falou com ninguém, e o pouco que comeu foi devido às muitas insistências de Dinamene, às quais ela atendia apenas para poder voltar a ficar sozinha. Também não deixou seu quarto; não queria correr o risco de encontrar seu pai, tanto por intolerância quanto por uma boa pitada de medo.

Em seus braços, havia as marcas vermelhas dos apertões que a seguraram contra a parede, além de algumas rodelaas roxas, por causa dos murros. A face direita ainda não perdera a vermelhidão do tapa que levou. E o coração, por dentro, sangrava com a ferida reaberta.

Estava exausta daquilo. Tudo o que queria era distância do seu pai, sem saber que era justamente num lugar distante dali que uma pessoa andava bastante inquieta. Elizabeth não sabia por quê, mas havia dois ou três dias que andava de um lado para o outro, aflita, roendo as unhas.

— Quer parar com isso? — resmungou o marido, irritado com aquela nova mania.

— Perdoe-me, meu querido! É que ando tão nervosa...

— Mulheres! Faça algo útil, em vez de ficar aí, se lamentando, apenas. Tragame um pouco de água.

Em momentos como este, ela abria um largo sorriso, que ele sequer via — tampouco retribuía — e corria para buscar qualquer que fosse o seu pedido. Fez questão de dispensar a empregada pessoal; tinha gosto em servir o marido, quantas vezes ele precisasse.

Hoje, no entanto, seu sorriso não fora tão legítimo, e seu ânimo parecia abalado. Encheu um copo grande, de louça, e caminhou de volta ao marido com distração – tanta que, ao chegar diante da poltrona onde ele lia, tropeçou no tapete e despejou metade do líquido sobre as calças dele.

– Mulher! Parece que não presta atenção! – levantou-se, irritado.

– Jeán! Mil perdões...

Já saía para buscar um pano seco, mas ele garantiu não ser necessário.

– Vou trocar. Está encharcada.

– Quer que eu seque para vo...

– Já disse que não precisa!

Subiu a escada, irritado. Nesse momento, Elizabeth sentiu uma grande falta de ar e se jogou no sofá, com as duas mãos apertando o peito. O marido correu de volta e agachou-se sobre ela.

Elizabeth! O que acontece?

– Ah, Jeán! Estou tão angustiada, tão preocupada! – segurou o colarinho dele, mirando-o com súplica. – Vamos visitar meus pais amanhã? Será sábado, sei que estará disponível...

– Ora, pare com essas besteiras! – levantou-se, deixando a mão dela no ar. – Pois, se está tão angustiada, escreva para eles!

– É uma ideia. Uma boa ideia...

Passou por ele com a cabeça baixa, em direção ao quarto. Foi quando bateram à porta, e ela observou enquanto o criado a atendia. Alegrou-se ao avistar o entregador da sua antiga casa.

– Meu bem, veja! – correu até a entrada, contente. – É uma carta. Uma carta de casa!

Correu de volta para o sofá, quebrando o lacre de cera e correndo os olhos pelo papel, em busca de qualquer frase em destaque.

– Nada urgente... – suspirou. – Sente-se aqui, querido. Venha ler comigo.

Jeán se acomodou ao lado dela, no sofá, e leram silenciosamente as linhas escritas por Antonelle, datadas de dois dias antes.

Querida Elizabeth,

Que falta faz a sua presença aqui, em nossa casa! Caroline e eu estávamos conversando sobre você, dias desses. Estamos ansiosas por revê-la. O seu pai também.

Elizabeth baixou o papel, pensativa. Havia algo de estranho na maneira como a mãe mencionara o marido. Mas logo retomou a leitura:

Estamos todos bem, com a graça de Deus. E você, minha filha? Sim, você se tornou mulher. Agora, tem o seu lar, seu marido para amar e, posteriormente, terá seus herdeiros. Nunca se esqueça de agradecer, minha querida! Jeán é um homem bom e honesto, e sei que a respeita.

Creio que nos veremos em breve. Seu pai está organizando uma ocasião para a próxima sexta-feira, e vocês certamente serão chamados. Acho cedo para dizer, mas seu pai faz questão que eu antecipe. Ele anunciará o noivado da sua irmã. Porém, não será com Filip, e sim com um homem que não conhecemos...

Melhor conversarmos sobre isso pessoalmente.

De qualquer maneira, receberá o aviso do seu pai com o convite da festa.

Estamos sempre pensando em você! Ore por nós.

Sua mãe, Antonelle.

— Pode respirar aliviada, Elizabeth! — disse o marido, passando a mão pelas costas dela. — Nenhuma má notícia.

Mas a frente dela ainda estava muito tensa.

— Esse noivado repentino... — murmurou. — Não se lembra da maneira como Caroline reagiu quando meu pai anunciou o casamento entre ela e Filip?

— Como não? — recordou-se, com amargura.

—

— Meu amor! — segurou suas mãos, buscando apoio. — Filip é um grande amigo há anos. Se ela reagiu daquela maneira em relação a ele, como deve estar, agora? — sentiu os olhos inundarem. — Ah, a pobrezinha deve estar arrasada...

Ele balançou a cabeça, acompanhando o raciocínio da esposa.

— Meu pai, decerto, a está obrigando a aceitar isso.

— Acalme-se, querida. Quem sabe ela está feliz...

— Não, Jeán, não está! — atirou-se nos braços dele, apavorada. — Meu coração de irmã me diz que Caroline não está nada feliz...

Havia uma hora inteira que o barão mandara chamar o mensageiro. Antonelle, vendo-o ralhar com os guardas, informou que o rapaz ainda estava em serviço da entrega da carta a Elizabeth.

— Pois tratem de me avisar assim que ele chegar. Tenho trabalho para ele.

— Sim, senhor — respondeu um dos homens, retirando-se em seguida.

Antonelle se aproximou, perguntando que trabalho seria aquele.

— Ora, mulher! — estufou o peito, orgulhoso. — A entrega dos convites para a grande festa do noivado de Caroline.

Antonelle olhou para o chão, deixando escapar um suspiro impaciente.

— Insiste nisso, Enézio?

— Não haveria melhor ideia. Demétrio é um homem rico, poderoso...

— ...temperamental, sedutor! — completou, sensata. — É nas garras desse tipo de homem que quer a sua filha? E mais: Elizabeth acabou de se casar, foi uma linda festa. Vamos esperar um pouco! Ainda há tempo de repensar essa ideia.

— Não volto atrás — respondeu, conclusivo. — E Caroline sabe que não poderá discordar.

— Não enxerga que ela está infeliz?

Ele encarou a esposa, incrédulo.

— E o que sugere? Que ela escolha o marido?

Começou a rir, com deboche. Antonelle, entretanto, não se rendeu.

— Poderíamos procurar saber o que ela pensa sobre o assunto.

– É claro que não! A minha decisão já...

Ele emudeceu. Algum pensamento lhe trouxe uma alteração súbita no olhar.

Raciocinou, por alguns momentos, então voltou a olhar para a esposa. – Está bem. Vamos falar com ela.

Caroline estava sentada sobre sua cama, abraçada a uma grande almofada.

Murmurou qualquer coisa quando ouviu baterem à porta.

– Caroline, meu bem... – anunciou-se a sua mãe.

A menina recuou ao ver o pai.

– O que ele está fazendo aqui?

– Calma, minha filha! – disse Antonelle, com a voz firme. – Só queremos conversar com você.

Todos se sentaram. Caroline continuava incomodada com aquela presença, evitando olhá-lo.

– Comece, Enézio – encorajou a esposa, com uma expressão esperançosa.

Enézio limpou a garganta, procurando palavras.

– Sua mãe sugeriu que conversássemos sobre o seu noivado com Demétrio.

– Eu não quero esse noivado! – adiantou-se.

O pai saboreava aquela resistência com uma expressão satisfeita.

– Decidamos, então, se a festa desta sexta-feira será uma mera ocasião para a sociedade ou, de fato, o anúncio *definitivo* do seu noivado – inspirou ar com força antes de continuar. – Sabe, Caroline, você é uma garota que pensa que só será feliz quando não tiver ninguém lhe dizendo o que fazer ou para onde ir, estou errado?

Ela se surpreendeu ao ouvir aquilo. Eram as aspirações mais íntimas do seu coração.

— É por isso que vim aqui hoje. Para lhe dar opções — lambeu os lábios, meticoloso. — Quero saber se você deseja adotar esta independência em sua vida. Se disser que sim, eu lhe darei toda a liberdade que tanto quer.

Os olhos da menina brilharam. Antes que se manifestasse, ele revelou o outro lado da história:

— Porém... — levantou-se daquela maneira que tanto a irritava. — Eu pensaria bem se fosse você. Caso decida que sua vida permaneça como sempre foi, estará sujeita a acatar *todas* as minhas ordens e decisões, sem argumentar. Do contrário, se quiser mesmo ser independente, o será em totalidade. Isso quer dizer que tudo o que eu possuo, como as roupas que veste e a cama onde dorme, já não serão mais do seu usufruto. Obviamente, o meu ouro também não...

Antonelle não estava gostando do rumo daquela conversa. Sentiu-se culpada; devia saber que ele não teria aceitado dialogar com a filha se não esperasse sair em vantagem.

— Eu sabia que suas intenções não eram boas — murmurou Caroline, decepcionada.

— Ora! — arregalou os olhos, incrédulo. — Estou lhe dando a oportunidade de escolher o que é melhor para si mesma, sem forçá-la a nenhuma das opções. Não sou um bom pai?

— Mas como conseguirei dinheiro?

— Ah! — ele exclamou longamente. — Esta é outra *questão*! Para quem queria tanto ser independente, é estranho não saber que liberdade implica em correr atrás das próprias necessidades.

— Acontece que não pretendo explorar ninguém — resmungou, com os dentes cerrados. — Caso contrário, seria bem fácil, não concorda?

As sobrancelhas do barão baixaram e a tensão aumentou entre os dois.

Antonelle, com a voz alta, interferiu:

— Marido, não seria melhor...?

— Esta é a oportunidade que ela sempre quis! — interrompeu-a, definitivo. — Vamos ver se saberá aproveitar! O que me diz, Caroline?

A menina pôs as duas mãos na testa, inconformada. Devia haver um meio de se aproveitar daquelas condições. Mas eram tão extremas! Ou ela se submetia completamente às decisões do pai por toda a vida ou se marginalizava.

— Tudo o que eu queria era poder decidir o que é melhor para mim — explicou, com a voz fraca. — Será que o senhor não tem um coração? Uma consciência que lhe diga o quanto está sendo cruel traçando rumos na minha vida e que não me farão feliz?

— Já apresentei minhas propostas. Fora a resposta, nada que você disser vai...

— ORA, POR FAVOR! — levantou-se, exasperada. — Não quero abandonar nada, só quero poder ser influente no que diz respeito à minha própria vida!

— Está escolhendo a liberdade?

— Não! Quero dizer...

— Está se contradizendo!

Quase ria diante do pânico da filha. Antonelle saboreou novamente a sensação de culpa, embora sua intenção fosse conseguir o contrário do que aquela conversa se tornou.

— Não tenho todo o dia, Caroline...

Ela suspirou. Após um longo silêncio, trêmula de raiva, respondeu:

— Faça o que quiser de mim.

— Ora, que surpresa! Jurava que decidiria o contrário — riu. — Vamos descer, Antonelle. Tenho mais alguns convites a providenciar...

Caroline correu até ele e se ajoelhou, agarrando-lhe as vestes.

— Ao menos, case-me com Filip! — implorou.

Enézio olhou para ela novamente, com as sobrancelhas franzidas. Corando, Caroline tornou a ficar em pé.

— É que... — abriu um leve sorriso. — Sei que posso vir a amá-lo, como uma esposa deve amar um marido. Ao contrário deste outro...

Baixou a cabeça, ainda envergonhada pelo que era praticamente forçada a admitir.

— Nossa filha está certa, Enézio — ajudou Antonelle. — O duque é amigo da família há anos, e Filip parece ser realmente o homem mais conveniente para nossa filha.

— Mulher, você há de concordar que a maneira como Caroline se recusou ao noivado...

— Papai, se houvesse uma maneira de eu voltar atrás...

Os olhos dela suplicavam, na direção do coração gelado do barão. Antonelle o encorajava a acatar.

— Eu só fiquei assustada, naquele dia! — justificou-se. — Foi tão de repente...

— Temos que concordar com ela! — reforçou a mãe.

— Aquilo foi, sim, um grande ato de rebeldia da sua parte! — bradou, definitivo.

As duas ainda o olhavam com uma insistência oculta nas fronteiras. O barão parecia inflexível.

— Minha decisão permanece. Há de se casar com Demétrio.

— Não! — exclamou, aflita. — Papai, aquele homem...

— *O acordo!* — lembrou-a. — Está sujeita às minhas decisões sem interferência.

Dirigiu-se à porta, totalmente alheio ao medo que assombrava sua pequena. Caroline nada sabia sobre aquele com quem viria a dividir seus lençóis, e a impressão que ele lhe deixara fora asquerosa.

Sentiu os olhos inundarem. Sua mãe olhava para trás, cheia de pena da garota, mas sem poder algum sobre a decisão do esposo. Num último ato

desesperado, enquanto ainda restava uma fresta aberta da porta pela qual seus pais saíam, Caroline gritou:

— Filip me desonrou!

Tapou a boca, apavorada. A fresta na porta permaneceu por alguns momentos, até voltar a se abrir, revelando um barão muito aturdido.

— O que disse?

— É isso! — soluçou. — Ele tirou minha honra... Ah, não gosto de me lembrar desse dia! É por isso que prefiro me casar com ele. Não posso me casar com um homem, já tendo sido tocada por outro...

Atirou-se em seu colchão e forçou um choro desesperado, enquanto mantinha os ouvidos atentos à reação dos pais. Sentia os baques do coração acelerado, sem saber se comemorava ou abominava aquela ideia mentirosa.

— Enézio, não permitirei que Caroline se case com outro homem, nessas condições! — afirmou Antonelle, rígida. — Conhece as histórias!

— Que histórias, mulher?

— Uma mulher desonrada, se noivada com outro homem, traz maldições! Há casos das inúmeras que morreram misteriosamente no décimo quarto dia após a cerimônia... As que enlouqueceram... Coisas horríveis começam a acontecer para a família, e a reputação de toda a sua geração, de todo o seu sobrenome, acabam destruídas!

Ao ouvir a palavra reputação, Enézio pareceu ajeitar-se, temeroso. Estava perdido no meio de tanta informação. Antonelle colocou as duas mãos no rosto, chorosa, e se debruçou ao lado da filha, abraçando-a.

— Não podemos nos submeter a isso! Nossa filha, nossa honra, nosso brasão! Estas terras nas mãos dos Malditos...

O barão encarava as paredes, absorto. Então, o rosto contorcido de Antonelle encontrou o de Caroline e se modificou num sorriso de cumplicidade.

— Caroline... — chamou o pai, ainda em choque. — Como foi que...?

— Por favor, não me obrigue a me lembrar...

Enterrou novamente o rosto contra o colchão. Os passos fortes do seu pai ecoaram no chão de madeira, e ele a ergueu pelos cabelos.

— Diga!

Surpresa e amedrontada, ela começou a inventar, com a voz trêmula:

— Foi... Foi na noite do casamento!

O barão a soltou, prestando mais atenção.

— Explique tudo.

— Estavam todos tão distraídos com a festa que sequer ouviram meus gritos!

Ele me levou a um lugar... escuro... havia árvores... Oh, Deus!

— Mas como você pôde deixar, Caroline?

— Ele é muito mais forte que eu! — choramingou. — Tentei resistir, mas foi em vão. Foi por isso que saí correndo, quando o senhor disse que eu me casaria com ele. Eu estava amedrontada!

— E, agora, diz que *gosta* desse rapazinho?

— Apenas tentei poupá-los disso...

Enézio bufou, cruzando os braços. Antonelle se aproximou dele, aproveitando o raro instante de vulnerabilidade do marido.

— Será melhor para todos se...

— Eu sei o que é melhor! Caroline *não* se casará com Demétrio, nem com Filip nem com ninguém! Mande o escrivão refazer os convites da festa. Não anunciarei noivado algum.

Ela baixou os ombros, aliviada. A sensação, no entanto, não durou muito

— Anunciarei, por outro lado, a partida de Caroline para o convento.

— Convento? — espantou-se.

— Exato — concluiu, sem olhar para nenhuma das duas. — Sua alma precisa ser limpa. Além disso, após todos os escândalos que já me rendeu, sei que a sociedade aprovará minha atitude.

— Mas papai...

— Ou acaso está mentindo para mim?

Encarou-a tão ameaçadoramente que quase arrancou sua voz. Ela baixou a cabeça.

— Ótimo — estufou o peito. — Quanto àquele rapazinho... Meus homens darão um jeito nele.

— NÃO!

Caroline se atirou ao pai, segurando seu braço. Derrubava lágrimas, agora verdadeiras, em visível contradição.

— Enézio... — Antonelle tentou, contida. — E a maldição? Nós não podemos...

— Dane-se a maldição! — berrou. — A alma de Caroline será salva, e nossa honra também. Meus capangas irão atrás do infeliz, vão lhe dar uma boa surra. Depois disso, se ele ainda viver, há de passar o resto dos dias na prisão.

Saiu bruscamente, deixando para trás uma filha em prantos e uma esposa apavorada.

— Mamãe... — chamou, sem forças. — O que foi que eu fiz?

Antonelle se aproximou dela e a abraçou.

— Agora, tudo está muito pior! — lamentou. — O que será de Filip? Ele será incriminado por algo que não cometeu, e a culpa é minha...

— Calma, minha filha, sei que encontraremos um jeito...

Caroline olhou para o chão, sem esperanças. Sabia que a única solução existente estava em suas mãos. Respirou profundamente e se levantou, determinada.

— Filha, aonde vai?

— Vou desmentir tudo ao papai — decidiu. — Não importa o que me acontecerá, mas Filip não sofrerá nenhuma consequência por um erro meu!

— Caroline, não!

Antonelle conseguiu contê-la, desesperada.

— A impulsividade é uma amiga traiçoeira — aconselhou, com os olhos molhados. — Reflita antes de agir! Minha avó me dizia isso sempre...

Abriu um sorriso saudoso, abrandando a força das mãos sobre a filha.

— Ah, minha avó... Ela estaria tão orgulhosa de você!

Ainda sorrindo, Antonelle se sentou na beirada da cama, chamando a filha para perto de si.

— Sente-se aqui. Vou lhe contar uma história.

Caroline lançou um último olhar em direção à porta entreaberta, mas cedeu ao pedido da mãe. Sentou-se sobre o colchão e a ouviu falar de Antonieta de La Chauvenière, sua bisavó, de quem a mãe herdara um dos sobrenomes. Não tivera tempo de conhecê-la; morreu de uma doença nos pulmões, antes mesmo de Elizabeth nascer. Ao menos, era o que sempre lhe disseram...

— Na verdade — explicou Antonelle —, só Deus saberia dizer do que ela faleceu, após todos esses anos! — riu diante dos olhos confusos da menina. — De qualquer maneira, creio que a história dessa mulher fará bem a você.

“Antonieta, quando muito nova, apaixonou-se por Ernest, filho de um duque muito poderoso da época. Os dois se conheceram numa festividade de um amigo em comum dos seus pais. Conversaram, riram e não demorou até se apaixonarem um pelo outro.

“Começaram a se corresponder em segredo. Em suas cartas, Ernest declarava abertamente o seu encanto por ela, e Antonieta respondia com o mesmo fervor. Mil juras foram trocadas, e pareceu-lhes que cada uma se concretizaria quando os pais deles, mesmo sem saberem da existência de tão forte sentimento, os proclamaram noivos.

“Porém, algumas semanas após a festa do noivado, a praga atingiu as terras do duque. A família de Ernest perdeu tudo, inclusive o prestígio. Na ocasião, Antonieta escreveu uma longa carta para ele, jurando que aquilo jamais afetaria seu sentimento, pois „o amor não é feito de ouro, embora meus olhos brilhem como tal quando eu o vejo". Palavras dela! Seu pai, contudo, não pensava da mesma maneira. Tão logo o duque empobreceu, ele tratou de declarar o noivado desfeito. Passou a mão da sua filha a Romião, um homem rude, muito diferente dela, porém igual em riquezas.

“Antonieta continuou se correspondendo com Ernest. Então, a jura mais importante foi trocada: prometeram um ao outro que tudo o que haviam sonhado juntos haveria de se realizar! É claro que ela chorava todas as noites, e Ernest, por vezes, duvidava que conseguiriam. A chama da esperança, no entanto, permanecia acesa.

“Meses mais tarde, a mãe de Ernest faleceu. Após o luto, o duque decidiu se mudar para terras distantes, a fim de tentar reconstruir a vida como vassalo em uma média propriedade. Como ainda possuía o título de duque, conseguiria regalias e privilégios que fariam valer a pena o recomeço.

“Foi quando Antonieta escreveu sua carta mais triste. Nela, contava sobre seu casamento com Romião. Tentara resistir, mas, afinal, ambos compreenderam que o amor entre eles era sólido, porém impossível. Com muitas lágrimas, combinaram um último encontro, às escondidas, no dia do casamento dela. Ernest viajou muitas milhas e chegou à festa, por entre as árvores. Antonieta correu até ele e se despediram com um sempre último beijo, seguido de infinitos outros, e muitas lágrimas. Nesse dia, fizeram um pacto: seguiriam suas vidas como o destino cruelmente lhes impusera, sem mais se torturarem com a lembrança constante daquele amor, que era tão lindo. „Não o estraguemos com mais lágrimas", disseram um ao outro. E, assim, se despediram para sempre.” Antonelle enxugou os olhos com um lenço, antes de continuar:

— Aquele adeus durou quinze longos anos. Foi nesse tempo que ela teve seus oito filhos, incluindo minha mãe, a sua avó Constantine, e se acostumou com o desprezo e frieza de Romião, que não arrefeceram, com o passar do tempo. Até que encontrou todas as cartas de Ernest, as quais mantivera escondidas em um pequeno baú chaveado. Releu todas elas, revivendo cada

instante daquele amor, que jamais morrera dentro de si. Após ler a última delas, num impulso incontrolável, escreveu uma nova carta para ele. Dizia simplesmente que pensara nele, e se lembrara do amor tão lindo que viveram, com saudade. Torcendo para que ele não tivesse deixado aquelas terras, onde trabalhava com o pai, pediu à mensageira e confidente para entregá-la. Dias depois, a moça retornou, e Antonieta ficou muito triste quando viu o papel ainda em suas mãos. No entanto, não era a sua carta retornada, e sim uma resposta.

— Mas Ernest já não estava casado, depois de tantos anos?

— Era o que ele explicava na carta. Após seu último encontro com Antonieta, prometera a si mesmo que não se casaria enquanto não conseguisse esquecê-la. E, como não conseguira...

“Foi o suficiente para que, numa decisão ousada, ela deixasse a casa, o marido e os filhos, e partisse ao encontro do seu amado sem cavalos nem charretes. Não haveria tempo de terem combinado; Antonieta partiu naquela mesma noite. Ele morava muito longe, mas ela sabia o caminho.” — E eles se encontraram?

Antonelle ergueu os ombros, sem saber responder.

— Aí está o mistério. Nunca se soube se ela o encontrou ou faleceu no caminho. Agiu com a imprudência dos apaixonados, entregando-se ao risco da própria morte por uma existência que só teria sentido ao lado de uma pessoa.

O silêncio permaneceu por muito tempo. Caroline estava fascinada com a ideia da existência de uma mulher tão corajosa, e num tempo tão anterior ao seu! Antonelle continuava sorrindo, com algumas lágrimas saudosas escorrendo, de vez em quando.

— Como sabe disso tudo? — perguntou, enfim.

— Dinah, a mensageira confidente, revelou essa história às filhas de Antonieta em seu leito de morte, informando reservadamente àquela que seria a minha mãe a suspeita de que ela era poderia ser o fruto vivo daquela história de amor, se é que me entende... — o olhar apavorado de Caroline mostrou que sim. — Sua avó, por sua vez, contou para mim. E eu estou contando a você.

Caroline ainda não acreditava no que a mãe dissera por último.

— Então, quer dizer que o seu avô... O meu bisavô... Pode não ser Romião, e sim Ernest?

Antonelle fez que sim. Enxugou os olhos, emocionada.

— São apenas suspeitas, é claro. Jamais falei disso com seu pai, obviamente, ou ele pode me rejeitar por eu não ter o sangue puro dos Chauvenière... — revirou os olhos, zombando.

— Mamãe... — uma compreensão pareceu alegrar os olhos da menina. — Se for verdade, isso explica por que você não herdou a arrogância de Romião, como as tias do sul. Ou por que Elizabeth e eu somos tão diferentes das nossas primas... —

— ela abriu a boca. — Será possível que esse meu anseio por justiça é uma marca de Antonieta e Ernest em meu sangue?

Antonelle já sabia como responder àquilo.

— Caroline, lembra-se do colar que lhe dei no dia em que sua irmã se casou?

— É claro! — apertou-o entre as mãos. — Não o tiro do pescoço!

— Este colar pertencia a Antonieta. Foi presente de Ernest. Quando ele ainda era rico, presenteou-a com esta joia no dia em que declarou seu amor. Desde então, o único dia em que ela deixou de usá-lo foi em seu casamento com Romião. Dinah alegou tê-lo encontrado no gramado, logo em frente à casa. Antonieta deve tê-lo perdido, na pressa da fuga.

Caroline continuou olhando para a joia, sentindo que ela se tornava mais valiosa a cada minuto.

— Foi por isso que o dei a você. Seu temperamento sempre me lembrou muito essa história! E creio tê-la repassado à geração seguinte no momento certo. Lembre-se da lição que Antonieta nos deixou: se tivesse se apressado em encontrar sua felicidade, talvez tivesse posto tudo a perder. No final, ela teve a oportunidade de viver seu amor tranquilamente, sem ninguém desconfiar o suficiente para persegui-los. Nunca saberei, mas algo me assegura de que ela conseguiu reencontrar seu grande amor.

Caroline estava hipnotizada.

— Mamãe, é uma história incrível — observou, deslumbrada. — Mas eu creio não poder me dar ao luxo de esperar, agora... O que poderá acontecer a Filip se eu não corrigir rapidamente o que criei?

— Você deve admitir que foi impulsiva. Inventar aquela história sem pensar nas consequências! Enfim, para o feito que não pode ser desfeito, existe sempre a sorte de uma nova boa ideia. Para isso, você sabe, é necessário paciência...

Caroline sorriu, apesar de ainda se sentir triste. Antonelle beijou sua testa e levantou-se. Vendo a filha ainda apreensiva, segurou seu queixo carinhosamente.

— Não interessa o que fará, nem como. Tudo o que peço é que pense com muito cuidado antes de qualquer atitude. Lembre-se que você só existe porque sua bisavó esperou chegar o momento certo para agir!

Piscou para a filha e deu-lhe as costas, mas seu coração de mãe temia pelo futuro da menina. Liberdade, no entanto, também significava aquilo: deixar os filhos cometerem os próprios erros.

Caroline a chamou, antes que saísse do quarto.

— A senhora parece gostar tanto do exemplo de Antonieta... Como continua suportando viver com o papai?

Antonelle fechou os olhos, com a expressão serena.

— Por que a sua bisavó sorria no momento em que disse “sim” a Romiã?

Deixou Caroline com aquela intrigante interrogação, reforçando, antes de fechar a porta:

— Cuide bem da sua história, minha filha. No final das contas, ela é sempre tudo o que nos resta.

CAPÍTULO 10

A DESCOBERTA

Viu-se diante de uma gaveta semiaberta, com uma chave grossa e dourada reluzindo sobre seu puxador. Era a única que possuía fechadura. E estava destrancada...

Caroline passou grande parte do dia remoendo a história de Antonieta. A cada vez que a relembrava, sentia um respeito e um orgulho indescritíveis crescerem por aquela mulher. Com isso, aquela que era apenas mais um nome na memória dos antepassados falecidos transformou-se, de repente, num ícone.

Gostava, em especial, do momento da fuga; podia vê-la, em sua imaginação, sentindo um frio na barriga e um calor no peito, como se fosse ela própria que vivia o momento. Segurando a pedra do colar, agora mais preciosa do que nunca, olhou para as nuvens, como se visse a própria Antonieta. Imaginou como ela se sentiu no dia em que fugiu. Não julgou que sentisse medo, nem que tivesse hesitado, por maiores que fossem os obstáculos no caminho. Pelo contrário, imaginava-a forte, guerreira, firme em seu ideal. Que orgulho sentia dela!

E que ideais tenho eu? – pensou, numa inevitável comparação. Quantas vezes já não se rebelara, mas a troco de quê, exatamente? Tudo o que fizera, até então, era soltar uma ou outra palavra grosseira e bater os pés no chão, com teimosia. E o que conseguira? Afinal, pelo que lutava?

Decidiu curar sua agonia espiritual com o padre Reynald.

Atravessou o grande salão, grata por não encontrar o pai, e deixou a casa. Aproximando-se da capela, começou a se sentir menos culpada. Já imaginava o padre sorrindo para ela daquele jeito brando, pedindo para se acalmar diante dos planos de Deus para a sua vida. *É como tem de ser, Carolyn!* – diria, decerto. *É seu papel no mundo...*

Ela passou pela grande porta de madeira escura. Fez a costumeira reverência ao altar, cobriu a cabeça com o véu lilás que trouxera consigo e

caminhou pelo corredor central até uma pequena entrada lateral que levava ao aposento do padre.

– Padre Reynald...

A portinha, estreita e alta, estava entreaberta. Caroline aguardou por alguns momentos e, julgando não ter sido ouvida, aumentou a fresta devagar, empurrando a porta.

Adentrou metade do corpo, espiando o cômodo, uma espécie de escritório fundido à sala de estar. O dormitório ficava atrás de outra porta, aos fundos. Por todo o espaço, via papéis, quadros, livros, as pequenas poltronas de veludo vermelho e a bandeja com um bule de chá e uma única xícara suja.

O ambiente era tão acolhedor que Caroline foi atraída para dentro quase sem notar. Sentiu uma calma repentina na atmosfera de meia-luz que as cortinas

escuras proporcionavam. Acomodou-se em uma das poltronas, balançando a cabeça para trás, relaxando o pescoço tenso. De vez em quando, naquela paz, tudo parecia certo e resolvido. Assim que pensava em Filip, contudo, lembrava, com amargura, que grandes problemas a esperavam lá fora.

Inquietou-se, aflita. Queria que o padre chegasse logo, para ouvir sua voz amiga confortar seu coração enquanto confessava. Levantou-se e caminhou pelo recinto, observando alguns quadros, até bater os olhos na mesa. Nela, havia duas pilhas de papéis, uma outra, de uns livros grossos com capas escuras, e mais duas ou três no chão.

– O padre precisa arrumar este lugar com mais frequência... – comentou, divertindo-se.

No centro daquela mesma mesa, havia um grande livro aberto. Caroline olhou para a página aberta, imaginando se haveria uma mensagem de Deus escrita ali, para ela.

Deu-se a liberdade de se sentar à cadeira de encosto alto onde o padre passava a maior parte do tempo. Sorteou, com os olhos, qualquer parágrafo do livro aberto e começou a ler, entretida. O entusiasmo, porém, acabou logo; estava tudo em latim! Vasculhou mais alguns livros, abrindo-os diante de si, mas não parecia haver nenhum num dialeto que pudesse entender.

Soltou o último da pilha sobre a mesa, desiludida. Com a bagunça formada sobre a mesa, dois livros pesados caíram ao chão, com estrondo, e ela apressouse em recolhê-los. Foi quando se viu diante de uma gaveta semiaberta, com uma chave grossa e dourada reluzindo sobre seu puxador. Era a única gaveta que possuía fechadura. E estava destrancada.

Caroline descartou qualquer possibilidade de vasculhá-la. Seria uma grande invasão à privacidade de Reynald, que, afinal, era um amigo. Mas, enquanto suas mãos empilhavam os livros, seus olhos pousavam insistentemente naquela fresta aberta da gaveta, tornando seu trabalho automático e muito malfeito. *Não!* – pensou – *Vou terminar de arrumar estes livros e esperar pelo padre lá fora!*

Com impaciência, reordenou as pilhas de livros até deixar a mesa como encontrara. Quando terminou, recostou-se à cadeira, exausta com o peso daqueles livros imensos, e fixou os olhos num ponto seguro à sua frente. Porém, no canto da sua visão, aquela frestinha parecia chamar por ela...

– É um erro... – sussurrou. – Um grande erro!

Olhou para a gaveta como se a desafiasse. No fim, deixou-a vencer a batalha, e a abriu com um movimento rápido. Havia uma série de folhas soltas, alguns objetos circulares e um livro pequeno, também em latim, cheio de pequenas frases que Caroline daria tudo para poder saber o que significavam.

Entre os papéis, havia algumas peças metálicas que ela não reconhecia, uma chave pequena, um vidro cheio de pequenas bolas que pareciam ser de chumbo e, debaixo de tudo, meio escondido, um livro mais largo, e tão grosso quanto aqueles com os quais ela lidara até então.

Ergueu os papéis sobre o livro para ver o título, mas não havia nada gravado sobre a capa escura. Puxou o livro para fora e o colocou sobre a mesa, diante de si. Observou atentamente a primeira página, que continha apenas uma dedicatória:

Para o amigo Reynald, pela grande cooperação em todos esses meses.

Que lhe seja de bom proveito esta raridade. E não te esqueças de manter Pe. Augustino

“Não te esqueças de manter sigilo”. O livro praticamente pedia para ser lido! Caroline virou a outra página, com mais vontade e curiosidade que antes, e encontrou escrito, em letra manual, no centro da folha: *Bíblia Sagrada.*

Ela piscou algumas vezes e leu mais uma vez: Bíblia Sagrada. O padre vivia recorrendo às suas citações, mas sempre em latim, sempre em latim, sempre em latim. Aquela era sua grande chance de saciar parte da curiosidade e, por fim, entender aquelas escrituras!

Olhou em volta, apurando os ouvidos. Tudo estava silencioso e parado como no momento em que ela chegou. Então, avançou nas páginas, com muito cuidado; várias estavam soltas, como se aquilo fosse uma maçada de papel escrita e anexada a uma capa vazia.

— Quem sabe não está aqui o meu recado de Deus! — sorriu, esperançosa.

Abriu em uma página qualquer e mergulhou num parágrafo, que leu muito com atenção. Sua expressão, outrora curiosa e animada, foi-se fechando até se transformar em indignação.

— Mas o padre sempre disse... Ele sempre falou que...

Passou vários minutos lendo, cada vez mais velozmente, e com crescente inquietação. Começava a respirar com força.

De repente, a porta estreita se abriu. Era o padre. Ele parecia distraído e tranquilo, mas bastou ver Caroline sentada à sua mesa que deu um salto.

— *Carolyn!* — exclamou, falando mais rápido do que o normal. — O que faz aqui?

Caroline não se espantou. Não se sentiu flagrada, tampouco culpada. Ergueu os olhos franzidos e irados para Reynald, levantando-se sem pressa.

— O senhor mentiu para mim por todos esses anos, padre.

Ele ficou em silêncio, completamente desentendido.

— Por que isso, *Carolyn?* Eu nunca pensaria em...

— Padre, agora eu sei... Sei a verdade, a maior verdade de todas!

— Que verdade, criança?

Ela ergueu a Bíblia que estivera lendo ao alcance da visão do padre. Ele soltou uma exclamação surpresa.

— Mexeu em minhas coisas! — advertiu-a, sério. — *Carolyn!* Eu devia mesmo era... Era...

— Devia mesmo era começar a ler o que está escrito aqui, em suas celebrações! — aproximou-se dele, iluminada de ideias. — O senhor vive nos dizendo que somos da maneira como Deus quer, que assim nascemos e que assim morreremos, para depois, em latim, dizer o oposto sem que ninguém saiba...

— Dê-me este livro! — irritou-se, puxando-o das mãos de Caroline.

— Padre, tudo o que eu li falando sobre liberdade... Que o homem é livre para escolher o seu caminho, que Deus nos trouxe ao mundo com o direito da escolha!

O *livre-arbítrio*, padre!

— *Carolyn* — baixou a voz, nervoso. — Não deve dizer a ninguém sobre o Livro Sagrado que guardo em minha gaveta.

— Mas por quê?

— Por quê... Por quê... — rendeu-se. — Ele não é normalmente encontrado, entende? A Bíblia só deve existir em latim. É proibido a traduzirem e divulgarem. Assuntos da Igreja!

Caroline levou as mãos à cintura.

— É claro... — concluiu. — Para que todos continuem achando que são escravos da vontade de Deus, quando Ele próprio nos enviou seu filho para pregar o amor e a liberdade...

— *Carolyn!*

Estava atônito com a esperteza daquela menina tão jovem. Sem mais uma palavra, Caroline o contornou e desapareceu pela porta. O padre abraçou o livro secreto e se jogou na poltrona, com o coração acelerado. *Que grande descuido...*

Caroline se sentia mais livre do que jamais se permitira ser. Afinal, se era uma resposta o que ela tanto buscava, conseguiu muito mais que isso: encontrou sua libertação.

Enquanto subia os degraus de mármore, parou no patamar em frente à porta, reparando em uma alta gaiola dourada, onde um belo pássaro branco era mantido. Ela o admirou demoradamente.

— Sei como se sente, amiguinho...

Ele inclinou a cabeça, produzindo um som leve e doce.

— E se, de repente, você descobrisse que a porta da sua gaiola nunca esteve realmente fechada?

Ela passou as mãos pelas grades da gaiola, divertindo-se com a reação da ave. Então, abriu a pequena porta.

O pássaro assustou-se, num primeiro instante, e saltou para outro poleiro, desconfiado. Porém, tão logo se viu diante da fresta aberta, disparou em direção ao céu azul que, até então, podia apenas ver. Caroline comemorou com ele aquela vitória, que só se tornou possível depois do susto que o colocou diante da porta para a sua liberdade.

LIBERDADE! Aquela palavra começava a se tornar mais forte e concreta, dentro de si.

Abriu a porta da sua casa com um sentimento intenso em sua alma, que parecia torná-la invencível. Estava radiante, satisfeita com suas próprias descobertas. Seu pai, que estivera ali o tempo todo, sentado em sua poltrona verde-musgo, viu a menina entrar e não pôde deixar de interrogá-la.

— Vai me dizer onde esteve, ou terei que seguir seus rastros de lama?

— Fui à capela, papai – respondeu, ainda com o sorriso nos lábios. – Estava conversando com o padre Reynald.

— A troco de quê?

— A sagrada confissão. Andei pensando... – olhou para ele, com o coração leve. – Talvez o senhor tenha razão em tudo o que sempre fez em relação a mim. É meu pai, tem o direito de indicar o caminho que acha prudente eu seguir. E, agora que o padre já me concedeu o perdão de Deus à minha teimosia, gostaria de ter o seu.

O barão deixou-se desmoronar com aquelas palavras. Fitou a filha por alguns instantes: Caroline olhava-o com serenidade, esperando por uma resposta como quem aguarda um abraço ou qualquer outra demonstração agradável de carinho.

— Acho bom que reconheça a sua incrível falta de prudência dos últimos tempos — respondeu, ainda sério. — Eu bem sabia que era uma questão de tempo e mocidade, e você aprenderia a respeitar e obedecer devidamente.

— Tenho o seu perdão? — insistiu, com a voz suave.

Desacostumado a ocasiões sentimentais, o barão gaguejou. Sem olhar nos olhos da filha, respondeu que sim, mandando-a subir para o quarto e perguntando-se, em seguida, que bicho a teria mordido.

Observou-a atingir os primeiros degraus da escada. Parecia tão feliz, tão cheia de paz...

— Caroline — chamou-a.

Ela se deteve, aguardando pelo que ele diria.

— Desça até aqui.

Colocou-se novamente à frente do pai, que pigarreou e ajeitou o casaco com as mãos.

— É sobre o seu casamento, na próxima semana.

Ela sentiu o estômago revirar.

— Casamento?

— Sim. Dadas as circunstâncias, decidi que você se casará com Filip.

Ela sentiu o coração aquecer, aliviada. Então, Filip não mais seria preso, nem ferido, ou mesmo morto. Um grande problema a menos!

— Sabe muito bem o motivo da minha decisão — avermelhou-se, cheio de raiva. — Minha filha não há de se casar com um homem, tendo sido desonrada por outro. Não será malfalada, para andar por aí a sujar nosso nome! E se, por qualquer motivo, esse casamento não acontecer, o seu destino será o convento, e o dele será aquele digno de um mau-caráter, que é o que ele é!

Ele tirou um lenço do bolso e limpou o rosto suado. Caroline fechou os olhos, por alguns segundos, agradecendo mentalmente a Deus por ter livrado Filip das mãos dos capangas do seu pai, pelo menos por ora.

Dinamene, que a todo o diálogo assistira, tinha os olhos escancarados. Pensou que jamais viveria para ver aquilo: um diálogo praticamente harmonioso entre aqueles dois, sem alterações na voz ou retiradas triunfais de Caroline. Daquela vez, foi com passos leves que a garota entrou em seu quarto, conversando consigo mesma:

— Sim, papai, o senhor pode pensar que sabe o que é melhor para mim.

Fechou a porta, lançando um olhar ambicioso pela janela, em direção ao horizonte.

— Mas quem traçará meu caminho serei eu.

CAPÍTULO 11

A FUGA DE CAROLINE

E, na última curva, um inesperado encontro quase lhe fez parar o coração...

Naquele entardecer, Caroline não pensou duas vezes antes de juntar algumas roupas leves e enrolá-las em uma trouxa. Pegou uma capa grossa, como a que usara quando fora visitar Bernardo, e a vestiu. Pela janela, a imagem do pai saindo pelo portão era o seu sinal positivo.

Assim que viu a carruagem se distanciar o suficiente, disparou para fora do seu quarto. Seu coração batia com força, a adrenalina tomava conta de todos os nervos do seu corpo. No rosto, o sorriso involuntário de quem concretiza uma ousadia. Atravessou um corredor, depois outro, passou por uma porta e, na última curva, um inesperado encontro quase lhe fez parar o coração.

— Dinamene! — levou a mão ao colo, ofegando. — Quase me mata de susto!

— Eu que diga! Que pressa é essa?

Notou a trouxa fofa nos braços da garota e franziu os olhos.

— Está indo a algum lugar, menina?

— Para onde quer que seja, não é do interesse de ninguém — desabafou, olhando em volta como quem se despede.

— Ai, menina! O que quer dizer com isso?

Ela se aproximou da serva, falando-se apressadamente ao ouvido.

— Dinamene, se alguém perguntar por mim, diga que não me viu, que estive em meu quarto o dia todo. Ninguém pode saber que me viu! Pode fazer isso?

Tinha os olhos tão aflitos que Dinamene não conseguiu negar.

— Mas... Para onde está indo, senhorita? Posso ajudá-la em algo?

Tinha a voz fúnebre, de quem prevê uma despedida. Com o coração pesado, Caroline pousou a mão no braço daquela que a vira nascer.

— Apenas reze por mim – pediu.

A mulher arregalou os olhos escuros, sem chances para mais perguntas. A menina beijou seu rosto e seguiu o resto do caminho, rasteira como uma serpente, até desaparecer por outro corredor. Com os olhos cheios de água, Dinamene fez o sinal da cruz.

— Bom Deus! Não deixe essa menina fazer nenhuma besteira...

Caroline chegou ao vestíbulo e virou-se para a imensa floresta que circundava a propriedade. Pareceu mais tentadora do que nunca, e também mais perigosa. Deu-se conta de que o seu plano não era simples como imaginara, mas enxergava ali a sua liberdade, o seu sonho de desaparecer por completo daquela vida de restrições e boas maneiras para uma outra, onde ela era senhora absoluta do seu próprio rumo.

O medo ameaçou assombrá-la, então ela se lembrou de Antonieta.

Respirando fundo, convenceu-se de que era plenamente capaz daquilo. Não voltaria atrás. Estava pronta.

Elizabeth continuava com aquele aperto constante no coração. Havia dias que o olhar agoniado e a testa franzida não lhe saíam do rosto, do amanhecer até a noite.

Estava na sala, a caminhar de um lado para outro, quando Jeán entrou na casa.

— Meu bem! – exclamou, indo até ele.

Ele recebeu com frieza os beijos da esposa e foi se sentar na poltrona, relaxando o pescoço.

— Alguma novidade enquanto estive fora?

— Nenhuma. E fora? Alguma notícia?

Ele suspirou algumas vezes, aliviando a tensão, e finalmente respondeu que não.

— Nem sobre meus pais? Sobre Caroline?

— Se estou dizendo que não há nada...

Elizabeth acatou a resposta, sem saber se devia sentir alívio ou alimentar sua preocupação. Jeán foi até a escada e ela o seguiu, segurando-o pela mão.

— Vamos lanchar juntos!

— Vou me lavar agora. Depois, eu peço qualquer coisa à cozinheira.

— Mas eu já pedi para ela começar a preparar o chá! Imaginei que chegaria logo, para dividir comigo a mesa.

— Depois do banho.

— Meu bem, por que não deixa seu banho para depois do...?

Jeán calou-a com um grito.

— Pois vá logo tomar este chá que tanto quer! Precisa que eu a sirva, é isso?

Soltou-se da mão dela e continuou seu caminho. Elizabeth continuou ali, paralisada.

— Eu só queria passar um tempo ao seu lado... Mas já não tinha ninguém ali para ouvi-la.

Caroline vestiu o capuz, cobrindo-lhe a identidade, e partiu em direção à floresta. Antes, porém, precisava parar em um certo lugar para uma informação essencial à sua fuga.

Bernardo estava sozinho no cercado, aplicando treinamentos de disciplina a três cavalos, de maneira simultânea. Os outros dois acabavam de entrar na cocheira, e Caroline ficou aliviada por aquilo. Quanto menos pessoas a vissem, melhor.

Ele viu a garota alcançar a cerca de madeira, sem chamar, acenar nem demonstrar qualquer indício de felicidade em estar ali. Desmontou do cavalo, limpando a testa com a manga da camisa.

— Não aguentou de saudades?

Caroline baixou o capuz, sem dar atenção à provocação. Foi logo ao assunto: — Onde fica?

— Onde fica o quê?

— Sei que você conhece uma passagem para fora daqui, pela qual entra e sai livremente. Quero saber onde ela fica.

De início, o rapaz ficou sério, absorvendo aquela pergunta. Mas não demorou muitos segundos até começar a rir, afastando-se da cerca.

— Fiz-lhe uma pergunta! Não ouse dar as costas sem respondê-la...

— Está certo, milady – olhou para ela com um desinteresse cômico. – Suponhamos que exista essa passagem. Como pretende encontrá-la?

— Da maneira mais fácil; procurando! Agora, se puder me ajudar, eu agradeceria. Não tenho tempo a perder.

— A fim de que pretende encontrar essa passagem?

— Para quê, senão para sair daqui?

— Escondida?

Caroline começava a se irritar em obter perguntas no lugar de respostas.

— Acaso lhe devo alguma explicação?

— Como quiser! – tornou a virar-se, com tranquilidade. – Pensei que quisesse minha ajuda. Mas vejo que pode se virar sozinha...

— Bernardo, eu... Espere!

Ele espiou, apenas, testando a paciência da garota.

— Pois bem – rendeu-se, contrariada. – Vou lhe dizer para onde vou! É para qualquer lugar bem longe daqui e de qualquer pessoa que saiba que eu existo. É para lá que eu vou, e é onde pretendo passar o resto da minha vida!

Suspirou, um tanto aliviada por ter despejado sua agonia interior. Bernardo apenas ouvia, sem demonstrar qualquer reação partidária.

— Quando pretende ir? – perguntou, neutro.

— Hoje. Agora. E pode ficar sossegado, porque, assim que me vir desaparecer, nunca mais vai precisar aturar a minha presença, nem eu a sua.

O rapaz passou uma das mãos pelo queixo tranquilamente, erguendo os ombros.

— Eu não colocaria as coisas dessa forma, milady. Nunca falei que a sua presença me estorva, embora também não me agrade. De qualquer maneira, não acho prudente partir desse jeito. Não agora.

Caroline riu com sarcasmo, não acreditando que o ouvia dando conselhos.

— Quem é você para me dizer o que devo ou não fazer?

— Já rodei muitas terras. Em meu caminho, tomei várias atitudes impulsivas, em momentos de revolta. Nem sei contar quantas! Eu me arrependo tanto de cada uma delas que a grande lição que carrego comigo é a de pensar antes de agir.

Caroline se aproximou da cerca com o olhar intenso.

— Acho uma pena que não a ponha em prática com muita frequência. Principalmente quando julga pessoas inocentes.

Bernardo cruzou os braços, incomodado. Compreendeu ao que ela se referia.

Tinha desejado não precisar mais tocar naquele assunto.

— Já não pedi perdão?

— Acha suficiente?

— Queria que eu me ajoelhasse? — irritou-se. — Viu o que aconteceu comigo, não viu? Diante dos fatos, a única pessoa que eu pensei que poderia ter me

— ...Foi aquela que tentou ajudá-lo.

Ela olhou para o alto, esquivando-se das lágrimas que ameaçavam apontar.

Bernardo também parecia tocado, e reconheceu que não havia saída.

— Mais uma vez, milady, peço que me perdoe.

— Pode morrer pedindo!

— Pois foi o que quase aconteceu — firmou a voz. — Saí na chuva, tentando me redimir, e, à noite, delirei de febre. Por sorte, tínhamos as folhas que me

havia trazido...

Admitia aquilo com relutância. Mesmo assim, reconheceu o gesto da menina. – Foram muito úteis. Fico grato.

– Agradeça ao seu pai, que foi nos procurar e me amoleceu o coração – corrigiu, seca.

O que tanto comovia Caroline, no entanto, era outra lembrança, cuja marca Bernardo não pôde deixar de notar.

– Machucou o rosto? Parece marcado...

Caroline levou a mão ao lado em que seu pai lhe atingira o tapa, sentindo crescer o aperto no peito.

– É o resultado da minha generosidade ingênua. Foi o que ganhei em troca da minha tentativa de ajudá-lo em segredo.

– Não entendo o que está tentando me...

– Foi meu pai.

Bernardo prendeu a respiração, surpreso.

– Satisfeito? – a voz dela tremia ligeiramente. – Eu não quis contar a ele para onde tinha ido, para que não acabasse punindo alguém da sua família, então ele...

Limpou o canto dos olhos, resmungando em voz alta.

– Enfim – retomou a postura. – Parece que não vai me ajudar mesmo. Se me dá licença, tenho uma passagem a encontrar.

Ele continuou absorvendo aquelas informações, quieto, e não percebeu que ela se afastava. A tempo de alcançá-la, saltou por cima da cerca e a deteve.

– Não pode ir embora assim.

– Ah! De repente, você se preocupa comigo...

– Milady, não sabe o que vai encontrar na floresta. A mata é muito fechada e perigosa, e a passagem não fica perto. Custa-me um bom tempo a cavalo, e não imagino que seja capaz de encontrá-la a pé, sem conhecer o caminho.

— Então, explique-me! — encarou-o, impaciente.

— Não é simples assim. Conheço a trilha, mas não é algo que...

— Ah, *muito* obrigada...

Continuou seu caminho, deixando-o para trás. Bernardo apertou os olhos, já se acostumando com aquilo.

— Isso. Vá! Fuja dos seus problemas. Está provando que é uma grande covarde.

Contou mentalmente até três, e ela parou antes da sua contagem acabar. A menina olhou para trás, com os olhos em chamas.

— Se soubesse metade do que tenho passado...

— Exatamente por isso — explicou, sensato. — Imagino que tenha problemas, sim. E, ao invés de enfrentá-los, está mostrando que prefere abandoná-los. Digame, como pensa que vai sobreviver?

— Darei um jeito!

— Na *sua* sobrevivência. Mas aposto como está deixando uma série de pendências para trás.

— Só tenho contas a resolver comigo mesma! Eu não...

Engoliu seco, lembrando-se de Filip. Se partisse, não haveria casamento! E seu pai já havia deixado claro o que aconteceria ao pobre rapaz, caso isso acontecesse.

Voltou os olhos para o castelo, pálida. Não precisou dizer nada para ele perceber o efeito que surtira sobre ela, então apenas se aproximou, com a mão estendida:

— Uma carona de volta, em troca do seu perdão?

Ela ameaçou resistir, implicante, mas o sorriso gentil e paterno que viu nele mostrou que não havia qualquer intenção de zombaria. Fez que sim com a cabeça, amuada, e aceitou a ajuda dele para montar sobre o cavalo, atrás dele.

Embora não tivesse dito nada, sentiu-se muito grata a ele. E pensar que, por muito pouco, não deixara Filip para trás, sob a sombra da mentira que ela inventara, podendo ser ferido, ou mesmo morto, por algo que jamais sequer chegara perto de cometer.

— Precisa tomar mais cuidado — aconselhou ele, assim que chegaram. — Os guardas certamente a viram sair, mesmo sem você saber. Se for tentar de novo, planeje com mais cuidado.

— Não venha me dizer o que fazer. Jamais entenderá o que estou sentindo!

Bernardo olhou para outro lado, abrindo um leve sorriso.

— Não é a única que deseja se livrar daqui.

Ela o mirou, calada. Bernardo sonhava, olhando para o topo do castelo.

— Quer dizer que você também...

— É claro que seria muito difícil, já que sequer tenho um cavalo!

— Você tem este.

Ele deu batidinhas carinhosas no pescoço do animal.

— Meu pai o conquistou com o suor de mais de sete anos de trabalho. Como posso simplesmente me apossar dele? Além do mais, eu precisaria de um bom cavalo. O melhor de todos...

Falou quase sem perceber, sonhando alto. Quando aterrissou de volta à realidade, deparou-se com Caroline, que olhava-o sem compreender o motivo de tanta exigência.

— Esqueça, milady. São só pensamentos...

Caroline ajeitou o pano sobre a cabeça, ao passar pelos empregados que cuidavam do jardim. No entanto, não adiantou muito; chegando ao primeiro degrau da escada, uma voz congelou seu coração:

— Boa tarde, senhorita.

Espiou com o canto do olho, aliviada em ver que não era nenhum guarda.

— Boa tarde, Anita.

Seus olhos pareciam sedentos por novidade. Deixou de lado os arbustos que aparava e observou a menina subir as escadas, com um sorriso malicioso em sua face corada e redonda.

— Dando um passeio?

Caroline voltou a olhar para ela, chocada com o interesse explícito da fuxiqueira. — Sim, Anita. Afinal, está um lindo dia. Com licença, sim?

Não subiu dois degraus quando ouviu um sussurro agudo atrás de si:

— Você não viu? Chegou com um rapaz! Até tentou usar o capuz para disfarçar, mas reconheci de longe...

— Anita!

A jardineira levou um susto tão grande que a tesoura saltou-lhe das mãos.

— Quando vai perder essa mania de falar da vida alheia? — perguntou a garota, cruzando os braços.

Recuperou a tesoura e voltou ao trabalho, com uma obediência forçada.

— Para a sua informação — continuou a garota —, o capuz é para me proteger do sol. *Apenas* isso!

— É claro! Como não, madame? — respondeu, ainda agitada.

Mas, assim que Caroline tornou a se virar:

— Não sei, não. Aquele rapaz a cavalo... Aí tem coisa!

Caroline até voltaria a ralar, mas reconheceu que seria em vão. Em poucos instantes, Anita já começava a falar de um mensageiro do dia anterior, e se perdia em novidades quentes sobre a vida do pobre rapaz, até encontrar outro mote interessante para abordar com as colegas de trabalho.

O passar da semana foi lento e confuso. Após tanto pensar, Caroline decidiu que a única saída, se não quisesse arruinar a vida de ninguém, era se casar com Filip e livrá-lo de uma sentença injusta, salvando também a si própria de um casamento com um desconhecido qualquer.

Já se acostumara com a ideia. O pai mandou distribuir convites por toda a alta sociedade. Todos estavam alvoroçados e só se falava, na cidade, do

casamento da filha mais nova do barão. Era o que Caroline ouvia o pai comentar, orgulhoso, sempre emendando que ninguém dava mostras de saber sobre o tal escândalo.

Ela disfarçava um sorriso, quando o ouvia falar naquilo. Não conseguia imaginar Filip desrespeitar uma garota, quanto mais fazer as atrocidades que ela inventara! Era com a consciência pesada que ela pensava no quanto ele era bondoso. Um homem que, decerto, lhe daria uma vida confortável, filhos saudáveis e uma imagem de bem-casada perante toda a sociedade...

... Tudo o que ela tanto repudiava naquela elite da qual fazia parte!

Dos males, o menor, refletia, numa tarde em que passeava os olhos pela paisagem. Lembrou-se da sua tentativa de fuga, e da confissão de Bernardo, de que também já desejara ir embora. Ele, sim, era feliz! Podia simplesmente partir quando bem entendesse, embora não possuísse dinheiro. Já ela, tinha muitas posses à sua disposição, no entanto...

Ela ficou em pé. Uma ideia tão genial surgiu em sua mente que ela não pôde esperar um só minuto para colocá-la em prática.

Faltavam dois dias para o seu casamento.

CAPÍTULO 12

O PRIMEIRO BEIJO

Era a primeira vez que palavras tão gentis lhe eram dirigidas. O destino não lhe fora tão cruel, afinal de contas...

Sozinha com os empregados, o que se tornara comum naquelas agitadas semanas que antecederiam o casório, Caroline vestiu sua capa e correu em direção ao setor dos cavalos. A ideia tilintava, fresca, em sua memória, e parecia cada vez mais perfeita.

Quem a viu primeiro foi William. Ele tomou o chapéu na mão, cumprimentando-a com um largo gesto cortês.

— Senhorita...

— Boa tarde, William! — respondeu, educada. — Onde está seu irmão?

O sorriso no rosto do moço sofreu um leve desencanto. Ele virou o rosto para a direção de Bernardo, que cavalgava em alta velocidade, fora dos limites do cercado.

— Estava no trabalho até agora — justificou-se, preocupado. — Não deve demorar a retomar as obrigações.

— Poupe suas explicações, William! Não estou aqui para fiscalizar ninguém.

Ele relaxou os ombros, retomando a expressão receptiva e serenamente feliz.

— Algum assunto particular?

— Particular? Não. Quer dizer... Oh, veja! Ele está voltando!

Bernardo se aproximava, cada vez mais veloz, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo. Batia os pés no dorso do animal, com os olhos pregados no horizonte à sua frente. Caroline girou os olhos, achando-o um tanto

exibicionista, ainda mais quando passou a poucos metros dela, envolvendo-a em seu rastro de poeira. Deu uma larga volta antes de parar completamente, fazendo o animal erguer-se nas patas traseiras, por um momento.

— Bravo! — aplaudiu, irônica.

— Milady! A que devo a honra? — divertia-se, no mesmo tom de voz.

Saltou do cavalo, acariciando-o e murmurando elogios encorajadores.

— Bem, vou deixar vocês conversarem — disse William, retirando-se.

Bernardo franziu os olhos, sem compreender.

— Como assim, *deixar vocês conversarem*?

— Eu disse ao seu irmão que precisava falar com você.

Ela se aproximou, com os olhos fixos no belo animal ao lado dele.

— Então, é este?

— Este... O quê?

— O *melhor cavalo*...

— Ah, sim! — sorriu, orgulhoso. — O próprio. O mais saudável, o mais veloz, o mais forte.

Ela ergueu as duas sobrancelhas, com um sorriso muito sugestivo, massageando a crina brilhante.

— Sem dúvida, é de um cavalo como este que você precisaria, para poder

— Embora eu tema que essa meta nunca será atingida, sim.

Caroline ficou calada por alguns instantes, sem olhar para Bernardo.

— O que o impede de roubá-lo?

Bernardo ficou surpreso. Como não respondeu, ela continuou, com o olhar de quem fala sobre algo muito óbvio.

— Oras! Conhece uma saída secreta. Pode muito bem partir no meio da noite, sem que ninguém o veja, e levar o cavalo com você. Quando perceberem sua falta, já estará longe...

— Milady, não está entendendo! — defendeu-se, ofendido. — Posso ser pobre, mas tenho dignidade. O pouco que possuo, devo ao suor do meu rosto...

— Está certo, Bernardo. Certíssimo! — ela parecia satisfeita, como se acompanhando o desenrolar favorável de um plano. — Mas se ganhasse o cavalo de presente e o levasse, não seria roubo...

Ela o encarou com um sorriso de negociante.

— Aonde pretende chegar?

— Sabe que meu pai jamais lhe daria um animal valioso como este. Mas eu, como filha do *poderoso* Enézio Mondevieu, poderia muito bem chegar e dizer “Tome, ele é seu”!

Ele ainda olhava para ela, muito alerta.

— Não é simples assim! Um animal deste porte vale uma fortuna. Este é o mais valioso dentre todos, nestas terras.

— E eu com isso? — ergueu os ombros. — Acha mesmo que o meu pai sentiria falta?

Bernardo não respondeu. Ela continuou o discurso, sussurrando em tom de segredo:

— Se ganhasse o cavalo, você iria embora daqui, não iria?

— Obviamente — cruzou os braços, aderindo ao jogo dela.

— E não se sentiria mal em partir sem me ter feito um único favor em troca do meu presentinho?

Bernardo riu, encarando-a de frente.

— Sua pequena comerciante...

Ela não disse nada. Apenas riu de volta, e seus olhares já denunciavam uma cumplicidade sigilosa.

— Diga o que quer — falou, com objetividade.

— Quero propor um acordo.

Ela respirou profundamente, selecionando as palavras, e explicou com cuidado:

— Na noite de sexta-feira, irei até sua casa. Sei que tem as chaves do celeiro; você as leva, nós destrancamos o portão, pegamos o seu precioso cavalo e entramos na floresta. A partir de lá, você me guia até a tal saída, pela trilha. É só o que quero de você! Uma vez fora da propriedade, cada um segue o seu caminho e você nunca mais precisa ouvir falar em mim.

Bernardo analisava a ideia, crítico.

— Teoricamente, é possível. Mas milady se esqueceu dos guardas que rodeiam o território...

— Não me esqueci! — afirmou, triunfante. — Uma festa estará acontecendo nesta noite. E você sabe que, nessas ocasiões, meu pai ordena a todos os empregados para permanecerem em suas casas. Isso inclui os guardas.

Bernardo franziu as sobrancelhas. Um momento depois, relaxou o rosto, parecendo convencido.

— Devo admitir que o plano é bom.

— E não é? — animou-se. — O que me diz, então? Temos um trato?

Ele se virou para o cavalo, inseguro.

— Não sei, milady. Eu...

— Por favor, Bernardo! Pense em sua liberdade!

Ele procurou mais algum argumento, mas o olhar suplicante da garota foi mais forte.

— Está mesmo certa do que está prestes a fazer?

— Absolutamente.

— Tem ideia do que significa? É algo radicalmente diferente de tudo o que já viveu...

— E que não vejo a hora de experimentar!

Bernardo ficou admirado com o amor fervoroso que aquela garota tinha pela vida. Jamais vira alguém com tanta sede de conhecer o mundo, de saborear os dias, de estender horizontes, mesmo quando já possuía praticamente tudo.

— Só não considero essa troca justa – avaliou. – Um cavalo que vale tanto ouro em troca da simples indicação de um caminho...

— Não é o caminho em si que está sendo negociado, mas o que conseguirei por meio dele. É a liberdade com a qual tanto sonho! Se entendesse a grandeza do que me proporcionará, entenderá que quem está levando a vantagem sou eu.

Viverei em eterno débito, mas acho que terei que me acostumar com isso...

Ele sorriu, enxergando brilho sincero nos olhos da garota.

— Prometo pensar, milady.

— Por favor! Preciso saber *já*...

— Como, já? Eu preciso...

— Diga que sim! Sexta à noite, tudo estará preparado. Só precisa esperar por mim, em sua casa...

Ele hesitou. Seu coração mandava insistir que pensaria. Porém, os olhos de Caroline provaram seu poder mais uma vez, manipulando sua resposta. Afinal, era uma proposta tentadora, também para ele.

Estendeu a mão, apertando a dela.

— Fechado.

Uma onda intensa de felicidade invadiu seus sentidos. Teve um ímpeto de abraçá-lo, demonstrar sua gratidão, mas parou no meio do caminho, disfarçando a alegria.

— Eu sabia que escolheria o melhor – virou as costas, rindo sozinha. – Até sexta-feira!

Retornou cantarolando, aos saltitos. Dali a dois dias, estaria partindo para longe, muito longe.

Assim que adentrou o castelo, Dinamene correu até ela.

— Enfim a encontrei! Procurei-a por toda parte...

— Algum problema?

— O mensageiro acabou de trazer isto. Disse que era para a senhorita. Era um envelope fechado, onde se podia ler, em letras grandes:

De Filip

À minha futura esposa – Caroline.

Seu estômago embolou.

— Se me dá licença, Dinamene, eu vou... Eu preciso...

Subiu a escadaria, sem terminar a explicação. O que teria levado Filip a escrever-lhe uma carta? Imaginou se seu pai teria lhe falado sobre a história do estupro que ela inventara. Pior: imaginou-o tentando convencer o barão de que era mentira! Que briga horrível teria acontecido! E não mais haveria casamento, o que a obrigaria a desposar aquele desconhecido asqueroso Demétrio...

Subiu ao seu quarto, suando frio. Empurrou a porta e sentou-se sobre a cama, abrindo o envelope com pressa.

Datava de dois dias atrás. Dizia o seguinte:

Querida Caroline,

Esta manhã, seu pai esteve em nossa casa, para uma conversa com meu pai. Fiquei muito contente quando o vi chegar, pois pensei que você estaria com ele. Uma pena que não!

Meu pai me permitiu participar da conversa, já que eles decidiram sobre o nosso casamento. Confesso que fiquei bastante surpreso com a velocidade dos acontecimentos, ainda mais depois da sua reação, quando o nosso noivado foi anunciado. Não pense que estou discordando; sabe que também achei injusto o barão tê-lo proclamado sem informá-la antes! O que me surpreendeu mais, na verdade, foi quando ele me disse que você tinha aceitado o casamento.

Estarei mentindo se disser que essa notícia não me trouxe muita felicidade. Afinal, terei ao meu lado aquela que sempre amei, antes como amiga, agora como mulher. Ou talvez tenha sido sempre como mulher, e eu mascarasse o sentimento por timidez...

Preocupei-me apenas com a maneira como seu pai se dirigiu a mim, como se fosse algum tipo de obrigação que nos casássemos. No entanto, não o questionei; você sabe que eu jamais a obrigaria a me aceitar. O que me deixa feliz não é porque a terei como esposa, simplesmente, mas saber que você também me quer como seu marido!

Aguardarei ansiosamente pelo nosso casamento, meu bem (bom saber que, agora, posso chamá-la assim!).

E prometo que seremos felizes!

Um abraço do seu futuro marido e eterno amante,

Filip de La Frièt

Caroline sentiu uma pontada de emoção. Releu a carta, retomou algumas linhas em especial, sorriu. Era a primeira vez que palavras tão gentis lhe eram dirigidas, e aquilo tocou o seu coração profundamente. O destino não lhe fora tão cruel, afinal de contas.

No entanto, estava prestes a abandonar aquilo tudo – inclusive Filip. Sentiu uma comoção cruel, a dor da renúncia. Decidiu que, se não desistiria do seu plano, deveria garantir que Filip saísse ileso da grande mentira que inventou. Embora nada pudesse fazer para impedir aquele bondoso coração de se partir em um milhão de pedaços.

No dia seguinte, foi acordada por Dinamene, avisando-a que ela tinha visita.

– Ah, Dinamene! – resmungou, cobrindo o rosto com o lençol. – Diga que estou dormindo...

– Eu disse, mas ele falou que é importante.

Descobriu o rosto, olhando para o teto com uma ponta de preocupação. Prendeu os cabelos despenteados, lavou o rosto e vestiu um bonito roupão. Ao descer, ainda sonolenta, surpreendeu-se ao ver Bernardo à sua espera, no átrio.

– Desculpe se a acordei, milady. Soube que o barão saiu, pela manhã.

Resolvi vir enquanto ele não está.

– Algum problema?

– Existe uma questão mal resolvida em nosso acordo.

A expressão fechada de Bernardo a preocupou. Como ele se negou a entrar, Caroline ajeitou o roupão e foi para o lado de fora, enquanto ele olhava em volta repetidamente, receando ser ouvido.

— A questão é que eu não posso simplesmente abandonar a propriedade — explicou, com voz baixa.

— Como não? Você é livre!

— Sou! — exaltou-se, sinalizando para falar mais baixo. — Acontece que a minha liberdade pode custar o sacrifício de alguém.

Ela franziu os olhos, sem compreender.

— Desculpe-me colocar desta forma, mas é a realidade. Se eu desaparecer no mesmo dia que a senhorita, tudo indicará que eu a raptei. Serei caçado como um criminoso. Seu pai perseguiria minha família, iria torturá-los atrás de informações e transformar a vida deles num inferno.

Caroline compreendeu os motivos do rapaz, sem argumentar. Nos últimos dias, aprendera como era o medo de ver alguém sofrer as consequências de um ato seu.

— Quer dizer que está fora do trato?

— Creio que seja melhor assim.

Ela balançou a cabeça, indignada.

— Não podemos desistir tão facilmente! Não vê que essa talvez seja nossa última chance?

Sentiu um frio no estômago; no dia seguinte, se seu plano falhasse, sua vida daria um giro completo, e ela se tornaria a Senhora de La Frièt. A partir de então,

suas chances — e sua coragem — para alçar tal voo seriam seriamente

Ela caminhou pelo hall, remoendo aquela encruzilhada. Para tudo dar certo, precisaria partir no dia em que deixaria aquelas terras, enquanto Bernardo deixaria a propriedade onde ainda deveria permanecer, e ali morava o problema.

Ficar, partir, fugir...

Ela soltou uma exclamação.

— É claro! Você só precisa ser expulso daqui!

Ele arregalou os olhos. Notando seu sobressalto, ela simplificou:

— Faça algo errado, qualquer coisa, e deixe meu pai saber. Vai expulsá-lo e, assim, sua partida não significará nada além de ter cumprido a ordem de despejo!

— Milady, compreendo sua ideia. O único problema é que, se eu cometer uma falha, é praticamente certo de que serei castigado, não expulso. E a senhorita sabe do que estou falando...

Ela se lembrou das feridas que vira na pele dele, com arrepio.

— Mas... — insistiu. — Deve haver algum caso especial, em que a expulsão seja certa...

Mal tiveram tempo de pensar e os portões se abriram para a carruagem do barão. Uma onda gelada percorreu os dois, da nuca à sola dos pés. Era como se vissem uma avalanche se aproximar.

Bernardo inquietou-se, um tanto mais que ela. Já estava na lista negra do patrão. Se fosse visto ali, desviado das obrigações, ao lado da sua filha mais nova...

O desespero foi amenizado quando a ameaça se transformou numa brilhante oportunidade.

— Milady... — murmurou, com os olhos fixos no portão. — Quer mesmo ir embora daqui?

— Sim... — respondeu, no mesmo tom atravessado, com o coração tão veloz que parecia querer atravessar sua carne.

A carruagem já se adiantava no jardim, rumo aos primeiros degraus da escada, onde o barão desembarcaria.

— Então, preciso que me ajude.

— Ajudar? Com o quê?

Suando de nervosismo, Bernardo lançou um último olhar para a carruagem: acabava de parar, lá embaixo, na direção dos dois. Um empregado se adiantava para abrir a porta e ajudar o barão a descer.

— Ajude-me a ser expulso...

— Mas como?

O barão ergueu os olhos para eles, parecendo intrigado. Sem tempo para explicações, Bernardo agarrou a menina pela cintura e acertou-lhe um beijo na boca. Ela abafou um grito contra o rosto dele, completamente despreparada para aquilo que sempre temera.

Empurrou os ombros dele, mas o rapaz era muito mais forte. Soltou-a após alguns segundos, e os dois foram lançados para trás, numa repulsa quase magnética. Caroline levou uma das mãos à boca e, com a outra, acertou um tapa ardido na face dele.

— O que pensou que estava fazendo? Ficou louco?

A adrenalina a fizera esquecer o que Bernardo havia pedido, momentos antes. Apenas quando viu o rosto do pai deformado de incredulidade, e a maneira desesperada como Bernardo a olhava, lembrou-se do plano.

— Papai! — desceu as escadas, chorosa.

— O que está acontecendo aqui? — gritou, empurrando a filha para longe de si.

Ela recuperou o fôlego, tentando não olhar para Bernardo.

— Este cafajeste me atacou!

Enézio deu uma boa olhada no rapaz, cruzando os braços ao reconhecê-lo.

— Parece que você gosta de uma encrenca, não é, garoto? O que faz aqui? O que quer com minha filha?

Bernardo não sabia o que dizer, naquele grande improviso. Sua sorte foi que Caroline parecia ter acordado inspirada para mentiras.

— Ele é terrível, papai! — gritou, chamando a atenção para ela. — Passou-se por mensageiro e pediu para me chamarem. Então, eu desci e ele me agarrou!

– abraçou o pai, subitamente. – Graças a Deus o senhor chegou a tempo de me salvar!

– Já sei o que providenciar a esse tipo de gente – informou, friamente. – Guardas!

Dois homens enormes se aproximaram e agarraram Bernardo pelos braços.

– Deem a este delinquente a surra que ele merece!

Os olhares dos cúmplices se encontraram, perdidos. Bernardo já era arrastado alguns degraus abaixo quando Caroline tomou uma atitude:

– Esperem!

Encarou o pai, com o queixo empinado.

– Papai! Não creio que o senhor vá simplesmente castigá-lo e deixar por isso mesmo!

O barão coçou os ralos cabelos, inquieto. Caroline continuou:

– Este tipo de gente não merece trabalhar em suas terras, papai. Deveria mandá-lo partir para nunca mais retornar!

Aguardou a resposta do pai, disfarçando o coração acelerado atrás de uma expressão firme. Como ele não parecia muito convencido, Bernardo ajudou:

– Piedade, senhor! Tudo, menos expulsão! Não tenho para onde ir... Eu morreria!

Foi o suficiente para que uma chama de vingança se acendesse nos olhos do suserano. Fez um sinal curto aos guardas, que o soltaram com estupidez. Bernardo rolou alguns degraus para baixo e foi erguido pela camisa, encontrando o olhar intimidador do barão muito de perto.

– Você tem até o pôr do sol de amanhã para desaparecer daqui. E, se acaso mostrar novamente seu rosto imundo por estas terras, considere-se um homem morto.

Virou as costas, orgulhoso e ofendido, passando pela porta do castelo a passos pesados. Caroline e Bernardo se entreolharam com um sorriso apreensivo que só eles puderam enxergar.

Os guardas terminaram de arrastar o rapaz para fora da escadaria. Notando o pavor nos olhos dele, Caroline os alcançou e interveio:

— Não deve haver castigo físico para o infeliz, desta vez. Apenas a expulsão. E a família deve ser poupada — olhou para Bernardo com um falso repúdio. — Ordens do barão.

Observou-os à medida que se afastavam, talvez esperando Bernardo olhar para trás mais uma vez e trocar com ela o olhar da vitória. Mas não aconteceu. Após ser brutalmente atirado do último degrau, montou em seu cavalo e galopou em alta velocidade até a sua casa, cumprindo a praxe de olhar o velho relógio de bolso.

Quando adentrou de novo a mansão, Antonelle terminava de ouvir o marido contar o que ocorrera. Com a aflição estampada no rosto, correu até a filha assim que a avistou.

— Caroline! Está tudo bem com você? Ele a machucou?

Abraçou-a, ofegando de nervosismo, e Caroline a tranquilizou, garantindo estar tudo bem.

— O importante é que aquele mau-caráter terá o que merece — olhou para o pai, tentando avaliar sua reação. — Não tem para onde ir! Está condenado a morrer de fome. Será seu maior castigo.

O barão se deliciou silenciosamente com aquelas palavras, mas Antonelle tinha uma desconfiança clara no olhar. Sabia que não era um pensamento típico da menina.

Dispensando todos os cuidados e companhias, Caroline subiu ao seu quarto, dizendo que estava ótima e tentaria voltar ao sono. A verdade, no entanto, é que estava com o estômago embrulhado, não apenas pelo grande risco que correu — e venceu — quanto pela maneira como tudo se passou.

Jogou-se na cama e pousou a mão na boca.

— Eu beijei... Beijei um rapaz...

O coração bateu forte, exatamente como no momento em que o seu corpo colou no dele. Não imaginava que seu primeiro beijo seria tão escandaloso! A cena passava e repassava em sua mente: a velocidade com que tudo acontecera, o susto, o momento exato em que sua boca encostou na dele...

Reconsiderou; talvez não devesse entender o ocorrido como um verdadeiro beijo. Primeiro, porque ela não beijou, foi beijada. E Bernardo não poderia ter simplesmente simulado? Teria que perguntar a ele. Não sabia como era um beijo de verdade.

Deitado numa cama muito menos confortável, o rapaz refletia sobre aquele mesmo instante, culpando-se por ter chegado tão longe para conseguir sua expulsão.

Esqueça, Bernardo. Foi necessário! – conformava-se, tentando arrancar aquela inquietação da mente.

O momento do beijo martelava na mente dos dois, e eles não entendiam a razão de não conseguirem parar de pensar nele. O fato foi que, passados os primeiros segundos de surpresa e adrenalina que bloqueiam os sentidos, houve um momento secreto em que Bernardo gostou daquela proximidade, apertando-a em seus braços, e Caroline pôde sentir o calor do rosto dele encostado ao dela, as mãos em suas costas, um arrepio leve.

Nenhum deles constatou essas frações de segundo em que tudo foi tão verdadeiramente intenso. Caroline associou à novidade. Bernardo, ao impulso. A nenhum dos dois ocorreu a possibilidade de associar aquela loucura toda ao

A garota se levantou, observando o lindo sol da manhã pela janela.

– Um dia antes do meu casamento, sou beijada por outro homem – sussurrou, exausta. – E eu não amo nenhum dos dois.

Pensou na possibilidade de amar Filip. Nunca se apaixonara, mas julgava ser um sentimento devastador, intenso, definitivo. Algo que fizera sua bisavó partir a pé ao encontro do seu amado. O carinho que ela tinha por Filip, no entanto, era tão sutil e ameno que provavelmente devia ter outro nome, que não amor.

Um pouco distante dali, Bernardo deixava os pensamentos de lado e procurava o pai e o irmão para contar-lhes que não poderia retornar ao trabalho. Estava oficialmente expulso da propriedade.

CAPÍTULO 13

O CASAMENTO

Talvez ainda houvesse tempo de voltar atrás. Seria essa a questão que martelava em seu coração?

Aquela sexta-feira amanheceu em festa. As flores e os canteiros estavam impecáveis, graças aos intermináveis brados do barão e à dedicação obediente das jardineiras. Uma rara movimentação de pessoas apressadas se instalou naqueles gramados, que se transformavam, lentamente, no cenário de um grande evento.

Assim que se trocou, Caroline foi ao jardim. Deparou-se com dezenas de pessoas arduamente empenhadas nos preparativos de um casamento que seu pai visava fixar na lembrança de toda a sociedade como “o evento do ano”. – Caroline!

Olhou para trás. Sua mãe se aproximava com os braços abertos, muito emocionada.

– Minha filha caçula. Casando-se!

Abraçaram-se por um longo tempo, em silêncio, e Antonelle a olhou com a compreensão única de uma mãe.

– Alegre-se, minha querida. Não poderia estar desposando um rapaz melhor!

– Pois é – concordou, com um peso no coração. – Acha que Filip está muito entusiasmado com o casamento, mamãe?

Antonelle ergueu as sobrancelhas, sugestiva.

– Por que não pergunta para ele?

Olhou para algum lugar atrás de Caroline. A menina virou o pescoço e viu seu noivo descendo de uma bonita charrete, caminhando em sua direção com

um sorriso radiante, como se ela fosse tudo o que existia diante dele naquele momento.

Seu coração afundou, em profunda agonia. Desejava, do fundo do seu coração, que ele repudiasse aquele casamento. Assim, estaria fazendo um favor também a ele em ir embora.

— Filip... — recebeu-o, tentando sorrir.

Antonelle acenou para ele enquanto se retirava, mas o rapaz sequer notou a futura sogra; parou diante da noiva, admirando-a com um entusiasmo emocionado. Caroline não conseguia olhá-lo nos olhos. Sentia-se uma traidora.

— Parece nervosa! — observou, com compreensão na voz. — Ansiosa para hoje à noite?

— Ah, sim. Como não? É o nosso...

Não conseguiu terminar a frase. Podia fingir diante da situação que fosse, menos de um coração prestes a ser ferido. E por ela.

— Nosso casamento — ele completou, com um sorriso doce.

Filip respirou fundo, perdido na imensidão dos olhos da noiva. Com delicadeza, tomou as mãos dela, aproximando-se um pouco para sussurrar ao seu

— Eu não falei sobre isso na carta, porque decidi que diria pessoalmente — encheu os pulmões de coragem e olhou para ela de um jeito que não lhe permitia reagir. — Estou imensamente feliz pela nossa união, não porque você é filha do barão, não porque é uma moça jovem e realmente linda, mas porque é a mulher que eu amo. Sempre sonhei em tê-la como esposa para poder abraçá-la todos os dias, vê-la sorrir, cuidar de você...

Parou de falar por um momento, quase explodindo de tanto sentimento. Beijou as mãos dela e a abraçou com muito carinho, repetindo em seu ouvido que a amava, amava muito, mais que qualquer coisa.

Caroline emudecera por completo. Que grande decepção lhe causaria; esperar pacientemente no altar por uma noiva que jamais viria até ele. Naquele momento, já não era capaz de definir seu sentimento por ele. Aquele carinho pareceu tão mais forte do que julgara...

Ela olhou dentro dos olhos dele por um longo instante.

— Caroline, o que é que...

— Shhhhh!

Já que não conseguia encontrar a resposta em si, buscaria nele. Fitou-o com uma triste doçura, acariciando seu rosto de leve.

— Deus... — murmurou, deixando escapar na voz um pensamento. — Acho que estou apaixonada...

Um choro compulsivo tomou conta dela. Jogou-se nos braços do noivo, soluçando muito e pedindo desculpas que ele não compreendia. Continuou a pedir perdão e a chorar, até que abriu os olhos e enxergou a floresta, por cima dos ombros dele. Lá longe, uma ave solitária sobrevoava as árvores, cruzando o céu na direção para a qual ela planejava rumar.

Liberdade. Aquela palavra chocou violentamente contra a figura de Filip e o aconchego do seu abraço. Podia se tornar aquela ave, ou continuar a ser eternamente um belo pássaro, circundado pelas grades douradas de uma gaiola.

Olhou mais uma vez para ele, mais calma, mas não menos inquieta por dentro.

— Fico muito contente por isto, meu amor...

Ela deu um passo para trás, séria.

— Não deve ficar.

O sorriso dele desmanchou-se. Inclinou o rosto para aquela figura tão ambígua diante de si.

— Tem razão. Seus olhos não mentem para mim.

Ela não suportou vê-lo tão abatido. Agarrou as mãos dele, e quase contou toda a verdade. Contudo, não podia; Filip se preocupava demais com ela, jamais a deixaria continuar com aquele plano maluco.

Ele ainda esperava pelo que ela tentava lhe dizer. Caroline escolheu as palavras com cuidado:

—

— Filip, você é jovem, lindo e tem um mundo a conquistar. Não importa o que aconteça, lembre-se que você não precisa de mim nem de ninguém para ser um homem completo, pois é a melhor pessoa que já conheci. Sempre foi...

Antes que o choro viesse, apertou um beijo em seu rosto e se afastou, sem olhar para trás. Não deixou que ninguém visse as lágrimas de insegurança que lhe escorreram pelo rosto.

Talvez ainda houvesse tempo de voltar atrás. Seria essa a questão que martelava em seu coração?

A tarde já começava a cair, e ninguém se conformava em ver Caroline ainda sem nenhum preparo.

— É uma crença antiga – explicava. – Dizem que o tempo que uma noiva gasta se preparando é tirado da vida do seu marido...

Todos se surpreendiam com aquela teoria que ela acabara de inventar. A todo instante, Anita fazia suas observações sobre o escândalo do dia anterior – a maneira como a menina fora agarrada, a discussão com o barão, a expulsão do rapaz. Porém, não se demorava no assunto; substituía-o por qualquer rumor que trazia na ponta da língua sobre as damas que iam chegando para a celebração, inclusive Elizabeth, que trouxe uma onda forte de emoção ao peito de Caroline.

Passaram um longo tempo conversando. Riram muito, e também trocaram algumas particularidades.

— Jeán é um bom marido! – contava Elizabeth. – Muito trabalhador. Como vive cansado, às vezes não tem muito tempo para mim.

— Pois devia ter! – defendeu Caroline. – Casou-se com uma mulher tão linda...

— Ora, opinião de irmã não vale!

Riram mais um pouco, até que Caroline assumiu uma seriedade no olhar.

— Você está feliz com seu casamento, Liza?

Não esperava aquele tipo de pergunta. Precisou recompor-se antes de responder.

— Caroline, que pergunta! É claro que estou. Amo o Jeán.

— E ele? Também a ama?

Elizabeth abriu a boca para responder, mas apenas riu um riso nervoso.

Nesse instante, Dinamene e Antonelle entraram no quarto e se horrorizaram.

— Minha filha! Eu jurava que já estava pronta...

Com a lábia de sempre, Caroline conseguiu se livrar delas. Alegou que precisava dar uma volta antes de se preparar.

— Para arejar os pensamentos e não chorar na cerimônia – argumentou. – É deselegante a noiva se desmanchar em lágrimas no altar...

Saiu para seu “passeio”, enquanto elas deixavam o vestido estendido sobre a cama, o espartilho desamarrado, os sapatos a postos, o banho preparado e Elizabeth interiorizada na última pergunta que recebera.

Na verdade, Caroline precisava de uma ideia para poder ir até a casa de Bernardo sem ser vista. Aquilo começava a parecer impossível. Não poderia estar usando o vestido do casamento... Como uma noiva podia não ser notada na noite do seu casamento? Caminhando nas proximidades da cozinha, ouviu a voz do seu pai. Ele conversava com um grupo de serventes.

— Darei a ordem para que todos os outros se recolham em seus recintos. Quero apenas vocês circulando na festa. Vão servindo as bebidas e os aperitivos.

Aqui estão os uniformes.

Jogou na mesa uma bola de tecidos misturados, causando um baque.

— Os capuzes são para que ninguém se sinta incomodado com vocês olhando para eles. Aliás, lembrem-se de não conversar com ninguém! Devem servir, apenas, é para isso que nasceram. Agora, apressem-se.

Sem mais uma palavra, dirigiu-se à saída da cozinha. Caroline encostou-se rapidamente na parede, ao lado do vão da porta, e viu seu pai caminhar para

fora da casa, arrumando o terno preto. Respirou fundo e entrou na cozinha, com pressa.

— Rápido! Uma senhora derrubou vinho no vestido...

As servas se inquietaram; todas queriam ter a honra de limpar a mancha nas vestes de uma dama.

— Ela está lá fora, vestida de azul. Encontrem-na, rápido! — completou, enquanto todas se retiravam com panos nas mãos, conversando em voz alta.

Ficou satisfeita com o rebuliço provocado. Quando se viu sozinha, pegou um saco e apressou-se em enchê-lo com toda a comida que encontrou, inclusive os aperitivos da festa. Apertou um nó com o pouco de pano restante na extremidade aberta e olhou em volta, imaginando um meio de transitar com aquilo sem ser notada, até que viu vários pacotes iguais àquele equilibrados num canto. Eram compartimentos de lixo.

Deixou o seu ao lado dos outros, para recolher mais tarde. Antes que qualquer um chegasse, tratou de pegar uma das vestes que estava sobre a mesa e subiu as escadas de dois em dois degraus, abraçada ao uniforme que lhe seria muito útil.

Enfiou as roupas para baixo da cama e, por muito pouco, Dinamene não a pega no ato.

— O que está fazendo, menina?

Caroline não se deu o trabalho de responder. Apenas se levantou e perguntou se seu banho estava preparado.

— Chamo vocês quando for me vestir — avisou. — Enquanto isso, por favor, peço que me deixem sozinha. Ah, um momento...

Caroline correu até ela com um papel nas mãos.

— Quero que entregue isto a Filip, mas somente *depois* do casamento! — frisou. — Ninguém deve ler esta carta nem saber da sua existência antes da cerimônia acabar. É uma *ordem!*

A mulher ficou intrigada, no entanto o olhar de Caroline deixava claro que nenhuma pergunta seria respondida.

— Como quiser, menina. Com licença.

Retirou-se, guardando o papel na roupa e fechando a porta atrás de si. Caroline suspirou, com a consciência mais leve, mas a sensação agradável não durou muito tempo. O frio que lhe percorreu o estômago deixava muito claro que chegara a temida hora de dar início ao plano.

Recuperou as roupas de baixo da cama e as vestiu, apressada. Por fim, enrolou algumas vestes simples em sua capa e releu duas vezes umas frases que escrevera no dia anterior, guardando o papel no decote.

Já não faltava nada senão a ação. Olhou para seu reflexo no espelho, e algo lhe chamou a atenção; o colar que sua mãe lhe dera, herança da grandiosa Antonieta. Caroline sorriu, carinhosa.

— Minha bisavó estaria tão orgulhosa de mim...

Tirou-o do pescoço e o enfiou entre as vestes emboladas na trouxa, certificando-se de que não poderia ser visto. Não seria nada discreto uma servente humilde ter tal preciosidade reluzindo em seu colo!

— Onde quer que esteja, Antonieta, guie-me nesta jornada! — pediu, em oração.

Abraçou a trouxa que preparara, fazendo o sinal da cruz sobre si.

— Livre-arbítrio! — lembrou-se. — Não estou cometendo pecado nenhum.

Após um longo suspiro, ela abriu a porta. Seu coração batia com muita força. Ajeitou o capuz, ocultando bem o seu rosto, e guiou-se pelo corredor rumo à escada.

Sentia uma mistura de pressa e pavor. Queria acelerar os passos ao máximo, enquanto seu organismo travava o movimento dos joelhos. Bastava, agora, pegar os suprimentos separados na cozinha e partir.

Verificou rapidamente o recinto e correu para dentro. Alguém que ela não vira saiu naquele mesmo instante, e as duas trombaram bruscamente.

— Céus! — exclamou a outra, que também vestia um uniforme.

Caroline se manteve calada. Encolheu-se, arrumando o capuz com a mão livre, tentando disfarçar o nervosismo.

A mulher olhou para a trouxa em sua mão.

— Onde está indo com isso?

Caroline pigarreou, pensando numa explicação.

— Roupas da noiva.

— Roupas da noiva?

— É — tossiu, nervosa. — Ela está se lavando, e eu recolhi as roupas sujas.

— Por Deus, mulher, já temos trabalho demais...

Pegou a trouxa das mãos de Caroline e atirou-a num orifício largo na parede. Enquanto Caroline prendia um grito na garganta, a mulher entregou-lhe uma bandeja com copos cheios de vinho.

— Pronto. Agora, vá servir, mulher, que amanhã cuidamos do resto.

Assim que a senhorinha desapareceu, Caroline pousou a bandeja sobre a mesa, derrubando várias taças, e enfiou o rosto no tal buraco. Não conseguia enxergar coisa alguma.

Enfiou o braço até onde alcançou, mas não havia um final. Era uma espécie de encanamento por onde as roupas escorregavam até a lavanderia. Se ao menos pudesse alcançá-las...

— Maldição! — exclamou, socando a parede.

Pensou em deixar a trouxa para trás e dar sequência ao plano. Teria que se conformar em vestir apenas aquele uniforme fino, que não barrava sequer o vento.

Com um sobressalto, ela levou a mão ao pescoço.

— O colar...

Voltou a espiar o encanamento escuro, tentando avistar o seu final. O colar se tornara uma preciosidade para ela — não pelo valor monetário, mas pelo sentimento que dedicava à memória de Antonieta.

Decidiu que precisava recuperar seus pertences. A lavanderia era muito longe; descer até lá era correr um risco desnecessário. E ainda precisaria voltar,

pegar a comida...

Lembrou-se do seu pai explicando ao duque de La Frièt, dois anos antes, sobre a implementação daquele sistema que agilizaria o trabalho das empregadas:

“Quanto tempo elas perdiam caminhando de um recinto a outro! Mandei que fosse feita uma ligação direta entre a cozinha e a lavanderia, através de canos, por onde até os mais requintados vestidos podem passar sem serem desfiados”. Um grande escorregador, portanto...

Mediu com os olhos a circunferência da passagem e olhou para seu próprio corpo. Restava torcer para que aquele sistema fosse realmente resistente, e a queda, pequena...

Ouviu vozes na sala.

— ... E também precisamos levar mais quitutes, os convidados estão chegando depressa...

Não havia mais tempo para calcular. No mesmo instante em que as serventes pisavam na cozinha, Caroline se enfiou naquele buraco.

— Ouviram isso? – perguntou uma delas.

— O quê?

— Um barulho... Parecia um... Gritinho?

— Você está trabalhando demais, Nina! – falou a mais velha, entregando-lhe uma bandeja. – Vamos logo. Se o barão nos pega aqui tagarelando...

Enquanto isso, Caroline escorregava pela tubulação das roupas, berrando. Não era uma descida longa, tampouco sinuosa; era breve, reta e, no final, devia ter uns três metros de queda livre. Por sorte, ela caiu sobre um grande amontoado de roupas, que amorteceu a queda. Mesmo assim, foi uma pancada memorável...

Estava dentro da lavanderia deserta e escura. Não precisou revirar muito para encontrar seus pertences. Sorriu, aliviada: agora, era retornar à cozinha, pegar a comida que separou e rumar à casa de Bernardo.

Girou a pesada maçaneta de ferro, tentando não fazer barulho, e a porta...

A porta não abriu.

Caroline tentou mais uma vez, e o resultado foi o mesmo. De nada adiantou forçar ou chacoalhar a maçaneta. A verdade era uma só: estava trancada lá dentro.

Deixou cair sua trouxa improvisada, ameaçando descabelar o próprio couro cabeludo. Aquilo não podia estar acontecendo!

Arrombar, não podia. Chamaria a atenção, causaria um escândalo, levantaria suspeitas. No mínimo, seria descoberta. Olhou por todo o cômodo atrás de objetos estreitos. A trava não era a chave; uma estaca de madeira ficava atravessada em frente à porta, e era necessário levantá-la o suficiente para que saísse do seu apoio e caísse no chão. Era menos barulhento, menos dolorido e um tanto mais simples do que arrancar a porta inteira.

Procurou por todo o aposento. Havia escovas, pedaços de sabão, tinas e um cheiro forte de limpeza que a irritava. Procurou entre todos os apetrechos espalhados nas prateleiras, mas nada parecia útil. Até que finalmente avistou algo mais próximo ao que precisava.

Era uma tira fina de madeira, comprida e um tanto resistente. As lavadeiras a utilizavam para lidar com roupas na água quente, mas quem ligava? Caroline só queria sair dali.

Passou facilmente a estaca pequena no vão entre a porta e a parede. A tora que barrava a porta, porém, era mais pesada do que imaginara – ou a vara mais frágil que julgara.

Não desanimou; segurou a estaca com as duas mãos, imprimindo toda a sua força. Aos poucos, a tora foi se erguendo, do lado de fora. Continuou tentando até que se ouviu um baque leve. Era o som de madeira caindo no chão. Infelizmente, não era a tranca; foi a estaca que se partiu, e o pedaço restante em sua mão era pequeno demais para uma nova tentativa.

Ela atirou o pequeno pedaço de madeira no chão. Uma lasca grossa se soltou e bateu contra o vidro de uma janela estreita no alto da outra parede, entrada do único feixe de luz que permitia a Caroline certa visibilidade.

Olhou mais uma vez para a porta trancada, depois para a janela recém-descoberta.

— Se não posso sair pela porta...

Colocou duas caixas em cima de um banquinho baixo que encontrou por ali e, escalando sua improvisação nada segura, conseguiu, nas pontas dos pés, enxergar o outro lado da janela. Dava para um canto tranquilo do jardim, quase escondido, longe da grande concentração de pessoas. Conseguiria sair secretamente, a não ser que houvesse alguém mais interessado naquela parede do que no glamour da festa...

Convencida, Caroline recuperou sua trouxa e voltou a subir em direção à abertura. Mas estava tão difícil... Duas caixas ainda não eram suficientes para se apoiar, então ela empilhou mais uma sobre as outras duas.

Mal escalou a segunda caixa, a estrutura toda balançou e sua montagem cedeu, jogando-a no chão com força. Suas pernas começaram a tremer, e sua coragem vacilava.

— Você não pode desistir, Caroline! — encorajou-se.

Refez sua pilha, tentou de novo e, no momento em que caiu no chão pela segunda vez, não conseguiu reagir.

Olhou em volta; estava completamente sozinha e sem saída. Um pranto subiu à sua garganta e algumas lágrimas escorreram em seu rosto à medida que se revoltava e desesperava.

— Que ideia estúpida, estúpida, estúpida!

Atirou no chão a trouxa que carregava junto ao colo. O monte de roupas atingiu o chão de pedra com força, e um barulho metálico destacou-se do som abafado de tecido. Caroline viu o colar da sua bisavó escorregando para fora do amontoado de roupas.

— Antonieta... — murmurou.

Tomou a joia nas mãos, reflexiva.

— Ela, em meu lugar, jamais teria desistido...

Respirou profundamente e voltou a vestir o colar, escondendo-o debaixo do uniforme. Reorganizou as vestes desarrumadas em suas mãos e analisou sua sustentação, montando-a mais uma vez em outra ordem; o banquinho sobre as três caixas empilhadas, e não embaixo delas. Elas não mais

bambeavam enquanto eram escaladas, e isso já trouxe uma nova esperança para a garota. Subiu no último degrau e enfiou-se com dificuldade pelo vão estreito da janela.

Pela primeira vez, sentiu-se feliz em ser tão magra. A passagem era muito estreita. Quando finalmente passou a cabeça para o outro lado, enxergou a altura que teria de enfrentar até o chão, e o sobressalto que sentiu foi o suficiente para o banquinho debaixo dos seus pés ser chutado para longe.

Tentou se equilibrar, mas foi traída pelo próprio nervosismo, e acabou despencando mais uma vez. Desta vez, ao menos, para o lado de fora.

A altura era significativa, e o baque foi forte. Sentiu suas costas arderem, e suas pernas latejavam. – Céus! Senhora...

Uma voz masculina dirigiu-se a ela. Ela ajeitou o capuz, apavorada.

– Está tudo bem... – respondeu, forçando a garganta para mudar a voz.

– É claro que não está! Olhe a altura da qual caiu...

Ela se levantou, limpando as vestes.

– Com licença, senhor. Preciso trabalhar...

– Não pode ir assim! Está mancando, a queda foi feia! Pode ter quebrado alguma coisa.

Nesse momento, Caroline reconheceu aquele tom sereno de voz. Sentiu um frio percorrer o estômago e um calor transpassar-lhe a alma.

– Filip...

Ele se surpreendeu.

– Sabe meu nome?

Caroline quase levou a mão à boca, mas ele já ria do próprio comentário.

– Deve ser porque sou o noivo, não é?

– Exatamente! – aliviou-se. – O noivo, sim!

– É – ele suspirou, contente. – Hoje é o grande dia, depois de tantos anos de espera... – É... É?

Ela não sabia o que dizer, ou se devia dizer alguma coisa. Quase se esquecia da Caroline disfarçada para dar espaço a Caroline da vida real, noiva do Filip, que o estava abandonando naquele exato instante.

— Precisei me isolar um pouco. Refletir. Quero que tudo saia perfeito para minha Caroline. Ela merece me encontrar firme no altar, e não trêmulo feito uma vara de bambu!

Ela apenas ouvia, com a cabeça baixa, enquanto ele recitava distraidamente seus pensamentos.

— Não vejo a hora de vê-la! Na verdade, quero olhar logo em seus olhos e entender se ela realmente está feliz com isso tudo. Estou criando coragem para

— dizer não ao padre, se eu perceber que não está — suspirou, trêmulo. — Não suportaria viver ao lado dela sem jamais vê-la sorrir. Embora me doesse tanto

Aquilo feriu o coração da garota com mais força que ela podia suportar. Como alguém podia amar outra pessoa de maneira tão verdadeira, tão digna? E logo ela, que era alvo desse amor tão raro, estava deixando-o escapar por entre os dedos.

Ela ergueu o rosto, e seus olhares se encontraram por uma fenda. Caroline teve a impressão de que era a última vez que se olhariam daquele jeito.

— Adeus, Filip.

Com lágrimas nos olhos e uma perna manca, a menina deu as costas à última chance que o destino lhe presenteara para mudar de ideia. Filip sequer sonhava com a grandiosidade do que acabara de acontecer.

Foram necessários vários minutos recostada ao tronco de uma árvore distante, soluçando, até recuperar a determinação e a coragem. O encontro com Filip mexera demais com Caroline, mas ela repetia várias vezes a si mesma que a escolha estava feita. E não havia caminho de volta.

Uma vez recuperada, retomou o seu caminho. Encontrou o saco que preparara com comida já do lado de fora, num canto da parede onde todo o lixo estava acumulado.

A servente-chefe encontrou-a, no caminho.

– Onde está indo com essas coisas?

– Preciso levar o lixo – falou, despreocupada.

– O lixo?

– Ordens do barão. O lixo e estes trapos.

– Deixe os trapos para nós! – sussurrou, cautelosa. – São sempre tão úteis...

– Ordens do barão! – insistiu, gritando.

A outra se assustou, mas ela já não se importava. Estava cansada de explicações, e com o coração aturdido demais para novas preocupações. Baixou a cabeça, pedindo licença, e passou ao lado de Antonelle e Dinamene, que corriam entre as pessoas.

– Caroline sumiu! – exclamava sua mãe, nervosa. – Alguém a viu?

Parou de caminhar por uns segundos, e Antonelle a encarou, desesperada.

– Viu a minha filha? – perguntou.

Caroline ficou imóvel. A mãe a chacoalhou, perguntando mais uma vez, e ela fez que não com a cabeça.

– Procure-a! – ordenou, quase suplicando, e correu perguntar às outras serventes.

Ela apertou os passos, cuidando para sumir dali antes que a notícia se espalhasse. No entanto, uma busca já rondava os arredores, e ela viu Dinamene erguer o capuz de duas serventes para verificar seus rostos.

Ela precisava gerar um foco de atenção que encobrisse sua saída, e rápido. Olhou em volta, em busca de alguma boa ideia, mas tudo o que viu foi um pontinho marrom correndo sobre o saco de comida em suas mãos.

Apertou os olhos, enojada. *Não pense...*

Sentindo náuseas, segurou o inseto pela antena e atirou em direção a uma mesa. A barata fez uma curta parábola até cair sobre as pernas de uma das mais ilustres – e rechonchudas – convidadas. A mulher se levantou tão depressa que a mesa à sua frente pendeu.

– Uma barata!!

A confusão atraiu a atenção de todos. Aproveitando o efeito que conseguira, Caroline se esgueirou para longe da multidão, parando apenas para conversar com uma serva que encontrou.

– Entregue isto ao barão.

– Ao barão? Mas o quê...

– Ele está esperando por isto.

Sem mais explicações, correu para a segurança das árvores, sempre olhando para trás. Pôde ver Filip ao longe, voltando à companhia dos convidados. Aquela poderia ser a noite em que tudo mudaria para sempre em sua vida, ao lado dele.

Talvez fosse feliz. Talvez se apaixonasse. No entanto, ela jamais saberia.

Graças às outras vezes em que fora ao cerco dos cavalos, Caroline sabia se guiar bem até a casa dos Rachlev. Uma ponta de medo a fazia olhar sempre em volta, com a impressão de ver um guarda apontar para ela quando, na verdade, não havia guarda algum.

Sentiu um alívio profundo quando chegou à casa do seu companheiro de viagem. Bateu à porta, ouvindo ruídos do lado de dentro.

– Quem é? – perguntou uma voz, que ela julgou ser de Gerson.

– Bernardo está?

Fez-se um silêncio momentâneo. A voz respondeu, vagarosa:

– Ele foi embora. Recebeu um ultimato para se retirar até o pôr do sol de hoje.

Caroline levou as mãos à boca, sem acreditar. Com a voz grossa, tornou a perguntar:

– Não... Não sabe onde ele está?

– Apenas o bom Deus pode dizer – a voz estremeceu. – Bernardo já partiu há algumas horas.

Caroline murmurou um agradecimento e agachou no chão de madeira, imaginando o que seria do seu plano. Estava perdida! Ainda pôde ouvir Gerson conversar com o filho mais velho, dentro da casa:

– Quem é, pai?

– Alguém que mandaram para checar se seu irmão tinha mesmo ido embora.

Que desgraça! Caroline esmurrou as roupas que carregava, mordendo os lábios. Aquilo não podia estar acontecendo! Via-se, agora, diante de duas opções: podia voltar, inventar uma desculpa para o sumiço e se casar com um rapaz bom.

Ou podia lançar-se na floresta à própria sorte.

– Já cheguei tão longe... – sussurrou.

Levantou-se, determinada a adentrar a floresta e desbravá-la. À medida que se afastava do castelo, o medo pesava em seus passos, que se tornavam lentos e escassos. A escuridão parecia levá-la à loucura, trazendo a impressão de que

andava em círculos. Ofegava, olhando para os lados, temendo que alguém a

Em pouco tempo, perdeu a direção. Para onde ia? Guiava-se pelas luzes distantes da sua festa de casamento. Olhou para trás, contente em poder ver algo concreto, e sentiu um nó na garganta. O que seria dela, sozinha num caminho escuro, perigoso e completamente desconhecido?

Procurou retomar a coragem. *Eu chegarei lá*, jurou a si mesma. Virou-se com rapidez para retomar sua caminhada e avistou algo que lhe arrancou um grito; um homem, parado bem diante de si.

Ele se adiantou e tapou sua boca com a mão calejada.

– Fique quieta! Sou eu!

O timbre familiar lhe trouxe um alívio tão intenso que ela saltou em seu pescoço, abraçando-o com um choro de alívio, de desabafo, de salvação.

– Bernardo! – exclamou. – Que bom que está aqui! Eu estava com tanto medo...

Ele ficou muito surpreso. Esperava xingamentos, pedidos de explicação por sua ausência imprevista e todo o resto. Em vez disso, viu-se fonte de conforto

para uma menina que ele sinceramente acreditava não sentir medo de nada. Deuse conta de que, afinal, ela era uma frágil garota como qualquer outra.

Deixou-a chorar, por alguns minutos, até ela voltar a si e se afastar, envergonhada.

— Desculpe-me... — balbuciou.

— Sem problemas, milady. Foi uma noite longa, não?

Ela não respondeu. Ainda se recuperava.

— Pensou que eu não cumpriria o trato?

Havia um leve tom de desapontamento na voz dele. Caroline sorriu em resposta.

— Você está aqui, não está?

Aquilo pareceu bastar para que ele recuperasse a disposição.

— Vamos. Estou com a chave do celeiro.

Afastaram-se um pouco da floresta em direção aos cavalos. Bernardo precisava manter apagado o lampião que carregava consigo para não chamar a atenção, mas aquilo não era um problema. Sabia bem onde ficava o seu animal preferido: Apolo.

— Apolo? — perguntou Caroline, após ouvir Bernardo chamá-lo, na cocheira.

— Um nome que arranjei para ele — explicou, verificando a sela que deixara previamente preparada.

Caroline observou-o conversar de maneira carinhosa com o animal antes de partirem, pedindo a ele para ser discreto, porém eficiente. Terminado o discurso, virou-se para ela:

— Pronta?

— O cavalo disse que está?

Bernardo subiu primeiro e estendeu a mão para ajudá-la a montar, logo atrás dele. Viu o saco que ela carregava, e quis saber o que era.

— Comida — contou. — Estoquei comida e alguns quitutes da festa, para nossa travessia.

Bernardo ergueu as sobrancelhas, aprovador.

— Está aprendendo rápido! A propósito, de que grande festa estamos fugindo

A pergunta a pegou de surpresa. Ela demorou para responder.

— Do meu casamento.

Bernardo prendeu a respiração, admirado. Passada a surpresa, pensou em vários comentários sarcásticos para tecer, mas teve tato o suficiente para ficar quieto. O assunto parecia chateá-la.

— Segure-se, milady.

Deu movimento ao animal, que começou com passos leves. No entanto, assim que saíram do celeiro, Bernardo empurrou o portão com o pé e, repetindo a última recomendação, deu velocidade ao animal. Caroline soltou uma exclamação, agarrando a cintura do montador, protegendo também suas roupas e a comida.

Alguns minutos de cavalgada bastaram para que chegassem à orla da floresta. Lá, a escuridão era mais densa. As árvores barravam o luar. Bernardo tornou os passos do cavalo mais lentos.

— Não poderemos ficar aqui, milady. Logo estarão procurando pela senhorita e, sem dúvida, virão verificar na floresta. Precisamos ir mais longe.

Ela não respondeu. Foi naquele instante que compreendeu o que, de fato, se tornara: uma fugitiva!

Adentraram a floresta por quase duas horas, até onde Bernardo concluiu ser um local seguro.

— Não nos encontrarão aqui — garantiu, descendo ao chão. — Não até amanhã cedo, pelo menos.

Caroline desmontou com dificuldade. A vista custava a se acostumar com aquele breu intenso. Só conseguiu se localizar alguns minutos depois, quando Bernardo acendeu o lampião.

— Alojse-se, milady. Não deve ser tão macio quanto a sua cama, mas dá para sobreviver.

Ela juntou algumas folhas para amaciar o chão e usou a trouxa como travesseiro. Bernardo a esperou se acomodar antes de apagar sua fonte de luz.

Caroline se virou para o outro lado, tentando dormir. Ouviu Bernardo arrumar um canto para ele e, em seguida, apagar o lampião. O sono, no entanto, parecia longínquo, perdido entre imagens múltiplas que insistiam em povoar sua mente; Filip, Elizabeth, sua mãe, o beijo de Bernardo...

Ajeitou-se na grama, arrumando o travesseiro. Mas não podia deixar de pensar em como Filip se sentia naquele momento. Sentiu o estômago embrulhar, o coração apertar...

E, enquanto ela revirava com aqueles pensamentos, o barão lia o bilhete por ela deixado:

Papai,

Preciso confessar que todas as minhas acusações sobre Filip são falsas. Ele é inocente! Jamais seria capaz de fazer metade de tudo o que eu inventei. Foi

uma atitude desesperada que tomei para me livrar do noivado com Demétrio e tentar amenizar o meu destino.

Se há um culpado nesta história toda, talvez seja o senhor. Ou eu mesma. Filip nada mais é que a vítima da minha impulsividade em livrar a minha pele. Sinceramente,

Sua filha Caroline.

Enézio permaneceu calado, com o bilhete ainda em suas mãos. Olhou em torno de si: todos mobilizados, chocados, preocupados, em busca da sua filha.

— Papai...

Olhou para o lado, sobressaltado. Mas era a sua outra filha.

— Caroline não está em lugar algum... — informou Elizabeth, pálida.

O barão suspirou, sem rumo.

— Continuem procurando... — murmurou, automático, com a voz excepcionalmente macia.

Elizabeth acatou a sugestão, disparando escada abaixo e dando ordens a todos os empregados para saírem em busca da irmã. Uma vez sozinho, Enézio alisou os ralos cabelos com a palma de uma das mãos, apertando o recado com a outra.

— Caroline... O que foi que você fez?

Elizabeth caminhava de um lado a outro, sem raciocinar muito bem. Confundia algumas mulheres com a sua irmã, e se frustrava a cada vez que descobria estar errada.

Até que se rendeu à exaustão e foi se sentar em um dos bancos, arrasada.

— Minha irmãzinha... — murmurou, com a cabeça entre as mãos. — Onde está você?

Ouviu um suspiro triste ao seu lado. Era o noivo.

— Filip... Oh, céus...

Ele não disse nada. Continuou com os olhos vermelhos fixos em qualquer ponto à sua frente.

— Ela vai aparecer! — garantiu. — Caroline é cheia dessas coisas, precisa passar uns momentos sozinha. Já, já, aparece...

— Não, Elizabeth — discordou, limpando o rosto. — Ela não vai aparecer.

Olhou para o papel em suas mãos, o qual Dinamene lhe entregara quando reconheceu que a cerimônia acabara antes mesmo de começar. Ali, Caroline explicava carinhosamente que procuraria o seu destino, e esperava que ele compreendesse. Cumpriu o seu pedido de não contar a ninguém que planejava fugir, e nada disse a Elizabeth.

— A verdade é que Caroline nunca me amou. E talvez nunca ame ninguém. Ela só sabe amar a si mesma...

Olharam-se, por alguns segundos, e seus rostos se contorceram na dor particular de cada um. Abraçaram-se, derramando todo o pranto que vinham guardando nas últimas horas.

A dor no coração de Filip era grande demais. Abraçado a Elizabeth, ele jurou a si mesmo esquecer Caroline para sempre.

A busca durou quase toda a noite. A possibilidade de Caroline ter rumado aos lados da floresta era sempre descartada, então o alvo principal da investigação foi a estrada além do portão principal, que estava aberto devido à constante chegada de convidados. Mesmo assim, Bernardo não se enganara quanto a se aprofundarem na floresta; as margens foram cuidadosamente vasculhadas, bem como os primeiros quilômetros adentro – embora ninguém acreditasse, de fato, que ela pudesse estar ali.

Após horas de espera por um casamento que não aconteceu, o barão dispensou seus convidados. Com votos de boa sorte e promessas de apoio nas buscas, deixaram a propriedade levando consigo a informação agora oficial: Caroline Mondevieu estava desaparecida.

CAPÍTULO 14

AS MULHERES DE BERNARDO

“Adara era a cigana mais linda já vista. Mexia o corpo como uma serpente, sabia hipnotizar os homens...”

Caroline acordou assustada assim que os primeiros raios de sol atravessaram as copas das árvores, queimando o seu rosto. Olhou em volta como um gato recém-abandonado, levando ainda certo tempo para assimilar onde estava e por quê.

— Bom dia, milady.

Ela saltou. Bernardo se aproximava, trazendo um copo em cada mão.

— O que é isso? — perguntou, sentando-se. Estava dolorida, não somente pelo desconforto daquela noite mal dormida como pela queda do dia anterior.

— Água. Acabei de pegar no riacho.

Ela levou o copo para debaixo dos olhos, mirando o conteúdo até o fundo do recipiente, com desconfiança.

— Este copo está limpo?

Bernardo suspirou com impaciência e mandou que tomasse. De fato, ela percebeu, não tinha muito que escolher ou exigir.

— Temos muito caminho pela frente, milady. Ontem, a escuridão da noite nos ajudou. Com a luz do sol, precisaremos nos adiantar em nosso caminho, se não quiser ser encontrada. Aguenta mais algumas horas sem comer?

Ela se levantou, imponente como quem acaba de ser desafiado.

— Não fale como se eu não soubesse o preço da minha liberdade. Agora, se me dá licença, preciso me trocar.

Bernardo deu as costas a ela, sob inúmeras advertências para que não se virasse. Caroline ainda estava com o disfarce da noite anterior.

Vestiu um vestido leve de algodão, já envelhecido, que sua mãe cansara de dizer que o entregasse às empregadas para virar trapo. Sabia que ainda precisaria dele...

— Pronto!

Era um vestido marrom-claro, que cobria até os cotovelos, descia até metade da panturrilha e abria um gracioso decote em formato V. Não tinha muitos detalhes além dos fios trançados na cintura e de simples bordados nas extremidades das mangas e do decote.

Bernardo voltou o rosto para ela, e seus olhos desceram imediatamente para abaixo do seu pescoço.

— Mas que beleza!

Caroline soltou uma expressão indignada e, como da última vez, acertou o rosto dele com um tapa estalado.

— Ei...

— Abusado! Como ousa olhar para mim desse jeito?

Encararam-se, irritados. Bernardo fechou os olhos, compreendendo o motivo

— Eu falava do colar, não de você!

Caroline sentiu o rosto corar. Ele esfregou o rosto, resmungando.

— Mais um tapa sem motivo! Nas duas vezes, pensou que eu estivesse atraído pela sua beleza ou algo assim, não é?

— Foi você que deu a entender... — defendeu-se, muito envergonhada.

Com um riso zombeteiro, ele se virou para verificar a sela do cavalo.

Caroline bateu o pé no chão com força e se aproximou, ofensiva:

— Quer saber? Aposto que adorou ter feito aquilo!

— Ter feito o quê?

— Você... Você sabe.

Bernardo notou a faces da menina corada e quis rir. Quase se esquecera de que, afinal, ela era uma adolescente solteira. Tinha seus 17 anos, enquanto ele já passava dos 25, com mais anos e experiências do que ela.

Encarou-a de perto, com uma postura galanteadora.

— Por acaso está falando do *beijo*?

Enfatizou a última palavra, arqueando as sobrancelhas. Caroline recuou, tentando disfarçar o acanhamento, e ele aproveitou:

— Aposto que você ficou se lembrando do meu beijo, depois que eu fui embora...

— Há! Acho que foi *você* quem não conseguiu parar de pensar no *meu* beijo...

Bernardo suspirou, como um pai prestes a dar um conselho.

— Milady, eu já provei o beijo de várias mulheres, por onde a vida me levou. Posso garantir que o seu não foi dos melhores...

Voltou a atenção ao cavalo, assoviando com tranquilidade, enquanto ela se debatia.

— Aquilo nem foi um beijo! — esbravejou.

— Como sabe? Já experimentou um antes?

Ela emudeceu, com o rosto novamente rosado.

— É claro que não! — concluiu, por ela. — Tem que parar de ser tão convencida...

Aquilo foi demais para ela. Empurrou-o com as duas mãos.

— Você é um grande idiota!

Foi para bem longe dele, e ficou ali, de braços cruzados. — Milady, venha! Apolo está pronto, e vai montada nele.

— Não vou.

Ele suspirou, irritado.

— Não temos tempo a perder. Venha logo!

— Não vou sair daqui!

Bernardo não era muito acostumado a ter paciência. Se Caroline não ia até o cavalo, ele fazia acontecer do jeito dele; carregou a menina pelas duas pernas, pendurando-a em seu ombro, e a soltou de qualquer jeito sobre o cavalo. A menina ficou olhando para ele, pasma.

— Se pediu a minha ajuda, terá de fazer do meu jeito.

— Ora! Quem está sendo convencido, agora? Pois eu penso que...

— Pensa errado! — interrompeu, assustando-a com a voz grossa. — Tudo o que uma garota da sua idade irá encontrar, sozinha, daqui em diante, é doença ou morte. Portanto, faça o favor de me obedecer, que eu sei o que estou fazendo.

Naquele momento, Bernardo conseguiu algo inédito: calou a menina. Ela ficou obedientemente quieta, observando-o pegar as rédeas e guiar o animal, caminhando na frente deles.

A alguns quilômetros dali, um guarda se dirigia ao barão, ofegante de cansaço.

— Encontrou algo? — quis saber o pai, ansioso. — Algum rastro de Caroline?

O guarda retomou o fôlego perdido e explicou:

— Sumiu um cavalo do celeiro, senhor.

— Não... — levou o charuto à boca, refletindo. — Como?

— Os portões não têm indícios de arrombamento, porém as chaves também não estão lá.

— Então, alguém conseguiu abri-los! — inquietou-se, caminhando de um lado a outro. — Mas quem?

O guarda olhou para baixo antes de opinar.

— Senhor... Tenho motivos para crer que sejam os Malditos.

Enézio olhou para com espanto para o outro, que se apressou em explicar:

— Não são suposições vãs, é claro! Existem algumas evidências. Os Malditos são conhecidos por atos desse gênero. Certamente, conseguiram abrir os cadeados com algum instrumento.

— Mas isso não é o suficiente para você me dizer que são eles...

— Não, senhor, não é — respirou lentamente, prestes a dar uma má notícia. — Nós também encontramos resquícios de fogueiras em três pontos distintos da floresta essa manhã.

Os olhos de Enézio se espantaram.

— Devem estar rondando a propriedade, senhor — completou.

Os Malditos a quem tanto se referiam eram, mais necessariamente, os ciganos. A sociedade os via com repúdio e medo, a Igreja os condenava e o grande pavor de todo suserano era ter suas terras invadidas e saqueadas por eles.

— Iniciem a caçada a esses infelizes! *Já!* — bradou, muito nervoso.

— Senhor... — gaguejou, recuando alguns passos. — A lenha que encontramos estava bem fria, nas três fogueiras. Já devem ter partido. O que mais nos assusta, no entanto...

Calou-se, com as sobrancelhas franzidas, como quem deixa escapar uma informação perigosa.

— Fale, homem!

Pôs velocidade nas palavras, como se assim soassem menos perturbadoras:

— Assusta-nos a ideia de que os Malditos tenham raptado Caroline.

O charuto de Enézio escorregou para fora da boca aberta. Ele tinha os olhos vidrados na paisagem.

— É só uma hipótese, senhor — concluiu, com a voz baixa, pedindo licença para continuar a busca.

Dentro do castelo, Antonelle chorava. Elizabeth queria muito ficar até tudo se resolver, mas Jeán era contra.

— Você só sabe chorar! — alegava à esposa. — Como vai ajudar desse jeito? Como sempre, ela simplesmente concordou e preferiu obedecer.

Bernardo e Caroline caminhavam sem descanso havia algumas horas. A garota não permaneceu muito tempo sobre o cavalo, a fim de não desgastar o animal, e seus pés começavam a latejar.

Não trocaram uma única palavra desde a retomada do caminho. Caroline não queria ouvir aquela voz rude, e Bernardo fazia questão de não manter diálogo com aquela menininha mimada.

Até que ela se sentou, soltando um forte suspiro de cansaço, e fechou os olhos.

— Preciso parar um pouco! — respirou com força, retomando o fôlego. — Estou cansada. Estou faminta!

— Não pensei que fosse aguentar tanto tempo — admitiu, descendo algumas trouxas das costas de Apolo e jogando-as no chão.

Na verdade, Caroline apenas não admitira antes sua exaustão por orgulho. Estava em seu limite. A pressão começava a cair, ela sentia muita tontura.

Com mais disposição que a menina, Bernardo foi buscar água. Caroline esperou até ele chegar com as duas canecas de alumínio, amassadas e velhas, mas que lhe pareceram preciosas, cheias de água fresca. Bernardo aproveitou para encher um cantil de tamanho razoável.

— Ah, estou com tanta sede...

Tomou o copo da mão de Bernardo, sem agradecer. Ele percebeu, mas não se incomodou. Sabia que ela poderia ser bastante agradável, dependendo das circunstâncias. No entanto, tinha o gênio forte e, irritada como estava, seria impossível esperar qualquer palavra suave da sua boca.

A água se esvaziou rapidamente dos copos, e aquele silêncio constrangedor se formou.

— É legítima a pedra do seu colar? — ele perguntou, de repente.

Caroline ergueu o pingente com uma das mãos, colocando-o mais próximo dos olhos. Admirou-o por alguns instantes, e aquilo trouxe a lembrança da sua mãe, amolecendo seu coração.

— Sim. É herança de família.

Seus olhos se perderam no chão. Ela se emocionou ao tocar naquele assunto.

— Por que não me conta o que há de tão bonito nessa história?

Ela olhou para Bernardo com surpresa.

— Dá para ver em seus olhos — explicou.

Com um sorriso, Caroline contou brevemente a história que girava em torno do colar e da sua verdadeira dona, sua bisavó Antonieta. Falou da bravura da mulher, da grande loucura que ela fizera por amor, da admiração que sentia por ela.

— Não imagina o quanto significa, para mim — concluiu, com um sorriso sereno. — Tornou-se meu talismã. E eu sei que não veio até mim por acaso...

— É realmente lindo — observou. — Já vi algumas pedras preciosas, mas nenhuma como esta. Importa-se que eu o veja?

Ela retirou-o e o estendeu para Bernardo. Quando a peça tocou a mão dele, sentiram uma brisa repentina que pareceu desconcentrá-los.

Eles se entreolharam, zonzos. O coração de ambos estava disparado, como de alguém que acaba de levar um susto. Embora não trocassem uma palavra, eles sabiam, de alguma forma, que sentiam o mesmo.

Bernardo recuou a mão, sem jeito, e Caroline tornou a vestir o colar. A brisa perfumada também pareceu recuar de volta para as árvores.

— Acho que tantas horas sem comer não nos fez muito bem — ele concluiu, levantando-se.

Caroline continuou em silêncio, olhando para a pedra em sua mão. Estava quente como se tivesse passado horas debaixo do sol. *Será que estou delirando?*

Seguiu Bernardo, que guiava Apolo até o riacho próximo dali para beber água. Ela se sentou ao lado dele, lembrando-se da recente conversa que gerara a discussão.

— Falou sério quando disse que eu era feia?

Apertou os olhos, xingando-se. Que idiotice perguntar aquilo!

— Eu não disse que era feia.

— Mas pensou.

Ele começou a rir.

— Eu *pensei*?

— Deixou subentendido.

— Falei que era convencida. Não que era feia.

Ergueu as sobrancelhas, mudando o rumo das palavras:

— Para quem já conheceu tantas mulheres...

Bernardo sorriu, sentando-se próximo a ela enquanto Apolo se deliciava com a grama rasteira.

— Sim, conheci várias. Mas foram todas cometas...

— Cometas?

— Passaram, fizeram sua história e partiram. Tudo muito rápido.

— Entendo — bateu os dedos uns nos outros, ponderando se era prudente perguntar sobre aquilo. — Mas deve ter alguma que ficou por mais tempo...

Ele inclinou o rosto, com um sorriso que o entregava.

— Sim. Houve uma.

Mergulhou nas lembranças por um instante, atirando pedregulhos na água, então começou a explicar.

— O nome dela era Adara. Eu a conheci em uma comunidade cigana.

Caroline retorceu o rosto, sem compreender. Ele percebeu.

— Deve conhecê-los como Malditos, milady...

Ela soltou uma leve exclamação de medo. Bernardo continuou, sem alterar a expressão:

— Convivi com um desses grupos por cerca de duas semanas. São como eu: vagam o mundo, encontram seu território sem tempo certo para partir. Eu já trabalhava nas terras do seu pai quando os encontrei. Era uma das minhas temporadas em viagem. Adara era a cigana mais linda já vista, e não havia quem não concordasse com isso. Alguns a chamavam de Harika, que quer dizer *maravilhosa*. Era o centro das atenções em todas as festas, não somente

— pela beleza, mas pela graça da dança. Mexia o corpo como uma serpente, sabia hipnotizar os homens.

— E hipnotizou você.

— De certa forma – deu de ombros. – Logo que integrei a comunidade, ela começou a se aproximar de mim e conseguiu me enfeitiçar. Mas não me orgulho dessa iniciativa dela. Adara é a ovelha negra. Vai contra todas as tradições da linhagem cigana de preservação do corpo, pureza, casamento...

— Os Malditos têm esses tipos de regras? – admirou-se, com desprezo.

— Se me permite dizer, milady, os ciganos são muito diferentes da imagem que moldaram a você. O que sabe sobre eles ou a vida que têm? Não fico surpreso se não me responder, nem a condeno por isso. Ninguém se importa em saber a verdade, quando algumas pessoas já inventaram uma explicação conveniente o bastante.

Refletiu um pouco, com a fronte expressando revolta, no entanto deixou de lado aqueles pensamentos.

— Vivemos um romance que durou bons dias – continuou. – Adara era aconselhada a não se envolver comigo por eu ser um “cometa”, e agora já sabe o que isso significa. Mas ela não estava preocupada em encontrar o homem com quem se casaria. Jamais esteve. Era amante da arte da sedução, dos vinhos e dos homens. Esse seu comportamento rendeu-lhe a vida nômade; já havia sido expulsa de duas comunidades. Da primeira, por sua própria família. Ela, porém, não se importava com aquilo, nem com nada mais.

Ficaram pensando naquilo, em silêncio, até Caroline concluir o assunto:

— Então, você se apaixonou por ela.

— Eu não diria dessa maneira.

— Mas disse, sem perceber — observou, atenciosa.

Bernardo ergueu as sobrancelhas, sem concordar nem contestar. Levantou-se, chamando Apolo, e convidando-a a continuar o longo caminho que tinham pela frente.

— Bernardo, por favor! — resmungou, exausta. — Minha barriga está doendo de fome...

Ele interrompeu os movimentos, lembrando-se que a sua companheira de viagem era uma garota da elite.

— É claro, milady.

Foram até os suprimentos que ela trouxera. Os estômagos começaram a resmungar enquanto Bernardo abria a corda do saco. Caroline não via a hora de se deliciar com os todos os doces e salgados com que o enchera.

Quando ele finalmente conseguiu, permaneceram um longo tempo olhando o seu conteúdo, inexpressivos.

— Isso é alguma brincadeira? — ele perguntou, num tom morno.

— Não é possível...

Ela puxou para si a abertura que ele segurava e observou mais atentamente. Não, seus olhos não a enganavam; havia trocado os alimentos que separara por um saco de lixo.

— Não é possível! — repetiu, com a voz alterada.

— Milady, o que é que...

— Fiz tudo certo! — desabafou, irritada. — Entrei naquela cozinha, peguei tudo o que encontrei, separei, depois fui buscar... Só se me confundi, entre tantos

Ouviu Bernardo começar a rir, e o observou com indignação.

— Eu sabia! Uma moça, tentar fazer um serviço benfeito... Não tem como funcionar!

– Como é?

– A questão é que uma dama não está acostumada a ser ágil, ter coragem o suficiente para...

Tof!!

O saco de lixo foi violentamente arremessado na direção de Bernardo, acertando-o na cabeça. Passado o grande baque, tudo o que enxergou foi um chão forrado de papéis e restos alimentícios, e, à sua frente, uma garota rubra de raiva.

– Não sou uma mera dama – explicou, num tom regular de voz. – E não me acho incapaz de coisa alguma por ser mulher.

– Não é mulher. É uma menina!

– Ah! E você é muito *velho*...

– Mais que você.

– Não me chame de *você*!!

Bernardo ergueu as duas mãos, desculpando-se.

– Perdão! Pensei que não fosse uma dama...

Não precisou dizer mais nada; ele já havia percebido que Caroline se contradizia com facilidade, e aquilo era um bom artifício para irritá-la.

De início, ela pareceu prestes a vomitar mil palavras grosseiras e mal pensadas sobre ele. Mas fechou os olhos, respirou profundamente e controlou sua impulsividade. Guardou as palavras para si, engolindo-as com dificuldade.

– Passar bem, senhor Rachlev.

Ele ficou espantado com o súbito autocontrole da garota, que pegou a sua trouxa e deu-lhe as costas com tranquilidade.

– Aonde pensa que vai?

– Não o obrigo a apreciar minha companhia, tampouco as minhas palavras – virou para ele os olhos magoados. – De alguém maduro como você,

esperava ao menos um pouco de consideração em um momento que não está sendo fácil para mim.

— Milady, eu...

— Conte-me, Bernardo: quantas damas você viu entrarem na floresta, para longe do conforto e da riqueza puramente material, sem qualquer ultimato? Renunciar a tudo em busca de algo que ouro nenhum poderia comprar? Sentir formigas picando suas canelas, enquanto podiam estar descansando em seu quarto limpo e seguro?

Ele apenas ouvia, perdido na dimensão dos pensamentos dela.

— E você ainda vem me falar de coragem!

Foi uma chuvarada fria inundando-lhe a alma. Bernardo ficou olhando para a garota, que agora lhe parecia muito mais madura do que nunca antes.

O queixo dela estremeceu e ela deu-lhe as costas, decepcionada. Cansara-se de ser inferiorizada o tempo todo, de se ver dependente de alguém que observava todas as suas incapacidades, enquanto o que buscava era justamente o contrário.

Adentrou rapidamente a densa floresta, e Bernardo, após algum tempo digerindo aquilo tudo, alcançou-a. É claro que não costumava adiantar, mas ele

— Milady, volte! Sei onde posso arranjar comida.

— Se você pode, eu também posso.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Milady, espere!

Correu um pouco, tomando cuidado com os galhos e raízes, e agarrou o braço dela. Caroline se soltou no mesmo instante.

— Não preciso mais de você, Bernardo. Nossos caminhos se separam aqui.

Ele respirou profundamente, cruzando os braços com lentidão.

— E como pensa que vai chegar à saída?

— Não interessa! Para mim, já não importa para onde vou. Vou continuar caminhando, até encontrar algum lugar que me pareça razoável para viver, nem que seja aqui mesmo, na mata.

Ele fez uma expressão de concordância.

— Então, acho que chegou a hora de dizermos adeus. Só Deus sabe aonde vamos parar. É muito provável que nunca mais voltemos a nos ver.

Ele tentava ser objetivo. Ela, indiferente. Mas aquela ideia de *nunca mais* trazia a ambos um aperto estranho no peito.

Então, Bernardo riu.

— O que foi? — perguntou, amuada.

— Nada, eu... — riu mais um pouco. — Só estava me lembrando do dia em que encontrei você. Ou reencontrei...

Ela sentiu uma leve pontada, mas não demonstrou.

— A forma como nos encontramos, depois de tantos anos, foi muito...

Não encontrou uma palavra apropriada. Caroline acompanhou os pensamentos dele:

— A não ser que você considere normal duas pessoas se reconhecerem enquanto caem de um cavalo, eu diria que foi bem normal.

Deixaram escapar um riso breve, então retomaram a conversa séria.

— Bem, milady, se ainda quiser encontrar a saída, pode ter sucesso seguindo por aqui — apontou um caminho entre algumas rochas. — Estamos muito desviados, por estarmos nos escondendo dos guardas, e demora muito mais desse jeito, pelo interior da floresta...

Explicou como Caroline reconheceria a saída, e ela ouviu sem perguntar nada. Bernardo torceu para ela estar arrependida, porém sabia que ela dificilmente voltaria atrás numa decisão.

— Agradeço sua ajuda — balbuciou, depois de ele terminar.

— É a minha parte no acordo, embora você a tenha minimizado bastante. — Mas é o suficiente. Creio que eu já possa partir. E você também.

— Sim.

Foi como se as aves tivessem parado de cantar e o vento não mais soprasse, nos segundos em que os olhares deles se prenderam. O lado racional de ambos exigia que desviassem os olhos, porém algo ainda os mantinha ali, parados, simplesmente se olhando sem pensar no que aquilo significava.

Bernardo abriu um sorriso de irmão mais velho, afastando com as pontas dos dedos uma mecha de cabelo sobre o ombro dela.

— Não vá fazer nenhuma bobagem — aconselhou. — Se quer ir embora, não posso impedi-la. É o caminho que escolheu seguir. Mas por favor, milady, prometa tomar cuidado...

— Como se você se preocupasse comigo... — comentou, com a voz baixa.

Bernardo fechou a expressão.

— Se não me preocupasse, não estaria aqui.

Relaxou as sobrancelhas, deixando aquilo para lá, e respirou fundo.

— Adeus, menina.

Caminhou de volta, sem dizer mais nada nem olhar para trás. Ela tentou responder, mas a palavra adeus pareceu não querer ser pronunciada. Alguma coisa estava embaralhada dentro dela. A fome se fora. O coração não voltava ao normal. E seus olhos continuavam presos nele.

Virou as costas, tentando afastar as borboletas que pareciam voar ao redor da sua cabeça e, pela primeira vez, viu-se a sós com o caminho desconhecido a seguir.

Bernardo tentou sentir pena dela, mas a verdade era que estava orgulhoso da sua coragem. Engoliu aquela admiração repentina, segurou a rédea do animal, e seguiram, ambos.

Dessa vez, cada um para o seu lado.

CAPÍTULO 15

O CHAMADO MUDO

Algo parecia chamá-lo. Seu corpo expressava livremente seus ímpetos, sem o controle da mente. Até que ela soltou um brado abafado...

Caroline encontrou algumas frutas, bebeu água do riacho, caminhou, caminhou e caminhou, sem tréguas nem descanso. Sentia-se ansiosa e aflita. Se ao menos tivesse certeza de estar indo para o lado certo...

Já afastado, do outro lado das árvores, Bernardo também seguia, embora sem a motivação de antes. Ia a passos lentos, como se estivesse meramente a passeio. Em cada ponto que olhava, via o rosto de Caroline. Como estaria ela? Deveria tê-la impedido de partir? Afinal, é só uma garota, mal sabe se defender...

Oras, dane-se a garota! – pensava, de repente. Acelerava o passo, determinava mentalmente aonde chegaria... Mas e ela? Para onde estava indo?

Sim, enfrentaria graves problemas. Mas o que ele podia fazer, se foi ela quem decidiu assim?

– Há de cumprir o destino que lhe cabe – concluiu, tentando se conformar.

Já haviam se passado duas horas desde a separação, e Caroline estava realmente exausta. Encontrou mais um pouco de água para matar a sede e se sentou sobre uma pedra, ofegando.

Foi aí que sua mente foi bombardeada por milhares de pensamentos concomitantes. Deu-se conta de que não fazia ideia de para onde estava indo. E se estivesse indo na direção do castelo? Olhava em volta, tentando encontrar qualquer ponto de referência para se guiar, mas estava completamente perdida.

Forçou a mente, tentando se lembrar do ponto por onde Bernardo sugeriu que ela fosse. Teria desviado o caminho? Ao seu redor, tudo parecia tão igual. Qual daqueles caminhos a levaria para o lugar certo? Afinal de contas, existia um lugar certo?

Não queria que aquilo acontecesse, mas começava a se desesperar. Estava sozinha, sem rumo, sem uma direção, qualquer coisa que a guiasse. Em todos os lados, via sempre o mesmo cenário florestal; mato, troncos, ladeiras. Para que lado lhe indicava o coração? Todos... E, de repente, nenhum. Sua respiração ia ficando mais veloz, ela olhava à sua volta compulsivamente, o coração pulava...

Bernardo parou de caminhar, de repente, fixando o olho em qualquer ponto do chão. Não ouvia nem sentia nada além do seu coração, que batia com força.

Caroline ficou em pé, girando em volta do próprio corpo, cada vez mais aflita. Bernardo ergueu os olhos para o alto, como uma presa que ouve o ruído de um predador a se aproximar.

A garota levou as duas mãos à cabeça e começou a chorar ininterruptamente. Bernardo deu alguns passos na direção oeste, as sobrancelhas franzidas. Algo

parecia chamá-lo. Seu corpo expressava livremente seus ímpetos, sem o controle

Até que ela soltou um brado abafado. Talvez uma exclamação de rendição, um atestado de completa solidão e dúvida, o que fosse. Soltou o corpo no chão, sentando-se sobre a grama e as folhas, e apertou os olhos, deixando as lágrimas

Ele estava inquieto. Caminhava pelos arredores com os ouvidos atentos, como se algo fosse despertar sua atenção a qualquer instante. O coração gritava uma mensagem que ele não conseguia captar. Repetia, reavisava, mas Bernardo simplesmente não compreendia.

Livre dos soluços seguidos, Caroline abriu os olhos. Não tinha vontade de se levantar, de reagir, de seguir em frente. De repente, seu coração pareceu parar; dois olhos a miravam, por entre as árvores, a alguns metros de onde ela estava sentada. A menina continuou olhando, incapaz de mover um músculo ou soltar uma única palavra. Eram dois olhos escuros, e olhavam diretamente para ela.

Bernardo parou, mirando um caminho entre uma pedra e um tronco caído. Havia algo ali, ele sabia.

Os olhos escuros avançaram o matagal e o rosto se expôs, saindo do anonimato dos galhos e folhas que o ocultavam. Era um homem.

Incapaz de gritar ou levantar-se, a garota se arrastou para longe, chutando tufo de grama com os pés desajeitados e machucando as mãos com a força que aplicava em vão, tentando ganhar velocidade.

Bernardo caminhou naquela direção misteriosa. O que quer que fosse, sabia que precisava seguir por ali.

O rosto do homem saiu das sombras e Caroline pôde identificá-lo mais claramente. Viu duas sobrancelhas grossas sobre um olhar cheio de mistério e terror, e ela conseguiu se levantar, às pressas, correndo com todas as suas forças para qualquer direção, num auge de aflição que jamais experimentara. Olhou para trás; o homem a seguia, numa corrida mais lenta que a dela, e ela se viu uma presa muito fácil. Aquilo arrancou um grito desesperado da sua alma.

Um ímpeto muito forte inundou Bernardo, e ele montou rapidamente no cavalo. Tirou o velho relógio do bolso, e algo que os ponteiros lhe indicaram fizeram-no instigar o animal a atingir velocidades cada vez maiores. Tinha os olhos fixos em um ponto vazio.

O desespero trazia dificuldades para a fuga de Caroline. Ela corria aos tropeços, sentindo galhos quebrarem em seu rosto. O caminho parecia ter o dobro de pedras e raízes emersas em relação a todo o restante da floresta.

Bernardo suava. O bom cavalo, e velho amigo, corria com a maior velocidade em que já cavalgara, superando os obstáculos com uma facilidade tão grande que eles pareciam um espírito vagante. A cada vez que ela olhava para trás e via o homem ainda mais perto, Bernardo sentia um frio no estômago, que o fazia bater com mais insistência no couro do animal. Precisava de mais velocidade, mais velocidade...

Até que ela chegou em uma descida muito íngreme e, incapaz de parar de correr, tentou descê-la de qualquer jeito. Os primeiros tropeços se transformaram

em uma queda, e seu corpo se arrastou ladeira abaixo; só foi parar alguns metros depois, quando chegou a solo plano. Bernardo continuava a correr.

A consciência parcialmente perdida da garota voltava devagar. Com a vista embaçada, viu a figura do homem descendo lentamente o caminho pelo qual ela se arrebentou. Continuava vindo na sua direção. Ainda um pouco desvirtuada, arrastou-se para trás, com os olhos presos na figura que lhe causava tanto medo.

– Bernardo, onde está você? – sussurrou, choramingando.

Como se ouvisse o chamado, ele parou o cavalo, os olhos aflitos procurando por algo que ele sabia que reconheceria quando encontrasse. Não buscava um significado para o que estava fazendo. Na verdade, ainda não tinha parado para pensar; era qualquer tipo de instinto que o movia.

O homem ainda descia a ladeira, e não demoraria a alcançar a garota, que tinha lágrimas desesperadas correndo pelo seu rosto. Caroline respirou profundamente e gritou o nome de Bernardo.

Não se sabe se ele ouviu o chamado, ou se algo despertou dentro dele, mas as rédeas estalaram no pescoço do cavalo e o rapaz se atirou por entre as árvores, gritando o nome dela.

A menina congelou, sem voz nem movimento. Seus músculos não a obedeciam. Estava prestes a ser alcançada quando Bernardo apareceu, fazendo Apolo derrapar até parar.

O homem estranho parou de caminhar, fixando os olhos em algum ponto atrás dela. Voltou a subir a ladeira numa só corrida até desaparecer, no lugar de onde surgira.

Bernardo estava em completa estagnação. Era como se tivesse passado os últimos instantes fora de si e, agora, começasse a voltar lentamente.

– Bernardo... – murmurou, quase sem voz.

A voz feminina o despertou, e ele desceu do cavalo às pressas, correndo até ela.

– Estou aqui, milady!

Mal pôde acreditar quando o viu ali, agachado ao seu lado. Saltou num abraço ao qual ele retribuiu, dedicando toda a força que conseguia naquele enlace de conforto e alívio mútuo.

– Aquele homem horrível...

— Eu disse que era perigoso! Eu disse!

— Fiquei com tanto medo...

Continuaram abraçados, os olhos apertados, a respiração veloz. A angústia que inundara enigmaticamente o coração de Bernardo fundiu-se ao desespero de Caroline. Aos poucos, evaporaram juntos.

— Encontrou alguma coisa, Ernesto?

Dois homens estavam sentados sobre pedras, não muito distantes de onde a filha do barão quase fora pega. Ernesto caminhou até eles, com os passos lentos e pesados.

Era o homem que perseguiu Caroline.

— Eu nunca volto sem ter encontrado — respondeu, a voz grossa ecoando entre as árvores.

— Encontrou? — inquietou-se um deles, o mais mirrado, de cabelos loiros, ralos e finos. O nariz pequeno assemelhava-o a um rato. — Encontrou Malditos?

Ernesto sentou-se com tranquilidade, pegando a coxa de frango das mãos do rapaz miúdo, de nome Gilbert. Juarez, o mais velho dos três, de olhar obscuro e profunda cicatriz na sobrancelha, uniu as duas mãos e aguardou pacientemente pela resposta. Eram todos capangas do barão, enviados em captura de ciganos.

— Malditos... — zombou. — Esqueça os Malditos. Temos um peixe maior para pegar.

Gilbert soltou uma exclamação, ansioso.

— O que é? O quê?

— A garota.

Silêncio. Permaneceu apenas o som da mastigação do recém-chegado ao grupo. Gilbert e Juarez trocaram um olhar de surpresa. Os mexericos da jardineira Anita e a repercussão do escândalo do sumiço da noiva permitiram a todos dentro daquele grande feudo saberem da situação que vivia a família Mondevieu e a sua filha mais nova.

— E onde ela está? — quis saber o primeiro. — Está morta? Está doente? Por que não a trouxe?

— Cale-se, Gilbert — ordenou Juarez, sem olhar para ele. — Ernesto, você tem certeza?

— É claro que tenho certeza! — exaltou-se. — Eu a vi diante dos meus olhos. Estava com as roupas sujas e rasgadas, mas era ela. Vi o medo de dama em seus olhos, quando me aproximei dela.

Franziu as sobrancelhas grossas, mordendo com raiva o pedaço de carne. Gil pensou em arriscar uma observação, mas aguardou. Deixou passar um tempo e se manifestou:

— Então, temos que salvá-la e levá-la de volta ao castelo!

— Idiota! — exclamou Ernesto. — Não percebe? Só nós sabemos onde ela está! O barão nos daria qualquer recompensa em troca da menina.

— Ernesto tem razão — analisou Juarez, com a voz tranquila. — Mas, voltando ao que dizia, antes... Qual foi a razão de não tê-la trazido?

Ernesto soltou um grunhido de raiva.

— Um cavaleiro.

— Um cavaleiro? — Gilbert se sobressaltou. — E ele era forte? Não foi capaz de enfrentá-lo?

— Idiota! — gritou. — Minha fama de bravo corre os horizontes. O barão me buscou em terras vizinhas, depositou em mim sua esperança para livrar suas terras dos Malditos. E se eu apresentar a possibilidade de recuperar sua preciosa filhinha...

— Compreendo! — exclamou Juarez, com os olhos faiscando. — Ele lhe dará o que quer que você peça, em troca de ter de volta a menina, sã e salva...

— Você é um homem esperto, Juarez — abriu um meio sorriso satisfeito. — Sua mente estratégica, unida à minha força física...

Olhou para Gil, desgostoso.

– Daremos uma bela dupla. Gil se sentiu decepcionado.

– – E o cavaleiro protetor? – perguntou aos outros dois. – O que faremos com

– Matar – respondeu Ernesto, friamente.

– Quer caminho mais simples? – concordou Juarez. – E se a garota não

– Ela também morre – decidiu Ernesto, sem olhar para nenhum deles.

– Mas... Mas... – Gil se inquietou, desesperado. – Estamos pensando em resgatá-la, não estamos?

– Errado.

Ernesto segurou o pequeno homem pelo pescoço e prendeu-o contra uma árvore, encarando-o com raiva.

– Estamos aqui para salvar a nossa pele, é para isso que viemos. O barão pode pensar que estamos seguindo suas ordens, mas a lei maior é a do mais forte.

Sabe o que acontece com os mais fracos?

Gilbert ofegou, desesperado, imaginando que ia morrer sem ar.

– Eles têm duas opções: unir-se aos mais fortes, ou...

Soltou o rapazinho, que caiu sentado, enchendo os pulmões desesperadamente.

– O que me diz, seu idiota?

Gil sentiu-se completamente sem saída.

– Estou com vocês – respondeu, cheio de medo.

Ernesto não demonstrou aprovação, nem o contrário. Apenas encarou o pequeno homem ameaçadoramente.

– Abra a sua boca sobre isso, e pagará com a sua vida.

Um pouco além, na floresta, Caroline continuava abraçada ao seu salvador. Os soluços já se haviam cessado, e algumas questões começavam a apontar em

sua mente.

— Não sei o que seria de mim se você não tivesse me seguido!

Bernardo a soltou, sério.

— Eu não a segui, milady.

— Não? Mas então... Como...

Entreolharam-se, confusos. Bernardo finalmente se questionou sobre o que aconteceu no momento em que pressentiu o perigo que Caroline corria.

Lembrava-se apenas de ter disparado com o animal, depois estava ali.

Definitivamente, não conseguia chegar a uma conclusão.

— Afinal, não foi desta vez que dissemos adeus.

Caroline puxou ar para responder algo, mas não soube o que dizer. Na verdade, não havia necessidade de se dizer mais nada. Ele estava completamente perdido na imagem da garota à sua frente. Não sabia por quê, mas aquela Caroline com os cabelos despenteados, o rosto arranhado e os olhos pequenos de tanto chorar era muito diferente da garotinha resmungona que o acompanhava no início da caminhada.

Parecia tão mais moça que menina...

Os pensamentos dela também vagavam ao redor daquele cavaleiro forte e heroico. Não enxergava diante de si o domador sem educação, mas um homem.

O homem que salvara sua vida, que levara para longe o perigo, que trouxera de

Ele chegou realmente muito perto. Ela percebeu estar diante de um dos momentos mais temidos da sua vida. Arrastou-se para trás, como quando fugia do estranho, mas Bernardo segurou-a pelas costas.

— Bernardo, o que você...

Parou assim que sentiu o toque leve nas suas costas doloridas. A aproximação dele trouxe uma sensação que ela jamais experimentara. Seu coração, tranquilo, parecia mergulhado em água morna num dia de inverno.

Todo o seu corpo estava acomodado naquele exato lugar, e apenas seus lábios formigavam de inquietação, vazios demais.

Então, as bocas se encontraram. E um belo beijo poderia ter acontecido, se Caroline não o tivesse empurrado naquele instante.

No castelo, o barão fumava seu terceiro cachimbo. Antonelle tinha olheiras profundas, e parecia muito mais pálida do que sempre fora, andando pela casa sem olhar para ninguém.

— Minha filhinha... — sussurrou, sentando-se no sofá.

Começaria a chorar, se suas lágrimas e suas forças já não tivessem se esgotado. Olhou para o esposo, em sua intocável pose, à poltrona, com o cachimbo na boca. Aquilo lhe trouxe um ardor na face.

— Faça alguma coisa... — grunhiu, nervosa.

— Meus homens estão procurando por ela — respondeu, aparentemente tranquilo.

Ela o encarou, com as duas sobrancelhas quase unidas, tamanho o inconformismo.

— Você é desprezível — sussurrou.

Ele se sobressaltou, surpreso. Mas ela não se deteve:

— A culpa é sua! Ela foi embora, e a culpa é sua...

— Antonelle, contenha-se! — levantou-se. — Não sabemos se Caroline partiu. Pode ter sido raptada, levada ou...

— É claro que ela foi embora, Enézio! — bradou, desequilibrada. — Não suportou a sua repressão e foi embora! Quero a minha filha de volta!

— A nossa filha, Antonelle.

— *A minha filha, Enézio!* Se é que agiu feito pai com ela, em algum momento da vida!

Enézio empurrou a esposa com força, ordenando que se calasse. Ela caiu sobre a mesinha de centro, que se quebrou em duas.

Antonelle ofegou por um instante, assustada, e o encarou sem medo.

— Animal.

Dito isso, correu para as escadas.

Enquanto a mãe sofria uma agressão no corpo, Elizabeth também era ferida, embora num aspecto diferente.

— Jeán...

Correu até ele, com o rosto encharcado de lágrimas. O marido se assustou, acolhendo-a no abraço que ela buscava.

— Elizabeth! O que houve?

— Estou desesperada! — soluçava. — Minha irmã desapareceu, minha mãe deve estar aflita... Vamos voltar para casa, até tudo se resolver? Pelo amor de Deus!

Jeán suspirou com impaciência.

— Esta história, novamente?

— Jeán, é importante que eu esteja lá! Mamãe deve estar precisando de mim...

— Para quê? Acaso você é um amuleto da sorte? Vai atrair sua irmã de volta?

— Preciso dar apoio a ela, e ela a mim! Mamãe está sozinha...

— Ela tem o seu pai.

— Mas meu pai... — interrompeu a frase, agoniada. — Jeán, eu preciso voltar!

Ele se calou, ignorando as insistências da esposa. Aquela atitude geralmente significava assunto encerrado. Elizabeth, contudo, estava determinada.

— Jeán, *vamos!*

— Já conversamos sobre isso. Minha decisão é não.

Pela primeira vez em sua vida de casada, Elizabeth sentiu repulsa pelo marido. Parou de se humilhar e finalmente olhou para si própria. *Que amarras,*

afinal, me fazem sentir tão presa a este homem?

— Tem razão — falou, séria. — Você já decidiu que não. Mas a sua palavra não é a minha.

Ele a encarou, embasbacado, e viu a esposa em pé, mirando-o com autoridade.

— Caroline tem razão. Sempre teve razão.

Dirigiu-se à porta de saída, resmungando.

— Elizabeth, venha já aqui! — ordenou, irritado.

Mas era o mesmo que não ter dito nada. Contrariado, ele se levantou.

— Se sair, nunca mais volta!

Ela cessou o passo. Já estava debaixo da porta de acesso ao jardim.

Lentamente, virou o rosto submisso, os lindos olhos azuis tremulantes.

Ele cruzou os braços, satisfeito pelo poder que possuía sobre ela.

— Então, creio que passará a dormir sozinho.

E saiu. Jeán se descompôs totalmente, enquanto a esposa, enfim, tomava uma decisão sozinha.

Naquela mesma noite, apareceu de charrete na casa onde nascera. Antonelle, assim que avistou a filha querida, correu até ela e se abraçaram demoradamente, dividindo a dor em comum.

— Onde está Jeán? — perguntou a mãe.

Elizabeth se sentiu envergonhada. Passado o calor da decisão, sentia como se tivesse feito algo muito errado. Antonelle sorriu, compreendendo como só uma mãe poderia.

— Parece que nós duas finalmente colocamos em prática o que Caroline sempre tentou nos ensinar!

— Sim — concordou, recomeçando a chorar. — Mas não fale como se ela tivesse...

Morrido. Aquela mera possibilidade maltratava seus corações. Elizabeth abraçou a mãe com força.

— Estou aqui, mamãe! Estou aqui...

CAPÍTULO 16

SOMBRAS DE UM PASSADO

“Ainda me lembro do dia em que chegou até mim alegando ter se apaixonado por outro. Eu imaginaria qualquer um, menos Enézio Mondevieu...”

Já se passava um dia inteiro desde o episódio inexplicável entre os dois novos transeuntes da floresta. Desde então, não sustentaram um único diálogo decente. Ele bem que tentava iniciar algumas conversas, mas Caroline respondia com brevidade e o silêncio logo voltava a reinar. A cada vez que se olhavam nos olhos, ela virava o rosto rapidamente, enrubescida.

Mal imaginava que estava sendo observada de muito perto.

— Peço perdão se o estou interrompendo, senhor...

— Diga logo o que quer. Encontrou algum Maldito?

— Não. Mas há outra coisa...

— Então, não sei o que poderia ser tão importante! — falou o barão a Ernesto, que segurava o chapéu contra o peito, cabisbaixo.

Enézio já se retirava quando, com a voz melodiosa, o capanga anunciou:

— Nem notícias da sua filha?

A atenção do suserano voltou-se imediatamente para aquele homem.

— Desculpe o incômodo, lorde. Só pensei que lhe seria de interesse...

Apenas ameaçou vestir o chapéu para, como esperava, ouvir o barão chamá-lo de volta.

— Viu minha filha? Soube dela?

— Tenho notícias.

— Pois o que está esperando? Diga-me logo! — bradou, impaciente.

— Senhor... — suspirou, muitíssimo satisfeito com a reação do outro. — Sabe da minha bravura. Bem sabe, também, que posso buscar sua filha onde quer que ela esteja, lutar contra o mais cruel sequestrador e trazê-la de volta sã e salva. Contudo...

Meneou a cabeça, demonstrando tristeza. Antes que o barão perguntasse, continuou:

— Minha fama de bravo corre horizontes, e um suserano muito poderoso me ofereceu uma boa porção das suas terras em troca dos meus serviços. Estive pensando em aceitar.

Dizia exatamente como Juarez lhe orientara a fazer.

— Mas é claro que não! — argumentou. — Não pode simplesmente sair. Temos um acordo!

— Sou um homem livre. Não me tornei seu vassalo. Caço e vigio em troca de comida. E, se bem me lembro, o acordo me dá a obrigação de perseguir Malditos, e não damas em perigo.

Enézio silenciou-se. Era o primeiro sinal da vitória de Ernesto.

— É claro que podemos renovar esse acordo. Mas perseguir sua menina e batalhar contra os envolvidos em seu sumiço será custoso.

Aquilo não era parte do blefe; os capangas realmente acreditavam que o cavaleiro a havia sequestrado. Sua crença era reforçada pela maneira distante como vinham se tratando, desde que se puseram a observá-los — sem saberem que se devia à constrangedora tentativa do beijo.

— Pago o quanto desejar.

— E aos meus homens?

— Seus homens?

O barão ponderou, prevendo o tamanho dos seus custos.

— Não preciso que me responda já, lorde. Pense, enquanto retorno ao meu serviço. Em breve eu retorno com a proposta final, minha e dos meus companheiros, e o senhor decide se aceitará.

Pediu licença, retirando-se com o gosto da vitória ainda fresco. Seria fácil, muito fácil...

Na manhã seguinte, Bernardo ainda dormia quando Caroline despertou. Estava com muita sede, e não sabia onde podia encontrar um riacho para beber água.

Lembrou-se do cantil do companheiro. *Ele não perceberá*, pensou, aproximando-se devagar. Inclinou o recipiente para encher seu copo, mas constatou que estava vazio.

— Se quiser, posso ir buscar água, milady.

Ela saltou, derrubando o copo no chão. Tentou se recompor rápido, a fim de ele não notar seu desconcerto.

— Não precisa. Eu mesma vou.

— Sabe onde fica o rio?

Balançou afirmativamente a cabeça, infiltrando-se na mata antes que se visse obrigada a olhar para ele. Bernardo apertou os olhos, terminando de acordar e lamentando que a situação entre eles estivesse daquela forma. Talvez até preferisse a Caroline ranzinza àquela Caroline estranha...

Escapando de alguns cipós, desviando de raízes e esquivando-se entre as pedras, Caroline seguiu um som de queda d'água até encontrar de onde ele vinha. O lugar era tão lindo que ela suspirou de emoção.

Jamais, em todos os seus anos de confinção disfarçada de vida, vira algo tão belo. Era um riacho simples, com pouco mais de um metro de profundidade, que corria entre as pedras e formava pequenas cachoeiras ao longo do seu leito. Caroline tinha a graça que poucos possuem: a de enxergar a beleza nas coisas simples – que, afinal, é a maior das belezas. Aquele pequeno oásis que ela encontrou transformou-se instantaneamente na imagem mais linda que já vira até então.

Desceu a pequena ladeira até atingir as primeiras pedras, com um primeiro fio de água corrente. Sentou-se sobre uma delas, de base mais plana, e deixou os

pés mergulhados na água fresca. Sentir a correnteza em sua pele a fez rir, e ela balançou as pernas, espirrando água para cima. Era como se todos os seus

problemas tivessem sido atirados ali e se quebrassem a cada pequena queda espumante de água, que ela admirava com deslumbramento.

Avançou no rio, equilibrou-se sobre outras pedras, e atingiu a parte mais funda do riacho, aonde a água chegava próxima à sua cintura. Aquilo era tão melhor que a sua tina de banho!

Não pôde resistir; dobrou as pernas e deitou-se, deixando que a água lhe banhasse todo o corpo. Deixou-se levar com tranquilidade, olhando para as árvores acima dela, os pássaros entre os galhos, os filamentos verdejantes que desciam até o chão. Toda a maravilha da qual fora privada a vida toda.

— Este só pode ser o céu do qual padre Reynald falava tanto... — riu. — Estou no paraíso!

Passou um longo tempo ali, deleitando-se naquela sensação inédita. Enfim, levantou-se, sentindo os pedregulhos submersos fazerem cócegas em seus pés, e encheu o cantil. Apertou os cabelos com as mãos, tirando o excesso de água, e voltou a escalar cuidadosamente as pedras maiores para voltar à terra seca.

— Milady!

Era Bernardo. Ela olhou para cima, além da grande subida que tinha pela frente.

— O que faz aqui?

Desconcentrou-se com a chegada súbita do rapaz e se desequilibrou. Sentiu os pés escorregarem no limbo, e seu tornozelo esquerdo se prendeu num vão entre duas pedras pontudas, que fincaram em sua carne.

Ela gritou de dor. Bernardo deslizou ladeira abaixo. Saltou pedra após pedra até chegar onde ela estava e a sustentou por debaixo dos braços, erguendo-a cuidadosamente. Assustou-se com a quantidade de sangue que corria sobre o pé da menina.

Preparou-se para carregá-la, mas ela desviou, gemendo de dor.

— Não! Eu consigo, foi só uma queda...

Contudo, assim que firmou a perna ferida, não conseguiu conter um grito.

— Deixe de cerimônias! Precisamos cuidar logo desse seu ferimento.

Ela não se preocupou mais em detê-lo, e o deixou carregá-la. A dor aguda que sentia não a permitia pensar em mais nada.

Com alguma dificuldade, Bernardo atravessou as pedras escorregadias e voltou até a clareira onde estavam instalados, com as unhas de Caroline fincadas em seus ombros. Ele lamentou estar sem camisa, naquele momento, mas deixou que ela desabafasse sua dor, mesmo que custasse a sua.

Assim que chegaram, Bernardo pousou a garota no chão com cuidado e pegou uma das poucas camisas que possuía. Rasgou uma tira grossa e amarrou-a firmemente sobre o ferimento. Com o restante de pano, limpou o sangue que ainda escorria.

O ardor parecia ter dado uma trégua. Um tanto mais calma, Caroline o observou agir, notando marcas vermelhas próximas ao pescoço dele.

— Você se machucou?

Ergueu os olhos para ela, sem entender. Caroline demorou a responder; era a primeira vez que se encaravam, depois do beijo que quase acontecera.

Apontou para os ombros dele com cautela:

— Estas marcas, aqui...

Ele passou a mão sobre os furos e arranhões avermelhados e riu.

— Você estava sentindo muita dor. É natural. É por isso que, quando alguém está com uma dor muito forte, lhe dão algo para morder.

— Está dizendo que fui eu quem...?

As palavras morreram em sua garganta. Ela quis desaparecer de tanta vergonha.

— Bernardo... Desculpe-me, eu não queria...

— Sem problemas.

Ela levou uma das mãos à testa, olhando para baixo.

— Sua camisa...

Olhou para a tira encharcada de sangue em volta do seu tornozelo. Depois, para suas mãos vazias.

— E eu derrubei seu cantil no riacho... — olhou para ele com sincero remorso. — Só lhe dei prejuízo!

— Nada que não possa ser substituído ou recuperado — sorriu, no pequeno instante em que olhou para ela. — Não se preocupe com isso.

Pousou no chão o pano branco, agora ensanguentado, e suspirou com preocupação.

— Não pode prosseguir neste estado, milady. É claro que não estou falando em voltarmos, mas você precisa se recuperar antes de...

— Recuperar? Não! Precisamos ir em frente!

— Irá contaminar o ferimento, se não tomarmos cuidado.

Ela soltou um breve riso de ironia.

— Então, vamos encontrar uma família que possa me acolher até que cicatrize...

Bernardo não compartilhou seu riso.

— Eu estava brincando!

— Eu sei, milady. Isso seria o ideal. Mas já que não é possível...

Olhou para ela, distraído. Seus olhos acusavam estar imaginando qualquer coisa perigosa ou desaprovadora, e ela percebeu de imediato.

— Bernardo, o que está pensando em fazer?

Ele se sentou no chão, descansando os joelhos.

— Existe um meio de esperarmos que se cure em segurança. Também podemos cuidar adequadamente desse seu ferimento, mas...

— Mas?

Ele respirou fundo, olhando para ela com uma ponta de mistério.

— Terá de confiar em mim.

Caroline sentiu uma pontada de medo. Pela maneira como falava, Bernardo mais fazia parecer um novo problema que uma solução.

Porém, tudo o que ela possuía era uma trouxa e uma perna machucada.

— Está bem — concordou, com um breve sorriso aventureiro.

Bernardo pareceu aliviado com a disposição dela. Não quis dizer o que pensava em fazer, nem para onde pretendia guiá-los. Apenas montou a garota sobre Apolo e seguiu lentamente por uma trilha mais para o interior da floresta. Enquanto isso, Ernesto voltava a bater à porta do barão. Juarez estava com

— O senhor não está — informou Dinamene.

— Pois diga a ele que Ernesto, o Bravo, esteve aqui. E que não gostou de ter perdido a viagem.

Deu as costas à criada, sem dizer mais nada. Dinamene observou os homens montarem em cavalos de pelagem marrom-escura e desaparecerem ao longe.

— Ernesto, o Bravo... — murmurou. — Acho que não gosto desse homem.

Algum tempo depois, os dois capangas chegaram ao esconderijo na floresta, próximos ao local onde Caroline e Bernardo descansaram na última noite.

Gilbert ficara sob a missão de investigar os passos da garota e segui-la, se fosse necessário, deixando rastros aos outros dois. Mas tudo o que encontraram foi o companheiro profundamente adormecido.

— Onde está a garota? — bradou Ernesto, assim que o avistou.

Gilbert saltou. Seu coração disparou ao ver de volta os dois companheiros. Ainda soavam em seus ouvidos as ordens detalhadas de Juarez antes de deixarem o local. Notificando que Caroline não estava mais ali, e que ele não fazia ideia de para onde ela poderia ter ido, sentiu o estômago revirar.

Ernesto se aproximou do pequeno homem, que tentava demonstrar o máximo de eficiência.

— Eu... Mestre... Me perdoe, eu...

— Idiota!

O homenzarrão o arremessou contra uma pedra com o movimento largo de um único braço. Gilbert teve certeza de que morreria naquela tarde.

— Estou exausto de você, Gilbert! Se não pode nos ajudar, também não vai atrapalhar.

Ernesto arrancou o facão da cintura, os olhos vermelhos mirando o outro, que tremia de medo. Sabia que não era capaz de fugir.

— Espere, Ernesto – interveio Juarez. – É arriscado.

— Arriscado é manter vivo este homem! Vai acabar nos entregando, com sua incapacidade.

Ernesto segurava o pequenino suspenso no ar, e o facão a postos em sua garganta. Demorava-se, como um gato a divertir-se com a presa antes de devorá-la.

Mas Juarez insistiu, em sua constante tranquilidade:

— Se ele morrer, atrairá aves carniceiras. Do castelo, poderão ver os urubus e virão notificar se não é a menina. Nós dois seremos os primeiros suspeitos do assassinato de Gilbert.

Ernesto afrouxou a mão à medida que seguia o raciocínio do parceiro. Gil suava muito, incapaz de argumentar em favor da própria vida.

Sentiu um alívio forte quando foi lançado de volta ao chão.

— Suma daqui – ordenou-lhe o matador. – Direi ao barão que partiu para novas terras. Portanto, se eu souber que voltou a pisar no território do velho, acabo com sua vida. Vá, e morra bem longe daqui.

Gil se levantou com dificuldade, com os olhos arregalados de pavor. Tentou buscar apoio em Juarez, que olhava para ele com desprezo.

— Um problema a menos.

Antes que mudassem de ideia, ele se atirou para dentro da floresta, tropeçando nas próprias pernas. Quando não podiam mais ouvir seus ruídos, os outros dois voltaram a conversar, como se nada tivesse acontecido.

— A garota é alvo fácil – disse Ernesto. – Só precisamos garantir que teremos nossa devida recompensa. Aí, a menina só precisa nos obedecer e ser

muito boazinha. Se contar ao papai tudo o que lhe aconteceu no caminho de volta, saberá que morrerá – riu, sádico. – Será divertido.

– E depois?

– Depois, nós mesmos a sequestramos. Pedimos uma nova recompensa, e assim por diante. Em pouco tempo, estaremos jantando na mesa do velho!

Riram uma risada fria, e partiram atrás de rastros que os levassem à menina.

Apolo parecia saber da fragilidade Caroline. Tinha o passo leve e lento, sob os comandos do domador. Tudo, aliás, estava muito tranquilo; apenas alguns pios de aves e o ranger de folhas e galhos ao vento brando cortavam o silêncio.

Aquele ambiente tomou conta dos dois viajantes, que sentiam a aflição e a ansiedade arrancadas dos seus corações. Não pensavam mais no batalhão que devia estar atrás dela, nem no que fariam depois de atravessarem a saída secreta da floresta. Naquele raro momento, seus corações se permitiam gozar da paz que residia ali, entre eles, o verde e os seus pensamentos mais íntimos.

Por vezes, ele verificava se estava tudo em ordem com ela, e os olhares se encontravam. A gratidão começou a ter alguma relevância dentro de Caroline, que parou de desviar o olhar sempre que o via. Em vez disso, sorria brandamente. Era uma maneira de demonstrar algo que acabou revelando quando ele a descia com cuidado do cavalo e a pousava sobre um tronco, sentada.

– Estou feliz por você estar aqui comigo.

Pego de surpresa, ele não respondeu. Apenas abriu um sorriso grato, terminando de apoiá-la no solo.

– Não sei onde ou como eu estaria agora se não fosse por você. Tanta coisa ruim poderia ter acontecido! Quando aquele homem apareceu, se você não tivesse...

Ele a fez calar-se, pousando o dedo sobre sua boca.

– Eu estou aqui, milady. Isso é um fato. E acredito que haja uma razão para tudo o que nos acontece.

Ele pegou algumas frutas colhidas no caminho e as descascou com um facão, dando o assunto por encerrado. Caroline, no entanto, persistiu:

— Que tipo de razão você acredita existir para estarmos aqui, agora...

Ela se deteve, antes que acabasse dizendo *sozinhos*. Bernardo pensou um pouco antes de responder.

— Estou aqui para protegê-la e guiá-la. É para isso que vim. Aliás...

Passou a mão pelos cabelos, visivelmente constrangido.

— Aquele dia, depois que o estranho foi embora, eu não sei o que deu em mim. Foi o momento. Eu jamais teria feito aquilo, você sabe!

— Ah, sim... — ela se lembrou da tentativa do beijo e da maneira como ela fugira. Sentiu um nó no estômago e se esforçou para não gaguejar. — Eu sei, é

— Não, não sabe. Ficou estranha comigo depois disso.

— Eu? Não, é claro que não! — olhou para baixo, disfarçando.

Ele soltou um riso breve, pegando outra fruta. Um silêncio se instalou enquanto Caroline hesitava, em sua mente, entre perguntar ou não. A frase vinha até a garganta e voltava, vezes seguidas.

Acabou que ela soltou metade:

— Você ia...?

Tossiu, sem jeito. Bernardo franziu o cenho.

— Ia o quê?

Censurou-se por ter começado aquela pergunta, mas a curiosidade gritava dentro de si. Respirou fundo, sem conseguir completar a frase, então Bernardo o fez por ela.

— Quer saber se senti vontade de beijá-la?

— Sim — exaltou-se, constrangida. — Olhe... Esqueça! Foi só uma curiosidade tola, eu... — Senti.

Ela congelou. Não estava preparada para a resposta. Ao mesmo tempo em que aquilo lhe trouxe o orgulho feminino do sucesso na arte da sedução, ficou completamente sem ação.

— Disse que senti, não que sinto — explicou, sério. — Foi um impulso tolo. Por sorte, você fugiu antes que eu agisse sem pensar.

Uma nova discussão estava prestes a nascer. Prevendo isso, Bernardo se levantou e entregou uma fruta para a garota, abocanhando a outra.

— Falta pouco, milady. Se nos apressarmos, conseguiremos chegar antes do pôr do sol.

— Para onde estamos indo, afinal?

Ele acabou com a pequena fruta em grandes mordidas antes de responder.

— Disse que confiava em mim.

— Sim, mas quero saber...

Sem aviso, ele a carregou, fazendo-a soltar um gritinho e esticar as pontas dos pés. Bernardo conduziu-a até o cavalo, rindo.

— Depois, diz que não é uma dama...

— Não sou uma dama! — defendeu-se. — Sou uma mulher.

— Não, milady — colocou-a sentada sobre Apolo. — É uma menina.

— Uma mulher!

— Menininha.

— Mulher! — inclinou-se, teimosa. — Só uma mulher para fazer o que eu... Ahh!

Curvou-se tanto ao sabor da argumentação que acabou escorregando do animal. Bernardo conseguiu segurá-la, mas não antes que o pé machucado se

apoiasse automaticamente no chão. Passado o primeiro golpe de dor, ela compartilhou sua reflexão revoltada, com a voz apertada:

— Se há mesmo uma razão para tudo, que razão existe para eu ter machucado

Ele ergueu os ombros, muito lógico.

— Estarmos aqui, e não em algum outro lugar.

Ela não pensou que ele fosse levar a sério, e se surpreendeu com a resposta. Olhou para ele, questionadora.

— E que outro lugar seria esse?

Ele se calou mais uma vez, olhando entre as árvores.

— O lugar errado.

Ela desfez o sorriso que denunciava o tom de brincadeira e o mirou com seriedade.

— Às vezes você me surpreende, sabia?

Bernardo sorriu, dando um novo impulso para equilibrá-la sobre o cavalo.

— Costumo causar isso nas mulheres – piscou. – Vamos embora!

Recomendou, brevemente, para ela se segurar e retomaram o caminho que os guiava até onde somente ele sabia.

A atmosfera continuava tensa na mansão dos Mondevieu. Apesar do orgulho ferido, a amizade de anos a fio falou mais alto e Fernão foi prestar solidariedade à família. Filip não o acompanhava; era doloroso demais para ele. Não contou a ninguém sobre a carta que Caroline deixara, e até compreendia seus motivos, mas não podia deixar de pensar que poderia estar casado com ela, no aconchego de uma casa na qual realizaria tantos sonhos... Menos o de vê-la feliz.

Agora, eram como folhas secas jogadas ao vento.

Antonelle não conseguia mirar o marido nos olhos, não somente pela agressão sofrida, mas sobretudo por sua ociosidade em relação ao sumiço da própria filha.

— Enviei homens por toda a redondeza – explicava a Fernão, sentindo-se importante. – Estão todos sob ordens rígidas de não descansarem enquanto não encontrarem minha filha.

— Faz muito bem! – apoiou o duque.

Antonelle não conseguia mais sorrir sem real motivo ou vontade. Permanecia séria e calada, fazendo o papel decorativo para o qual sempre servia, em momentos como aquele.

— E sua esposa, Antonelle... — chamou Fernão, com polidez. — Parece tão introspectiva!

— Oh, minha esposa...

Por debaixo da mesa, usando a ponta do seu pé, o barão cutucou a perna da mulher, retirando-a de onde quer que estivesse, em seus pensamentos.

— Está sofrendo com a falta da filha, pobrezinha! É uma mulher tão frágil...

— Alguém tem que se preocupar — retrucou.

Enézio arregalou os olhos, inconformado. Os olhos dela inundaram.

— Ora! Não sou uma mulher tão frágil? — revoltou-se. — Pois vá você, homem de fibra, desbravar onde quer que seja necessário para encontrar a minha Caroline. Seu inútil!

Retirou-se da mesa com passos compridos. O barão petrificou-se, inconformado, e Fernão sentiu um impulso bastante forte, detendo o amigo no momento em que ele se levantava para seguir a esposa.

— Se me permitir... — sugeriu. — deixe-me conversar com ela. Sabe que já ajudei muitos amigos em situações conflituosas.

Fernão era um homem equilibrado. Muitos buscavam seus conselhos ante uma crise, ou na necessidade de se tomar uma decisão importante.

— Vá — autorizou, irritado.

Fernão pediu licença e seguiu o caminho por onde Antonelle fora, até avistá-la em um dos bancos do jardim.

— Incomodo? — anunciou-se, com um sorriso cortês.

Ela pareceu ligeiramente contrária à sua companhia, mas não o impediu de se sentar ao seu lado. Fitava o horizonte, com a fronte franzida pelo sol.

— Ele é um monstro — disse, antes do duque começar qualquer assunto. — Se veio tentar me convencer do contrário, está perdendo o seu tempo.

— Não vim para isso — garantiu. — Eu sei, Enézio tem um coração frio, embora convença a muitos do contrário. Mas a escolha foi sua, não é mesmo?

Ela arregalou ligeiramente os olhos azuis.

— Se reclama hoje — concluiu —, sabe que é uma consequência da sua decisão de ontem.

A bela mulher baixou os olhos, respirando profundamente.

— Fernão, já faz tanto tempo...

— Mas você o escolheu! — exaltou-se. — Antonelle, as coisas poderiam ter sido tão diferentes! Ainda me lembro do dia em que chegou até mim alegando ter se apaixonado por outro. Eu imaginaria qualquer um, menos Enézio Mondevieu...

— Fernão, por favor!

— Nunca entendi por que preferiu aquele homem a mim — lamentou, com uma mágoa equilibrada. — Ele sempre foi tão frio, enquanto eu estava lá, disposto a me doar por inteiro. Você é uma mulher que merece todo o cuidado e atenção.

— Palavras são simples de se jurar, Fernão — argumentou. — Com Marguerite, que Deus a tenha, você não demonstrava ser essa fonte de carinhos.

— Eu não a amava! Pensei que poderia amá-la um dia, mas me enganei.

— De qualquer maneira, as coisas são como estão. Por favor, tanto tempo se passou!

Tentava encerrar o assunto, mas o duque resistia.

— Nunca me esquecerei de você — murmurou, sonhador. — Dos nossos agradáveis passeios pelos jardins compridos nas terras do meu pai, aguardando pelo dia em que nos casaríamos e eu finalmente a teria para mim. No entanto...

Ela o mirou com um realismo definitivo no olhar.

— No entanto, Fernão, eu me apaixonei por outro homem.

Ele suspirou, triste.

— Apaixonou-se por Enézio. Para sua sorte ou azar, seu pai resolveu casá-la com ele, e não comigo, como sempre disse que seria. Deve ter ficado muito contente, não é mesmo?

Ela olhou para os lados da floresta, com a respiração profunda. Levantou-se, deixando Fernão sozinho no banco e lhe desejando uma boa tarde. Ele passou as

mãos pela cabeça, remoendo aquela história de amor que morreu na esperança, apenas, deixando-se ficar perdida no tempo. Sina de pai e filho.

Antonelle adentrou o castelo e se fechou em seu quarto. Caminhou de um lado ao outro do cômodo, inquieta.

Quando começava a anoitecer, ela finalmente se sentou à escrivaninha e pegou uma folha de papel.

Meu amor,

Talvez seja desconcertante eu escrever agora, depois de ter jurado a você que nunca mais o faria. Hesitei muito antes de escrever esta carta, mas decidi por fazê-la...

Esta tarde, o amor que sempre tentei manter adormecido despertou mais uma vez. Tentei resistir, porém foi inevitável. Ele ainda arde, aqui dentro, embora eu insista em lhe dizer que não.

Como era bom poder te amar sem restrições! Deixar aquele sentimento tomar conta de mim, sonhar que ficaríamos juntos e seríamos felizes para sempre. Infelizmente, não foi o que aconteceu.

Respirou fundo e olhou para a porta fechada, antes de escrever sobre um assunto delicado e perigoso. Só depois que o terminou foi que finalizou a mensagem:

Pensei muito em você hoje. E nos outros dias todos, acredite. Sinto saudade das friagens repentinas...

Lembranças da sempre sua e eterna apaixonada, Antonelle.

Guardou cuidadosamente a carta em um envelope e chamou Dinamene.

Na floresta, Caroline acabara adormecendo sobre o cavalo, usando a trouxa como travesseiro. O balanço do trote manso e a calma da floresta naquele

entardecer não permitiram que seus olhos permanecessem abertos por muito tempo.

Mal escureceu e ela foi acordada por Bernardo.

— Já chegamos? — ergueu-se, ansiosa.

Bernardo fez sinal para que se calasse. Tinha a voz baixa, e isso preocupou a menina.

— O que há?

— Estamos quase chegando... Ela apurou os ouvidos.

— De onde vem essa música?

— Milady, por favor; antes, preciso explicar que...

— Tem uma luz! Logo ali, olhe!

Havia fogueiras e cantoria um pouco além, em meio a um grande grupo de pessoas.

— Sim, tem luz! — concordou Bernardo, impaciente. — É para lá que estamos indo, está bem?

— Mas o que há ali? Um povoado?

— Sim, de certa forma...

— Então, estamos saindo da floresta! — animou-se. — Já estamos perto da

— Fale baixo, por favor! Ainda estamos na floresta.

— Mas que tipo de gente viveria no meio do mato?

Enquanto Bernardo tentava formular uma explicação pouco chocante para ela, Caroline compreendia por si própria.

Por trás das moitas, eram observados por um homem.

— Bernardo, diga a verdade — tremia. — Não estamos nos encontrando com...

Com...

Ele suspirou, sabendo que o choque seria inevitável.

— É uma comunidade cigana.

— MALDITOS?

Foi em vão tentar acalmá-la. Ela se debatia sobre Apolo, que também começava a ficar inquieto.

— Não quero saber! Vamos embora agora, e para bem longe deste...

— Fiquem parados!

O homem que os espionava saltou para fora da moita, apontando-lhes uma lança.

CAPÍTULO 17

DAYEAH

Ela tinha certeza de que, naquele momento, nada de mal lhe poderia acontecer...

O silêncio dentro do quarto de Antonelle foi quebrado por três batidas secas na porta.

— Entre, Dinamene.

Estava sentada em sua confortável poltrona, com a expressão desconsolada.

— O que ele disse?

Parecia muito despreocupada com a possibilidade de alguém ouvi-la falar no assunto. Mas Dinamene decididamente não perdera o juízo; fechou a porta devagar e, só então, começou a dizer, com a voz suave e baixa:

— Ele mandou entregar isto.

Antonelle sentiu um frio no estômago.

— Tem certeza de que aquela carta não irá parar nas mãos de ninguém mais?

— Sim, senhora. Falei exatamente como pedi.

Enquanto Antonelle abria o envelope improvisado, Dinamene tomou a liberdade de se sentar na beirada da cama, pensativa.

— Ele ficou tão triste...

— Em receber notícias minhas? — decepcionou-se ligeiramente.

— Não, de jeito algum! — consertou. — Pelo contrário, ficou feliz com sua carta. Mas aquilo que escreveu sobre...

— Shhhhhhhhh! — interrompeu, nervosa. — Jamais toque neste assunto aqui dentro!

Dinamene arregalou os olhos, apavorada. A baronesa abriu a carta e começou a ler, em voz alta, compartilhando com a criada:

Querida Antonelle,

Mal pude acreditar quando recebi sua mensagem!

Fiquei muito contente. Ler suas palavras doces sempre me traz uma paz inexplicável.

Sabe o quanto temo perdê-la para sempre, embora eu saiba que já estou perdendo aos poucos. Como é triste não poder tê-la livremente em meus braços, dar-lhe todo o amor que merece, mas...

Os olhos dela encheram-se de água.

...somos obrigados a conviver com a memória um do outro, simplesmente.

Sobre o que me disse a respeito de...

Neste momento ela se calou, fechando a expressão. Era imprudente dizer em voz alta tais afirmações, e Dinamene respeitou o silêncio da patroa.

Nas entrelinhas daquelas doces palavras de amor, havia mais história que ninguém naquela casa jamais imaginaria, além de ela mesma e da sua confidente. – Um Maldito! Sai daqui! Sai!

– Milady...

Caroline aterrorizava-se diante daquela figura estranha. Esquecendo-se do seu ferimento, saltou do cavalo e, inevitavelmente, tombou para o chão, urrando de dor.

– Espiões! – condenava o homem, com um sotaque acentuado. Tinha a pele morena, cabelos escuros e braços muito fortes. – Não vou deixar que fujam e mandem gente atrás de nós!

Avançou contra eles, mas Bernardo se colocou em pé, entre ele e a menina apavorada.

– Por favor, amigo! – ele ergueu as duas mãos. – Não somos espiões.

– Não tem como provar! – revidou, desconfiado. – Foram mandados à nossa caça!

Ele disse qualquer coisa num idioma diferente, que Caroline não entendeu, mas prendeu a atenção do atacante. Ele baixou a lança, surpreso, e fitou

Bernardo por um instante.

– Quem é você? – o tom de voz era completamente outro.

– Deve me conhecer como Theron. Conheço Nuha.

– Nuha? – o homem piscou, transtornado. – Por favor, sigam-me.

Bernardo foi até Caroline para ajudá-la a levantar-se. Ela estava boquiaberta.

– Theron?

– Deixe as perguntas para depois! – sussurrou. – Vamos!

Ela ergueu os olhos para o cigano diante deles, sem ação. Ouvira tantas histórias sobre barbaridades dos Malditos que não sabia se devia confiar neles.

Bernardo agachou ao seu lado.

– Nada de mal vai lhe acontecer. Eu prometo.

Mas ela ainda hesitava.

– Ei! Estou aqui para protegê-la, lembra?

Sentiu sua insegurança arrefecer. Aceitou ir com ele, mas seu tornozelo inchado a preocupou.

– Não sei se consigo andar...

Bernardo passou os dois braços por ela e a ergueu no colo. Trêmula de medo, Caroline apertou o rosto contra o peito dele, sentindo-se segura como jamais antes.

– Amigos de Nuha são meus amigos – o estranho baixou a cabeça, num sinal de respeito. – Sou Goran.

O cigano os conduziu mais além na clareira e, de repente, Caroline sentiu o coração gelar. Fogueiras, panos, garrafas, muita comida, muita gente e muita cor. Algumas pessoas tocavam instrumentos musicais de corda que ela jamais vira nem aprendera a respeito. Mulheres dançavam, jogando os quadris para os lados, usando saias longas e cheias de medalhinhas que batiam e soavam como sinos. Os homens bebiam, riam e conversavam. Alguns

acompanhavam as moças nas danças.

À medida que eles atravessavam o cenário, tudo paralisava e a atenção se voltava para eles.

— Esperem aqui — disse o cigano, finalmente, parando em frente a uma espécie de recanto isolado. Antes que ele afastasse uma abertura entre os lençóis, ouviu-se uma voz trêmula vinda de dentro da barraca:

— Entre, Theron.

Bernardo lançou um olhar de espanto para o colega, que não parecia tão surpreso.

— Ela já sabe que está aqui, amigo. Entrem.

Caroline não conseguia deixar de sentir medo daquele cigano de expressão fechada e um peitoral duas vezes maior que o de Bernardo. Encarou-o enquanto entrava na barraca, ainda nos braços do companheiro, mas Goran não demonstrou qualquer reação à maneira como ela o encarava.

Atravessaram os lençóis da entrada para o abrigo. Lá dentro, havia várias almofadas vermelhas e uma senhora sentada entre delas. Sua expressão denunciava que era bastante avançada na idade.

— Trouxe alguém com você? — perguntou, com os olhos ainda fechados.

Caroline sentiu o coração saltar. Para seu alívio, a mulher relaxou os músculos da face e sorriu, abrindo os olhos para eles.

— Sentem-se, queridos.

Bernardo pousou Caroline lentamente no chão, mas ela não conseguia desgarrar-se do seu pescoço. Tudo ali lhe dava medo. Observou as garrafas, os incensos, as cores e, principalmente, aquela mulher. Até que percebeu que já estava no chão e o soltou.

— Sonhei que vinha me visitar, Theron querido.

Bernardo foi até a senhora e beijou-lhe a mão.

— Continua boa nisso, não?

— Oras! — riu. — Que bons ventos trazem nosso caçador viajante de volta?

– Mãe Nuha, minha amiga está ferida. Precisávamos de um lugar seguro onde ela repousasse até se curar.

– Deixe-me vê-la...

Bernardo olhou para Caroline. Ela tinha os olhos arregalados de pavor.

– Está tudo bem – sussurrou, ajudando-a a se aproximar da senhora. A garota derrapava, decidida a permanecer o mais distante possível.

Nuha aparentava ser uma pessoa muito bondosa. E, de fato, era. Tinha cabelos brancos e compridos, olhos claros e uma pele alva com rugas profundas.

Parecia a própria personificação da experiência.

– Qual o seu nome, criança?

Caroline abriu a boca para falar, mas não disse nada.

– De onde vem? – continuou, sem pressioná-la. Parecia tentar encontrar uma pergunta que não a deixasse temerosa.

– Caroline vem de um grande feudo – explicou Bernardo, notando que a garota seria incapaz de fornecer qualquer informação. – Mais precisamente, este logo após as árvores.

– Oh, sim... – Nuha ergueu de leve as sobrancelhas, fitando Caroline. – Uma garota da nobreza.

Caroline enrubesceu e respondeu que sim.

– Vou chamá-la de *Ashira* – decidiu.

A garota não sabia o que dizer. Nuha olhava para a menina com uma ternura muito grande.

– *Ashira*... – repetiu. – Não penso que seja um nome que lhe agrade.

Franziu o cenho, olhando nos olhos da garota.

– *Ashira* quer dizer rica – explicou. – No entanto, posso ver que a essência da sua pessoa não se concentra na riqueza material, mas em algo além...

Caroline se espantou com aquela observação.

– Fale-me de você – pediu.

– Bem... – hesitou. – Não sei sobre o que poderia falar, eu...

– Vamos! Diga em que está pensando neste momento.

– Neste momento? – enrolou-se, nervosa. – Eu... Eu não estou...

– O que gostaria de ganhar?

Caroline calou-se, inquieta.

– Com todo o respeito, senhora, onde pretende chegar?

– À sua alma, meu bem.

Ela sentiu a espinha gelar.

– Qual seu desejo mais profundo? – insistiu, após refletir um pouco.

– Desejo? Não sei como descrever o que eu...

– Simplesmente responda.

– É complicado... – ela já ficava nervosa.

– Uma palavra!

– Não existe palavra para definir o que eu quero.

– Invente uma!

– Não sei... O que eu sinto é como... É uma vontade de...

– Resuma em *uma palavra!*

– VOAR!

Caroline arregalou os olhos após o grito forte. Olhou para Bernardo, que ainda estava espantado com o que acabara de presenciar; Nuha instigara a mente da garota até arrancar da profundidade o que mais lhe parecesse influente. E conseguiu.

– Muito bem, menina – a senhora sorriu com bondade. – Deixou que sua alma respondesse por si.

Caroline ofegava, surpresa com o que dissera, quase sem querer.

— Acho que posso chamá-la de Dayeah. O pássaro.

Caroline não pareceu muito satisfeita com aquilo.

— Senhora, creio que não precisa me dar nome algum. Não pretendo passar aqui mais tempo que o necessário para cicatrizar meu machucado.

— É claro que vai embora. Pássaros não nasceram para se prenderem a lugar nenhum. Sua estação aqui passará, e então rumará para outros hemisférios.

Caroline começava a se irritar com a calma inabalável da senhora.

— Na verdade, estou procurando o meu caminho. Não sou como os Maldi...

Interrompeu a frase, sentindo o coração parar. A senhora apenas consentiu,

— Malditos. Enviados do demônio. Pode dizer, querida. Sei que foi assim que ouviu falar do nosso povo. Mas, quem sabe, pássaro, se abrir seu coração, pode descobrir muito mais sobre nós e sobre você mesma.

Mirou-a com interesse.

— Existe algo em você que a liga a este lugar.

Caroline riu mais uma vez.

— O que seria? Minhas asas? — zombou.

— Suas asas a trouxeram até aqui. Agora, elas descansam e dão vez ao coração.

Assentiu o olhar profundo da senhora por alguns instantes, calada, até balançar a cabeça.

— Onde podemos ficar? — perguntou, resistindo àquela poesia toda.

— Há muito a ser conversado, criança. São bem-vindos aqui, e isso é o mais importante, agora.

Murmurando um agradecimento, Caroline fez questão de levantar-se sozinha, embora com dificuldade. Bernardo adiantou-se para ajudá-la, mas

Nuha o chamou.

— Theron.

Ele se virou, prestativo, enquanto Caroline rumava para o lado de fora.

— Sonhei com a sua chegada. Mas preciso contar alguns detalhes sobre o que vi enquanto dormia.

Ele agachou na frente dela, atencioso.

— Você chegava ao povoado carregando uma preciosa joia nos braços. Uma voz dentro de mim me disse que seu destino o trazia para que cumprisse uma missão...

Ele franziu a testa, muito atento.

— A voz dizia exatamente: “Não chegou de mãos vazias. Trouxe a ponta de um laço que precisa ser atado”.

Aquilo definitivamente não ajudou.

— Reflita sobre isso, caçador. É tudo que lhe peço. Sei que a resposta está em você.

Fora da cabana, Bernardo se deparou com a garota apoiada num tronco de árvore. Seu olhar demonstrava profunda reprovação.

A voz de Nuha ainda martelava em sua mente: *A ponta de um laço a ser atado...*

— Já conversaram com Nuha?

Bernardo despertou da sua distração e olhou para Goran, que se aproximava deles com uma expressão fechada.

— Sim. Ela disse que somos bem-vindos.

— Pois bem – algo não parecia bem resolvido, e ele estava prestes a dizer o que era. – Podem ficar o tempo que precisarem. Mas, se quiserem compartilhar da nossa comida e das nossas instalações, terão de colaborar conosco. Afinal, não colhemos ouro em árvores, e mantê-los aqui terá um custo que precisa ser compensado. Sabe que é nosso costume.

Caroline olhou para Bernardo, preocupada. Não carregava dinheiro, e ele certamente também não possuía nada.

– Goran, nós só precisamos cuidar do ferimento dela. Nesse tempo, qualquer resto de alimento pode nos servir, e nós até podemos encontrar um canto para dormir, fora do...

– Sinto muito, meu amigo. Sem regras, a comunidade não funciona.

Goran estendeu a mão para Bernardo.

– Ladrão fajuto! – bradou Caroline, indignada. – Isso é roubo!

– Minha cara... – ele explicou, cheio de paciência. – Aqui, nós zelamos pela igualdade. Cada um contribui da maneira que puder, de forma que todos se sustentem. Deve estar acostumada a lidar com diferenças. Gente cheia de ouro explorando aqueles que não possuem nada...

Ela se calou, séria. Lembrou-se do seu pai e da sua relação com os empregados do feudo.

Não queria admitir, mas o cigano tinha razão.

– Então? – perguntou Goran, voltando-se para Bernardo. – O que tem?

O rapaz mordeu o beijo, preocupado.

– Não tenho nada muito valioso.

O cigano ergueu as sobrancelhas, prevendo um problema.

– Meu amigo, sabe que...

– Eu sei! Conheço as regras. Mas vim despreparado! – ofegou, perdido. – A questão é que *preciso* ficar aqui...

– Bernardo... – Caroline arriscou, tímida. – Se for por minha causa, eu...

– Fique fora disso, está bem?

Bernardo levou as duas mãos à cabeça, com o pensamento conturbado. Parecia lutar contra algum argumento que só ele conhecia. Então, com um suspiro de rendição, levou a mão ao bolso. Caroline reconheceu a peça dourada que ele retirava, pendurada a uma corrente comprida; era o relógio de bolso que ele sempre consultava.

Estendeu a peça ao cigano, que a observou com olhar crítico.

– Deve servir... – considerou, como quem fazia um grande favor a eles.

– Não desmereça este relógio! – Bernardo gritou, antes que Goran o tomasse dele. – É extremamente valioso!

– Amigo, eu sei identificar ouro puro de ouro dos tolos, e outros tipos de...

– Não falo desse tipo de valor – soltou um suspiro forte, baixando a cabeça. – Bem, agora que pagamos, será que podemos comer? Estou faminto.

Caroline ficou bastante calada naquele começo de noite. Goran os guiou até a parte central do acampamento instalado na floresta. Ela se espantou com os olhares que os homens lhe lançavam, parecendo cães famintos diante de um grande pedaço de bife. Bernardo, por sua vez, estava à vontade; cumprimentava a todos, acenava, sorria. Era visivelmente conhecido ali dentro.

Incomodada, a garota se sentou colada ao companheiro de viagem, no chão, para o jantar.

– Esses homens... – desabafou, depois de amenizar a fome. – Olham para mim de um jeito muito estranho!

Bernardo devorou uma coxa de frango antes de responder.

– São solteiros à espera de uma prometida. Entre eles, não é tradicional que tenham relacionamentos com mulheres sem planos de casamento. Já as

Ela se sobressaltou.

– O que têm as visitantes?

– Entenda, milady... – explicou, sem nenhum cuidado para não chocá-la. – Não é cigana, não está dentro das tradições e não é casada. É claro que vão buscar satisfação em alguém como você, não nas moças da comunidade.

Ela sentiu o estômago embrulhar. Seus olhos recaíram sobre dois ciganos barbados, que a encaravam de uma maneira que ela não sabia se causava medo ou enjoo.

– Ah, não! – revoltou-se, agarrando o braço dele. – Vamos embora daqui! Bernardo, por favor, vamos embora...

Chacoalhou tanto que o pedaço que ele comia caiu no chão. Ele fechou os olhos, tentando não se irritar, e, por fim, olhou para ela.

— O que sugere? Ir para a floresta, deixar seu machucado agravar e perder o pé inteiro?

Ela deitou a cabeça nos joelhos, murmurando lamentações. Enquanto isso, Bernardo se servia mais uma vez.

— O que eu faço? — ergueu o rosto, desesperada.

Olhou-a para revidar, mas acabou sentindo pena dela. Sabia que Caroline era uma garota de classe privilegiada; não era dada ao comportamento das nômade, que lidariam tranquilamente com aquela situação.

Decidiu ajudá-la.

— Há um meio de mantê-los afastados.

— Jura? — seu sorriso iluminou seu rosto pela primeira vez, desde que chegaram àquele lugar. — Como?

— Sabe, Theron não é um simples codinome que me inventaram — baixou a voz. — Foram eles que me batizaram assim, em cerimônia, em uma das vezes em que os encontrei. Sou considerado um deles.

— E...?

Ele ergueu as sobrancelhas, prevendo uma reação negativa.

— Podia dizer que você é minha noiva.

— Sua noiva?

— A não ser que prefira agradar aqueles cig...

— NÃO! — a voz saiu ainda mais alta. — Está certo! O que quiser.

— Não é *querer* — explicou-se, impaciente. — Penso que, dessa forma, não se aproximam de você. Por respeito a outro membro do grupo.

Ela avaliou a ideia dele e concluiu que tinha razão. Virou-se para agradecer, mas o olhar dele estava muito entristecido. Sentiu-se culpada.

— Bernardo, se não quiser, não precisa fazer isso. Eu... Dou um jeito, eu...

— Não, milady – ainda estava sério. – Não é isso. É só...

Tomou um pouco de vinho, ainda pensativo. Ela sentiu um aperto leve no coração.

— Quer me contar?

Ele meneou a cabeça.

—

— É tolice – explicou, com um riso breve.

Levantou-se, definitivo.

— Foi um longo dia. Melhor irmos dormir.

Elizabeth estava sentada em um dos bancos de pedra do jardim, contemplando a noite que caía. As estrelas preenchiam lentamente a escuridão profunda do céu, e os animais noturnos começavam a fazer ruídos tranquilizadores.

Aquilo trouxe uma melancolia profunda em seu coração.

— Jeán...

Não se arrependia da sua atitude. Afinal, a mãe precisava tanto do seu apoio!

— Não podia continuar daquele jeito – sussurrou, convencendo-se de que não errara. – Ele estava sendo injusto!

Mas não conseguia conter a saudade da presença do amado. Baixou a cabeça, deixando uma lágrima escorrer devagar. Tudo podia ser tão simples, se Jeán simplesmente a entendesse...

Então, um rangido alto chamou sua atenção. Olhou para o lado e viu, ao longe, os grandes portões de ferro se abrindo. Observou uma carruagem familiar adentrar o gramado vasto da propriedade até parar, em frente à escada, não muito longe de onde ela estava.

Intrigada, Elizabeth caminhou em direção ao veículo, com o coração disparado de expectativa. Poderiam ser notícias de Caroline!

No entanto, alguns metros antes de chegar à escadaria, viu descer um homem de barba feita, cabelos escuros e colete de couro. Tinha o semblante sério, parecia preocupado.

Era seu marido.

Elizabeth cessou os passos, desengonçada. Jeán notou o movimento e olhou para o lado. Também parou de andar quando a viu.

Ele aprumou a postura, engolindo seco. Elizabeth disfarçou a aceleração do coração, cruzando os braços e mantendo o olhar sobre ele, austera.

— Boa noite, Elizabeth.

— Boa noite, Jeán.

Ficaram calados. Ele olhava para o chão, disfarçando a inquietação.

Elizabeth apenas o observava.

— Vim ver sua mãe — explicou-se. — Penso que ela pode estar desconsolada.

O coração de Elizabeth batia descompassado. Sentia tanta paz em ver o marido, mas também estava tão magoada...

E ainda pairava em sua memória o que ouvira dele, antes de partir: *Se sair, nunca mais volta.*

Superou os sentimentos e olhou para ele, com o queixo erguido.

— Ela está lá dentro. Peça a um dos criados para chamá-la.

Jeán abriu a boca para dizer algo, mas Elizabeth foi mais veloz. Pedindo licença, deu as costas àquele a quem tanto amava e voltou para o jardim, acompanhada pelo olhar distraído do marido. Embora o coração estivesse apertado e o pranto parecesse prestes a emergir, ela sabia que fazia o certo.

Caroline ficaria tão orgulhosa de mim! — pensou, com um sorriso no rosto.

Mas a irmã estava longe, e não poderia sequer imaginar o progresso que a irmã

Enquanto Elizabeth impunha sua posição, algumas ciganas de meia-idade cuidavam do ferimento da sua irmã mais nova. Colocaram muitos componentes naturais, explicando a propriedade curativa de cada um que aplicavam. Depois, envolveram o tornozelo da menina com uma faixa fibrosa.

Oro, outro cigano da comunidade, guiou-os até os respectivos quartos. Eram ao lado um do outro, bem separados com galhos e tecidos.

— Obrigado, Oro — disse Bernardo, definitivo.

— Disponha, Theron — olhou para Caroline, com um sorriso malicioso. — E a viajante? Vai passar a noite desacompanhada?

Caroline sentiu o estômago se contorcer. Bernardo lembrou-se do combinado e se aproximou dela, mirando Oro com desconfiança.

— A milady é minha noiva.

O cigano arregalou os olhos, sinceramente arrependido pelo comentário.

— Theron... Perdoe-me, eu...

— Não tomo nenhuma providência porque você não sabia. Mas avise aos outros; não quero ninguém se aproximando dela. Ficou claro?

Caroline ficou imóvel, desfrutando daquela sensação maravilhosa de ser defendida por alguém. Aquilo trouxe um conforto interior muito grande, e ela quase sorriu. O braço forte do domador em suas costas, a maneira como ordenava que se afastassem dela... Ela tinha certeza de que, naquele momento, nada de mal lhe poderia acontecer.

Oro concordou e se afastou deles, envergonhado. Assim que tomou distância, Bernardo virou-se de frente para ela, falando num tom quase inaudível:

— Precisamos tomar cuidado com a maneira como agimos um com o outro, milady. Podem perceber que nosso noivado é falso.

Caroline baixou o rosto, desanimada. Gostaria de compartilhar o mesmo ânimo, mas ainda estava muito perturbada com aquela gama de acontecimentos repentinos.

— Ei, mude esse rosto! Está tudo bem.

A tentativa de animá-la funcionou um pouco. A menina abriu um sorriso curto.

— Graças a você.

Passou alguns instantes pensando, até voltar a falar com ele.

– Não sei como posso agradecer por tudo o que está fazendo por mim. Tem cuidado de mim com tanto zelo...

Ainda havia algo que ela queria abordar, e acabou dizendo, depois de ponderar:

– Inclusive, entregou o seu relógio para que pudéssemos ficar, sendo que só estamos aqui por minha causa. Sei que ele tem algum valor sentimental para você...

Os olhos dele validaram o que ela supunha.

– Sim – concordou, doloroso. – Era do meu avô. Um grande competidor em corridas a cavalo. Ele deixou com meu pai, que fracassou na carreira de corredor,

– e o passou para mim – abriu um leve sorriso. – Dizia que eu levava jeito, desde pequeno. Aquele é o cronômetro oficial da minha família. Traz muita sorte. Mas o sorriso evaporou, de repente.

– Trazia.

Caroline abriu a boca para dizer algo confortante, mas não sabia o quê. Sentiu um peso gigantesco de culpa, misturado ao desgosto daquela situação.

– Eu falei que era bobo! – finalizou, forçando uma risada, embora estivesse visivelmente abalado.

Caroline ainda pensava em um comentário prudente, quando Bernardo avistou Oro conversando com outros dois homens. Olhavam para eles.

– A notícia está se espalhando – sorriu, satisfeito. – Fique tranquila, milady.

Não vou deixar que se aproximem de você.

Os olhos dela inundaram com a ternura da voz dele.

– Durma bem, noiva.

Ela balançou a cabeça, rindo. Desejou-lhe uma boa noite e virou-se, mas Bernardo a reteve pelo braço, olhando para o lado. Caroline olhou na mesma direção e viu alguns ciganos observando-os – agora eram quatro.

– Qual o problema? É mais um costume? Uma noiva não pode ir dormir?

– Não! – riu. – Mas uma noiva não dá as costas ao noivo desse jeito, como se mal se conhecessem.

Ela franziu as sobrancelhas, cismada.

– O que quer dizer?

– Eles têm que pensar que nós estamos apaixonados – sussurrou, sugestivo.

Ela soltou um riso alto de zombaria.

– Acho que está exigindo demais! Devo suspirar a cada vez que o vir passar? Ele riu alto com o exagero dela.

– Bobinha...

Aproximou-se e apertou um beijo em seu rosto. Só então, foi para a sua tenda, acenando para ela.

Caroline saboreou a onda quente que aquele beijo repentino causou em seu corpo, imobilizada. Levou algum tempo para balançar a cabeça, livrando-se daquele efeito, e caminhar até o seu leito com dificuldade. – Noivo! – caçoou, risonha.

A noite adentrava, na floresta, e nada de Caroline pregar os olhos. Murmurava canções, pensava em histórias, tentando, em vão, desviar todos os pensamentos que se atiravam contra ela ao mesmo tempo.

Ficava cada vez mais obscuro e silencioso com o passar das horas. Seu medo de um Maldito chegar para atacá-la crescia com a escuridão. Ouvira tantas histórias horríveis, desde criança, sobre mocinhas que eram raptadas por eles, e a maneira cruel como eles as tratavam...

Pensava nisso quando ouviu um galho quebrando no chão, próximo a ela. Estremeceu; com os ouvidos apurados e os olhos muito abertos, atentou-se para qualquer indício de aproximação. Contudo, tudo estava novamente silencioso.

Ouviu, em seguida, folhas se debatendo. Seria o vento? Seria alguém?

Encolheu-se em seu próprio corpo, sentindo o coração bater muito rápido. *Você está imaginando coisas!* – pensava, austera. Porém, o mínimo ruído

já lhe despertava de novo a atenção – e mínimos ruídos numa floresta, àquela hora da noite, eram muito frequentes!

Atravessou mais de uma hora de agonia até se dar conta de que não conseguiria dormir. *Não há problema! Bernardo está logo ao lado.*

Mas o desespero começava a criar fantasmas mais fortes que ele. A respiração estava acelerada como o coração. Não tinha jeito; se realmente queria dormir, aquela noite, a única solução seria aquela...

Bernardo já estava dormindo quando ouviu um ruído de aproximação ao seu lado. Apoiou-se rapidamente nos cotovelos, olhando em volta, e viu alguém pela meia-luz dos restos da fogueira.

– Quem está aí?

– Sou eu...

A voz era muito familiar.

– Milady?

Ouviu os passos se aproximarem com mais rapidez, acompanhados de alguns gemidos de dor e soluços chorosos.

– Não consegue dormir! – concluiu, sentando-se. – Está apavorada, não é?

Ela confirmou, envergonhada. Seria a oportunidade perfeita para que zombasse dela, mas ele simplesmente não teve coragem.

– Venha cá.

Apoiou-a com delicadeza e fez com que se deitasse ao seu lado.

– Durma. Eu estou aqui.

– Você precisa descansar...

– Relaxe.

Ela suspirou, rendida.

– Pareço uma criança medrosa, não é?

Ele riu.

— Qualquer uma teria muito mais medo, no seu lugar — fez uma pausa. — Está sendo muito corajosa.

Ela sorriu em agradecimento.

— Tente dormir.

Foi como se mudasse de uma cama de espinhos para um colchão nobre. Acomodou-se com facilidade, ignorando a voz interior que a repreendia por se deitar ao lado de um homem. Naquelas circunstâncias, só dava ouvidos ao seu medo. Bernardo estava ao lado dela, apoiando o tronco num cotovelo, a outra mão descansando sobre o cotovelo dela, como se para lembrá-la que ainda estava ali.

Sem que ele esperasse, Caroline pousou a mão sobre a dele, num gesto carinhoso. Um arrepio leve percorreu-lhe o braço. Respondeu ao gesto segurando a sua mão delicada, enquanto a observava adormecer.

Enfim, ela se entregou ao sono, com a mão ainda apertada na dele. Só então Bernardo se deitou, mantendo uma distância respeitosa.

Perto dali, o homem que assombrava os sonhos da menina observava a cena com um sorriso malicioso no rosto.

— Então, é isso — concluiu, baixinho. — A vadia fugiu com um amante...

CAPÍTULO 18

A FLOR DA PELE

A adrenalina estivera a tal nível, que tudo aconteceu de uma maneira quase onírica.

A noite estava caindo, e Jeán ainda conversava com Antonelle na sala de visitas. Obviamente, não viera atrás da mãe, e sim da filha. Contudo, assim que notou que ela não correria até ele com beijos e abraços, como de praxe, sentiu o orgulho ferido e inventou uma desculpa para justificar sua visita.

Antonelle, por prudência e discrição, não perguntou sobre a vida conjugal dele com a filha. Ainda explicava sobre as equipes de busca da outra filha quando a porta principal se abriu.

Era Elizabeth.

Mal encostou a porta atrás de si e seu olhar pousou sobre Jeán. O rosto dela se desmanchou numa expressão indefinida, e sua voz falhou ao desejar boa noite. O esposo respondeu, sem emoção.

— Foi um longo dia. Acho que vou me deitar — anunciou Antonelle, estratégica. — Filha, você faz companhia ao seu marido?

Elizabeth e Jeán se entreolharam, confusos. Estavam ainda mal resolvidos; ela o julgava errado e ele desaprovava a atitude dela.

— Na verdade, mamãe, eu também já ia me recolher.

— Conversem lá em cima! — Antonelle estendeu a mão ao genro, fazendo-o levantar-se. — Podem dividir o antigo quarto de Elizabeth.

A filha respirou profundamente, buscando uma nova fuga, mas não encontrou nenhum argumento. Afinal, eram marido e mulher.

Subiram as escadas sob uma atmosfera pesada que pairava sobre eles, traduzida no silêncio formal, na maneira como evitavam se olhar, nos tiques irritados que adotavam.

À porta do quarto de Elizabeth, Antonelle se despediu rapidamente.

— Nós nos vemos pela manhã.

— Boa noite, mamãe.

Observaram a mulher seguir pelo corredor, tranquila. O casal se viu na pior situação que se pode imaginar entre duas pessoas brigadas: estarem a sós.

Elizabeth abriu a porta do quarto e entrou, deixando uma fresta para ele. Foi vestir seus trajes de dormir, sem sequer olhá-lo. Jeán se aproximou para iniciar uma conversa, com o braço esticado para tocar o ombro da esposa, mas ela se esquivou. Deu-lhe as costas e foi para a cama.

Ele levou as duas mãos à cintura, observando-a deitar-se sem qualquer palavra ou sorriso.

— O que deu em você?

Ela posicionou o lampião aceso sobre o criado-mudo, tão muda quanto o

— E esse comportamento agora? — insistiu. — Já não bastou ter sido

— Jeán, eu praticamente implorei para me acompanhar — lembrou-o, tranquila.

— Sabendo que eu não vinha!

— Foi exatamente por isso que vim sozinha.

Ele se silenciou, cruzando os braços. Talvez até preferisse que a esposa começasse a derramar as lágrimas que tanto o irritavam, mas Elizabeth parecia convicta da sua posição.

Caminhou até a cama e se sentou, quieto. A voz de Elizabeth quebrou o silêncio:

— Falou sério quando disse para eu não voltar nunca?

Jeán sentiu uma leve pontada de remorso.

— Diga-me, Jeán — virou-se na cama, encarando-o com mágoa. — Falou sério?

— Deve reconhecer que foi desobediente.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Mas justifica a minha atitude!

Ela fechou os olhos por um instante, mantendo a calma.

— Eu devia saber – sussurrou.

— O quê, mulher?

Voltou a abrir os olhos, pousando-os na figura do marido, que a olhava com uma impaciência crescente.

— Boa noite, Jeán.

Voltou a virar as costas, assoprando a chama do lampião e deixando-o no escuro com seus pensamentos. Ele sabia que agira mal, reconhecia que fora impulsivo ao dizer tais coisas quando a mulher partiu. No entanto, seu orgulho não permitiu deixá-la saber disso.

Homens não pedem perdão. Deitou-se, lembrando as palavras do pai. É a esposa quem precisa se humilhar e implorar pelo perdão do marido, nunca o contrário!

O imponente castelo dos Mondevieu já era iluminado com o sol das primeiras horas da manhã, projetando uma sombra larga no gramado do jardim. Antonelle olhava pela janela, contemplando a bela floresta que rodeava suas terras. Mas não pensava nas árvores, nem nas flores, quanto menos nas lindas cachoeiras escondidas naquela imensidão verde, que ela jamais conheceria.

— Caroline... – sussurrou, angustiada. – Onde você está, minha querida?

A quilômetros dali, Bernardo sentiu o rosto esquentar com um raio de sol que escapara por entre as árvores acima dele. Movimentou-se, despertando devagar, e sentiu algo lhe barrar os movimentos. Franziu o cenho por alguns instantes, identificando a situação em que estava.

Caroline estava deitada ao seu lado, com os braços segurando-o contra si e a cabeça delicadamente recostada em seu tórax. Ele também a abraçava pela cintura.

Não me lembro de ter tomado tanto vinho, refletiu, assustado. Até que se lembrou da última madrugada. A garota apenas estava com medo e fora procurá-lo, nada além disso.

Voltou a relaxar o pescoço, pousando a cabeça no chão. Não queria acordá-la, então esperou para se levantar. Passeou os olhos por toda a paisagem em torno de si até centrá-los no rosto da garota.

Adormecia profundamente. Parecia tão tranquila e segura, ali, junto dele. Observou-a respirando devagar, num raro momento de paz naquela conturbada jornada que seguiam.

Aonde viemos parar! – pensou, preocupado. Recolheu vagorosamente um dos braços, pousando a mão na face dela, corada de sol. Era uma garota corajosa.

Ou seria uma mulher valente?

Experimentou uma estranha sensação ao se deparar com aquela questão, em seu íntimo. Diante de si, parecia tão menina quanto mulher. Em alguns momentos, convencia-se de que ela era jovem demais, e sentia um carinho fraterno encher-lhe o peito. Um desejo de defendê-la, protegê-la.

No entanto, em outras vezes, aquele semblante parecia sugerir maturidade, fazendo com que aquela situação denotasse muito mais que um inocente carinho, mas a atração verdadeira de um homem para uma mulher.

Seus dedos seguiram os traços daquele rosto bonito. Ele balançou a cabeça, como se fugisse de um encantamento. Com a movimentação, ela esticou o pescoço e moveu um pouco os braços. Bernardo paralisou com o toque dela pelo seu tronco, observando-a mover-se com leveza, os cabelos despenteados espalhados pelo chão, alguns fios mais curtos colados no suor da nuca...

Fugiu mais uma vez daqueles pensamentos. *Está precisando de uma mulher, Bernardo!* – concluiu, zombando de si mesmo. Ele sabia que não havia nada de atraente naquela garotinha mimada.

A inquietude dele finalmente a despertou. Assim que abriu os olhos, ela teve o mesmo sobressalto que ele ao ver em que situação os dois estavam.

Bernardo percebeu a contradição dela.

— Bom dia, milady!

Ela soltou um grito curto, rastejando para trás como se cada segundo a mais encostada a um homem agravasse a intensidade do pecado. Sentou-se, ofegante, as mãos apertadas contra o colo.

— O que eu... Nós...

Devagar, ela assimilou os fatos. A comunidade cigana, Mãe Nuha, a noite, a escuridão, o medo. A adrenalina estivera a tal nível, que tudo aconteceu de uma maneira quase onírica.

— Não se lembra? — ele se divertiu, brincalhão.

— Pare com isso! — irritou-se, ainda envergonhada. Afinal, era ela quem o tinha procurado.

— Mas foi uma noite tão boa...

Atirou contra ele o bolo de tecidos que usara como travesseiro. Bernardo ria com gosto.

— É claro que estou brincando, bobinha! Nem em meus piores pesadelos nós teríamos...

O olhar da menina calou-o no mesmo instante.

— Bem... — disfarçou, não querendo começar uma discussão. — Como passou a noite? Dormiu bem?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Dormi. Estava exausta.

Ele não resistiu à tentação de mais uma provocação.

— Aposto que adorou dormir abraçada comigo...

Ela ergueu a mão para um tapa, errando por pouco.

— Você se aproveitou! Sabia que eu estava frágil e com medo...

— Mulheres! Adoram fazer-se de inocentes...

Ele riu ainda mais, o que a transtornou profundamente.

— Você é insuportável, sabia? — esbravejou, irada.

Bernardo não riu mais. Balançou a cabeça, confuso.

— Eu não a entendo! Num dia, está toda meiga, grata por tudo o que eu tenho feito por você. No outro, parece que simplesmente não suporta me ver na sua frente...

— Quem é você para...

— Quem sou eu? — gritou, fazendo-a recuar. — Pois eu vou contar, caso tenha se esquecido. Sou aquele que a está ajudando a atravessar esta floresta. Aquele que está se preocupando com sua segurança, salvando-a de gente estranha, carregando-a no colo quando se machuca.

Caroline se assustou com a transformação no rosto dele. Nunca o vira tão furioso. Ela não sabia, mas, se havia algo que ele não suportava, era ingratidão.

— A manhã parece ter começado bem para os pombinhos...

Uma voz na entrada da tenda fez os dois saltarem. Era uma cigana que Caroline ainda não conhecia: morena, de cabelos longos e negros cobrindo os ombros e as costas. Tinha exposta a cintura bem desenhada e vestia uma saia que chegava até os pés.

Segurava os lençóis afastados para poder conversar com eles.

— Já soube da notícia — continuou, com um sorriso insinuante. — Quer dizer que nosso Theron resolveu se enlaçar!

Bernardo voltou a se sentar, sem disfarçar a irritação com a menina. Caroline ficou calada, tentando entender o que se passava. Não estava gostando da maneira irônica como aquela cigana se dirigia a eles, principalmente a Bernardo.

— Perdoem-me, acho que atrapalhei alguma conversa importante! — abriu mais um daqueles sorrisos preguiçosos. — Até mais ver...

Lançou mais um olhar a Bernardo, de canto, antes de sair. De alguma forma, aquela aparição repentina pareceu mexer com ele.

— Quem era? — perguntou Caroline, tentando não demonstrar muito interesse. Ele tomou um fôlego profundo, lançando a Caroline um olhar decepcionado.

— Não importa quem ela é. O que importa é que esse seu jeito está tornando tudo muito difícil. *Será que você não é capaz de abrir mão de um único fio de cabelo por ninguém?* — levantou-se, ainda olhando para ela. — Eu não precisava fazer nada disso, mas faço por você. Será que dá para parar de reclamar e tentar enxergar isso?

Dirigiu-se a passos largos para a saída.

— A propósito... — voltou, apontando o dedo para ela. — Aquele relógio pode valer muito para mim, mas não para eles. Não temos muitos dias aqui, talvez mais hoje ou amanhã. Espero que fique feliz, e que cuide direito desse seu

Atravessou os tecidos com fúria. Caroline baixou os olhos, entristecida com as palavras que Bernardo despejara sobre si: *será que você não é capaz de abrir mão de um único fio de cabelo por ninguém?*

Sentiu-se pequena como uma formiga, arrependida do seu comportamento sem sentido. Levou uma das mãos ao colo, ainda com o olhar fixo no chão.

— Será que eu devo...

Ponderou por mais alguns instantes até concluir que sim. Talvez fosse chegada a hora de tomar alguma atitude realmente madura. E seria naquele exato momento.

O barão tomava seu desjejum quando alguém bateu à porta. A empregada foi até o seu senhor para avisar, com euforia, que o visitante trazia notícias sobre a menina desaparecida.

Enézio se levantou, caminhando com pressa enquanto limpava o bigode. Não via a hora de se livrar daquele escândalo social! Ao que avistou quem o esperava, o alívio se misturou a uma boa dose de desgosto.

— Bom dia — desejou, receoso.

Era Ernesto quem o aguardava, vestindo os mesmos trapos da outra vez, com aspecto e cheiro de quem não se limpava havia dias. Juarez estava ao seu lado, observando o interior da casa com seu olhar calculista e estratégico.

— Acho que já podemos conversar sobre nosso acerto — explicou o recémchegado.

Enézio arqueou as costas para trás, incomodado com o assunto. Abriu a boca para responder, mas foram interrompidos por Antonelle, que surgiu atrás do marido com entusiasmo.

— Tem notícias da minha filha? — perguntou, sem compostura. Estava aflita.

— Antonelle! — Enézio a repreendeu. — Volte para dentro!

— Quero saber de Caroline! — insistiu, agora se dirigindo aos visitantes. — Onde ela está?

— Estamos tratando de um assunto importante, madame — explicou Juarez, com cortesia. — Assim que o seu marido voltar para dentro, creio que terá gosto em lhe contar tudo o que sabe.

— Agora, o assunto é entre homens — esclareceu seu marido, breve e definitivo.

Antonelle baixou o rosto, decepcionada, e adentrou novamente a casa. Juarez uniu as duas mãos.

— Se me permite dizer, senhor, sua esposa é muito graciosa.

— Agradeço — respondeu, automático.

— Graciosa e atraente — completou Ernesto, com o olhar pervertido. — Mas não estamos aqui para falar de mulheres. A não ser que...

Freou a frase com um sorriso pretensioso.

— Continue, Ernesto — pediu o patrão, ainda com aquela sensação indigesta.

— Barão, precisamos acertar o resgate da sua filha.

— Sim — ele sentiu o café da manhã voltar à garganta.

— Agora, somos somente eu e Juarez.

Melhor, pensou Enézio. Menos a perder.

— Quanto querem?

— A questão, caro lorde, é que não queremos ouro — Juarez formulou muito bem a frase que diria em seguida. Podia pôr tudo a perder. — Ernesto e eu

somos nômades. Temos sentido falta de uma terra própria.

O barão franziu o cenho, torcendo para não ser o que ele estava prevendo.

— Queremos propriedades — resumiu Ernesto, sério. — Terras nossas.

— Oras! — tentou fingir naturalidade, mas a testa molhada denunciava o nervosismo. — Se queriam se agregar às minhas terras na vassalagem, por que não disseram antes?

— O senhor não está entendendo — desafiou Ernesto, com o olhar mortificado penetrando-lhe a alma. — Queremos terras *nossas*. Não queremos ser vassalos.

Enézio não estava gostando nada daquilo.

— De quanto precisam? Uma casa, um quintal...?

Os outros dois riram.

— Sejam francos! — interveio Juarez. — Queremos poder. Sabemos que o senhor tem uma segunda mansão, adiante...

— Esqueçam! É o dote de Caroline.

Juarez armou uma expressão de falsa condescendência.

— Se quer poupar o dote da menina, as chances de tê-la de volta para poder desfrutar do que possui são muito menores.

Enézio sentiu-se sufocar. Ernesto tomou a palavra, definitivo:

— Todo o leste da sua propriedade. Ou nada.

— Mas e a plantação de...

— Todo o leste — repetiu, impaciente. Então, abriu aquele mesmo sorriso malicioso de quando vira Antonelle. — E a companhia da sua ilustríssima esposa nas noites em que eu me sentir sozinho.

Enézio se sobressaltou, sentindo-se invadido. Aquela situação fugia do controle.

— Estão malucos? — exaltou-se. — Pensam que me enganam? Podem estar mentindo, não terem ideia de onde está Caroline. Estou começando a acreditar

que são falsários aproveitadores!

Ernesto sorriu, como se previsse aquela reação. Tinha uma poderosa carta na manga.

— Aí o senhor se engana.

O senhor feudal cruzou os braços, encarando-os com ceticismo.

— Provem – desafiou, com um sorriso precoce de vitória.

Mas Ernesto riu por último. Baixou a cabeça, num sinal de obediência, e entregou ao barão um pacote que segurava desde que chegara. Enézio desembrulhou o papel barato e improvisado que protegia o conteúdo; um vestido leve de tecido nobre.

— Como...?

Não conseguia perguntar nada. Reconheceu imediatamente que aquela peça era da sua filha.

— De acordo, barão? – Ernesto sorria, reconhecendo que vencera. – Se nos dá licença, eu e meu criado vamos para nossa mais nova mansão.

Enézio observou-os partirem para o interior da propriedade, calado e surpreso, reconhecendo sua impotência completa. *Não há outro jeito,*

Ajoelhada sobre o leito reservado para si, Caroline procurava por um dos únicos vestidos bons que trouxera consigo. Queria se banhar em algum rio e trocar de roupa, mas não encontrava sua melhor muda de roupa. Mal imaginava que, naquela noite, enquanto adormecia no leito ao lado, o homem que tanto temia estava a pouquíssimos metros de distância, revirando a sua trouxa em busca de qualquer item que o ajudasse a convencer seu pai a aceitar seus serviços.

Como desconhecia aquela possibilidade, a hipótese que lhe pareceu mais cabível ao sumiço foi...

— Os Malditos! Esses ladrões...

Irrompeu, mancando, para fora do seu alojamento, tão neurótica que nem viu Bernardo à sua frente.

Ele se desequilibrou com o encontrão, irritando-se mais com ela.

— Onde pensa que vai?

— Tenho contas a acertar!

— Com quem?

— Com quem? — imitou-o, zombeteira. — Com quem mais, senão esses Mald...

Bernardo tampou a boca dela a tempo. Ela gritou algumas palavras abafadas debaixo da mão dele, até conseguir empurrá-la para longe do seu rosto.

— Eles me roubaram!

Bernardo cruzou os braços, desconfiado.

— Não se iluda, Bernardo! Eu sabia; tudo o que sempre ouvi sobre eles é verdade! São uns ladrões natos.

— Deixe disso. É claro que não a roubaram.

— Meu vestido sumiu! E, coincidentemente, o melhor que eu tinha...

Bernardo ergueu as sobrancelhas.

— Deve ter deixado cair no caminho. Talvez enquanto dormia em cima do cavalo. Sua trouxa ficou lá, pendurada.

Caroline avaliou aquela possibilidade. Bernardo completou, simplificando:

— E, se é que alguém pegou, com certeza deve precisar mais que você.

Continuou o seu sermão, e ela pareceu profundamente entristecida.

— Pensa que minha vida será fácil daqui em diante?

Ele se calou, cortando uma palavra ao meio. Caroline meneou a cabeça e continuou seu caminho, sem sinal de raiva em seu lento caminhar. Apenas amargura.

Seguindo uma trilha de terra batida cuidadosamente trabalhada, no interior da propriedade dos Mondevieu, dois homens desconhecidos seguiam, com muitas risadas. Ernesto ia a cavalo, e Juarez o seguia a pé, sem reclamar de cansaço nem demonstrá-lo.

— Sinta o cheiro da nova vida, Juarez! — exclamava, satisfeito.

— Posso enxergá-la no horizonte.

Referia-se à mansão, que havia forçosamente participado da negociação com um argumento nada ignorável: *Sabemos onde está sua filha*. Agora, os dois homens, de mãos vazias e coração mal-intencionado, rumavam ao encontro de um novo status perante a sociedade. Aquelas terras, agora, pertenciam-lhes.

— Mas diga-me, Ernesto... — Juarez franziu a testa, calculista. — O que faremos com o amante da menina?

O outro homem riu, assombroso.

— Uma garota encantada por um homem é muito mais fácil de ser manipulada. Basta colocá-lo em perigo, e ela faz o que a gente mandar.

Juarez sorriu, compreendendo a frieza daquele pensamento. Ele sabia: Ernesto não pensava em deixar ninguém, além de Caroline, sair vivo daquela história.

Ainda indignado, Enézio se sentava à sua poltrona favorita, com as duas mãos na face esfregando com força as bochechas. Digeria o preço que lhe vinha custando o resgate da filha.

E se eu confiar na sorte? Tenho, também, meus homens à procura dela...

Mas não eram treinados para aquilo. Ele mesmo sabia que foram enviados a qualquer lugar, sem embasamento algum de busca, pelo simples conformismo de acreditar que alguma coisa estava sendo feita.

Suas esperanças estavam concentradas naqueles dois homens.

CAPÍTULO 19

SURPRESAS DE CAROLINE

Quando reconheceu o objeto, seus olhos involuntariamente se encheram de água.

Lá pelo meio da tarde, Bernardo notou uma agitação estranha ao seu redor. Por onde passava, as mulheres cochichavam, agitadas, e milhares de sorrisinhos misteriosos começaram a surgir com a sua presença.

— Grande Theron! — disse um dos ciganos, dando-lhe um tapinha nas costas.

— Mas o que...

Ninguém se explicava. Apenas apontavam e sorriam, parecendo admirados e orgulhosos. Bernardo já começava a se irritar com aquilo.

— Theron!

Virou-se com aquela voz familiar. Goran vinha até ele, sorridente.

— Você pode me explicar o que...

— Nuha pediu para eu chamá-lo — interrompeu, ansioso. — Quer falar com você.

Bernardo ficou surpreso.

— Mãe Nuha? Falar comigo?

Imaginou que a tal conversa só podia estar relacionada ao motivo pelo qual todos o olhavam daquela maneira. Um grande acontecimento parecia rondar seu nome.

Goran abriu mais um sorriso, satisfeito.

— Parece que resolveu passar uns tempos conosco, não é?

Bateu no ombro do amigo – já dolorido de tantos “tapinhas amigos” – e seguiu seu caminho, cantarolando.

No caminho para a tenda da Grande Mãe, encontrou Caroline. Desde a última discussão, ainda não a tinha visto.

– Por onde andou? – questionou, ríspido.

Ela não respondeu. Continuou seu caminhar, cabisbaixa, os cabelos cobrindo seu rosto.

– Malcriada! Falei com você!

Ele barrou seu caminho, com os braços cruzados. Tinha o aspecto de um pai rigoroso aguardando por explicações da filha rebelde.

Caroline ergueu o rosto, deixando à mostra os olhos tristes e brilhantes de quem andara chorando. Ia dizer alguma coisa, mas desistiu, esquivando-se lentamente para continuar seu caminho. Ele a observou por um bom tempo; parecia pensativa.

– Pensar é bom – concluiu, em voz alta.

Deu mais alguns passos e entrou na tenda de Nuha, dando espaço mais uma vez às indagações anteriores. Antes que se anunciasse, a mulher, que estava de costas, pediu para ele entrar.

– Demorou, Theron querido. Pensei que a sua curiosidade o trouxesse até mim mais cedo. Algum encontro inusitado no caminho?

Voltou o rosto para ele, sorrindo sugestivamente. Embora surpreso com sua exatidão, não respondeu; apenas entrou, como ela sugeriu, e se sentou de frente para a velha mulher. As rugas fundas em seu rosto denotavam ampla sabedoria. O avançar da idade, contudo, parecia nunca limitar aquela mulher. Suas palavras eram firmes e concisas, e era exatamente aquilo que encantava a todos, e fazia dela a líder por tantos anos seguidos daquela comunidade.

Ela sorriu, tomando as mãos do rapaz nas suas.

– Toda a comunidade está convencida de que você pretende passar o resto da vida aqui conosco. Mas eu sinto que não é esse o caminho que lhe reserva o coração. Aqui não é o seu ponto de chegada – fez uma pausa. – Seja franco, meu querido. Qual a verdadeira intenção de tamanha gentileza?

Bernardo sentiu-se zozzo.

– Desculpe-me, mas... – reordenou as ideias. – Do que exatamente está falando?

Ela soltou um riso breve, parecendo orgulhosa.

– A modéstia é uma grande virtude, bom rapaz! Nem mesmo quis vir pessoalmente. Mandou a garota...

– Mandei quem?

– Dayeah. Ela me disse que foi você quem mandou.

Tentou se lembrar de algo que tivesse pedido a Caroline, mas as únicas conversas das quais se lembrava, naquele dia, eram discussões.

– Poderia ser mais clara?

A senhora foi até um pequeno baú e o abriu.

– Falo disto.

Era um colar. Um colar com uma grande pedra verde. Bernardo sabia que aquela joia era familiar de algum lugar, mas de onde?

A resposta veio como um raio: aquele era o colar que Caroline herdara da bisavó. Lembrou-se dela mostrando-lhe a peça, enquanto contava a história da primeira dona da joia, com os olhos reluzindo um orgulho muito grande.

– É uma pedra legítima, extremamente valiosa.

As palavras de Nuha o fizeram emergir dos pensamentos.

– Pois é, Mãe – gaguejou. – Ele vale muito...

– O suficiente para passarem conosco o tempo que quiserem. Mas, como eu já disse, sei que não é o que pretende. Então, antes de saber o verdadeiro motivo pelo qual me deu o colar, gostaria de saber como foi que o conseguiu.

Ela o olhava com desconfiança.

– Não foi roubado! – defendeu-se, exasperado. – É uma... Herança de família.

A mulher sorriu, assentindo.

— E por que resolveu contribuir logo com *esta* joia?

Bernardo começava a ficar nervoso. Precisava de respostas, não de mais perguntas. Nuha desistiu de aguardar e deu sequência à conversa.

— Penso que devo retribuir de alguma forma. E tenho uma boa ideia.

— Ah... É mesmo? — esforçava-se para manter a concentração nela. Estava

— O que acha de uma festa de casamento para você e Dayeah? Soube que estão noivos.

Bernardo ficou tenso. Festa de casamento? Para ele e Caroline?

— A não ser que eu esteja enganada — desculpou-se, gentil. — Desde que os vi juntos, notei que existe um vínculo forte entre vocês. Já julgava ser uma união amorosa e, ao que os rumores indicam, é verdade. Estão mesmo noivos?

— Pois é — ele sorriu, tentando parecer natural.

Nuha balançou a cabeça com serenidade.

— Terão a minha bênção. Vou mandar que comecem os preparativos hoje!

Bernardo concordou, demonstrando entusiasmo, mas sua cabeça estava em outro lugar.

— Mãe Nuha, será que eu...

— Sim, querido. Vá até onde estão seus pensamentos.

Assim que ele se levantou, ela completou:

— Tente na cachoeira.

Bernardo voltou o olhar para ela, sem entender, mas ela já não estava mais olhando para ele. Guardava o colar de volta no pequeno baú de madeira. Assim que fechou os lençóis atrás de si, Nuha soltou um suspiro, olhando para a passagem pela qual o rapaz acabara de sair.

— Ah, Bernardo... — abriu um sorriso. — Você mente tão mal!

Do lado de fora, o rapaz corria em direção ao dormitório da companheira de viagem.

— Milady?

Afastou o lençol. Ela não estava lá. Correu para o recinto ao lado, o seu, e afastou os panos da entrada com força. Também não havia ninguém. Estava prestes a disparar para algum outro lado quando um brilho estranho sobre os lençóis do seu leito chamou sua atenção.

Quando reconheceu o objeto, seus olhos involuntariamente se encheram de água.

Ernesto e Juarez se deliciavam com a vida boa que conquistaram de uma hora para outra. Brindando com a terceira taça cheia de vinho, comemoravam a vitória sobre o barão.

— Senhor... — disse Juarez, subitamente preocupado. — Alguém vem aí.

Ernesto olhou ao longe. Um cavaleiro se aproximava, veloz, com a postura muito correta e roupas engomadas.

— Deixe o paspalho vir — zombou, bebendo um grande gole.

O cavalo chegou até onde os dois estavam, defronte à mansão, e parou comportadamente.

— Bravo! — exclamou Ernesto, batendo palmas. — Bonito espetáculo. Um momento, que meu criado vai buscar uma moeda...

Ernesto explodiu em risadas, acompanhado por Juarez. O homem desceu ao chão, sem dar atenção aos novatos.

— Trago um recado do senhor Mondevieu a Ernesto.

— Sim, sou eu — anunciou-se, cessando o riso.

— Mandou que parta imediatamente. Quer a filha de volta, ou o acordo está

Ernesto cruzou os braços e se levantou, encarando o mensageiro muito de perto. Tentava intimidá-lo, mas o outro permaneceu imóvel.

— Pois diga ao seu patrãozinho que...

— Partiremos pela manhã — completou Juarez, cutucando Ernesto com o cotovelo.

O mensageiro franziu as sobrancelhas, encarando o mais forte.

— Fique sabendo que estas terras são de Lady Caroline, por direito. E que, assim que ela voltar, vai recuperá-las num piscar de olhos!

Ernesto o encarou de volta.

— E se ela não voltar?

O outro sorriu, destemido.

— Ela vai voltar. Não duvide disso.

Virou as costas para os dois homens e, sem se despedir, montou de volta no cavalo e galopou para longe. Ernesto encarou o companheiro.

— Por que obedeceu àquele imbecil?

— Eu não ficaria tão despreocupado se fosse o senhor – alertou Juarez, inquieto. – Se demorarmos para buscar a menina, alguém pode encontrá-la antes de nós.

— Ninguém está procurando naquelas bandas. E se estiver...

Tomou mais um gole, com o olhar sombrio fixando o nada.

— Senhor... – insistiu Juarez, ainda alarmado. – E se esse homem tiver razão? E se perdermos as terras assim que recuperarmos a menina? Afinal, pertencem a ela.

— *Pertenciam*, Juarez. *Pertenciam*. E nós ainda temos mais uma vantagem; sabemos onde estão os Malditos. Podemos negociar a captura deles.

— De qualquer maneira... – Juarez alertou, sombrio – O barão pode estar fingindo cooperar somente para ter o que lhe interessa. Depois, nos enxota para longe...

Ernesto apertou a taça com força, fazendo-a estalar.

— Se ele pensa que vai me fazer de bobo, tenho pena dele. Ele que tente um único golpe, e verá cabeças de toda a sua família rolarem pelo chão. Nesse momento, a taça estilhaçou em sua mão.

Enézio estava na varanda, aguardando ansiosamente pelo retorno de Helio, seu guarda e mensageiro particular. Assim que ouviu o som dos cascos do cavalo mais perto, pôs-se em pé.

— E então? O que disseram?

Helio contou o diálogo em detalhes. Assim que terminou, tomou a liberdade de opinar.

— Sei que não devo me intrometer, senhor, mas não penso que esses homens sejam de confiança.

O barão suspirou, confuso.

— Não posso me apoiar em confiança, Helio. Apenas em esperança. E esses dois homens são minha última chance de recuperar Caroline.

— Ainda tem a mim, senhor – lembrou-o, com uma reverência.

Enézio ergueu as sobrancelhas, esboçando um sorriso. Permaneceu um bom tempo em silêncio, formulando uma estratégia, então voltou a falar com o criado:

— Helio, preciso que me faça um favor. Mas, antes, queria saber se está disposto a arriscar sua vida pela minha família.

Bernardo estava sentado em sua cama improvisada, admirando as palmas das suas mãos. Elas aninhavam o que, para ele, representava uma relíquia de valor inestimável: seu relógio de bolso.

Admirava os raios de sol que reluziam nele, mesmo com o desgaste do tempo. Sentiu uma pontada de culpa golpear-lhe o peito ao se lembrar da maneira como maltratara Caroline.

Decerto, entregara aos ciganos seu bem mais precioso em troca do relógio que tanto significava para ele. Ela mal imaginava o quanto; conhecia apenas uma parte da história.

Guardou a relíquia junto aos seus poucos pertences e disparou acampamento afora, procurando por uma única pessoa.

— Alguém viu Dayeah? Alguém a viu?

Ninguém sabia dela, no entanto. Começou a se preocupar, mas logo se lembrou das palavras da Mãe Nuha: *Tente na cachoeira.*

De início, ele duvidou. Não imaginava como ela poderia prever sua busca por Caroline, nem onde a garota estaria quando a procurasse. Mas Nuha simplesmente sabia das coisas.

Passou pela bela trilha florida que levava até o rio. Assim que chegou às águas, olhou para a cachoeira e desceu os olhos por ela. Seu coração deu um salto ao ver na margem, perto da queda d'água, uma mulher sentada. Só podia ser Caroline.

Ela estava numa paz tão profunda que Bernardo não ousou interromper. Caminhou até ela, calado, observando-a cuidar de si mesma. Caroline pegava a água do rio na concha das mãos e deixava escorrer do joelho para baixo, massageando a perna. Repetia o procedimento várias vezes, parecendo não ter pressa de finalizá-lo.

Ainda distante o suficiente para não ser visto, ele se encostou a uma pedra alta e ficou observando-a. Caroline testou o tornozelo machucado contra uma pedra, tentando se sustentar. Lentamente, levantou-se e colocou os pés na água, avançando até a parte mais funda do rio. A menina sorria, encantada com a sensação fresca e livre que a água lhe proporcionava. Mergulhava a cabeça por vários segundos, voltando à tona com um sorriso ainda mais iluminado.

Estava sossegada em seu banho quando algo caiu na água, projetando um jato de água em seu rosto. Gritou, assustada, até avistar um rosto conhecido emergir, ajeitando os cabelos molhados.

— Bernardo! — exclamou, com o coração disparado. — Você quase me mata de susto...

Ele não conteve uma boa risada, mas ela parecia ainda não achar graça.

— Podia ter se machucado. Ou a mim. Olha a distância que você...

Mas ele a interrompeu. Não com palavras, nem com o típico olhar malhumorado. Simplesmente a abraçou, apertando-a tanto que ela mal conseguiu

— O que foi fazer, milady?

Ela se afastou dele e o encarou.

— Se está se referindo ao colar, desista. Já tomei minha decisão.

— Por que fez isso? Era o colar da sua bisavó! Sei o quanto gostava dele.

Caroline suspirou, balançando a cabeça com leveza.

— É por minha causa que estamos aqui. Era o mínimo que eu poderia ter feito.

Houve alguns segundos de profundo silêncio. Caroline deixou um leve sorriso escapar.

— Resgatei seu relógio – contou, orgulhosa.

— Eu vi!

Embora sorrissem, a situação era desconfortável para ambos.

— Naquele dia em que nos vimos, na corrida de cavalos... – lembrou-se, cautelosa com as palavras. – Eu o vi consultando o relógio. Várias vezes.

Esperava por uma explicação, ansiosa. Bernardo percebeu, e fez questão de se manter resguardado, observando enquanto ela se inquietava.

— Vai me contar mais sobre ele, ou terei de me sacrificar mais um pouco por isso?

Bernardo começou a rir.

— Você é tão previsível, milady!

Ela franziu as sobrancelhas, pronta para começar um protesto, mas Bernardo foi mais rápido; guiou-a para fora do riacho, ajudando-a a escalar as pedras da margem, e se sentaram na grama, deixando o corpo secar sob o sol.

— Eu estava marcando o tempo do vencedor da corrida – contou, sonhador. – Queria uma referência de tempo para tentar ultrapassar.

— E conseguiu?

Ele baixou o rosto, mordendo os lábios.

— Existe um mito que atravessou as gerações da minha família. Meu avô acreditava que só devia dar o primeiro impulso no cavalo só no momento em que o ponteiro dos segundos estivesse exatamente sobre algum dos números. Nunca entre eles. Segundo ele, funciona. Nas corridas, enquanto os outros saíam no disparo inicial, ele, pacientemente, esperava o momento certo. Todos se perguntavam por que ele ficava olhando o relógio em vez de disparar, como os outros.

— E dava tempo?

— Sim.

— E ele vencia?

— Sempre — mirou a cachoeira com ar sonhador. — Na verdade, eu pensava que eram invenções do meu pai. Até aquele dia em que parti atrás de você, na floresta.

Olhou para a expressão de confusão da garota.

— No dia em que me salvou?

— Sim. Foi no instante em que tirei o relógio do bolso que senti o impulso de procurá-la — fez uma pausa. — O ponteiro dos segundos marcava exatamente o

— E você chegou exatamente quando...

Ela levou as mãos à boca, encantada com aquela ligação misteriosa dos fatos. — Foi a única vez que eu segui esse ritual, mesmo sem querer.

Sentiu um aperto no peito. Lembrou-se das tantas vezes, nas terras do barão, em que tentava quebrar recordes, ignorando o ritual que o pai insistia que ele seguisse.

Uma forte saudade da família o invadiu.

— Aliás, você não me contou como me encontrou naquele dia — ela lembrou, distraído-o das suas lembranças. — Disse que sentiu um impulso para ir atrás de mim. O que isso significa?

Bernardo virou o rosto, respirando profundamente.

— Também gostaria de entender, milady.

Ela baixou os ombros, nada satisfeita com a resposta. Insistiu para ele contar, mas Bernardo não tinha a resposta. Sobretudo sobre aquele dia.

Antes que um silêncio constrangedor se instalasse, Caroline se manifestou:

— Agora, me sinto ainda melhor por ter recuperado seu relógio. Não sabia que ele tinha poderes extraordinários!

Bernardo riu, com o pensamento novamente em outro lugar. Caroline o fitou com carinho.

— Não foi só por isso que veio, não é?

Ele ergueu as sobrancelhas, concordando.

— Vim por mais dois motivos. Uma notícia e um pedido. Vou começar pelo pedido...

Inquietou-se, um pouco incomodado. Não era algo que estava muito acostumado a fazer.

— Queria pedir desculpas. Ainda hoje, falei que era egoísta e possessiva...

— Duas vezes.

— Sim — sentiu um incômodo ainda maior. — Então, talvez eu deva fazer dois pedidos de perdão?

Caroline ameaçou rir, mas sabia que também tinha algo a dizer.

— Acho que pode trocar o segundo pedido pelo meu. Fui muito ingrata com você esta manhã.

— Negócio fechado!

Estendeu a mão, a qual ela apertou, ainda apreensiva com a segunda parte do que ele tinha a dizer.

— E a notícia? É boa ou ruim?

Bernardo quis rir, imaginando a reação espalhafatosa que ela certamente teria.

— Metade boa, metade ruim.

— Então, diga logo! Estou curiosa...

Ele ergueu os ombros. Devia ter compreendido que, para notícias como aquela, não existia uma melhor nem uma pior maneira de se dizer.

— A boa notícia é que você vai se casar. A má é que o noivo sou eu.

Helio se mostrou muito pronto ao pedido do patrão. Ele mal terminou de explicar o que precisava e o guardião já se colocava aos seus serviços, com uma reverência respeitosa que o comoveu.

— Sinto-me honrado em tê-lo entre meus homens, Helio. Serei eternamente

Embora feliz com aquelas palavras, Helio não conseguiu disfarçar seu espanto, bem como Anita, a jardineira, que a tudo ouvira.

— Vocês viram isso? — exclamou para as colegas. — O barão está ficando sensível! Nunca falou daquele jeito com ninguém...

E, enquanto divagavam sobre os possíveis motivos, Antonelle o recebia na sala, aflita.

— Alguma notícia de Caroline?

Enézio desabou em uma poltrona, exausto. Não era preciso dizer nada para evidenciar que não. Após um breve silêncio, ele a observou arrumar os cabelos, pensativa e triste. Imaginou-a nos braços daquele homem horrendo, que pedira a companhia dela como parte do acordo.

— Antonelle... — perguntou, angustiado. — Quão longe acha que devemos ir nessa busca?

A mulher se levantou, determinada.

— Até que a última gota de sangue escorra do meu corpo, até que minhas últimas forças estejam esgotadas! Faço o que for preciso, só quero minha filha de volta.

Enézio suspirou, desconsolado.

— É bom que pense assim, mulher. Talvez o resgate da nossa filha exija parte desse seu sacrifício.

Ela se sentou novamente, olhando para ele com atenção.

— O que quer dizer com isso?

Enézio suspirou, nada disposto a dar aquela notícia, mas ciente de que era inevitável.

— Lembra-se daqueles dois homens que estavam à porta há pouco?

Enquanto Antonelle era informada do infortúnio que o destino lhe reservara, Elizabeth admirava uma flor recém-colhida do jardim. Pensava em inúmeras coisas ao mesmo tempo: o sumiço da irmã, a angústia da mãe, as atitudes do marido. Sua vida dali por diante.

Assustou-se com a voz de Jeán, ao seu lado.

— Ah. É você – voltou a atenção à flor, indiferente.

Ele pensou sinceramente em ir embora, sentindo o orgulho masculino arder, não fosse a estranha necessidade de conversar com ela.

Sentou-se ao lado da esposa, que nada disse.

— Tem sido muito teimosa nos últimos tempos.

Esperou por uma reação argumentativa, mas nem isso ele obteve.

— Outros, em meu lugar, a teriam abandonado! – insistiu.

Elizabeth o encarou, magoada. Enfim, ele conseguira fazer algum efeito surtir sobre ela.

— Outras, em meu lugar, já teriam feito o que fiz há muito tempo.

— Posso saber o que a deixou tão revoltada?

Firmou o olhar sobre Jeán, severa.

— O problema, Jeán, é o que você *não* fez! Dediquei-lhe toda a atenção, todo o carinho, todo o amor que havia em mim, e você nunca se esforçou para retribuí-los. Mesmo assim, eu continuei empenhada em fazer de você o marido mais feliz do mundo.

Respirou profundamente, tentando impedir as lágrimas. Elas, no entanto, já escorriam sobre seu rosto.

— Mas eu decidi que também quero ser feliz — finalizou, sentindo as palavras arderem ao saírem.

Jeán estava em choque. Não esperava palavras duras, tampouco uma reação tão delicada. Uma pontada de culpa o perturbou.

— Elizabeth, qualquer esposa deve obedecer ao marido. Você não é a única.

Ela amenizou o tom da voz, reflexiva:

— Desde quando a obediência anula o amor?

Jeán se calou, identificando nas palavras dela uma verdade com a qual ele não condizia.

— Sei que não fomos nós quem decidimos nos casar, Jeán. Mesmo assim, pensei que pudéssemos nos amar. Ser um casal feliz, como nos contos...

Abriu um sorriso, sonhadora. Jeán se viu admirando perdidamente aquela de quem sentia tanta falta. Não imaginava que existia uma mulher tão forte por trás de tanta obediência.

Elizabeth deixou o sorriso escorrer do seu rosto.

— Como fui tola...

Jeán não a seguiu quando ela correu de volta para o castelo. Precisava pôr em ordem a bagunça que Elizabeth causara em suas ideias. Todas as convenções que aprendera e seguira a vida toda estavam em xeque.

— Casar? Com você?

Caroline estava em pé, com as duas mãos na cintura e um olhar inconformado penetrando no companheiro. Por um momento, ele se arrependeu por ter dado a notícia. A garota acabaria sabendo, inevitavelmente...

— Você está brincando, não é?

— Não estou. Aliás, deve saber que esse tal casório é culpa sua.

Ela arregalou os olhos com indignação.

— Como assim, *minha* culpa?

— Em primeiro lugar, só nos passamos por noivos para livrá-la da mira dos solteiros. E, agora que você deu o colar para Nuha, ela faz questão de nos recompensar com algo, e decidiu nos dar uma festa de casamento.

Caroline soltou um riso indignado, tentando discordar. Mas sabia que era verdade.

— Então, a culpa foi sua por ter aceitado...

— Nuha é uma mulher sábia. Ainda não sei como conseguimos enganá-la com essa história de noivado! Mas ela acredita, e, se eu recusasse, tenho certeza de que desconfiaria de nós.

Caroline revirou os olhos para o céu, perguntando-se por que sua vida lhe reservava tantas surpresas seguidas.

— E se contarmos a verdade para ela?

Bernardo avaliou a hipótese em voz alta.

— É claro. Contamos que mentimos, e ela terá o direito de desconfiar de todo o resto. Quem somos, de onde viemos, quais nossas reais intenções... Sem falar que a comunidade certamente adorará saber que enganamos a sua grande líder.

Caroline ponderou, passeando os olhos pelo rio. Precisou admitir que o amigo estava certo; era mais seguro manterem aquela versão da história.

— Como é esse *casamento*? — questionou, intrigada. — É como aqueles que conheço? Padre, igreja...

— Não, é claro que não. Já participei de uma cerimônia de casamento cigano, nesta mesma comunidade. É uma festa longa, com música, dança, vinho...

Ela ergueu as duas sobrancelhas.

— Parece divertido — observou, conformada.

Voltou a se sentar ao lado dele, passando as mãos pelo rosto.

— A que ponto chegamos! — exclamou. — Claro, eu sei que não tem validade nenhuma, é só uma tradição deste povo, mas... Casar com você?

Soltou uma exclamação exausta, ciente de que não tinha outra escolha. Bernardo estava olhando para a água, deixando um sorriso brincar em seu rosto.

— É engraçado — observou. — Para mim, a ideia de casar com você não é tão aterrorizante assim.

Caroline apenas resmungou, certa de que ele caçoava.

— Viu como a vida é irônica? — completou. — Fugiu de se casar com um grãfino, agora vai ter de aceitar um pobretão! Mesmo que sem validade.

Ela olhou para ele, boquiaberta, mas não teve tempo de questionar aquele comentário. Bernardo já estava em pé, com a mão estendida para ajudá-la a se levantar, sugerindo para retornarem.

— Não se preocupe, eu já consigo caminhar bem sem...

Mas o primeiro passo que firmou trouxe uma fisgada. O emplastro que mantinha o ferimento anestesiado saía completamente, na água, e ela precisou aceitar o braço que ele mantinha teimosamente estendido.

Sentiu um calor diferente quando a mão dele apertou-se em torno da sua. E, enquanto seguiam pelo caminho de volta, Caroline refletiu sobre as últimas palavras de Bernardo: *Mesmo que sem validade...* Seria impressão, ou havia um quê de decepção na maneira como ele dissera aquilo?

Dispensou aqueles pensamentos, advertindo-se. Não queria pensar demais; tinha medo do que poderia começar a sentir. O coração, todavia, adora desafiar a lógica, e foi assim que os olhos dela se voltaram para a figura do companheiro, sob um ângulo totalmente novo, que ela talvez até já tivesse experimentado, porém jamais acatado.

Pregou os olhos no chão, veloz. Aquela história, ela sentia, escondia ligações além da sua compreensão, mas ao alcance fácil da alma. No entanto, tinha medo de tirar o véu que lhe cobria o coração e descobrir algum sentimento que sabia não ser capaz de dominar, depois de solto.

Naquela mesma noite, os preparativos para a cerimônia foram iniciados.

CAPÍTULO 20

O BEIJO DA SERPENTE

Admitir que estava apaixonada era, agora, uma questão de tempo.

Dinamene terminava de pentear os cabelos de Elizabeth quando Jeán entrou no quarto.

— Gostaria de ficar a sós com minha mulher — anunciou.

Elizabeth olhou para ele através do espelho, indignada com a secura do marido. Dinamene pousou a escova na penteadeira, apressada em obedecer à ordem dele.

— Não, Dinamene! — exclamou, decidida. — Você vai ficar e terminar de pentear meus cabelos.

A serva olhou para ela, depois para ele, em dúvida. Não sabia, naquele momento, onde se encaixaria o significado da palavra obediência.

— Retire-se — insistiu ele. — Quero conversar com Elizabeth a sós.

— Dinamene, *fique*.

— Ela vai sair, porque estou mandando!

Elizabeth levantou-se, colocando-se de frente para o marido.

— Ponha-se no seu lugar, Jeán. Esta não é sua casa.

— Sou genro do barão.

— Não importa! Dinamene vai ficar, porque serve a mim desde que eu...
Dinamene?

Apesar de não saber que atitude seria mais obediente, sabia bem o que seria mais próximo da conveniência. Deixou-os a sós enquanto discutiam, sem dar satisfações a ninguém.

Elizabeth se sentou na beirada da cama, boquiaberta de indignação. Jeán começou a rir.

— Acha-se tão poderoso, não é mesmo?

Ele permaneceu sorrindo, os olhos pousados na imagem dela. Elizabeth tornou a se levantar, não se permitindo parecer inferior a ele.

— O que você quer? Espero que não seja mais uma das suas...

Mas foi bruscamente interrompida. Jeán a puxou pela cintura e apertou um beijo em sua boca.

Quando se afastaram, ela sentiu como se flutuasse. Jamais ganhara um beijo tão apaixonado!

— Ah, minha Elizabeth...

Abraçou-a com força, massageando seus longos cabelos dourados. Notou, pela primeira vez, que doce perfume ela tinha.

— Jeán, você nunca agiu assim – observou, desconcertada. – O que houve?

— Só estou reconhecendo o que realmente tem valor nesta vida.

Liza não compreendeu aquela justificativa. Jeán fechou a expressão, envergonhado, e explicou:

— A vida inteira fui criado para ser um homem poderoso. Aprendi a ser frio, superior, autossuficiente. Meu pai me alertou, desde pequeno, para jamais perder o controle e o poder sobre todos à minha volta. Dizia que eu não precisava de amigos, só de subordinados.

Ela permaneceu calada, enquanto ele tomava fôlego.

— No dia em que noivamos, o conselho do meu pai foi que eu sempre deixasse muito claro quem dava as ordens. Que eu não devia fraquejar; precisava deixá-la com medo para garantir que me respeitasse. Repetiu este conselho dia após dia, e você, mais do que ninguém, sabe que eu o segui. Contudo...

Ele pareceu invocar forças para aquela afirmação. Encontrou-as nos olhos tenros que o olhavam.

— Eu não esperava me apaixonar por você – admitiu. – Tentei lutar contra isso até o momento em que a vi saindo de casa. Foi quando percebi que perdê-la seria uma dor maior do que eu poderia suportar.

Elizabeth mordeu os lábios.

— Você me machucou tanto com sua indiferença, Jeán...

— Eu sei! – apertou as mãos dela, com remorso. – Foi por isso que vim atrás de você. Porque entendi que convenção alguma importa se isso nos custar a felicidade. E, se foi o meu orgulho o grande culpado por ter lhe arrancado tantas lágrimas, estou aqui para reverter isso.

Embora apaixonada, Elizabeth estava ferida demais para esquecer tudo tão rapidamente. Franziu as sobrancelhas, contrariada.

— Jeán, não sei se eu...

Cessou a fala, observando o comportamento inédito do marido. Ainda segurando suas mãos, ele se ajoelhou.

— Imploro o seu perdão, Elizabeth. E, se for necessário que eu me diminua à mulher que amo para resgatar seu amor, assim farei.

Elizabeth estava boquiaberta. Jeán aguardava por sua reação, ansioso e angustiado.

— Um homem da sua posição não deveria fazer isso – observou, testando-o.

— E um homem apaixonado?

Ela começou a rir, contente. Jeán se levantou devagar e acariciou o rosto dela.

— Ah, Jeán! – ela fechou os olhos, deliciando-se com aquele momento. – Há tanto tempo esperei por um carinho seu...

Abraçou-o, emocionada, sentindo que aquele era o verdadeiro início da sua vida de casada.

Caroline já não aguentava mais forjar um sorriso a cada cumprimento que recebia pelo seu casório. Os ciganos festejavam a novidade e a comunidade inteira se empenhava nos preparativos das bebidas, das caças e da decoração.

Pior que os cumprimentos eram os conselhos.

— Lembre-se de pedir a bênção de Mãe Nuha!

— Deve escolher o melhor tecido para vestir.

— Existe um perfume com certas propriedades que...

Já não suportava mais. Sem dar qualquer satisfação, saiu de perto de todos, buscando isolamento. Em seu caminho, encontrou Bernardo.

— Aonde vai, milady?

— Ficar em paz.

Ele estranhou que ela agisse de forma tão alterada. Acelerou os passos e conseguiu alcançá-la.

— Não precisa ficar assim! Em alguns dias, cada um vai seguir seu caminho e esse tal casamento com um cavaleiro pobre será motivo de riso para você...

Ela parou de andar, séria. Bernardo pousou a mão em seu ombro, animador.

— Vamos! Coloque um sorriso neste rosto!

Ela sentiu a angústia embolar em sua garganta. Afastou-o com o braço, retomando seu caminho.

— Já falei que quero ficar em paz!

Disparou, a passos apressados, não ligando para a dor no ferimento ou para a grama cortando sua panturrilha. Queria se ver livre de todos, de tudo!

Continuou a caminhar e suportar a dor, que, somada ao seu sofrimento interior, despertou alguns soluços tristes.

Até que um ruído atrás de algumas árvores a silenciou.

Eram risos.

Ela apurou os ouvidos. Não havia dúvida de que aquilo que ouvia era um desordenado de risadas. Tomando o cuidado para não ser notada, espiou por entre as árvores.

A cena que encontrou tocou seu coração; era um grupo de crianças ciganas. Quatro delas brincavam de roda, cantando uma música alegre. Outras duas colhiam flores, distraídas, conversando com um amigo imaginário. Havia ainda mais algumas que corriam sem rumo, tentando alcançar umas às outras. Caíam e voltavam a se levantar, diversas vezes, sem parecerem se importar com o tombo.

— Erguer-se após a queda... — murmurou, entristecida.

Sentiu uma nova lágrima escorrer pelo seu rosto.

— Você está chorando?

Uma voz aguda a fez saltar. Olhou para o lado e viu uma garotinha que a observava com curiosidade.

— Oh. Não é nada — explicou, limpando os olhos.

— Posso fazer algo por você?

Caroline estagnou. Pregou os olhos na imagem daquela pequena cigana.

— Fazer algo... Por mim?

Sempre fora acostumada a ter inúmeros criados preparados para suprir todas as suas necessidades físicas. Mas não pessoas se importando com suas angústias. Emocionada, agachou-se para ficar na altura da menina, apoiando-se sobre o pé saudável.

— Ninguém pode fazer nada por mim — explicou, amena.

— Oras! Não existe problema tão grave que não tenha solução!

Caroline sorriu, compreensiva.

— Um dia, eu fui como você. Acreditava que tudo seria fácil para sempre...

— A vida não pode mudar tanto assim depois que a gente cresce. Os problemas continuam os mesmos. E nós continuamos os mesmos.

— Continuamos? — riu, surpresa. — Que tipo de problemas uma garotinha como você pode ter?

A menina suspirou, entediada.

— Não gosto de brincar de roda. Mas olhe para minhas amigas; há dias em que só querem brincar disso!

— E o que você faz, nesses dias?

A garotinha colocou as mãos na cintura, arqueando as sobrancelhas.

— Quando eu era mais nova, ficava chorando. Mas agora que estou crescida...

Caroline baixou o rosto, rindo. Era tão pequenina!

— O que faz agora que é *crescida*?

— Vejo que, mesmo que não seja a brincadeira que eu quero, estarei ao lado de quem gosto. Por outro lado, se eu procurar alguém que queira brincar do mesmo que eu, pode não ser um amigo muito querido, mas ao menos vai ser a brincadeira que me agrada.

— De qualquer maneira, sempre haverá um lado ruim — observou, desafiandoa.

— Mas também sempre haverá um lado bom.

Caroline apagou o sorriso brincalhão do rosto.

— Está agindo como quando eu era bebê — observou a menina, reprovadora.

Caroline soltou um riso, embaraçada.

— Tem razão! Como sou boba, não é mesmo?

A menina balançou a cabeça, fechando a expressão.

— Quando a tristeza cresce dentro da gente, ela precisa sair. Senão, não sobra espaço para a felicidade.

Um rumor interrompeu a conversa. Eram as outras crianças, que acenavam, ansiosas. A menininha se animou.

— Viu só? Não querem mais brincar de roda!

Deu um beijo no rosto de Caroline e correu em direção às amigas, rindo muito. A garota permaneceu onde estava, absorvendo aquela série de metáforas que cabiam perfeitamente em sua própria vida.

— Estão todos brincando de roda... — sussurrou.

Levantou-se, ainda desconcertada com tudo aquilo. Como alguém tão jovem podia lhe passar tanta sabedoria? Será que aquela garotinha imaginava o vendaval que tinha provocado no coração de Caroline?

— As crianças são surpreendentes, não é mesmo?

Caroline soltou uma exclamação, assustada com a voz atrás de si. Era Mãe Nuha.

— A senhora me assustou! — observou, incomodada.

— Você assustou a si própria com sua imaginação. Quem pensou que era?

Ela ficou incomodada. Será que aquela senhora não sabia conversar sem aquelas indagações?

Decidiu ser objetiva.

— Por que está aqui?

— Eu só sabia que você estava aqui, e imaginei se precisava conversar um pouco.

— Vim porque queria ficar sozinha. Por acaso me seguiu?

— Não. Eu apenas sabia.

Caroline não conteve um riso.

— A senhora faz de tudo para se passar por vidente ou o que quer que seja, com essas palavras complexas, o olhar distante... Pode enganar àqueles Malditos todos, mas não a mim.

Seu estômago embrulhou. Ainda não se acostumara a se referir àqueles pessoas como ciganos. Imaginou o que Nuha diria em favor do seu povo,

porém a senhora apenas se apoiou em sua bengala e fixou os olhos bondosos nas crianças.

— A sabedoria desses pequenos é tão superior à nossa! É uma pena que percamos esse encanto, à medida que amadurecemos.

A menina se lembrou da sua própria infância. Quantas vezes se perguntara onde fora parar aquela Caroline despreocupada e brincalhona! Continuava com senso de humor, mas uma nuvem negra encobria o brilho espontâneo da sua alegria interior. Sempre associou aquilo ao seu crescimento, tanto quanto ao seu pai.

Após a breve reflexão, Caroline voltou o pensamento ao presente e à questão que a amolava.

— Por que quis nos dar a festa?

— Um agrado para quem foi tão generosa em sua contribuição.

Caroline suspirou.

— Aquele colar vale muito – lamentou. – Mais do que...

— ... Eu poderia imaginar – completou, sorrindo. – Mais do que qualquer um poderia imaginar. Até mesmo você.

Antes que Caroline questionasse, Nuha retomou o assunto anterior.

— Ansiosa para o casamento?

Ela mirou a senhora com irritação. Teve vontade de contar toda a verdade, mas não faria isso. Sabia que era imprudente.

— Por que não admite estar apaixonada por ele, Dayeah?

Caroline engasgou. Nuha não mais sorria; mirava-a com seriedade.

— Oras... Estamos noivos! – disfarçou, com um riso forçado.

— Ainda há de vir o tempo em que as pessoas se casarão apenas por amor. Diga-me: está junto dele por dependência, necessidade ou o quê?

Encarou a senhora com indignação. Lembrou-se da maneira como o pai pensava; segundo ele, amor e casamento não estavam associados. Ele sequer

devia saber o que significava amar.

— Não sou submissa a ninguém – disparou. – Sou uma pessoa livre. Nasci para traçar meu próprio caminho, e é por isso que estou aqui, agora. Se eu vou me... Casar... É porque...

Deu-se conta de que não tinha uma justificativa preparada. Ainda tentou formular algumas frases, mas desistiu.

— Por que veio até aqui, afinal? – questionou, rendida.

— Para ajudá-la a enxergar o que tanto esconde de si mesma.

A garota não gostou da maneira como sua intimidade era invadida.

— Não sabe nada sobre mim.

— O amor transparece os olhos de quem o sente. A força do sentimento que a une a Theron exala através da maneira como olham um para o outro.

Caroline sentiu o rosto corar, colocando-se em posição de protesto.

— Se fosse mentira, Dayeah, não reagiria assim toda vez que menciono o

Os olhos da noiva baixaram para o chão, pensativos. O rosto de Bernardo emergiu-lhe à memória, envolto numa nuvem misteriosa...

Nuha segurou as mãos de Caroline, que não reagiu.

— A velhice não me trouxe sabedoria alguma. Quem a trouxe foi a vivência. Poderia ter passado todos os anos da minha vida apenas assistindo ao passar dos dias diante dos meus olhos, mas me recusei a isso. Não devo tudo o que sou aos meus anos de idade, e sim à maneira como decidi vivê-los.

A menina ouvia com atenção, mas não demonstrava qualquer reação. A senhora continuou, mais expressiva:

— Admita a si mesma o que sente por esse rapaz! Quando finalmente acreditar no que já está claro, vá e diga a ele. Não deixe passar o momento de ser feliz, porque ele pode nunca mais voltar.

Caroline prendeu a respiração, sentindo um solavanco em sua alma; de uma hora para outra, todos os sentimentos que ela mantivera muito bem

escondidos sob o manto do orgulho, na penumbra da prudência, eram dissecados diante dos seus olhos.

— Não posso fazer isso – admitiu, finalmente condizendo consigo mesma.
— Eu não conseguiria, não sei se...

— Elimine todos os *nãos* e resolveu o seu problema!

Caroline sorriu para ela pela primeira vez. Nuha soltou suas mãos, parecendo satisfeita.

— Não ganharei nada se abrir seu coração a ele. Faça isso se quiser fazer um bem a si mesma.

Virou as costas, caminhando, com lentidão, de volta ao povoado. Caroline ficou atônita, com os olhos fixos no tronco de uma árvore. Admitir que estava apaixonada era, agora, uma questão de tempo.

— Ele dormiu?

Dinamene havia acabado de adentrar o quarto da patroa. Já era tarde da noite, e Antonelle sequer havia vestido o traje de dormir.

— Sim, senhora. É melhor nos apressarmos.

A formalidade serva-patroa inexistia naquele diálogo, dando lugar à intimidade de quem compartilhava um segredo.

— Ele está à sua espera.

Antonelle sentiu o estômago embrulhar. Derrubou-se na beira da cama.

— Já faz tanto tempo...

Após um longo suspiro, levantou-se. As duas atravessaram a mansão em silêncio. A serva abriu a grande porta dupla de entrada e parou no primeiro degrau da escada. Antonelle se deteve.

— Não vem comigo?

Estava aflita, como uma garotinha às margens do primeiro encontro.

— É melhor eu ficar na vigia. Se notar movimento na casa, eu a alerto.

A mulher suspirou, fechando os olhos. Sorriu para a amiga, abraçando-a.

– Tem me ajudado tanto, Dinamene! Serei grata por toda a vida.

Desceu a grande escadaria, avistando ao longe o homem que amava. Ele se aproximou à medida que ela avançava no gramado, incapaz de esconder a

Uniram suas mãos e conversaram por um longo tempo, muito próximos um ao outro.

– Alguma notícia de Caroline? – ele perguntou, de repente.

Antonelle estremeceu.

– Na verdade...

Seus olhos inundaram. O homem se adiantou para consolá-la, enquanto ela explicava sobre a parte do trato do marido com Ernesto, que dizia respeito a ela.

– Não quero que aquele homem nojento toque em mim! – exclamou, enojada. – Mas preciso ser útil ao resgate da minha filha. Não tenho saída!

Atirou-se num abraço, derramando lágrimas seguidas.

– Isso não vai acontecer! – exclamou, furioso. – E creio saber a saída... Ela o encarou, cheia de esperança.

– Qual?

– Pode se abrigar em minha casa, secretamente, até isso tudo acabar. Se estiver desaparecida, não há como ser parte do acordo. Então, quando Caroline retornar, você também volta.

Passou uma das mãos pelo rosto dela, muito gentil.

– Muito embora eu adorasse que passasse o resto da vida ao meu lado.

Antonelle se afastou, nervosa.

– É loucura! Não posso fazer isso!

– Vai se entregar àquele homem?

Os olhos dele estavam enfurecidos, mas ele se conteve. Sabia que uma causa maior estava em jogo. De qualquer maneira, não entregaria o seu amor nas mãos de Ernesto tão facilmente.

— Ouça, Antonelle: você me contou que esse homem se apossou de uma mansão na propriedade, como parte do acordo.

— E de toda a área da propriedade.

— Exatamente! — empolgou-se. — Ele jamais desistiria disso tudo apenas porque a sua parte não foi cumprida. Seria estupidez! É claro que ele vai manter o trato assim mesmo.

Ela ponderou por muito tempo, sem olhar para ele.

— Me dá um minuto?

Antes que ele respondesse, ela correu até Dinamene. Conversaram agitadamente, e a serva entrou às pressas no castelo.

Antonelle voltou ao encontro dele, com um sorriso aventureiro.

— Dinamene foi buscar umas roupas. Partirei com você esta noite!

Caroline seguiu a trilha de volta para o alojamento cigano, após emergir das suas reflexões com muita dificuldade. A figura de Bernardo pulsava repetidamente em seus pensamentos.

Não posso estar apaixonada por ele! — insistia, transtornada.

Tentou resistir àquilo, mas, sempre que o fazia, uma lembrança dele a invadia. Lembrou-se do dia em que ele a salvou do estranho, na floresta, e admitiu ter sentido vontade de beijá-la. Sustentou-a com tanto cuidado, chegou tão próximo, e ela chegou a sentir o aconchego quente dos seus lábios antes de

Já nem caminhava, de tão alto que voava, em seus sonhos. E se o beijo tivesse acontecido? E se ainda acontecesse?

— Mas no que é que estou pensando?

Sobressaltou-se, retomando o caminhar. Era como se dentro dela existissem duas: a mãe rigorosa e a filha sonhadora. Aquele era o momento do puxão de orelha.

Mas seu pensamento era mais veloz. Ele a guiou para o dia do beijo forçado, que o levou a ser expulso da propriedade. Suas mãos, seu abraço...

Sentiu uma nova advertência da mãe interior. Em seguida, começou a rir.

— Eu nunca vou me perdoar por isso...

Sem pensar mais, disparou de volta para a comunidade, cheia de sentimentos aflorados, ignorando completamente a dor profunda no pé. Queria encontrar Bernardo e deixar o coração falar por si, agora que finalmente aprendera a ouvi-lo. Contaria a ele sobre seus sentimentos, mesmo incerta, mesmo confusa, na esperança de ouvi-lo dizer que sentia o mesmo.

Sua corrida foi interrompida por uma voz. Uma voz feminina. Ela uniu as sobrancelhas, alerta; ouvia risinhos disfarçados, alternados a sussurros que ela não conseguia compreender.

Caminhou devagar, procurando a origem do som, até avistar o vulto de uma mulher. Era a cigana que visitara a cabana de Bernardo naquela mesma manhã, quando discutiam.

Caroline ergueu as sobrancelhas, esnobe, lembrando-se da maneira como se insinuava, sedutora. Todavia, precisava admitir que ela era bela, o que era quase insuportável!

A cigana riu mais uma vez e recomeçou a falar, balançando a cintura com graça. Devia haver mais alguém ali, e Caroline se deslocou mais para ver quem era. Sentiu seu coração parar ao reconhecer Bernardo.

Ficou assistindo à maneira como aquela mulher o seduzia, pondo as mãos nele ao conversar. Bernardo ria com ela, espontâneo. A cigana se aproximou lentamente, sussurrando coisas em seu ouvido e passando as mãos pelos cabelos dele. Bernardo parecia hipnotizado, os olhos amortecidos, os movimentos nulos. Caroline sussurrava baixinho para que se afastasse dela, como se tentasse um contrafeitiço ao que quer que aquela mulher estivesse fazendo com ele.

A cigana segurou o rosto dele entre as mãos, aproximando-se demais. Com um aperto no peito, Caroline a viu beijar os lábios dele. *Ele vai se afastar! Vai empurrá-la...*

No entanto, Bernardo abraçou a mulher, trazendo-a para mais perto de si, e entregou-se ao beijo da serpente.

— Não...

Encostou-se na árvore atrás da qual se escondia, sentindo um aperto forte na garganta. Antes que fosse obrigada a presenciar qualquer outro romantismo,

voltou a correr pela trilha, mais veloz do que antes. Todos na comunidade a olharam com curiosidade, mas ela não deu atenção a ninguém. Entrou em seu aposento o mais rápido que pôde e se jogou nos lençóis. Seu coração batia forte e o corte no tornozelo latejava, mas era sua alma que sangrava.

Lágrimas de tristeza apontaram em seus olhos, e ela deixou os soluços emergirem, escondendo o rosto nos braços cruzados sobre os joelhos.

— Ele não podia... Não podia!

Era a sua primeira fossa de amor.

CAPÍTULO 21

INTRIGAS

Pegou a garrafa de cima da mesa e atirou-a contra a parede de pedra, estilhaçando-a com um forte ruído.

Naquela manhã, o sol anunciou o dia em que aconteceria o tão comentado casório. Caroline, que devia ser a mais entusiasmada entre todos, despertou desanimada e triste. Um pesadelo a assombrou a noite toda; estava assistindo, de novo, àquele beijo, entre as árvores. Em seguida, os dois a avistavam e apontavam para ela, rindo, enquanto ela tentava gritar para Bernardo o que sentia, sem que a sua voz obedecesse.

Demorara tanto a pegar no sono que, se soubesse que teria aquele sonho, preferiria não ter dormido. Ainda ouviu Bernardo chegar ao lado do leito, tarde da noite. Ele a chamou algumas vezes, mas ela fingiu dormir.

Acordou muito cedo, sem a mínima disposição para se levantar. Ficou deitada por longos minutos, pensando em todas as reflexões que emergiram na noite anterior: a garotinha, Mãe Nuha, o beijo venenoso. Até mesmo seu sentimento por Bernardo, ainda tão prematuro, mas já ferido.

Pensava nisso quando uma jovem cigana, de idade equivalente à sua, adentrou seu alojamento sem se anunciar. Parecia muito entusiasmada.

— Bom dia, noiva! Levante-se, que hoje é o grande dia!

Caroline, a protagonista da festa, mal se mexeu. A jovem cigana notou seu desânimo e abrandou a voz, agachando ao seu lado.

— Está nervosa, não é? Relaxe! Vai dar tudo certo!

Os olhos da noiva ameaçaram inundar outra vez. Ela respirou profundamente para evitar novos prantos e se ajeitou melhor em seu travesseiro improvisado.

– Não há motivo para nervosismo – anunciou. – Não haverá casamento algum.

No castelo, Enézio caminhava impacientemente pelo castelo.

– Criada!

Dinamene se apresentou, limpando as mãos molhadas na saia.

– Onde está Antonelle?

Ela sentiu uma tonelada recair sobre seu estômago.

– A... A senhora sua esposa? – Quem mais seria, criatura?

Algumas gotas de suor apontaram em sua testa. Ela sabia que chegaria o momento em que dariam falta da patroa, mas não pensara em como reagir. Esfregava as mãos geladas, sem saber o que dizer.

Enézio percebeu que algo estava muito errado e subiu ao quarto da esposa.

Dinamene o seguiu de longe, tentando pensar em algo que ainda pudesse ser dito.

Quando abriu a porta, encontrou o quarto vazio e a cama arrumada.

– Antonelle não dormiu em casa esta noite?

Dinamene arregalou os olhos escuros.

– É... É claro que dormiu, senhor!

– E a cama arrumada, a esta hora da manhã?

– Ela se levantou muito cedo, senhor. Foi caminhar, tomar um pouco de sol.

Ordenou que eu arrumasse o quarto.

Enézio cruzou os braços, desconfiado.

– Está escondendo algo. E vai se arrepender. Descubra para onde Antonelle foi e a traga de volta imediatamente.

– S-sim, senhor.

Esperou ele descer para o andar de baixo e se largou no chão, sentada, agradecendo aos céus por ter saído ilesa daquela situação.

No saguão de entrada, uma senhora da criadagem o abordou, curvada.

— Um senhor está à sua espera. Diz ser urgente.

Ele a afastou do seu caminho e se dirigiu à porta. Lá estava Ernesto.

— O que quer? Já não devia estar atrás da minha filha?

— Não está cumprindo o combinado – respondeu, sem rodeios. – Por que sua esposa não foi ao meu encontro, a noite passada?

O barão riu, nervoso.

— Já tem as terras! É mais que suficiente!

— E o acordo?

— Dane-se o acordo! – bradou, sério. – Ou traz a minha filha sem um arranhão, ou você e seu amigo vão ter o destino que merecem!

Bateu a porta com força, fazendo o caçador ranger os dentes de raiva.

A garota que fora acordar Caroline se sentou, tentando estabelecer um diálogo. Seu nome era Adamina. Era uma cigana magra, de pele clara e cabelos muito escuros, compridos e espessos.

— Abra-se comigo, Dayeah. Por que não quer mais se casar?

Caroline tinha o rosto virado para o outro lado. A expressão fechada deixava claro que não queria sair dali, nem conversar com ninguém.

— Tenho o direito de mudar de ideia – respondeu.

— É só nervosismo...

— Não é nervosismo! – exaltou-se, sentando-se de frente para a outra.

Adamina arqueou as sobrancelhas e sorriu, compreensiva.

— Nada que uma boa conversa não resolva. Sabe, eu também já fui traída pelo meu marido.

Caroline se assustou.

– Quem disse...?

– Alguém precisa dizer? Olhos murchos, indisposição, irritação, emoções à flor da pele...

Caroline baixou a cabeça, extremamente envergonhada.

– Converse com ele – sugeriu a cigana, levantando-se. – Antes que...

Nem precisou terminar de dizer. Um bando de ciganas entrou cantarolando, assustando a noiva.

– É uma tradição da comunidade – explicou Adamina, no meio da confusão.

– Vamos prepará-la para o casório!

Caroline arregalou os olhos, abraçando os joelhos.

– Mas não se preocupe! – completou, sorridente. – Estarei com você o tempo

Aqueles olhos bondosos trouxeram paz para dentro de Caroline. Sorriu de volta, aceitando a mão estendida da nova amiga para se levantar.

– Será divertido! – garantiu.

As ciganas levaram Caroline para fora da tenda, cantando um refrão feliz e repetitivo em seu dialeto. No caminho, encontraram um grupo de homens, entre os quais estava Bernardo. Caroline sentiu o coração afundar quando seus olhos se encontraram.

– Os noivos do dia! – gritou um deles. – Brindemos!

Os homens e as mulheres interagiram, cantando mais rapidamente. Caroline permaneceu parada, olhando para Bernardo com o coração dolorido.

Ele aproveitou a folia em volta deles para conversar com discrição.

– Você está bem?

Caroline não respondeu, de imediato. Fitou aquele rosto onde se fundiam as imagens de herói, amigo, protetor, marido. Agora, também homem, figura

carregada de todos os motivos que levam as mulheres a odiá-los com a mesma intensidade em que os amam.

Não conseguiu disfarçar a tristeza, então não a negou.

— Ficarei bem – explicou, simplesmente.

Bernardo olhou para os lados, certificando-se de que ninguém prestava atenção neles. Todos ao redor bebiam e festejavam.

— Não tem por que ficar assim – sussurrou. — Sabe que esse casamento não é de verdade...

Mas toda a discrição dele foi inútil. A resposta de Caroline foi quase um grito:

— É claro que sei. Pensou que eu estava levando a sério?

Ele arregalou os olhos para a garota, que não se preocupou se a ouviam ou o que pensavam.

— Pensou que eu seria ingênua a ponto de pensar que sente algo por mim?

Bernardo paralisou, boquiaberto. A cantoria ao redor cessou, as atenções todas voltadas, agora, à revolta da noiva. Com os olhos inundados e o coração ferido, Caroline se afastou, seguida pelo grupo de ciganas, cheias de perguntas e trabalho a fazer antes da grande ocasião.

Na mansão, a ausência de Antonelle já preocupava a todos e desesperava Elizabeth. Inúmeras suspeitas e possibilidades eram levantadas: a de ter saído em busca da filha, ou ter sido sequestrada pela mesma pessoa que levara Caroline.

Enézio não tinha dúvidas; dirigiu-se imediatamente à mansão onde estavam Ernesto e Juarez. Encontrou-os do lado de fora, bebendo. Ao se aproximar, Ernesto abriu um sorriso irônico.

— Veja só quem chegou! Veio dizer que pensou melhor?

Enézio não disse nada. Pegou a garrafa de cima da mesa e atirou-a contra a parede de pedra logo atrás dos dois homens, estilhaçando-a com um forte ruído.

— ONDE ESTÁ MINHA MULHER?

Os outros se levantaram imediatamente, com o peito estufado.

— Acharam que seria interessante mais um sumiço, não é? Só para me pressionarem! Quero que a deixem fora disso, seus...

— Espere! — Juarez o interrompeu, sério. — Não sabemos do que está falando.

— Minha mulher saiu para caminhar no jardim esta manhã, e não voltou. Justo quando ele — apontou para Ernesto — foi até a minha casa cobrar a noite que teria

— É uma coincidência de mau gosto — insistiu Juarez, equilibrado. — Não sabemos de nada sobre...

— Blasfêmia! É bom contarem a verdade, senão meus homens...

Ernesto se atirou para cima do barão, ofegando de raiva.

— Ernesto, controle-se! — gritou Juarez.

— Este almofadinha pensa que vale muito! — falou, com gosto, ignorando o companheiro. — E pensar que, com um pouco mais de força, eu acabava com ele...

Apertou mais o pescoço curto do senhor feudal, deixando-o sem ar. Em seguida, atirou-o para longe, deixando-o se recompor, desequilibrado.

— Não imagino onde esteja a outra vadia.

Vermelho de raiva, Enézio apontou para os dois.

— Saiam... Imediatamente... Da minha propriedade! — ofegava. — E esqueçam a merda do acordo. Ao anoitecer, se ainda estiverem aqui... Estarão mortos.

Deu as costas aos dois, montando em seu cavalo e retornando ao castelo. Lá chegando, repassou aos guardas suas novas ordens de busca da esposa e da filha, bem como o prazo da expulsão dos dois homens, e a gravidade das consequências, caso o contrariassem.

Quando terminou, dispensou todos eles, exceto Helio, a quem informou em particular:

— É bom estar preparado. Chegou a hora de cumprir sua missão mais perigosa.

CAPÍTULO 22

A GRANDE NOITE

Ela sentiu o corpo flutuar, como se, ao abrir os olhos, fosse enxergar as estrelas ao redor de si. Mas a imagem com a qual se deparou lhe pareceu muito mais atraente que todas elas...

Depois de tantos dias vividos em miséria e sujeira na floresta, Caroline teve uma compensação muito bem-vinda; durante todo o dia, o grupo de ciganas que a acompanhava concentrou-se em cuidar do seu bem-estar e beleza.

Levaram as essências dos perfumes mais agradáveis para o seu banho num riacho afastado. Depois, pentearam demoradamente seus cabelos, encontrando várias opções de penteado. Óleo perfumado para o corpo, folhas e flores para os cabelos, água fresca e raízes especiais para a alimentação. Os noivos não podiam se encontrar enquanto se arrumavam – segundo a crença local, trazia má sorte. Então, esqueceu-se da sua decepção dolorida com Bernardo e aproveitou com prazer aquilo que, no contexto em que estava, podia ser chamado de luxo.

Já começava a entardecer, e outro grupo de ciganos preparava o ambiente, agora todo decorado com flores, velas, lenços de todas as cores e pétalas espalhadas pelo chão.

Caroline continuava na companhia do grupo feminino. Sua concepção sobre as “Malditas”, agora, era definitivamente outra. Elas se mostraram mulheres incríveis, divertidas, além de muito prestativas. A alegria que carregavam em seus corações e em suas canções contaminou Caroline, que passou a rir e cantar com elas, despertando ainda mais risadas com sua pronúncia distorcida do dialeto.

Adamina também se provou uma grande amiga. Sempre que as mulheres providenciavam uma nova etapa do processo de preparação da noiva, ela explicava detalhadamente o que significava, os motivos, a história por trás das tradições.

Foi assim que aquele dia que prometia ser tenebroso transformou-se em uma grande diversão. Ela se sentia viva, plena, feliz! A nuvem escura que pairava sobre sua alma simplesmente desmanchou-se.

— Chegou o momento da prova do vestido! — anunciou uma cigana gorda e bem-humorada, entusiasmando todas as outras. Elas arrastaram Caroline para outro setor da comunidade.

Napolina, uma das mais velhas do grupo, chegou com os vestidos nos braços e os estendeu.

— Qual mais a agrada, Dayeah?

As outras mulheres se exaltaram, sugerindo este ou aquele, expondo opiniões e sugestões. O alvoroço foi interrompido pela chegada de Mãe Nuha.

— Guardem todos esses vestidos — anunciou, sem rodeios.

Caroline teve uma impressão estranha. Imaginou se a mulher teria se arrependido de dar a festa ou se estaria irritada com ela, especialmente depois da maneira como a tratou na floresta.

Suas más suspeitas foram diluídas no sorriso doce que a senhora abriu para

— Dayeah vai usar este aqui.

Estendeu uma linda peça diante dela, sob olhares de todas as mulheres do grupo, que quebraram o silêncio com expressões admiradas e muitos cochichos.

Caroline pegou em suas mãos a belíssima peça de tecido macio. Era de cor esverdeada, num tom pastel bastante suave, riscado por manchas brancas e douradas no comprimento da saia, que caía até os pés. Os ombros e o colo ficavam à mostra pelo decote em linha reta, de onde as mangas faziam lindos desenhos até os pulsos.

Completamente esquecida de todos os seus vestidos de seda importada, ela se encantou com aquela peça um tanto menos afortunada, mas que considerou a mais bela que já vira.

— É maravilhoso! — murmurou, deslumbrada.

A costureira inquietou-se.

– Não sei se haverá tempo de ajustá-lo. É uma costura complexa...

– Não será necessário, Napolina! – interpôs-se Nuha, quando rumores preocupados se alastraram. – Tenho certeza de que cairá perfeitamente no corpo de Dayeah. Por que não prova, minha querida?

Mais uma vez, a mestra não se enganara. O vestido se ajustou com perfeição às curvas da menina, como se feito sob medida. Todas soltaram exclamações admiradas.

– É uma peça singular! – dizia Napolina, passando as mãos pela saia. – Quem o fez, Nuha?

– Quero ver como estou! – empolgou-se, ansiosa.

Trouxeram um espelho alto para a noiva se olhar. Caroline aguardou, risonha, compartilhando do entusiasmo ao seu redor. Quando pousaram o espelho rachado diante de si, ela aquietou, hipnotizada com sua própria imagem. Jamais se achou tão linda quanto naquele instante.

– Como pode? – perguntou-se, distraída. – Já usei os mais requintados vestidos, mas este me agrada mais que qualquer um deles!

Sorriu para seu reflexo, contente com sua própria imagem. Sentiu-se em contato com seu verdadeiro espírito, longe da sofisticação das roupas que sempre fora obrigada a usar.

– Esta sou eu – murmurou, sem que ninguém ouvisse. – A Caroline que sempre busquei dentro de mim...

Uma pequena ave pousou no galho ao seu lado, piando alto. Aquilo gerou um novo sorriso em sua face, enquanto voltava a mirar seu reflexo.

– Essa é Dayeah. *O pássaro!*

Abriu seus braços e ergueu o rosto para os galhos sobre si, rindo com vontade. Libertava definitivamente sua alma para trilhar seu próprio rumo sem qualquer imposição.

A noite chegou depressa, e ainda faltava arrumar os cabelos da noiva. Prenderam para trás duas grandes mechas que se encontravam na nuca e desciam numa trança sobre a camada de cabelos soltos, nas costas. As laterais

eram adornadas por margaridinhas. Também usaram alguns filamentos finos nos pulsos da noiva, joias que ela considerou muito originais.

Quando Adamina prendeu a última flor no penteado, bateu palmas de entusiasmo.

— A noiva está pronta!

Caroline ficou em pé e todas gritaram, aplaudindo o trabalho delas próprias. Estavam todas encantadas com a menina, que se parecia a uma fada.

Adamina tomou as mãos da amiga, com os olhos marejados de sincera emoção.

— Você está linda, Dayeah!

— Obrigada, minha amiga. Não pelo elogio ou pelos cabelos, mas pelo bem que sua companhia me fez hoje.

Abraçaram-se, felizes. Quando se afastaram, Caroline viu Nuha se aproximar novamente. Sempre que a via, lembrava-se do quanto tinha sido grosseira com ela, desde que chegara, e se sentia mal. Mesmo assim, foi tão bem tratada pela senhora que já se sentia parte da comunidade. Pensou em uma maneira de pedir desculpas, enquanto ela se aproximava.

— Se for abordar qualquer assunto do passado, não fale – adivinhou a sábia.
— Não há como ter mais valor que o agora.

Caroline sorriu, embaraçada. Nuha parou diante dela, tirando de dentro das vestes um pequeno frasco de vidro com um líquido vermelho.

— Só confeccionei este perfume duas vezes em minha vida. A primeira foi no meu casamento. A segunda, para o seu.

Caroline arqueou as sobrancelhas, admirada.

— Vai agradar o seu noivo! – garantiu, com uma piscadela.

Tirou a rolha que tampava a boca do recipiente e sentiu um perfume extremamente agradável. A fragrância era floral, suavemente doce. Trazia uma sensação forte e misteriosa, que Caroline não conseguia explicar – algo semelhante ao que sentira na vez em que quase fora beijada por Bernardo.

A lembrança fez seu rosto queimar e ela desviou suas lembranças, retornando ao presente. Sorriu para a senhora à sua frente e sentiu crescer o afeto por ela.

– Sinto-me honrada pela exclusividade. Qual o motivo para tanto?

A senhora apertou os braços da menina, observando-a com carinho.

– É a noiva mais linda que esta comunidade já possuiu.

Caroline não sabia se aquilo era uma resposta ou uma maneira de se esquivar do assunto.

– Nuha, será que eu posso fazer-lhe um pedido?

– O que seria?

Ela abriu um sorriso saudoso.

– Gostaria de usar aquele colar uma última vez. No dia de hoje. Será que...?

Nem terminou de dizer, a senhora tirava a joia das vestes. Caroline espantouse.

– Mas como...?

– Eu apenas sabia – explicou, estendendo-lhe a joia.

Caroline tomou o colar nas mãos, agradecendo-a muitas vezes. A cor da pedra harmonizava perfeitamente com o vestido, mas não era aquele o motivo pelo qual ela queria o colar. Era questão de honra usar a joia da sua bisavó em um momento como aquele.

Depois que vestiu o colar, Nuha beijou suas faces, repetindo uma expressão que ela não compreendia:

– *Kamav*. Ou *voliu*. Significa *muito amor*.

Foi importante que lhe explicasse, pois aquelas foram as palavras que Caroline mais ouviu, enquanto se dirigiam ao centro da comunidade, onde seria realizada a cerimônia. Estavam quase chegando quando Caroline, enfim, caiu em si; estava prestes a se casar com Bernardo.

– O noivo já está à sua espera – informou Adamina, apressada. – Ele vai caminhar até você no centro e vocês devem se encontrar para...

Foi interrompida por um novo bando que se juntou ao primeiro para rodear a noiva, cantando. Adamina acenava por trás delas, tentando continuar a explicação, mas era impossível. Caroline começou a ficar aflita.

— Não se preocupe! — gritou, conforme conseguia uma brecha entre as pessoas. — O celebrante dirá o que tem de fazer! Você só precisa...

E a confusão novamente se interpôs entre as duas. O coração de Caroline batia em sua garganta, como se tentasse se atirar para fora do seu corpo. A ideia de Bernardo esperando-a para o *casamento* trazia uma sensação estranha...

A cantoria continuava, ininterrupta, então pareceu ficar mais alta. Mais vozes se uniram ao coro, bem como alguns instrumentos de corda. Num ponto em que as árvores rarearam, todas as acompanhantes da noiva se dispersaram, unindo-se a outros ciganos, que formavam uma roda humana em torno de uma mesa de madeira. Todos batiam palmas e seguiam o refrão.

Caroline estava sozinha. Todos olhavam para ela, todos sorriam para ela, todos acenavam para ela. Atordoada, avistou Adamina, que indicava freneticamente o centro da roda, onde estava a mesa de madeira. Quando olhou para a indicação da amiga, a música pareceu calar e tudo ao seu redor dissipou-se no ar.

Bernardo estava em pé, olhando para ela com o mesmo encantamento que a fez cessar os movimentos. Naqueles primeiros segundos, apenas olharam um para o outro, zonzos como quem acaba de despertar de um sonho. Então, após um cutucão de Goran em suas costas, Bernardo voltou à realidade e caminhou até ela.

Ele está incrivelmente lindo... — pensou, ainda boquiaberta, enquanto ele se aproximava. Bernardo usava uma camisa branca, com mangas dobradas na metade do antebraço forte, e um colete de couro marrom-claro. Suas calças eram brancas, como a camisa, e ambos estavam descalços, como todos os presentes. A barba benfeita e os cabelos arrumados tiraram a rusticidade da sua expressão, revelando jovialidade e uma beleza mais amena.

Caroline não tirou os olhos dele enquanto o via caminhar ao seu encontro. Todo o restante ao redor desapareceu, como se nada existisse no mundo além dos dois.

Bernardo parou diante dela, embaraçado.

— Milady, você está...

Olhou-a de cima a baixo, estonteado.

— Você está linda!

Ela baixou o rosto, sem jeito. Seguindo o que lhe fora indicado, ele tomou a mão da noiva e beijou-lhe suavemente a testa. Caroline sentiu o corpo flutuar, como se, ao abrir os olhos, fosse enxergar as estrelas ao redor de si. Mas a imagem com a qual se deparou lhe pareceu muito mais atraente que todas elas; viu Bernardo oferecer-lhe o braço gentilmente, para seguirem juntos até a pequena mesa de madeira, um pouco além do centro da roda. Todos os motivos para discórdias se sublimaram na doçura daquele instante.

Atrás da pequena mesa, um celebrante em vestes longas de cores vivas os aguardava. A mesa amparava uma garrafa brilhante entre duas taças de vidro, um pão fresco e uma cuia cheia de sal. Foi até lá que os noivos caminharam, de frente para o celebrante, que sorria para eles.

— Casamentos costumam ser celebrados no dialeto do nosso povo — iniciou, com sotaque arrastado, quando a cantoria cessou. — Dadas as circunstâncias, Nuha permitiu ser realizada no idioma local. Estão de acordo?

Os dois concordaram, e aquele senhor simpático começou a proferir ensinamentos antigos e reflexões para a vida futura do casal. Por vezes, os noivos se entreolhavam, com uma sensação estranha crescendo no peito. Nenhum deles havia imaginado que a situação transtornaria suas emoções a tal ponto.

Depois dos conselhos, o celebrante pegou dois pedaços do pão e os ofereceu a cada um dos dois.

— Segurem sobre a palma da sua mão.

Ergueu a cuia com sal e despejou várias pitadas sobre os pedaços que eles seguravam.

— O mesmo sal tempera dois pedaços do mesmo pão. É a união dos dois corpos numa só alma.

Fez sinal para comerem, e assim fizeram, ao som de uma cantoria de júbilo, tão uníssona que parecia ensaiada. O celebrante explicou que, ao ingerir o pão

salgado, invocavam fartura e longevidade para a união, representadas respectivamente pelo pão e pelo sal.

— Se o pão perde o sabor, acaba o amor – dizia o refrão da música, que alternava os idiomas a cada verso.

Fez-se silêncio mais uma vez, e o celebrante inclinou a garrafa para as duas taças, enchendo-as até a metade.

— O vinho representa saúde e alegria – explicou, oferecendo uma taça a cada um.

De frente um para o outro, os noivos beberam o vinho. Assim que esvaziaram as taças, todos começaram a gritar, alvoroçados, que as quebrassem.

Caroline olhou para Bernardo, confusa. Ele riu, compreensivo.

— É uma tradição para simbolizar a alegria – explicou.

Ela arqueou as sobrancelhas e olhou para a taça em sua mão, insegura. Então, um estardalhaço a assustou. Viu o chão forrado de vidro despedaçado, e Bernardo olhando-a com expectativa.

— E então? Também está feliz?

Seus olhos percorreram as pessoas ao redor, que aguardavam ruidosamente pela sua atitude. Bernardo parecia desafiá-la a fazer o mesmo. Ela inspirou profundamente.

Todos se aquietaram. Bernardo pareceu confuso, e o sorriso se apagou lentamente do seu rosto.

Inesperadamente, a taça da noiva foi atirada ao chão, o ruído acompanhado pela ovação de todos os presentes.

— Apesar de tudo – respondeu, fazendo-o voltar a sorrir.

O celebrante ergueu a voz, competindo com os aplausos ao redor, para finalizar a cerimônia:

— Já pode beijá-la!

Todos se aquietaram, como se acompanhassem o choque secreto sentido pelos noivos. Os dois se entreolharam, surpresos, compartilhando algo que só

eles entendiam. Quem imaginaria que aquele noivado não era a sério? Que não havia um noivo e uma noiva, e sim um grande mal-entendido que acabou resultando naquilo tudo?

Vários olhares desconfiados despertaram em torno deles. Caroline parecia perguntar desesperadamente, com os olhos, o que deveriam fazer.

Uma nova cantoria foi iniciada, incentivando-os. Bernardo caminhou, desajeitado, e parou diante dela, cujas pernas estremeavam de nervosismo. Apertou um beijo discreto na testa da menina, imaginando que seria o suficiente. Contudo, as vaias ao redor condenaram o desagrado de quem queria, mesmo, era ver um beijo apaixonado.

Os noivos olharam em volta, rendidos.

— Milady, eu acho que...

Seu sussurro foi quebrado por gritos mais altos de impaciência. O noivo sentiu o nervosismo crescer e decidiu acabar logo com aquilo. Sem outra saída, segurou os ombros dela.

— Perdoe-me...

Sob a aclamação de toda a comunidade, ele a beijou. Caroline sentiu um choque, de início, que foi gradativamente substituído por uma agradável sensação de conforto. A boca dele pareceu encaixar à sua com perfeição, e ela destravou os braços, abraçando-o com carinho.

O beijo durou alguns segundos mais do que previram. Quando se afastaram, o devaneio se arrastou por alguns instantes, e eles se olharam, perdidos, num instante que poderia ter sido eterno.

A magia foi quebrada quando amigos empolgados os atacaram com abraços, cheios de bons votos, separando-os na multidão. Receber os cumprimentos ocupou bem a mente dos recém-casados. Mesmo assim, ainda se avistavam, de vez em quando, sem saber ao certo como reagir ao encontrar os olhos do outro.

Logo começou a música, dando início imediato à festa. A alegria tomou conta de todos. Brilhos, fitas e saias proliferaram por todo o ambiente.

Formou-se uma nova roda, agora com todos eles sentados em torno de uma fogueira vistosa, vendo as dançarinas exibirem coreografias ao som dos músicos locais. A todo instante, os noivos eram chamados a participarem.

— Mas eu não sei dançar! — alegava Caroline, nervosa. — Talvez seja melhor ficar assistindo...

Bernardo, entretanto, tinha uma arma infalível para tirá-la da esquiva:

— Está agindo feito uma dama fresca!

Caroline soltava um resmungo e mudava de postura, passando por ele com irritação e aderindo à festa. Bernardo ria, sempre repetindo o quanto a menina era previsível, e voltava a interagir com os velhos amigos, acostumado com o ritmo daquele povo.

De início, a noiva estava muito relutante para dançar. Adamina se esforçava em ensinar a simplicidade e a beleza daqueles passos, mas a garota não acompanhava de jeito algum.

— Desista! — rendeu-se, exausta e envergonhada. — Nunca vou aprender.

— Se me permite...

Olharam para o recém-chegado. Era um cigano alto, de cabelos lisos na altura da nuca e traços indígenas. Ele estendeu a mão para a noiva.

— Gostaria de tentar? — insistiu, sorridente.

Caroline ponderou, incerta.

— Eu acho que...

Olhou para o lado e viu Bernardo dançando animadamente ao lado de alguém que tivera a infelicidade de conhecer, *a serpente*. A mulher torcia o corpo, rebolando e quebrando os quadris para os lados, visivelmente satisfeita com os olhares que recebia em troca.

Sentindo um calorão de raiva, Caroline sorriu com vontade para o rapaz à sua frente, aceitando sua mão estendida.

— É claro que aceito!

Ele a guiou para um pouco além na clareira, onde havia uma menor concentração de pessoas.

— Tente desse jeito...

Com muita paciência, ele ensinou passo por passo daquela dança exótica. Caroline fez questão de aprender, e jurou a si mesma que dançaria melhor do que *aquela outra*.

— Muito bem! Está melhorando muito!

Aos poucos, Caroline conseguia acelerar seu ritmo sem perder o jeito. Esqueceu-se de Bernardo e da sua desagradável companheira, contente com sua própria conquista. Aprendia passos cada vez mais complexos, inclusive o charme com a saia, sempre com a ajuda do cigano, que se apresentou como Ramon.

As horas se passaram como minutos. Caroline estava completamente à vontade, rindo e dançando com os novos amigos. O vinho que tomava, em vez de embaralhar seus passos, pareceu soltar o seu corpo, ajudando-a a dançar com mais desembaraço. Seu rosto corado e a risada espontânea atraíam muitos olhares.

A cada música, Ramon indicava novos passos, que ela acompanhava com facilidade. Uma delas exigia mais experiência, e ele notou a dificuldade da garota. Tomou suas mãos com gentileza.

— Permita-me ajudá-la.

De frente para ela, demonstrou lentamente os movimentos dos pés. Caroline tentava imitar, limitando um deles para que não piorasse o machucado. À medida que ela acertava os movimentos básicos, Ramon acelerava e incrementava a coreografia, despertando aquele riso alto do qual também aprendeu a gostar.

— É complicado demais! — resistia, divertindo-se.

— É claro que não. Você leva jeito!

Incentivada — e ligeiramente alcoolizada —, ela persistia. Continuou acompanhando os pés dele, até que se perdeu completamente e se atirou para longe, com muitos risinhos.

— Desisto! Eu nunca vou...

Trombou com alguém, ao seu lado. Ergueu o rosto para pedir desculpas e reconheceu Bernardo, que a mirava com reprovação, os braços cruzados na altura do peito.

Antes que Caroline dissesse qualquer coisa, ele a puxou para um lugar mais afastado.

— O que está fazendo? — beliscava-o, tentando livrar seu pulso da mão pesada dele. — Para onde está me levando?

Quase tropeçou no trajeto, zozna pela bebida, e começou a rir de novo. A uma distância segura, longe de ouvidos curiosos, Bernardo a colocou bruscamente de frente para si. Continuava muito sério.

— Ei... O que foi? — perguntou, afastando-se dele.

— Faço a mesma pergunta!

Ele se assustou com o próprio tom de voz, e pigarreou, controlando-se, antes de continuar:

— Precisa ser mais discreta, se realmente quer que pensem que somos um casal.

A menina fechou a expressão, sem entender.

— Se está interessada em alguém, tudo bem. Ótimo! — movia os braços, exaltado. — Mas tente disfarçar, senão todos vão notar que não temos nada um com o outro.

Ela continuou com o mesmo olhar de dúvida.

— E acho bom que saiba que, aqui, o adultério é severamente castigado — completou. — Se você continuar a agir sem discrição...

— Bernardo, do que é que você está falando?

— Daquele rapaz com quem dançava!

Caroline cruzou os braços, rindo com a situação.

— Ramon? Bernardo, ele só estava...

— Não interessa! Além do mais, esses ciganos são todos uns paqueradores.

— É... Disso, você sabe bem!

Ele estranhou a ironia na voz dela.

— O que quis dizer com isso?

— Você sabe – respondeu, segurando o riso. – Aliás, devia experimentar seguir seus próprios conselhos, às vezes...

Ela começou a rir mais uma vez. Bernardo estranhou aquele comportamento abobado, mas não desviou a rota do assunto.

— Ramon é uma pessoa de bem – falou, sem raiva na voz. – Fez uma boa

Ela não acreditava no que ouvia.

— Bernardo, ele só estava me ensinando a dançar!

— É assim que começa...

Caroline podia jurar que havia mágoa em sua voz.

— Não há nada entre nós, eu juro. Olha: juro! – beijou os dedos cruzados. – E, mesmo que houvesse, você sabe, melhor que eu, que não devemos satisfação um ao outro. Não é mesmo?

Bernardo ficou em silêncio, tentando compreender aquelas entrelinhas.

— Eu o vi beijar uma mulher ontem à noite – revelou, evitando olhar para ele.

Bernardo inquietou-se. Ela voltou os olhos para o rosto dele, aguardando uma explicação que sabia que não devia exigir.

— Foi ela quem me beijou – informou.

Vendo que não a satisfaria com poucas palavras, completou, contrariado:

— Ela é a mulher sobre quem lhe falei um tempo atrás. Adara.

Caroline arregalou os olhos, como se tudo clareasse de repente: a maneira como a mulher falara com ele na tenda; o jeito sedutor; a própria beleza dela, exatamente como Bernardo descrevera...

Soltou uma exclamação comprida.

— Então, é ela! A serpente hipnotizadora de homens. Mas como você...?

— Foi uma recaída momentânea. Não houve nada além daquele beijo — explicou, sério. — Por sorte, caí em mim a tempo. Ela é uma mulher desvalorizada. Muito diferente de você.

Caroline sentiu o orgulho inchar dentro de si. Bernardo passou as mãos pelos braços dela, mirando-a com ternura, e uma forte expectativa cresceu em seu íntimo, imaginando se aquele não seria um bom momento para deixar aflorar os sentimentos.

— Sabe que eu me preocupo com você.

Apertou carinhosamente as mãos dela e o solavanco doce que ela sentiu foi se transfigurando em desilusão. Esperava mais que apenas preocupação...

— Apesar de todo este nosso teatro! Estamos nos saindo bons atores, não é?

Bernardo riu com a própria brincadeira, da qual Caroline não achou a mínima graça. Puxou as mãos para longe dele.

— Acontece que eu já não sei mais o que é real e o que não é nesta história.

Disparou de volta para a festa, antes que suas emoções a traíssem. Seguiu um caminho serpenteado, tropeçando várias vezes no trajeto. Bernardo a observou com uma expressão engraçada. — Ela... Ela está bêbada?

A festa adentrava a madrugada, e nenhum participante parecia cansado. Havia muita comida, muita bebida e muita música, tudo o que aquele povo feliz precisava para uma boa comemoração.

Bernardo dividiu com Goran sua última conversa com a noiva — obviamente, adaptando tudo à verdade em que todos acreditavam.

— Mulheres! — exclamou seu amigo, servindo-se de mais um gole. — Elas têm mais fases que a lua!

Bernardo concordou, embora ainda se preocupasse com a última reação dela. Sentiu um impulso imenso de contar toda a verdade ao amigo, ouvir um

conselho para a sua situação real, mas não podia. Estava perdido naquele emaranhado de mentiras.

Pousou os olhos em Caroline, que conversava agitadamente com Adamina. Imaginou sobre o que falavam, sem imaginar que era sobre ele.

– Você foi muito corajosa, Dayeah! – elogiou a amiga, delicada, depois que Caroline contou sobre sua conversa. – O que ele falou sobre a mulher?

Caroline contou a história do passado dele com Adara, conforme o ouvira contar. Os tiques da bebida e da empolgação evaporavam lentamente.

– Uma recaída! – exclamou, sôfrega, jogando-se em uma almofada ao chão. – E ele ainda a comparou a mim. Disse que sou muito diferente dela...

– Considere um elogio! – Adamina olhou para os lados, temendo que a ouvissem. – Adamina não vale uma pirita.

A garota continuava pensativa, com o coração estranhamente acelerado.

– O pior é que eu acho que estou apaixonada por ele.

Falou quase sem perceber. Adamina riu, confusa.

– Mas isso não é óbvio? Afinal, vocês fugiram para poderem se casar!

Caroline se apressou em concordar, quase esquecida de que a amiga não sabia da verdade total dos fatos. Virou o rosto para onde Bernardo estava, encontrando o olhar dele, que ainda a observava. O noivo deu um aceno rápido, um pouco embaraçado pelo flagra. Ela não respondeu; apenas sorriu com um pensamento que lhe ocorreu, de repente: *Será que ele sentiu ciúme?*

Em contraste à alegria da festa, a atmosfera no castelo era mais semelhante a um velório. Elizabeth chorava pelos cantos, preocupada com aqueles sumiços seguidos, enquanto Jeán se martirizava com a possibilidade de a sua esposa acabar sendo a próxima.

Enézio caminhava de um lado a outro, rangendo os dentes. Notícias corriam muito velozmente; logo, todos estariam sabendo do sumiço da baronesa, despertando suspeitas e opiniões das mais maldosas. *O que será da minha reputação?*

Estava em pé nos degraus da grande escadaria do jardim, refletindo, quando um dos guardas veio até ele, apressado.

– Senhor, os banidos gostariam de lhe falar antes de partirem.

– Deixe que venha o verme. Mas mantenha-se por perto.

O servo acatou a ordem e voltou, trazendo Ernesto e Juarez. O primeiro tinha os passos firmes e decididos.

– Seu prazo está quase esgotado – informou. – Está disposto a ir embora, ou precisarei derramar seu sangue sujo em minhas terras?

Ernesto não respondeu, ofegante de ira. Juarez se aproximou, esfregando as mãos como se formulasse um plano.

– Caro lorde... – tinha uma cortesia exagerada na voz. – Ainda há tempo de repensar sua decisão. Pense em sua filha...

– Minha decisão está tomada – contrapôs, decidido. – Partam imediatamente.

Ernesto apontou o dedo para o suserano, com os dentes à mostra.

– Vai se arrepender – grunhiu. – Esteja certo disso.

Seguido por Juarez, ele montou em seu velho cavalo, e partiram com velocidade.

– Senhor... – Juarez perguntou, temeroso. – Para onde vamos?

– Encontrar a filha do barão – respondeu, com os olhos pregados doentamente na floresta.

– A troco de quê? – sobressaltou-se. – Não há mais recompensa! Ainda vai tentar negociar com o barão?

Ernesto abriu um sorriso perigoso.

– Pelo contrário. Vou me vingar dele.

Juarez arregalou os olhos. Pensou em dizer que era tolice insistir naquilo, mas conhecia bem seu mestre quando o assunto era matar.

Atrás deles, Enézio se aproximava vagorosamente de Helio, ordenando ao seu ouvido o que já vinham combinando em todos aqueles dias: – Siga-os.

CAPÍTULO 23

DANÇA LENTA

A música suave, a meia-luz das velas, o sorriso que ele abriu em resposta; tudo contribuía para o desabrochar iminente de um sentimento...

O sol já ameaçava nascer, quando Caroline finalmente se jogou num canto, exausta.

— Isso é muito melhor que as solenidades do meu pai!

Abanava o rosto, retomando o fôlego após tanta diversão.

— Uma pena que já deva estar no fim.

Adamina riu, despertando um olhar curioso da noiva.

— Está brincando, não é? — levou as mãos à cintura. — Dayeah, a festa apenas começou!

Dito isso, levantou-se, indo até um amigo que a chamava. Caroline sentiu as pernas exaustas.

— Apenas começou?

Não aguentaria mais um minuto dançando. Entretanto, ela não parecia ser a única; a música logo se tornou mais calma e todos diminuíram o ritmo, buscando um canto para relaxarem.

Bernardo não tardou a se juntar a ela. Acomodou-se ao seu lado, visivelmente exausto, e deitou a cabeça em seu colo. Caroline massageou distraidamente seus cabelos, fazendo-o adormecer.

Notou o sorriso terno que as pessoas abriam, ao vê-los juntos. Imaginou se formavam um casal bonito. Olhou para Bernardo, deitado sobre suas pernas, mergulhado em um sono profundo enquanto ela o acarinhava mecanicamente. *E se isso tudo for muito mais real do que suponho? E se, de fato, tivermos nos casado... Por amor?*

Definitivamente impossível! Chegava a ser cômica a ideia de uma dama nobre como ela unir-se a um vassalo. *Mas... E se acontecesse?*

A imagem autoritária do pai surgiu instantaneamente em seus pensamentos. Ele jamais permitiria, e Caroline sabia disso. *Contudo...* – lembrou-lhe uma voz feliz – *Agora você é livre.*

O sorriso vitorioso se desfez quando baixou os olhos para o amado. Bernardo estava tão próximo, mas também tão distante! Em poucos dias, estariam se despedindo para sempre, diante da tal saída secreta, que já devia estar tão próxima de ser alcançada.

Lembrou-se do padre Reynald. Será que Deus tentou se comunicar com ela, quando a fez ferir o tornozelo? Afinal, se não fosse por isso, não teriam se hospedado com os ciganos. Com certeza já teriam chegado à tal passagem e dito

adeus. Ela talvez acabasse descobrindo ser apaixonada por Bernardo, mas seria

Lembrou-se do que ele mesmo lhe dissera, certa vez: *Existe uma razão para tudo.* Seria aquela a sua única chance de viver o amor? Considerou a opção de acompanhá-lo, ao invés de se separarem. Poderiam partir juntos, viver juntos, voltar juntos, morrer juntos, ela não sabia. Tentava desesperadamente se agarrar à valiosa oportunidade que a vida lhe dera de não deixá-lo ir embora.

Pela primeira vez em todos aqueles dias, Caroline rezou. Fechou os olhos, com o coração inundado de fé, e orou. De início, apenas repetiu mecanicamente, em pensamento, todos os recitais em latim que o padre lhe ensinara. Mas logo parou. Sequer sabia o que estava dizendo!

Pensou na Bíblia que encontrou, na gaveta do padre, e se lembrou das palavras que ali lera; era *livre!*

Deixou de lado todos os versos decorados e decidiu conversar com Deus. Ousou chamá-lo de Pai, como lera naquele mesmo livro. Sentiu-se confortável com a palavra, mais que em qualquer outro momento em que a usara antes.

Desabafou mentalmente todas as suas dúvidas e angústias. Sentiu uma onda agradável percorrê-la e continuou a mentalizar sua nova forma de oração, à qual finalizou com um apelo em voz baixa:

— Pai, por favor, indique-me o caminho que devo seguir...

No instante do pedido, Bernardo se mexeu em seu colo. Ela o observou, atenta, sentindo o coração disparar.

— Milady... — chamou, com a voz enrolada, num sono inquieto.

Ele continuou a se mexer, parecendo incomodado. Caroline arqueou o tronco e aproximou seu rosto do dele, emocionada.

— Estou aqui — sussurrou. — Estou ao seu lado...

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto enquanto ela admitia que vê-lo partir seria mais insuportável do que poderia ter julgado. Ali Caroline adormeceu, com seu rosto próximo ao dele, desejando que aquele momento não acabasse jamais.

Enquanto Caroline sofria por alguém, outro alguém, longe dali, sofria por ela. A ideia de ter sido abandonado ainda atormentava o coração de Filip.

Seu pai bateu à porta do quarto, onde o rapaz agora dedicava a maior parte do tempo, refletindo.

— Ainda pensando nela?

Filip soltou um suspiro aborrecido. O duque adentrou o cômodo e se sentou na beirada da cama do filho.

— Deve superar isso, meu rapaz — aconselhou-o.

— Não compreendo, pai — desabafou, com os olhos acompanhando uma aranha que descia por um fino fio da sua teia. — Se ela não queria se casar, por que não me disse antes? Sabia que eu teria respeitado sua decisão, embora com dor...

Parou de falar, engolindo o choro que ameaçava subir à sua garganta. Não falou nada sobre a carta, na qual ela simplesmente contava ter partido.

— Não é uma dama digna do casamento que lhe arranjamos, Filip.

A voz do duque denunciava uma ponta de antipatia.

— Não entendo por que Caroline não me avisou antes...

— Porque é uma hipócrita! — a ira do pai revelava-se mais. — Com certeza aquela vadia fugiu com algum...

— Não a chame assim!

Teve o impulso de avançar contra o pai, mas se segurou a tempo. Por um longo momento, trocaram olhares irritados.

— Ainda acredito que possa ter sido sequestrada — sugeriu, mesmo sabendo que não era verdade.

— Muito improvável. Alguns dizem que ela deixou uma carta ao pai.

Filip baixou os olhos, um pouco decepcionado. Pensou ter sido o único a quem ela se justificara.

— Talvez estivesse apenas com medo. E eu nem perguntei... Fui tão insensível...

— Pare de se culpar! — bradou o duque. — Um dia, ela vai voltar e implorar pelo seu perdão. E você já sabe qual será a resposta, não é mesmo?

Filip olhou para ele como uma criança à espera de instruções. O pai arregalou os olhos, subentendendo uma resposta estupidamente óbvia.

— Vai dizer um grande *não!* — decidiu, levantando-se. — Vai fazê-la pagar pela imprudência com um casamento mal-arranjado, enquanto você estará se casando com uma bela e respeitável dama. Aliás, já tenho algumas indicações. Famílias da mais alta elite!

Já atravessava a porta quando Filip arriscou, com a voz fraca:

— E se eu disser sim?

Os olhos do pai o fitaram com incompreensão.

— Pai, eu a amo!

O duque balançou a cabeça, inconformado.

— Filip, o amor é a ruína dos homens! — abrandou a voz, num tom amigável. — Ouça o que diz seu velho pai; encontre uma boa garota e se case. Não arruíne sua reputação por uma paixonite.

Fez um último aceno e se retirou definitivamente. Filip sentia que as suas esperanças tornavam-se cada vez mais absurdas.

Mas a garota por quem ele tanto sofria tinha a mente e o coração ocupados por outra pessoa. Bernardo despertou com o peso do rosto da garota sobre o seu. Temendo que ela acabasse com um torcicolo, sentou-se e a deitou em seu colo, como ele estivera sobre o dela.

Afastou cuidadosamente os cabelos dela, que se bagunçaram, com o movimento. Deixou seu rosto e pescoço livres, dissipando pequenas gotas de suor com a mão. Admirou o belo rosto da menina-mulher.

— Ah, milady... — murmurou. — É tão cruel o mundo que a espera lá fora!

Sentiu um aperto amargurado no peito.

— O que será de você sozinha no mundo?

Caroline se mexeu um pouco, ajeitando o corpo que repousava. Bernardo sentiu vontade de poder protegê-la, e a intenção cresceu vertiginosamente, dando espaço a um impulso incontrolável de se aproximar, abraçá-la, sentir sua respiração ao seu alcance...

Estava prestes a ser dominado por aquele impulso, mas um novo alvoroço ao redor o despertou do seu devaneio, e a ela do sono.

A menina abriu os olhos trêmulos. Ergueu-se rapidamente, quando percebeu estar deitada sobre ele.

— O que aconteceu? — perguntou, sonolenta.

Bernardo não respondeu. Tomou as mãos dela e as beijou, antes de se levantar e caminhar para longe, mesmo não havendo ninguém por perto para que fosse necessário encenar tal carinho.

O sol estava alto no céu. Era a hora do almoço. As mesas estavam forradas de carne, frutas e bebidas, e todos os presentes se fartaram alegremente, preparando-se para enfrentar o segundo dia de festança, que transcorreu num ritmo mais tranquilo que na noite anterior. A música era agradável, as pessoas conversavam, riam e desejavam felicidades aos noivos. Estes apenas permaneciam ao lado um do outro, embora pouco se falassem.

As horas se passaram quase despercebidas. A tarde caía, quando uma cigana com olhos pesados de bebida se aproximou deles, histérica.

— Dayeah, venha! É hora de se preparar para a dança lenta!

Caroline torceu a expressão, olhando para Bernardo.

— É como a valsa de um casamento tradicional – explicou.

Ela sentiu um solavanco desagradável no estômago. *Valsa?* Jamais aprendera bem. Lembrou-se das várias vezes em que Elizabeth tentou ensiná-la os passos exatos. Ela, sim, tinha a delicadeza necessária para aquilo!

Sentiu uma saudade muito forte da irmã e da mãe. Como queria poder abraçá-las! Desejou que não estivessem sofrendo demais por sua causa, sequer imaginando que, de certa forma, seu sumiço fora o grande alicerce para aproximá-las do grande amor de cada uma.

Alguns homens acompanharam Bernardo até o lado oposto ao qual Caroline foi conduzida, acompanhada pelas mesmas mulheres do dia anterior. Estavam empolgadas, embaladas no ritmo em que o vinho corria pelas suas veias.

Caroline enfrentou preparativos semelhantes ao da cerimônia, com banho, essências e cabelos. Até que chegou o momento do vestido.

— Escolha bem, minha querida! – disse uma delas, com a voz alta. – É o que estará vestindo para sua noite de núpcias!

Caroline saltou, escandalizada.

— Noite de núpcias?

Todas começaram a rir. Algumas, no entanto, compartilharam séria desconfiança. A garota pensou em uma maneira de disfarçar, mas uma voz que se aproximava a salvou.

— Acalmem-se, meninas. Todas já passamos por isso e sabemos como é grande o nervosismo.

Era Mãe Nuha, aproximando-se com seu sorriso sereno.

— Se não se importar em aceitar uma nova sugestão, minha cara Dayeah, gostaria de lhe mostrar uma peça que ganhei há muito tempo, mas jamais tive a

oportunidade de usar.

Estendeu diante de Caroline um vestido longo e pesado, bastante diferente do outro. A perfeição com que a servira, no entanto, foi a mesma.

Parecia obra de um anjo, tamanha era a delicadeza daquele tecido. Tinha coloração próxima ao dourado, que, à luz do luar, formava um rastro de luz opaca, como de alguma propriedade encantada ou mágica.

Da cintura para baixo, havia fartura de pano, e a saia formava lindas ondas ao redor das pernas, marcando graciosamente seus passos. Na parte superior, duas tiras grossas sustentavam-se sobre os ombros, finalizando num decote acentuado e suntuoso.

Na parte superior, algumas camadas de tecido se dobravam umas sobre as outras, repuxando todo o lado esquerdo da cintura. As linhas convergiam sobre o quadril direito, onde havia um bonito laço, feito do mesmo tecido.

Todas se derramaram em exclamações e elogios ao verem Caroline naquela peça tão bonita. Nuha sorriu, orgulhosa. Estava claro que o vestido fora decidido, embora a menina ainda se acostumasse com a combinação “colo-costas-braços nus”.

Como penteado, algumas mechas castanhas foram presas na parte de trás, deixando que alguns fios escapassem graciosamente para o rosto, e uma cachoeira de cabelos balançasse livremente às costas dela, decorada com flores de largas pétalas cor champanha.

Caroline sorriu para seu reflexo no espelho. Teve a mesma sensação do dia anterior, quando se viu nos trajes da cerimônia. Achou-se linda; desta vez, não como uma fada, mas como um anjo.

Refletiu de novo sobre os tantos cuidados de Nuha para com ela. Sabia que era inútil perguntar, então apenas agradeceu mais uma vez pelos empréstimos.

Recolheu o vestido da festa para devolver à verdadeira dona e sentiu algo sólido em meio ao tecido. Levou a mão à boca; era o perfume com que fora presenteadas. Esquecera-se dele por completo!

Sentiu mais uma vez a sua fragrância suave. A sensação era fantástica! Perfumou seu pescoço e seu colo, terminando de esvaziar o pequeno frasco sobre os braços nus. Sentiu aquele cheiro bom subir e evaporar ao seu redor, com um sorriso de satisfação.

– Dayeah, vamos?

Era Adamina, aguardando-a ansiosamente. Caroline sentiu mais uma vez aquele nervosismo, o qual a amiga percebeu.

– Não está feliz?

Caroline arqueou as sobrancelhas, tentando disfarçar. Suas pernas tremiam.

– Sim, é claro que estou...

A mais ingênua das crianças não teria acreditado. Sua voz soou ríspida e veloz. Adamina baixou os olhos, que transpareciam um pensamento que ela parecia hesitar em dizer.

– Você e o Theron devem ter enfrentado tantas dificuldades – observou. – Quanto não devem ter deixado para trás, só para poderem ficar juntos!

– E isso é... Errado? – incomodou-se.

– Não, é claro que não! É só que... – suspirou, ponderando. – Vocês não parecem apaixonados a tal ponto, entende?

– Adamina, você entendeu errado... – consertou. – Eu *estou* feliz, só não consigo expressar o quanto devido ao nervosismo, e...

– Não falo de agora – interrompeu, começando a preferir não ter dito nada. – É a maneira como agem, ao lado um do outro. Não os vejo trocando sequer olhares carinhosos...

Caroline acatou. Era uma observação compreensível. Antes que pudesse dizer qualquer mentira ou verdade, as outras se aproximaram e a guiaram de volta para o centro da festa. Adamina logo se esqueceu daqueles pensamentos e voltou a sorrir, acompanhando a cantoria festiva.

O grupo feminino foi aclamado com fortes aplausos, que inundaram o coração de Caroline de expectativa e um tanto de medo.

– Formem a roda para a dança lenta! – anunciou um dos músicos, em pé ao lado do seu instrumento.

Todos se apressaram em obedecê-lo, ansiosos. Caroline ficou admirada com o impacto que a tal dança provocava nos que ali estavam.

Estava perdida no tumulto de gente se posicionando, se encontrando, se arrumando, até o tal círculo se formar. Isolado em seu centro, estava Bernardo, atordoado com a visão da sua milady tão bela.

Caminhou até ela, como na ocasião da cerimônia. Suas roupas não eram muito diferentes das do dia anterior; agora, não havia o colete. Ele estava todo de branco, com os primeiros botões da camisa abertos, logo abaixo do pescoço. *Quase um príncipe!*— pensou ela.

Parou diante da sua noiva, venerando-a. Um som harmonioso de cordas e instrumentos rústicos de sopro cortaram o silêncio profundo da multidão. Todos prestavam total atenção àquele momento.

— Eles parecem gostar mesmo dessa dança... — observou, nervosa.

— É o momento mais romântico da festa — explicou, ainda embebido na imagem dela. — Ciganos adoram romantismo...

Ele respirou profundamente, como um atleta preparado para a disputa. Os acordes lentos continuavam a ressoar, em um ritmo brando e envolvente.

— Não podemos decepcioná-los! — observou, bem-humorado. Aproximando-se mais um passo, estendeu a mão para ela. — Importa-se de ser o amor da minha vida esta noite?

Aquelas palavras causaram um impacto que Caroline quase não pôde disfarçar.

— Se é o que eles querem...

Mas os dois logo descobririam que não era necessário combinar nada, naquele contexto. Era inevitável; a música suave, a meia-luz das velas, o sorriso que ele abriu em resposta, tudo contribuía para o desabrochar iminente de um sentimento.

Caroline sentiu seu braço pesar quilos a mais quando o ergueu, aceitando o convite à dança. Bernardo beijou com suavidade a sua mão, o que arrancou suspiros da plateia. Em seguida, ofereceu seu braço para que ela enganchasse. Aquilo a noiva sabia fazer, e o fez com graça, sob os olhos atentos do rapaz, que não sabia definir em palavras o quanto ela estava encantadora naquela noite.

Quando deram o primeiro passo ao centro, Caroline apertou o braço dele com mais força, sentindo a respiração acelerar.

Bernardo, eu não sei dançar...

Contudo, já estavam frente a frente, no centro da roda. Bernardo admirou mais uma vez a beleza da garota, sob a luz trêmula das velas pregadas no chão e nas mesas. Pousou uma das mãos na cintura dela e, com a outra, segurou-lhe a mão macia, como numa valsa tradicional.

— Apenas me acompanhe — sussurrou.

Ela encontrou os olhos dele, que observavam a sua inquietação com um sorriso compreensivo e confiante. Aquilo tranquilizou seu coração; estava segura!

Levou a mão livre ao ombro do companheiro e seus pés se moveram, devagar, acompanhando os dele. Mas era a única parte do corpo que ela mexia, completamente travada pelo nervosismo.

— Deixe-se levar pela música — recomendou.

— Não sei como fazer isso!

Mas Bernardo sabia. Levou uma das mãos até a nuca da noiva, fazendo-a apoiar o rosto em seu ombro.

— Feche os olhos — sugeriu — e imagine o lugar onde mais gostaria de estar neste momento.

O abraço os acomodou perfeitamente no corpo um do outro. Como no dia em que ele a salvara, Caroline sentiu que ali, nos braços dele, era o seu lugar. Conquistou uma sintonia perfeita com os passos dele, sem precisar se preocupar se estava acertando ou não.

Bernardo a abraçou de maneira carinhosa, seguindo o roteiro predeterminado a si próprio. Precisava parecer apaixonado. Contudo, nem tudo estava nos planos; não a maneira involuntária como sorriu quando sentiu as mãos dela em suas costas, ou seu rosto se inclinando contra os cabelos dela. Foi nesse movimento que ele sentiu o perfume que sua noiva usava. Um aroma suave, marcante, quente... A sensação era oscilante como os próprios sentimentos. Tanto, que o perfume parecia ser feito de amor.

Inspirou profundamente a pele dela, sentindo crescer descontroladamente o impulso que o ameaçara algumas vezes nos últimos dias. Emergia ao sabor da música, que se intensificava, entrelaçando mais e mais aquelas duas almas sem que eles soubessem a grandiosidade do que acontecia naquele doce momento.

Sentindo um arrepio, Caroline deixou escapar um suspiro apaixonado, que trouxe Bernardo de volta à realidade.

— Parece que funcionou. Posso saber para onde viajou?

— Não precisei pensar em nada.

Ela afastou seu rosto e olhou diretamente para ele.

— Não há outro lugar onde eu mais deseje estar, senão aqui, com você.

Falou antes que pudesse perceber. Os dois se olharam por eternos segundos, com os pés parados. Os músicos trocaram olhares intrigados, como os de todos os ciganos – com exceção de Nuha, que continuou a assistir à cena com um sorriso satisfeito, de quem sabia muito bem o que estava acontecendo ali.

Caroline sentiu uma emoção forte inundá-la. Não sabia definir que sentimento a apadrinhava, mas se deixou levar por ele.

— Bernardo... eu estou apaixonada por você.

Deixou de lado qualquer outra palavra. As frases românticas já haviam cumprido seu papel por demais. Incapaz de demonstrar de outro jeito, ela se aproximou dele com um beijo que ele recebeu com prazer.

Os ciganos vibraram. Os músicos tocaram mais alto, acompanhando o momento. Quando Caroline se afastou, tinham a respiração forte.

— O colar... – murmurou.

Sentiu o pingente esquentar sua pele. Tocou-o com os dedos, certificando-se de que não era mera impressão.

— Está quente... Como naquela outra vez...

Mas ele mal a ouvia. Estava absorto naqueles dois olhos brilhantes que miravam atentamente os seus. A mesma onda de emoção que a invadira

derramava-se, agora, sobre ele.

Jamais tal sensação se apoderara dele. Sentiu vontade de poder parar aquele momento e fazê-lo durar para sempre. A princípio, odiou-se por isso; amar jamais fora compatível aos princípios da sua filosofia de uma vida livre e inconstante. Contudo, no momento em que Caroline sorriu para ele, tudo se inverteu a uma velocidade que o desconcertou.

— Céus...

Abraçou-a com força. Novamente, aquele perfume invadiu seus sentidos e ele não pôde resistir ao ímpeto de beijá-la, contendo sua voracidade, como se corresse o risco de feri-la.

Caroline se deliciou naquele instante, mais encantador que o mais belo dos seus sonhos. Por vezes, interrompia o beijo apenas para olhá-lo e se convencer de que era o seu amado quem estava ali, diante dela. Bernardo, no entanto, não deixava a pausa durar muito tempo, sentindo-se sedento daqueles lábios macios.

— Pensei que tivesse medo de beijar... — murmurou ao ouvido dela, quando se afastaram.

Ela riu. De fato, entregava-se aos beijos dele com tanta tranquilidade que nem parecia ser a mesma garota amedrontada dos dias anteriores.

Sabia que sua cura fora o amor. Experimentava um estado inédito de encantamento. Cada precioso segundo daquele momento era absorvido com intensidade. Estaria sonhando? Apertou os olhos, desejando que não. Se fosse, desejou poder não acordar jamais.

Aos poucos, novos casais foram para o interior do círculo, dançando. Em alguns minutos, já não existia mais a roda, e sim um grande salão de dança no meio da floresta. Os noivos continuavam alheios a todos, emaranhados num abraço próximo, com as testas e os olhares unidos.

Ele abriu um sorriso distraído que despertou a curiosidade dela.

— Acho impossível alguém ainda duvidar de nós dois, depois do que viram hoje...

O sorriso dela apagou. Seus braços baixaram lentamente para longe dele e as pernas pararam o movimento. Uma lembrança voltou à sua mente, nítida

como o próprio instante em que acontecera: *Você se importa de ser o amor da minha vida esta noite?*

Apenas esta noite.

Algum problema, milady?

Tentou dizer alguma coisa, mas sua garganta estava interdita por um grande nó. Quando emergiu das recordações, uma dor que ela jamais experimentara tomou conta do seu peito.

Caminhou para trás, como se diante de um animal muito perigoso.

— Como pude ser tão tola...?

Deu as costas ao noivo, disparando, aos soluços, enquanto via seu conto de fadas desmoronar diante dos seus olhos.

— Ainda não compreendo o que pretende ganhar com a garota, Ernesto.

A dupla de tiras avançava pelo interior da floresta. Depois de toda a viagem em sensato silêncio, Juarez resolveu questionar o que iam fazer.

— Já não ganharemos nada com a captura dela – insistiu. – E matá-la será um despropósito...

— Eu disse ao barão que se arrependeria. A filhinha dele vai pagar pela minha humilhação.

Juarez tornou a abrir a boca para contestar, mas Ernesto estendeu o braço, limitando bruscamente o movimento do companheiro.

— Silêncio.

Parecia vidro em algum ruído ou movimento. Deslocou-se lentamente no matagal, espiando por entre alguns troncos de árvores.

— Ora, ora, o que temos aqui!

Juarez desceu do cavalo, correndo para ver o que seu mestre encontrara.

— Falando no diabo...

Lá estava Caroline, sentada ao chão, com os braços e o rosto apoiados numa pedra. E completamente sozinha.

Ernesto abriu um sorriso cruel e satisfeito.

— Será muito fácil...

CAPÍTULO 24

DUAS ALMAS INTERLIGADAS

Seus olhos se voltaram para um ponto entre duas árvores. Algo dizia que ele devia ir para lá, e rápido...

Seguir Caroline naquela multidão tornou-se uma tarefa impossível. Esquivou-se dos casais que dançavam e das pessoas que por ali circulavam, e uma cigana explosiva ainda bloqueou seu caminho, cheia de elogios e cumprimentos. Conseguiu se livrar dela, mas já sem tempo. Perdera a garota de vista.

Vendo que era inútil continuar a procura, sentou-se em um canto, refletindo sobre o grande mistério da vulnerabilidade do humor feminino.

— Onde está sua noiva, Theron?

Mãe Nuha se aproximava dele, com os passos curtos e trêmulos, mas o olhar muito firme.

— Nunca vou entender as mulheres – desabafou, exausto. – Estava tudo bem e, de repente, ela saiu correndo...

Nuha ergueu as sobrancelhas com uma expressão severa.

— Você certamente fez algo que a decepcionou.

— Mas o quê?

Nuha agachou com dificuldade, sentando-se ao lado de Bernardo para olhá-lo diretamente nos olhos.

— Meu filho, eu sei que vocês não estão se casando de verdade.

Ele engasgou, tentando disfarçar o sobressalto.

— É claro que... É claro que estamos, nós...

— Não precisa ficar nervoso. Compreendo que deve ter inventado essa história por bem, e não me sinto traída pela mentira. Mas confesse; não imaginou que chegaria a tal ponto, não é mesmo?

Ela tinha um leve sorriso de diversão. Bernardo, contudo, não estava gostando do rumo daquelas descobertas.

— Se sabia que não éramos realmente noivos, por que fez esta festa?

A senhora se inclinou para mais perto, com o olhar cheio de significado.

— Já pensou na possibilidade de ela amá-lo de verdade?

Bernardo baixou os olhos. Lembrou-se das palavras que a garota lhe disse durante a dança. Aqueles sussurros certamente não tinham a intenção de serem ouvidos por ninguém além dele próprio.

Nuha refletiu por um momento, antes de prosseguir.

— Quando vocês dois chegaram, bastou olhá-los para perceber a força com que suas almas estavam interligadas, embora os corpos se mantivessem tão distantes.

Almas interligadas? — inquietou-se. — O que quer dizer com isso?

— Lembre-se de alguma vez em que sabia o que Dayeah estava sentindo sem ela precisar lhe dizer. Ou um momento em que estiveram distantes, mas que você parecia sentir o que ela sentia.

Com um arrepio, Bernardo se lembrou daquele estranho dia na floresta. Não sabia explicar a forma como sentiu o perigo que a rondava, nem o instinto que o guiou até exatamente onde ela estava.

Olhou para a senhora com atordoamento, atentando-se, mais sério, àquela conversa.

— Havia uma grande barreira entre vocês, que suas diferenças sustentavam — continuou, vendo que ele compreendia. — Uma barreira sólida, embora estúpida, que não lhes permitia sentir a sede que têm da presença um do outro. Essa muralha não se quebraria enquanto não existisse um momento realmente intenso em que vocês olhassem nos olhos um do outro e se permitissem enxergar além dela, onde residem os seus sentimentos mais verdadeiros.

— Espere! Está dizendo que eu e ela... Que nós dois...

— Apaixonados. Sim.

Bernardo riu alto.

— Tudo o que aconteceu hoje foi de propósito! Precisávamos ser convincentes, fazer todos acreditarem que era um casamento verdadeiro.

— Vai negar que o seu desejo de beijá-la foi real?

O riso dele se calou. Foi a vez dela rir, olhando para as árvores.

— Foi muito mais fácil com Dayeah...

— O que foi mais fácil?

Tirou os olhos da mata, focando o jovem à sua frente.

— Fazê-la enxergar que o amava.

Bernardo balançou a cabeça, sentindo uma batalha de sentimentos travar-se em seu interior.

— Nuha, desculpe-me, mas ainda não compreendo isso...

— Os sentimentos não requerem compreensão, Theron.

— Mas precisa existir uma lógica! — argumentou, nervoso. — Como a senhora pode afirmar existir algo que não se provou até agora?

Nuha colocou a mão no ombro dele, com um sorriso bondoso.

— Não se preocupe em entender. Apenas sinta.

Aquilo tornou as coisas um tanto mais claras. Bernardo observou a multidão, por um tempo, até voltar a falar com ela.

— Então, no sonho da senhora sobre minha chegada, a joia que eu trazia nos braços era aquele colar que ela lhe deu? E a minha missão, os laços que eu viria unir... Era o nosso casamento?

Ela suspirou, sonhadora.

— Uma boa interpretação. Apenas lembre-se que nem tudo o que é joia reluz. E que nem todos os laços da vida são apenas amorosos.

A senhora levantou-se e foi embora, deixando para ele uma reflexão e uma piscadela. Adorava provocar aquele efeito nos apaixonados! Era interessante vêlos relutarem até o fim por algo que só não é mais óbvio porque não é palpável.

Ele ficaria ali, mastigando aqueles pensamentos, mas algo o fez ficar em pé.
– Preciso ver Caroline.

A garota continuava a despejar suas decepções sobre uma pedra, julgando-a tão bruta e fria quanto o coração de Bernardo. Não podia acreditar que cada beijo, cada abraço e cada olhar não tivessem passado de uma mera atuação.

Era possível que Bernardo não sentisse nada? Afinal, ela declarou seu amor, e podia jurar que o sentiu compartilhar a intensidade verdadeira do seu sentimento. Não podia ter se enganado tanto!

Ladeira acima, Ernesto a observava com uma obsessão fria de vingança, empunhando um facão largo. Deu um primeiro passo, quando Juarez o interrompeu, falando com a voz muito baixa:

– Ernesto, espere! Ainda temos como ganhar com essa situação.

A palavra ganhar surtiu efeito imediato no comportamento do outro homem, que se atentou.

– Podemos sequestrá-la. Levá-la de volta viva e negociar sua vida com o barão. Pense no quanto ele oferecerá para ter a filhinha de volta...

Ernesto ponderou, com os olhos vermelhos fixando a menina. Sentia um desejo forte de derramar sangue, arrancar a vida dela e atirar seu corpo frio nos pés do pai, observando-o lamentar, humilhado e arrependido. A ideia de conquistar poder e ouro, no entanto, ofuscou a sua fome de vingança.

Guardou o facão de volta nas vestes e desceu silenciosamente em direção à garota.

Bernardo caminhou entre as pessoas que riam e bebiam, em busca de um só rosto. As palavras de Mãe Nuha ainda apitavam em sua memória, seguidas sempre da lembrança dos beijos de Caroline, do seu abraço suave, seu perfume entorpecente...

– Viu Dayeah? – perguntava, a cada um que lhe cruzava o caminho. – Viu minha noiva?

Resmungou a cada não ouvido em resposta e seguiu procurando por ela, ignorando cumprimentos e perguntas. Seus passos aceleraram ao sabor da sua inexplicável ansiedade.

Além dali, outros dois pares de pés também iam mais velozes. A ladeira se tornou mais íngreme, e a ânsia em capturar a garota, mais profunda. Estavam prestes a alcançar chão plano em direção a ela, quando ambos foram atingidos na nuca.

Caroline ergueu a cabeça, assustada.

— Fuja, senhorita!

Atrás de um tronco grosso de árvore, na descida, estava Helio. Ele atirava mais pedras na direção dos dois capangas banidos, que também já o haviam avistado.

— Pegue-a! — ordenou a Juarez, enquanto subia de volta até onde estava o guarda.

A garota soltou um grito de desespero. Bernardo não pôde ouvi-lo, mas seus olhos se voltaram para um ponto entre duas árvores. Algo dizia que ele devia ir para lá, e rápido.

Deu o primeiro passo naquela direção, e foi detido por Goran.

Caroline se afastou, aos tropeços. Aquele rosto distorcido de raiva e cicatrizes parecia sugar as suas forças à medida que se aproximava.

— Para onde vai com tanta pressa? — perguntou Goran ao amigo inquieto.

Bernardo despertou. Olhou para o amigo, zozzo, sem saber explicar para

— Venha! — Goran o puxou em direção às mesas, descontraído. — Vamos tomar alguma coisa.

Caroline finalmente firmou o passo e alcançou um galho pesado. Acertou em cheio o rosto do perseguidor, que tombou, atordoado. A alguns metros dali, Ernesto acertava um novo golpe em Helio, já inconsciente.

— Idiota! Não tem capacidade para vencer uma garota?

Soltou o corpo desacordado do guarda e se aproximou deles, com os passos decididos. Caroline ainda golpeava Juarez, mas paralisou ao fixar os

olhos na figura que se aproximava. Com o terror crescendo dentro de si, reconheceu o homem que a perseguira da outra vez.

Bernardo parou. Seus olhos se voltaram para o mesmo ponto de segundos atrás, e de lá – ele tinha certeza que era de lá – vinha o perfume que invadiu o ar.

O perfume de Caroline.

– Qual o problema?

Goran o fitava com os braços cruzados. Bernardo não respondeu; estava dividido entre a razão e o instinto.

O grito de horror de Caroline ecoou em sua alma, trazendo a lembrança imediata de Mãe Nuha.

Não entenda, apenas sinta.

Caroline contornou a larga pedra várias vezes, perseguida por Ernesto.

– Mexa-se, seu idiota! – ordenava a Juarez, que ainda se recuperava das pancadas.

O homem ferido olhou para Caroline com um ódio intenso.

– Vadia...

Ela desviou-se da mão dele, disparando para o meio das árvores. Gritava por socorro, mas ninguém na comunidade podia ouvi-la. A música alegre da festa ocupava todos os ouvidos.

Correu em círculos pelos troncos e raízes, surpreendida a todo instante pelos malfeitores. Acabou voltando à clareira com a pedra, onde Juarez finalmente a encurralou, enchendo o olhar dela de medo.

– O que foi? – desafiou. – Não é forte sem um pedaço de madeira na mão?

Acertou um tapa pesado no rosto da menina, que desabou para o lado. Não satisfeito, avançou com o punho fechado, ofegante de raiva, para onde ela havia caído. Caroline se encolheu, indefesa, defendendo-se de um golpe que não veio. Quando abriu os olhos, viu Bernardo acertando murros sonoros no homem que a acertara.

– Covarde! Estúpido!

Parecia fora de si, possuído por um impulso perverso de ferir aquele homem. Após muitas pancadas, largou-o no chão, com o nariz ensanguentado, e correu até Caroline.

— Está machucada?

— CUIDADO!

Sequer teve tempo de olhar para trás. O gigantesco Ernesto acertou-o nas costas com uma grande tora. Bernardo desabou, contorcendo-se de dor, e Caroline atirou-se, inconsequente, contra o agressor.

Ernesto segurou-a pelos pulsos como quem segura dois palitos, enquanto ela derramava pesados insultos sobre ele.

— Pensa que vai me destruir com uns palavrões? — riu, cruel. — Você é igualzinha ao seu pai...

Caroline franziu os olhos. Sua raiva cresceu. Incapaz de acertá-lo, cuspiu diretamente naqueles olhos asquerosos.

No limite da sua escassa paciência, Ernesto a atirou violentamente contra o chão.

— Já chega! — urrou. — Vou terminar logo com isso.

Puxou o facão largo das vestes e o empunhou, encolerizado. Bernardo recuperou a consciência a tempo de ver o que aquele homem estava prestes a fazer.

— CAROLINE...

Ela tentava se levantar, mas, com uma risada insana, Ernesto a empurrava com os pés, fazendo-a cair de volta no chão. Divertia-se como se lidasse com um inseto.

O efeito do golpe ainda não deixava Bernardo mover as pernas. Ainda tentava, quando viu Ernesto ajoelhar-se sobre as pernas da menina, segurando o cabo da faca com as duas mãos.

— Bernardo...

O coração dele saltou. Arrastando-se sobre os cotovelos, aproximou-se da mão estendida da garota. Juarez, porém, atirou-se sobre ele a tempo. Bernardo

tentou se desvencilhar, desesperado, mas era inútil.

Ernesto olhou para trás e abriu um sorriso sádico para ele.

— Diga adeus à sua namoradinha.

Os amantes trocaram um olhar apavorado enquanto Ernesto erguia a lança no ar.

— Caroline... Não...

Com um esforço descomunal, ele se livrou de Juarez e tropeçou na direção da menina, que estendia a mão inutilmente em sua direção, incapaz de se livrar daquele brutamontes sobre seu corpo.

— Bernardo...

Viu o agressor dar impulso ao facão, mirando seu colo, e tampou o rosto com os braços. Bernardo caiu de joelhos, sentindo o estômago afundar. Invocava um milagre que o fizesse salvá-la a tempo...

O milagre não veio. Mesmo assim, ele viu o movimento do assassino parar na metade do caminho, com a expressão se perdendo no infinito. Todos se surpreenderam quando viram um homem miúdo enterrar uma espada no meio das costas de Ernesto e arrancá-la com o olhar sério e satisfeito.

Ernesto tombou, sob muitos olhares impressionados. O recém-chegado se aproximou do grande monte humano com a expressão inalterada.

O homem ferido arregalou os olhos ao reconhecer o ex-companheiro das jornadas.

— Gilbert...

O homenzinho cuspiu na grama, ao lado do corpo que morria.

— Um problema a menos.

Guardou a espada no cinturão e caminhou de volta para as árvores.

— Traidor! — acusou Juarez, berrando. — Assassino traidor!

Lançou-se contra ele, mas foi detido por Helio, que recobrou consciência a tempo de ver como tudo acontecera. Gil o observou espernear, imobilizado pelo guarda.

— Minha incapacidade enfim parece ter servido para algo, não é mesmo?

Juarez se debateu mais, vermelho de raiva.

— Para onde vai, covarde?

— Aonde me mandaram ir; para bem longe de vocês.

Gil se deliciou com a satisfação amarga da vingança, fundida ao doce sabor da justiça. Encerrou seu momento de glória desaparecendo entre as árvores, para o mesmo lugar misterioso de onde surgira. Todos ainda estavam calados pelo choque.

— Bernardo...

Ele despertou ao som daquela voz. Viu Caroline se sustentando nos cotovelos, trêmula, sob o peso do cadáver do criminoso. Correu até ela, com dificuldade, e a livrou definitivamente daquele homem.

Feito isso, desabou ao lado dela, com o olhar desesperado.

— Eu tentei! Juro! Quando aquele homem avançou contra você, eu estava muito longe. Se aquele homenzinho não tivesse aparecido...

Pensamentos terríveis assombraram-lhe a mente, e ele apertou os olhos, prestes a chorar.

— Mas você estava aqui — respondeu, com a voz fraca. — Estava aqui para me ajudar.

— Não! — gritou, inconformado. — Se dependesse de mim, você teria... Você estaria...

Era doloroso demais imaginar aquilo que esteve tão próximo de acontecer. Com os olhos molhados, ele a agarrou contra si. Não queria permitir que nada mais ameaçasse levá-la de si.

— Eu nunca me perdoaria! Nunca!

Caroline apertou os braços ao redor dele, ainda apavorada com seu quase assassinato.

— Você já salvou minha vida de tantas maneiras! — falou, entre soluços. — Sou tão grata por tudo o que me fez...

Olhou para ele, esboçando um sorriso trêmulo de gratidão, mas Bernardo permaneceu sério. Tudo o que Mãe Nuha lhe falara sobre a união das duas almas começava a fazer mais sentido.

— Milady, eu...

Deixou evaporarem as palavras, diante daqueles olhos tão compenetrados nos seus. *Um momento realmente intenso em que vocês olhassem nos olhos um do outro e se permitissem enxergar além da barreira...*

Mergulhou naqueles olhos castanhos e neles viu refletir a luz de um sentimento forte, como se fossem o espelho do seu próprio coração. Já não era preciso dizer nem explicar mais nada.

Saboreando um sentimento inédito de ternura, ele acariciou o rosto dela.

— Serei eternamente grato a Deus por salvá-la e me dar a chance de dizer que

Nunca estive tão convicto daquelas palavras. Sorria, como uma criança diante de um belo presente prestes a ser aberto. Caroline não movia um músculo, como se, assim, mantivesse a integridade daquelas palavras ambíguas.

— Bernardo... Você sempre me disse... Sempre pareceu tão...

— Não tente entender, milady. Apenas sinta.

A inquietação evaporou de dentro dela. Aliviada, segurou o rosto dele entre as mãos.

— Meu amor...

Todo o terror que experimentara foi convertido em paz, naquele abraço. Helio, que a tudo assistia, teve certeza de que aquele rapaz não a tinha sequestrado. Ela talvez tivesse sido vítima do próprio coração.

CAPÍTULO 25

DESPEDIDA

Era chegada a hora de contar uma verdade que, até então, mantivera consigo...

A história que os combatentes relataram, ao retornarem, prendeu a atenção e a respiração de todos os ciganos. Até os músicos pararam de tocar, interrompendo a festa, e todos se mobilizaram para tratar dos feridos.

Helio foi calorosamente recebido como herói, e logo lhe providenciaram comida e um lugar para passar a noite. Sentiu aversão àquele povo estranho, no início, mas logo o carisma cigano o contagiou, e ele se sentiu grato por estar entre eles. Juarez não ousou protestar nem se manifestar; foi mantido preso, para ser levado às autoridades, no dia seguinte.

Providenciaram um chá tranquilizante para Caroline, mas ela já não precisava de cuidados para o abalo do espírito. Tinha a companhia de Bernardo, mais próximo que em qualquer outro momento, fazendo do amor sua mais eficiente terapia.

— Pronto, criança — anunciou a curandeira, terminando de limpar uns arranhões. — Está pronta para outra!

— Nem em um milhão de anos! — exclamou, aliviada em poder brincar com aquilo, passado o susto.

— Sorte não terem sofrido nenhum ferimento grave — observou Adamina. — Hoje não deixa de ser a noite de núpcias de vocês!

Caroline engasgou com o chá. Afastou-se involuntariamente do braço de Bernardo, que a enganchava, sentado ao seu lado.

— Decerto! — a curandeira fez um gesto alegre com os braços. — Não será um susto que estragará a grande noite dos pombinhos!

Caroline fixou os olhos no chão, incerta.

— Bem, não sei... Talvez pudéssemos... Quem sabe...

Suas faces estavam incrivelmente vermelhas. Queria, a todo custo, encontrar um motivo prudente para que lhe fosse sugerido adiar a tal noite...

Enquanto pensava naquilo, uma mulher de caminhar insinuante infiltrou-se na conversa.

— Boa noite...

Adara calou a todos com sua voz melodiosa e o meio olhar misterioso focado no noivo.

— Vim dar meus bons votos ao casal. *Voluu...*

Beijou demoradamente o rosto dele, que ficou estático, como se diante de um leão adormecido. Caroline a observava, alerta a qualquer atitude que exigisse sua intervenção.

Cumprimentou também a noiva, com menos cerimônias, e se dirigiu ao

— Eu ouvi direito, ou a noiva parece incerta sobre dar amor ao marido?

— Ouviu errado – rebateu Caroline.

Levantou-se de um salto, colocando-se frente a frente com a rival.

— Fique despreocupada, que eu me incumbo de dar a ele todo o amor de que ele precisa.

A cigana ergueu as sobrancelhas, sem desviar os olhos venenosos da noiva.

— Que sejam felizes.

Seu tom de voz era indecifrável. Desceu os olhos pela garota e se virou para Bernardo, com aquele olhar de serpente que Caroline repudiava. Antes poder dar o bote, a noiva o puxou e o arrastou consigo para longe do grupo. Enganchou-se ao braço dele com tanta força que ele mal conseguia movê-lo.

Após vários passos daquela caminhada sem rumo, ele resolveu se manifestar.

— Você estava com ciúme?

— É claro que não.

— Ora, é claro que sim!

Caroline o olhou de soslaio, contrariada.

— E se estivesse?

Bernardo ergueu os ombros, prendendo o riso.

— Apenas perguntei...

Os passos se tornaram mais lentos. Aos poucos, ela libertou o braço do amado, com os olhos pregados nas pedras do caminho.

— Tudo o que você me disse, hoje... — abriu um sorriso triste. — Não sabe como fiquei feliz. E, ao mesmo tempo, triste.

Pararam de caminhar. Bernardo aguardou por uma explicação, mas as lágrimas ameaçaram chegar antes. Caroline lutou contra as emoções e o encarou com os olhos secos.

— Helio é um dos guardas do meu pai.

Bernardo ergueu as sobrancelhas, visualizando o problema.

— Pensa que ele contará algo?

— Mais que isso — encolheu os ombros, amuada. — Vai me fazer voltar com ele.

Bernardo baixou os olhos abatidos para o chão. Ela mordeu os lábios, tentando segurar a tristeza que a inundava.

— Não quero ir...

Atirou-se nos braços dele e afundou o rosto naqueles ombros fortes, agarrando-se ao único lugar no mundo onde sabia estar a salvo.

— Se voltarmos, significará adeus — ele concluiu, com tristeza. — Estou oficialmente banido das terras do seu pai.

A garota recuou, tapando a boca com as mãos. Quase se esquecera daquele detalhe. Bernardo derrubou os ombros, derrotado; logo ele, que costumava encontrar uma solução para qualquer cilada, viu-se sem saída.

Caroline se adiantou com uma ideia que pulsava em seus olhos.

—

— Vamos fugir mais uma vez. Esta noite! No meio da madrugada, enquanto todos dormem, retomamos nosso rumo. Já devemos estar muito perto da saída para a estrada...

Esfregava as mãos, entusiasmada, mas a expressão do companheiro se manteve inalterada. Bernardo sabia que era chegada a hora de contar uma verdade que, até então, mantivera consigo.

— Não vamos fugir.

A alegria desbotou do rosto dela.

— Como, não?

— Não podemos continuar com isso.

Ela observou atentamente a inquietação dele. Começou a se apavorar.

— Bernardo, por que não consegue olhar nos meus olhos?

Ele balançou o rosto, rendido. Segurou as mãos dela e as apertou contra seu tórax.

— Milady, preciso que seja compreensiva...

— Bernardo... Você está me assustando...

Ele apertou os olhos, prevendo uma reação explosiva.

— Não há saída – falou, finalmente.

— O QUÊ?

— A saída existe! – corrigiu. – O que nunca existiu foi minha intenção de levá-la até ela.

Caroline puxou as mãos de volta, claramente decepcionada.

— Como assim?

— Deve se lembrar que eu não era favorável ao nosso pacto. Mas você insistiu na ideia, tantas vezes, que percebi que estava decidida a partir, com ou

sem minha companhia. E eu sabia que, com a vida que sempre levou, dificilmente se adaptaria ao mundo lá fora.

— Está me chamando de fraca? — defendeu-se, irritada.

— Não. Você tem mais coragem que muitos homens que conheço. Mas não é sua força de vontade que estou colocando em questão, e sim sua sobrevivência.

Ela ergueu as sobrancelhas, cética. Mais calmo, ele continuou:

— Aceitei o acordo, embora ciente de que não cumpriria minha parte.

— Não posso acreditar que me enganou...

— Pelo contrário! Foi *voce* quem enganou a si mesma! — exclamou. — Eu a fiz enfrentar a floresta para sentir na pele o que é estar longe do conforto e da segurança da sua casa. Quis dar tempo para que pensasse, desistisse dessa tolice e voltasse atrás, mesmo que as dificuldades nessa etapa do caminho não signifiquem metade do que encontraria lá fora.

Ela tinha os olhos franzidos. Analisava cada palavra com cuidado.

— Tire a conclusão que quiser — finalizou, sério. — Se preferir me taxar de vigarista e nunca mais me dirigir a palavra, devo respeitar. Apenas lembre-se que, desde o começo, pensei somente em você; abdiquei do meu emprego e da minha família para ensinar uma lição a uma garota rebelde. Podia ter virado as costas e deixá-la definhando, arrependida, em um mundo que não foi feito para você. Mas eu não podia fazer isso. Não com você.

Tomou um longo fôlego e finalizou, emocionado:

— Foi meu sacrifício por você. O meu jeito de fazê-la saber que a amo. Mesmo quando nem eu mesmo sabia.

Caroline não disse nada. Aquele silêncio o preocupava; sabia que tinha mentido, e aquilo era um erro, mas queria, desesperadamente, fazê-la entender a nobreza dos seus motivos.

Era chegada a hora da inevitável verdade.

— O que vai fazer, agora?

Um fio de voz perguntou por ele. O silêncio antes da resposta era tão profundo que ele imaginou que ela ouviria o bater do seu coração aflito.

— Eu volto.

Não olhou para ele, nem demonstrou qualquer emoção. Bernardo sentiu garras afiadas apertarem seu estômago, porém, não demonstrou. Engoliu em seco, prestes a acatar sua decisão, quando ela ergueu os olhinhos brilhantes de lágrimas para ele.

— Mas só se você voltar comigo.

As garras se soltaram, livrando-o. Bernardo piscou várias vezes, perdido naquele choque de sensações, enquanto Caroline se explicava:

— Desde o começo, você tentou me mostrar o que a menina rebelde dentro de mim não me deixava ver. Cuidou de mim esse tempo todo e me manteve a salvo, em todos os sentidos.

Inspirou profundamente antes de continuar:

— Mas vou precisar pedir para me salvar outra vez; salvar-me de uma vida de trevas, que é tudo o que terei, se você não estiver ao meu lado.

O coração dele se sensibilizou com aquele pedido. Por um instante, tudo pareceu tão fácil, tão simples... Mas ele estava ciente da realidade. Viviam um amor proibido.

— São tantas as barreiras que precisaremos enfrentar! Qualquer um me aconselharia a dizer não, entende?

Caroline consentiu, desanimada. Bernardo, que não tirava os olhos dela, abriu um sorriso leve e concluiu o que sabia ser óbvio, dentro de si:

— Contudo, não posso negar aquilo que mais desejo.

O rosto dela se iluminou.

— Está dizendo que volta comigo?

Ele sorriu de volta, encantado com aquela alegria espontânea. Aproximou-se e emoldurou o sorriso dela com as duas mãos.

— Enfrentarei o que for preciso. Nós ficaremos juntos.

A garota fechou os olhos, agradecendo mentalmente ao Pai do céu. Compartilhavam uma alegria muda, incapazes de descontraírem os olhares apaixonados.

O acordo foi selado com um beijo – enfim, um verdadeiro beijo de amor. Não havia ninguém para testemunhar, tampouco existia a intenção de serem vistos. Aquele beijo, diferente de todos antes, pertencia unicamente aos dois.

Os quartos onde passavam a noite lado a lado estavam, agora, transformados em uma única tenda. Era toda branca, com um leito grande no centro, maior do que aquele que vinham usando até então. Todo o ambiente estava forrado de pétalas vermelhas.

Seus pertences já estavam guardados em um canto, próximos a um pequeno móvel de madeira muito desgastado. Sobre o móvel, deixaram-lhes uma cesta repleta de frutas frescas e uma garrafa de licor com duas taças de prata. A magia misteriosa do ambiente ficava por conta das várias velas acesas, que presenteavam o cenário com a meia-luz essencial à ocasião.

As reações do casal contradiziam aquele clima de paixão no interior da tenda. Do lado de fora, pessoas comemorando, desejando amor, sorte, paz, filhos. Eles agradeciam, com os cantos da boca pregados nas bochechas. Contudo, assim que os lençóis se fecharam atrás deles e se viram sozinhos ali dentro, um silêncio pesado os constrangeu.

– Quem dorme no chão? – ela perguntou, sem rodeios.

Não tinha coragem de olhar nos olhos dele. Para quem mal superara o medo de beijar, a mera imaginação do que poderia acontecer naqueles lençóis a deixava rubra de embaraço.

– Que diferença fará? – ele indagou, divertido. – Não tem cama!

Caroline precisou admitir que era verdade.

– Então, quem dormirá... Do outro lado?

Bernardo riu, divertindo-se com o nervosismo dela. Aproximou-se e segurou suas mãos com gentileza.

– Posso não ser fino, mas sei ser cavalheiro.

Depositou um beijo nos pulsos dela e afastou um travesseiro para mais longe. Aquilo a fez admirá-lo ainda mais.

— Por favor, fique de costas – pediu, retirando uma camisola da trouxa de roupas. – Preciso me trocar.

Com um suspiro contrariado, Bernardo obedeceu, apoiando o corpo sobre um cotovelo e observando a luz trêmula das velas nos tecidos, do outro lado. Aquilo o inundou de sonhos.

— Um dia, nós dois vamos reviver tudo isso – falou, ainda de costas. – A cerimônia, a festa, a nossa noite. Mas com algumas diferenças...

Caroline abriu um sorriso curioso, terminando de ajeitar o tecido leve em seu quadril.

— Que diferenças?

— Eu não vou ter de dormir no chão, por exemplo...

Ela deixou escapar uma risada, indo se ajeitar nos lençóis.

— Do que, exatamente, você está falando?

Bernardo tornou a ficar de frente para ela.

— Estou falando do dia em que nos casaremos de verdade.

Ela cessou o riso, surpreendida pela docilidade na voz dele, que ainda a olhava com encantamento.

— Depois que tivermos derrubado todas as barreiras – completou, lembrando-se das palavras de Mãe Nuha. – Uma celebração apenas confirmaria a união das nossas almas, que já estão há muito tempo entrelaçadas.

Contudo, o que fazia tanto sentido para ele trouxe uma interrogação na expressão de Caroline. Ela pareceu perdida naquelas ideias de união das almas, fazendo-o rir.

— Esqueça, não é nada...

Rastejou para perto dela, alegando que precisava de um beijo de boa noite para dormir. Aos risinhos, ela o deixou roubar um, depois dois, até serem

incontáveis os beijos trocados. Quando se deram conta, estavam agarrados um ao outro, bagunçando aquele leito cuidadosamente preparado para eles.

— Bernardo, por favor...

Ela recuou, corada, com coração disparado. Os olhos dele passearam involuntariamente pelo corpo dela, desejando poder tomá-la em seus braços livremente – uma barreira que adoraria poder vencer.

Aquilo lhe trouxe outro pensamento.

— Está tudo bem?

Ele a fitou por um momento, silencioso, antes de responder.

— Lembrei-me de algo. Os ciganos têm um costume muito tradicional em relação à noite de núpcias.

Caroline encolheu os ombros, incomodada. Não estava gostando do assunto, nem da expressão séria de Bernardo.

— E o que seria?

— Na manhã seguinte, eles penduram o lençol branco na frente da tenda, manchado com o sangue da virgindade perdida da noiva.

O rosto dela queimava de vermelhidão.

— Bernardo, você sabe que nada vai acontecer esta noite...

Ele acatou, em silêncio, e foi até seus pertences. Remexeu-os, até encontrar o que procurava. A espinha de Caroline gelou de terror ao vê-lo se aproximar, sobre os lençóis, empunhando uma faca afiada.

— Bernardo... – gaguejou, aterrorizada. – O que... O que é que...

Ela apoiou as mãos atrás de si, preparando-se para fugir. Bernardo já estava bem diante de si.

— Estou resolvendo nosso problema – explicou, com simplicidade.

Ajeitou a faca nas mãos, preparando-se para usá-la. Os olhos da garota acompanhavam cada movimento. Sua respiração estava quase fora de controle.

Ele uniu as sobrancelhas e deu impulso à lâmina, num movimento rápido.

Caroline soltou um gritinho e levou as mãos à boca.

— Bernardo! O que você fez?

Um corte estava aberto na mão esquerda dele. Ele a manteve suspensa sobre os lençóis brancos, que iam se manchando lentamente com o vermelho do seu sangue.

— Acho que isso vai convencê-los – sorriu, embora com o rosto ainda tenso de dor.

Caroline apertou o colo, recuperando-se lentamente da peça que sua imaginação lhe pregara. Sentiu-se mal por duvidar de Bernardo, depois de tudo o que ele fizera por ela, e rasgou com descuido uma tira larga de um dos lençóis novos debaixo dela.

— Precisa conter o sangramento – falou, nervosa. – Você é louco!

Deu várias voltas na mão ferida e a apertou com um nó. Tinha o rosto suado e a expressão nervosa.

— Não precisa ficar assim. Foi só um cortinho...

— Que ideia estúpida! Estúpida!

Referia-se, na verdade, às suas próprias conclusões. Viu os olhos dele perderem o brilho; decerto, ele esperava um tanto mais de gratidão. Ela bateu na própria testa, sentindo-se o mais tolo dos seres humanos.

— Perdoe-me! – abraçou-o, comovida. – Perdoe-me, perdoe-me...

Após roubar mais alguns beijos, ele engatinhou com relutância para o outro lado da tenda. Antes que se deitasse, no entanto, viu Caroline puxar seu travesseiro para perto de si. Ela o ajeitou ao seu lado, sobre o forro macio.

— Sabe... – mordeu os lábios, tímida. – Não acho justo o noivo dormir no chão em sua grande noite.

Ele sorriu, encantado com aquela mudança de planos. Voltou para a companhia dela, cujo coração martelava no peito, descompassado.

Caroline não sentia mais medo, contudo. O único sentimento que a povoava era o amor, puro e intenso. E quando Bernardo a tomou em seus

braços fortes, beijando-a numa apaixonante mistura de carinho e desejo, eles tiveram certeza de que seus corações pertenceriam um ao outro para sempre.

Adormeceram abraçados, alimentados de frutas, licor e do amor um do outro. O colar que Caroline usaria pela última vez ardia sobre sua pele, mas nenhum deles prestou muita atenção nisso.

A manhã seguinte foi marcada por muita comoção. Aqueles poucos dias de convivência mostraram-se suficientes para criarem fortes vínculos de carinho e amizade, especialmente entre Adamina e Caroline, que se despediam com lágrimas.

A única que se mostrava inabalável era Mãe Nuha. Ela observava as despedidas, apoiada em sua bengala, com sua constante expressão de serenidade. Caroline se despediu dela por último, pois queria adiar ao máximo o momento de se separar de um objeto em especial.

— Isso pertence à senhora.

Entregou o colar de Antonieta nas mãos da cigana, sentindo um aperto no peito. Havia pensado em levá-lo consigo, às escondidas, mas não seria capaz.

Não depois de tudo o que aquelas pessoas haviam feito por ela.

Nuha pegou o colar nas mãos e sorriu para a menina.

— Siga seu caminho em paz, Dayeah.

Caroline mordeu os lábios, tentando não chorar. Porém, uma lágrima teimosa escapou quando elas se abraçaram.

— Muito obrigada por tudo – falou, com a voz falha. – Tem um último conselho para mim?

A senhora mirou o fundo dos olhos da menina e fez que não, com um sorriso ameno.

— Eu lhe presenteei com todas as palavras reservadas ao nosso pássaro, e você presenteou a si mesma usando-as com sabedoria. Tudo está em perfeito equilíbrio, e qualquer palavra a mais pode causar efeitos ambíguos. Ao menos por enquanto.

Beijou o rosto da menina e foi se enclausurar em sua tenda.

O início da viagem reservou momentos divertidos ao casal. Caroline dava um jeito de distrair Helio com algum favor que pedia, e se perdia nos abraços do

amado, com um risinho nervoso. O guarda ignorava o quanto ela estava sempre corada e inquieta, quando retornava; aprendera, desde cedo, a não tirar conclusões sobre a vida dos seus senhores.

À medida que a mata se tornou menos densa, um silêncio de luto foi se instalando entre os viajantes. No caminho, retalhos de sonhos despedaçados, que nunca mais seriam recuperados. Caroline não queria olhar para trás, mas também não queria ver o horizonte que a aguardava – o pomposo castelo dos Mondevieu. Imaginou-o personificado, com os braços cruzados e olhos zangados no lugar das janelas. Por pouco, não o ouvia bater impacientemente o pé no chão...

Baixou os olhos tristes para a crina brilhante de Apolo. Bernardo, que a acompanhava a pé, percebeu o movimento e segurou-lhe a mão, encorajando-a com um sorriso que buscava no fundo da alma amedrontada.

Foi assim que atravessaram as últimas horas da viagem; em silêncio. O sol brilhava alto no céu quando os três viajantes finalmente adentraram os jardins verdejantes do castelo.

Elizabeth passeava com Jeán pelos caminhos de pedra quando avistaram os estranhos se aproximando. O marido estranhou que chegassem sem charretes, e sem passar pelo portão principal.

– Vou chamar os guardas! – precipitou-se, puxando a esposa consigo.

– Espere...

O rosto da bela mulher perdera o peso da preocupação; estava iluminado por um sorriso que, há muito, o marido não via.

– É Caroline...

A irmã mais nova acenou, como se pudesse ouvir o sussurro do seu nome.

Elizabeth saltou, confirmando suas suspeitas.

– É ela, Jeán! É Caroline!

Empurrou a sombrinha que segurava para as mãos dele e correu na direção dos recém-chegados. Ansiosa em rever a irmã, Caroline saltou de cima de Apolo, de qualquer maneira.

— Milady, cuidado...

Era inútil a preocupação do cavaleiro. A garota já estava a muitos passos de distância, correndo o mais rápido que conseguia sob um pé ainda manco. Em pouco tempo, as duas se encontraram num abraço forrado de exclamações e lágrimas.

— Caroline! Deus ouviu minhas preces, você está de volta! Tive tanto medo...

— Como é bom poder abraçá-la, Liza! Como é bom!

Dinamene começava a descer a escada principal quando viu as duas irmãs abraçadas. Com uma exclamação, ela derrubou a tina cheia que carregava e correu para juntar-se às garotas, beijando o medalhão desgastado de Nossa Senhora que carregava no colo.

Por vários minutos, elas não se soltaram. Foi o tempo de o restante do grupo alcançá-las e todas as atenções ao redor serem despertadas.

Inclusive a de Enézio Mondevieu.

CAPÍTULO 26

O RETORNO DE CAROLINE

“Está na hora de eu assumir as consequências das minhas escolhas...”

Enézio estava parado à porta do castelo, olhando para a filha recém-chegada. Caroline sentiu um frio no estômago quando o avistou. Àquela distância, não era possível distinguir sua expressão, mas ela imaginava que não seria das melhores.

Viu o pai fazer um aceno com o braço, e dois guardas levaram um cavalo até ele. Montado no animal, ele se aproximou do grupo. A filha fugitiva o aguardava com uma luz opaca de esperança nos olhos e um pavor pulsante no coração.

Ninguém ousou falar enquanto o grande senhor feudal se aproximava. Caroline pôde ver Bernardo estremecer, ao seu lado, e roçou sua mão discretamente na dele, atrás das suas costas.

— Eu não vou abandoná-lo... — murmurou, também apavorada.

O barão parou diante deles e desceu do animal. Não disse nada, nem olhou para ninguém; caminhou diretamente para Caroline, parando diante dela com os olhos sérios. Ela, contudo, sorria, incapaz de ignorar a leve onda de afeto que ainda tinha pelo pai.

— Papai...

Ele voltou o rosto para o guarda.

— Bom trabalho, Helio.

O guarda fez uma ampla reverência, enquanto a expressão no rosto dela se desmanchava em mágoa.

— Não vai me dar um abraço?

Ele passou os olhos pela filha com desgosto.

– Você está imunda.

A garota ingeriu aquelas palavras como pedras. O desprezo ainda vibrava nos olhos dele, mas se converteu em surpresa assim que avistou Bernardo segurando a rédea de Apolo.

– Meu cavalo!

O rapaz soltou a corda rapidamente, como se queimasse sua mão.

– Senhor, não é o que está pens...

– Guardas!!!

Dois homens agiram de imediato, imobilizando Bernardo pelos braços.

Caroline correu até ele, sem pensar, mas teve o pulso segurado pelo pai.

– Fique longe desse cafajeste! – ordenou.

– Papai, solte-o! – implorou, desesperada. – Está completamente enganado...

– Este sujeito está banido! – bradou, com raiva. – E ainda roubou o meu melhor cavalo!

– Não! É tudo mentira. Bernardo é inocente!

Todos olharam para a garota com espanto. Estava agarrada ao braço do pai como uma criança que implora por um brinquedo. O olhar cismado de Enézio passou do rapaz para a filha várias vezes.

– Caroline, que relação existe entre o seu retorno e o deste rapaz?

A garota baixou os olhos, envergonhada.

– Ele esteve comigo o tempo todo.

Elizabeth tapou a boca, com uma exclamação. Dinamene apertava as mãos no avental imundo. O silêncio era absoluto.

– Como é, Caroline?

Uma veia começava a saltar na testa dele. Caroline sabia que, se tratando do pai, aquilo significava perigo.

— Posso explicar, senhor – Bernardo falou, ainda imobilizado pelos guardas.

— Na verdade, a culpa foi minha. Fui eu que...

— Já chega disso!!!

Todos se assustaram com o grito de Caroline. Ela ofegava, com o rosto muito vermelho, e ergueu os olhos cansados para Bernardo.

— Você já me salvou demais – falou, contida. – Está na hora de eu assumir as consequências das minhas escolhas.

Todos a seguiram, confusos, até uma das mesas redondas que geralmente acomodavam ilustres convidados para o chá da tarde. Naquele dia, contudo, serventes e senhores estavam reunidos, ouvindo com atenção a verdade que Caroline finalmente decidira revelar.

Começou falando do seu plano de fuga. Explicou a maneira como induzira Bernardo a ajudá-la, inclusive como planejaram às pressas sua expulsão, por insistência dela. Reforçava, a todo instante, a responsabilidade sobre si mesma. Não contou que ele conhecia uma saída, tampouco mencionou os Malditos. Escondeu aqueles detalhes cuidadosamente, desviando, inclusive, de qualquer pista que denunciasse seu envolvimento amoroso com o ex-domador.

Falou sobre Apolo, e de como se aproveitara do sonho de Bernardo para persuadi-lo a participar do seu plano. Contou da jornada na floresta, de como o companheiro tentou convencê-la a retornar e das vezes em que ele a salvou. Dessas, falou com detalhes, os olhos brilhando ao lembrar-se da sua bravura. Havia momentos em que quase se perdia nas lembranças, sonhadora.

Helio testemunhou sobre o último dia, quando a encontrou. Caroline ficou aliviada que ele também tivesse optado por não mencionar os ciganos.

— O rapaz se provou digno, senhor – finalizou, convicto. – Julgo ter sido sua bravura que manteve a senhorita Caroline a salvo por todo esse tempo.

— Ele tem razão – a menina se apressou em concordar. – A verdade é que, se não fosse por Bernardo, eu talvez não estivesse viva agora. E isso é tudo o que tenho para lhes dizer.

Baixou o rosto, envergonhada. Temia as consequências por dizer a verdade tão abertamente. Por outro lado, aquilo parecia compensar, dentro de si, a sua

rebeldia imatura. No coração daquela floresta, ela havia desabrochado; deixou para trás a menina cheia de planos mirabolantes e deu lugar à mulher sensata.

Retomou a palavra, lembrando-se de outro assunto pendente.

— Quanto a Filip, papai...

— Eu sei — interrompeu-a, severo. — Li sua carta.

Ela consentiu, calada. Não tinha mais nada a dizer. O pai levantou-se, dirigindo-se a Bernardo.

— Um bom cavalheiro admite quando se engana a respeito de alguém — falou, com humildade. — Reconheço a sua bravura, rapaz, e lhe dou meus sinceros cumprimentos.

Bernardo agradeceu com um aceno breve de cabeça, ainda temeroso.

— Pelo seu heroísmo, providenciarei trinta moedas de prata à sua família.

Caroline também se levantou, indignada.

— Trinta moedas de prata! É isso que vale a vida da sua filha?

Enézio inquietou-se, ligeiramente constrangido. Gostava que sua riqueza fosse invejada, e não menosprezada. Passou a mão grossa pelos cabelos oleosos, desafiado.

— Para equiparar a importância do que você resgatou ao meu lar, eu lhe ofereço, além das moedas, o meu melhor cavalo.

Os olhos do rapaz faiscaram. Ocorreu-lhe, de imediato, a realização do seu sonho de menino. Lá estava a sua grande oportunidade, reluzindo bem diante de si, oferecida de bandeja.

Enézio resumiu a sua oferta:

— Tendo em vista que sua expulsão foi resultado de uma injustiça, eu o readmito em minha propriedade. Pode continuar a viver e trabalhar aqui, com os outros, ou aceitar a minha outra oferta e seguir o seu rumo. A escolha é sua.

Estava pronto para dizer que aceitava, mas seus olhos pousaram sobre Caroline. Ela parecia assolada por uma amarga surpresa. As últimas palavras

trocadas na floresta emergiram instantaneamente em sua lembrança: *Enfrentarei o que for preciso. Nós ficaremos juntos...*

Todos aguardavam, ansiosos, pela resposta do rapaz. Que cruel escolha lhe era exigida; viver livremente a vida que sempre sonhara, ou dividi-la perigosamente com aquela que amava.

Ele suspirou, sentindo um nó se formar em sua mente.

— Senhor, pode me conceder alguns dias antes de responder?

Enézio baixou a cabeça, em acordo. Selaram o combinado com as mãos unidas e se despediram brevemente. Bernardo fez uma reverência gentil às mulheres presentes, evitando olhar para Caroline, com quem falou por último.

— Boa tarde, mi...

Fechou os olhos, nervoso.

— Senhorita.

E curvou-se para ela como um serviçal obediente.

Helio também foi reconhecido pelo sucesso da missão. Enquanto recebia honras e recompensas do barão, Bernardo tomou seu rumo, ao lado de Apolo, até o casebre da pequena família. Aproveitou a distração de todos para lançar um último olhar na direção da amada.

A angústia na expressão dela era tão intensa que ele quase podia senti-la. Olharam-se por vários segundos, dividindo silenciosamente as lembranças tão lindas daquela última noite, temendo que se transformassem em pó. O acordo de amor que selaram apitava em seus corações. Ele não queria abandoná-la, mas

também não queria desperdiçar a oportunidade que esperou por toda a vida. Não haveria uma maneira de conciliar as duas coisas? Ou será que a vida era, mesmo, como seu pai sempre lhe falara? “Toda escolha, por melhor que lhe pareça, sempre exige que um caminho seja deixado para trás”...

Ele não sabia. Precisava pensar. Tinha tanta certeza do seu amor por Caroline quanto da relevância dos seus sonhos em sua vida. Não havia melhor ou pior, nem o certo e o errado; havia a escolha a ser feita.

Caroline o observou distanciar-se e voltou a olhar para o pai. Helio já havia sido dispensado. Não restando outro assunto a ser tratado com terceiros, o olhar dele escureceu e pousou-se sobre a filha.

— Com você, falo depois.

Adentrou a casa sem mais uma palavra. A garota não discordou da atitude dele, contudo algo apontava dolorosamente dentro de si. Chegou a imaginar que o mínimo de amor que ele possuísse por ela seria demonstrado em uma situação como aquela, da alegria do retorno. Porém, durante a sua ausência, ele parecia ter se tornado um homem ainda mais frio...

Naquela mesma tarde, Caroline ficou sabendo do desaparecimento da mãe. Suas atenções se dissiparam, deixando de lado seus sentimentos para se preocupar com ela.

Sugeriu vivamente que organizassem uma expedição de busca, mas foi repreendida pelo pai diante de todos os servos.

— Nem mesmo sei o que está fazendo aqui fora! — bradou, austero. — Vai já para o seu quarto, antes que eu decida castigá-la aqui mesmo.

Caroline achou melhor concordar em silêncio.

As temperaturas mais amenas anunciavam a aproximação do outono. Em seu lavabo, Caroline viu Dinamene despejar água morna em uma tina larga. Não podia negar que aquele tipo de regalia fazia falta, quando já estava acostumada. O deleite ao sentir a espuma morna envolver seu corpo trouxe-lhe um sorriso satisfeito.

— Como isso é bom! Há coisas que a natureza ainda não inventou...

A serva permaneceu em silêncio, concentrada nas quantidades dos concentrados aromáticos que despejava na água. Havia uma frieza incomum em sua expressão.

— Está preocupada com a minha mãe? — sugeriu.

A serva manteve os olhos grandes no vidro inclinado até fixar a rolha de volta no topo.

— Estou preocupada com você — respondeu, seca.

Caroline estranhou.

— Mas eu já não estou em casa, a salvo?

— Não estou preocupada com o seu corpo, mas com a sua alma.

— Que horror, Dinamene! — sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. — Por quê?

A serva encarou a jovem patroa, rigorosa.

— Onde já se viu? Fugir com aquele rapaz por uma aventura amorosa...

— O que disse? — ela quase gritou.

— Sabe o que sua mãe pensaria disso? Ah, que grande decepção seria!

— Dinamene, eu só queria ir embora!

— E precisava arrastar o moço junto? Ah, eu não me engano! Para mim, isso

O brado autoritário lembrou quem detinha o poder dentre elas.

— Não admito que tire tais conclusões a meu respeito.

Dinamene balançou o rosto, obediente. Com a voz mais amena, questionou:

— Vai negar que está apaixonada por ele?

Caroline se ajeitou na tina, incomodada.

— Por que está perguntando isso? — perguntou, escarlate. — Que ideia tola!

— Sim, talvez seja — ela concluiu, recolhendo as vestes sujas do chão. — Mas, supondo que seja verdade, como pensa que conseguiria viver ao lado dele?

Caroline evitou olhar para a serva, em contradição.

— A senhorita precisa se casar com um bom cavalheiro! — aconselhou, angustiada. — Cuidado, menina, que esse tipo de paixão é passageira e, mesmo assim, pode arruinar sua vida...

— E *quem* disse que eu estou apaixonada?

Dinamene se calou mais uma vez. Não parecia, contudo, convencida.

— Sua ousadia está me desapontando! — disse a menina. — Saia daqui. Quero ficar só.

Não precisou repetir. Dinamene se retirou sem mais questionamentos, admirada com a austeridade da garota. Que diferentes ficam as pessoas quando veem seus segredos ameaçados...

Uma semana se passou. Caroline não se desculpou com a serva, e elas iniciaram um relacionamento gelado, sem conversas pessoais. Temendo levantar mais suspeitas, a garota evitou sair de casa naqueles dias, mantendo a máxima distância da casa dos Rachlev. A falta de Bernardo ardia em seu peito, e começava a se tornar insuportável. Como era bom tê-lo sempre ao seu lado, até poucos dias atrás...

Também sentia falta da sua mãe, para confidenciar seus sentimentos. Sabia que, ao contrário do que Dinamene pensava, sua mãe a entenderia. Ela sempre a compreendia. Embora Elizabeth continuasse ali, decretando que não arredaria pé enquanto não visse a mãe de volta, não conseguia se abrir com ela. A irmã ficaria escandalizada, choraria, mandaria rezar missa.

Enfim, foi obrigada a armazenar dentro de si toda aquela carga sentimental, tentando evitar que seus olhos a denunciassem nas frequentes vezes em que pensava nele. Mas era tão difícil! Não era difícil vê-la pensativa, com os dedos em sua boca, desejando poder sentir os lábios quentes dele colados nos seus outra vez. Repetia mentalmente todas as promessas trocadas, antes do adeus, imaginando se ele trocava todas elas pelo antigo sonho de competir a cavalo.

Mais dias se acumularam na ausência um do outro, e aquela dúvida a consumia por dentro. Todas as manhãs, ela ia à janela, de onde não saía enquanto não avistasse a figura amada, para poder respirar com alívio. *Ele não se foi...*

Precisava conversar com ele. Queria saber se Bernardo ainda estava disposto a trilhar com ela um mesmo rumo ou se abandonaria para sempre os planos sonhados juntos.

Decidiu: falaria com ele naquela mesma noite.

CAPÍTULO 27

O SEGREDO DE ANTONELLE

Não queria pensar no rumo que teria sua vida, a partir daquela descoberta...

Mal o sol se escondia e Caroline já caminhava pela casa, torcendo os dedos uns nos outros. Sua aflição era perceptível.

Elizabeth a seguiu por vários minutos, desconfiada. Enchia a irmã de perguntas – logo ela, que estava tão necessitada de respostas! Queria saber o motivo da angústia, se passava bem, se passava mal, se queria ver o padre ou um médico...

– Você quase inundou a cozinha só para encher um copo com água, de tanto que tremia!

– Eu ainda estou me recuperando, está bem? – mentiu. – Passei por maus bocados e, às vezes, me sinto nervosa.

– Até ontem, você estava normal. O que foi que...

– Ora, Elizabeth, já não basta de perguntas?

Os olhos azuis da moça pareceram querer saltar do seu rosto.

– Definitivamente, Caroline, você não é mais a mesma.

Retirou-se da cozinha, indo se queixar com o marido. Caroline não gostava de ver a irmã chateada, mas não deixou de se sentir aliviada em estar finalmente livre daquele bombardeio de interrogações.

Aquele anoitecer parecia não oferecer brechas para sua saída. Seu pai não deixava o salão de entrada, que ela atravessaria, obrigatoriamente, se quisesse sair do castelo da maneira convencional. Pensou em buscar outras alternativas, mas concluiu que seria suspeito demais ser vista pulando uma janela ou se esgueirando em saídas secretas. Já tinha motivos demais para ser apontada.

Pela janela, viu uma grande charrete se aproximando. Ótimo, pensou ela; era a sua grande oportunidade de aproveitar a distração do pai e sair sem ser notada. Sentou-se no topo da escada em espiral, entre o saguão principal e o andar acima, e aguardou.

Observou o pai recepcionar o visitante na porta principal. Conversarem por algum tempo, até o recém-chegado ser convidado a entrar. Para sua decepção, sentaram-se na sala.

Ela esmurrou o degrau, furiosa. Seu pai sempre levava as visitas ao escritório. Por que não fizera o mesmo, justamente naquele dia? Retornou ao seu quarto, rendida, conformando-se com a ideia de que teria de adiar sua visita à casa de Bernardo.

Só lhe restava dormir – a maneira mais eficaz de fazer o dia seguinte chegar mais rápido.

– Dinamene!

Vários segundos se passaram sem que ela chegasse. Continuou chamando, e nada. Concluiu que só podia ser birra da empregada, pela maneira como fora tratada. Mas quase duas semanas depois da discussão?

Foi perguntar a Elizabeth se ela a vira, porém estacou na metade do caminho.

Estavam brigadas. Seu maior consolo, naquele momento, seria sua mãe, que não

Voltou para dentro do seu quarto, fechando a porta atrás de si com muita força. Desabafou sua agonia para as paredes, arremessando seus travesseiros contra o chão. Sentiu uma vontade forte de chorar, mas se recusava a entregar-se às lágrimas. Correu para a janela para contemplar o grande pacificador do seu espírito: o céu.

Abriu os dois lados da larga janela, deixando o ar frio da noite invadir seu rosto. Inspirou profundamente, abrandando o ritmo da respiração. As estrelas piscavam e a lua cheia iluminava o gramado lá embaixo, onde um ponto tremulante se movia.

Observou o movimento, curiosa. Era um lampião. Alguém o segurava, caminhando com pressa para longe do castelo. Inclinou o corpo, focando

melhor aquele vulto. Parecia uma mulher, e caminhava apressada, olhando para os lados com frequência.

O coração de Caroline disparou. Não imaginava quem poderia ser. Só sabia que precisava segui-la.

Retomou os degraus que levavam até a sala. Para seu contentamento, estava vazia. Seu pai devia ter, enfim, levado o visitante ao escritório para algum assunto confidencial.

Atravessou o salão o mais rápido que pôde e empurrou a pesada porta de entrada, atirando-se para fora assim que conseguiu uma fresta larga o suficiente para passar. Tentaria localizar a luz do lampião, mas seus olhos caíram, antes, sobre algo muito mais intrigante.

Seu pai e o visitante estavam no final da escadaria, lá embaixo, diante da charrete estacionada. Pareciam atentos à sua movimentação.

– Também ouvi, Enézio – ela ouviu o homem dizer. – Veio lá de cima.

A escuridão a protegia, porém não por muito tempo. Podia voltar para dentro, e as luzes do interior do castelo a entregariam. Ou descer, então iria de encontro a eles.

O visitante tranquilizou o anfitrião, disse que não haveria de ser nada, mas não adiantou.

– Há coisas demais acontecendo nesta casa – observou, subindo os primeiros degraus. – Tudo é suspeito.

Caroline deu um passo para trás, encurralada. Viu seu pai se aproximar, às cegas, pedindo a um dos servos para lhe trazer um lampião.

O que responderia quando fosse encontrada? Estava terminantemente proibida de qualquer coisa! Imaginou se a mulher misteriosa não teria sido fruto da sua imaginação, e se achou tola. Olhou para todos os lados em busca de uma saída. Foi então que avistou uma luz distante, e muito real, em movimento.

– Ela está lá... – murmurou, boquiaberta.

Olhou mais uma vez para o pai, que já atravessara metade dos degraus. Impulsionada pelo desejo de seguir aquela luz, atravessou o patamar até onde ele terminava, a alguns metros do chão. Sem pensar, Caroline se atirou,

despencando com estrondo sobre umas moitas altas que a salvaram de se machucar demais.

— Agora eu ouvi! — bradou o barão, apressando os passos.

Caroline massageou as costas, toda dolorida. Ouviu a voz do pai mais próxima. Lá do alto, de onde saltara, notou a luz de uma tocha e a voz do servo eficiente oferecendo-a ao patrão.

Meteu-se por entre os galhos impecavelmente podados, ocultando-se por baixo das folhas. Pôde ver um círculo de luz no gramado à sua frente, vasculhando em busca de algum vulto. Ela apertou o corpo contra a parede, temendo ser encontrada.

Seu esconderijo foi iluminado. A luz atravessou os galhos, demorando-se sobre ela, que podia enxergar seus pés encolhidos próximos ao corpo. Não sabia se a tinham visto, mas se manteve no mais completo silêncio, com a respiração interrompida. Apertou os olhos numa breve súplica a Deus, e foi quando a escuridão inundou de novo o ambiente.

— Deve ter sido uma raposa, senhor — informou Helio, prestativo.

Enézio ainda olhou uma última vez para baixo, inabalável.

— É bom que tenha sido.

O lampião seguiu o senhor feudal até o último degrau da escadaria, onde ele se despediu do amigo. Caroline não moveu um músculo até ouvir os cavalos levarem a carruagem para fora da propriedade e a porta do castelo se fechar atrás do pai. Refeito o silêncio, que anunciava sua solidão, ela saiu do meio dos galhos e iniciou seu rumo à longínqua luz que avistara da janela.

Foi uma árdua caminhada. A dor da queda impensada começava a comprometer seus músculos e arder em sua pele, e o nervosismo recente travava suas pernas. Sua determinação, contudo, a mantinha firme na jornada atrás do vulto com a tocha, e a lua cheia muito brilhante não podia ser mais propícia.

Não teve tempo de se perguntar o real motivo pelo qual seguia o vulto. Sua intenção inicial não era encontrar Bernardo? Os objetivos pareciam estranhamente fundidos. Continuou a seguir a mulher misteriosa até perceber que só havia um lugar onde poderiam chegar.

A mulher apressou os passos e foi bater à porta dos Rachlev. Caroline tropeçou, pasmada. A curiosidade, agora, gritava dentro de si. Apressou-se até a pequena casa de madeira e se recostou na parede adjacente à entrada, onde a mulher aguardava ser atendida. Aproximou-se o quanto pôde da beirada, esforçando-se para não ficar visível.

Ouviu a porta se abrir e apurou os ouvidos.

— Preciso falar com ela — informou a estranha, com a voz misteriosa.

Caroline uniu as sobrancelhas, confusa. *Ela?*

— Um momento. Quer entrar? — ofereceu a voz, que ela reconheceu ser a de Gerson.

— Não. Espero aqui fora.

Alguns segundos mais tarde, a porta tornou a se abrir. A mulher que saiu por ela pareceu espantada com quem a aguardava.

— O que está fazendo aqui?

— Não acha que sou eu quem deve perguntar isso, Antonelle?

— Coloque-se no meu lugar, Dinamene! — revidou. — Pensa que é simples voltar, agora, e inventar uma explicação qualquer para semanas de sumiço? Estou

A alguns passos dali, escondida, uma ouvinte oculta apertava a mão sobre a boca, abafando uma exclamação confusa.

— Pior será se ele a encontrar aqui — Dinamene continuou. — Precisa ser forte, mulher! Para começar, nem sei por que resolveu fazer isso...

— É claro que sabe! — ofendeu-se. — Jamais me submeteria àquele acordo estúpido de Enézio! Negociar meu corpo, como se eu fosse o quê? Uma das suas estátuas de mármore?

Caroline arqueou as sobrancelhas, admirada. Jamais ouvira a mãe falar com tanta veemência. Até mesmo fazia lembrar a si mesma...

— Foi uma atitude impulsiva, eu sei — explicou-se. — Mas o que mais eu poderia fazer?

— O que está feito, está feito — concluiu — E não foi para isso que vim.

— Aconteceu alguma coisa?

— Caroline — falou, com a voz mais baixa. — Estou quase certa de que está apaixonada por Bernardo.

— O domador? — assombrou-se. — Não! Não posso acreditar!

A decepção emergiu, no íntimo da garota. Imaginava que a mãe a apoiaria, afinal de contas.

— Dinamene, você tem certeza disso? — gritava.

— Senhora, acalme-se...

— Não pode ser! Onde Caroline está com a cabeça?

— Sabe que não é culpa dela.

Antonelle não respondeu. Caroline ainda digeriria o desprezo demonstrado pela mãe em relação àquela gente humilde. Não podia acreditar que fosse arrogante como o pai!

Mas não estava hospedada naquela casa?

Uma voz masculina integrou-se à conversa.

— Cuidado, vocês duas! — advertiu. — Os meninos estão lá dentro.

— Gerson, é injusto! — argumentou Antonelle. — Você ouviu? Caroline está apaixonada pelo mais novo!

Ninguém disse nada por alguns segundos. Gerson quebrou o silêncio, com a voz tensa.

— E o que você sugere?

— Enézio jamais admitiria. Tampouco eu!

— E se estiverem mesmo apaixonados? — sugeriu Dinamene. — Caroline vai buscar seu apoio...

— Pensa que não sei? — a voz dela enfraqueceu. — Quer saber? Desisto! Vou contar tudo a ela!

— Senhora, não! Seria um choque...

— Ela precisa saber, Dinamene! — defendeu, determinada. — Ela nunca amou Enézio, nem ele a ela. Devem sentir, no fundo, que nunca foram pai e filha!

O coração de Caroline ameaçou parar.

— Eu sei — Gerson concordou, tranquilo. — Não sabe como foi difícil ver a minha filha crescer, de longe, por todos esses anos...

— Se há alguém que conhece a dor do amor proibido, somos nós dois — falou a baronesa. — É nossa obrigação, como pais que os amam, impedir que se envolvam mais. Afastá-los seria muito cruel. E inútil, eu penso. Não estamos nós aqui, juntos, apesar de todos os riscos?

— Não se pode barrar o amor verdadeiro — afirmou Dinamene, com sabedoria. — Acho que o melhor a fazer é contar a verdade. Bernardo e Caroline precisam saber que são irmãos.

As mãos de Caroline apertaram-se em seu colo. Ela deixou o corpo cair lentamente até se sentar. Uma série de verdades e mentiras passou à sua cabeça. Gerson, seu pai? Bernardo, seu meio-irmão? Enézio Mondevieu, nada mais que um estranho?

Seu nervosismo, com o ar frio da noite, trouxe-lhe um forte acesso de tosse. Tentou segurar, mas o pulmão arranhava, a garganta coçava. Com medo de ser encontrada, tapou a boca e se arrastou para os fundos da casa. Os passos saíram todos errados, aos tropeços. Ela mal conseguia se colocar em pé.

Contornando o canto da parede externa, a garota deixou a boca livre para tossir alto. Parecia uma forma de desabafo da alma. Não conseguia compreender direito aquelas informações, ou se recusava a fazê-lo. Apenas sabia que eram decisivas para o resto da sua vida.

— Fique onde está!

Puxou o ar, assustada. Alguém apontava uma espingarda para o seu rosto. A tosse impediu-a de se explicar, mas não precisou. Bernardo a reconheceu imediatamente e soltou a arma no chão.

— Caroline!

Um pouco confuso, agachou-se ao lado dela, abraçando-a com muita força.

— Pensei que não queria mais me ver! — desabafou. — Que tivesse desistido de nós dois...

— Bernardo, não...

Ela o afastou, com lágrimas, odiando o mundo pela verdade que ouvira. Ele notou a tristeza dela e se afastou, preocupado.

— O que aconteceu?

Não houve resposta. A garota passou por ele, empurrando-o com o corpo e partindo de volta à sua casa, numa corrida contra sua condenação. Não queria pensar no rumo que teriam seus dias, a partir daquela descoberta, nem imaginar como lidaria com aquelas novas verdades. E pensar que nunca fora filha do poderoso barão de Mondevieu, e sim de Gerson Rachlev, um domador de cavalos, desprovido das posses que possuía o primeiro e dotado do coração que ao outro faltava.

Enfraquecida, Caroline correu pelo gramado escuro. Uma pessoa a segurou pelo braço, mas não era Bernardo.

— Senhorita! O que houve?

Era Dinamene. O lampião que ela segurava permitiu à garota ver seus olhos carregados de preocupação.

Deu as costas à criada, sentindo vontade de gritar. Contudo, a tosse veio atacar-lhe outra vez, e ela esfregou os braços, com frio.

— Que imprudência, sair a esta hora, sem trajes quentes...

Retirou a própria capa para cobrir as costas da menina. Enquanto o fazia, Antonelle olhava para a filha, ainda em frente ao casebre, com o coração pesado de comoção.

— Caroline...

O murmúrio se repetiu, dessa vez em voz alta. Ela correu até a filha para o tão esperado reencontro.

— Minha filhinha!

Abraçou-a, inundada de lágrimas e emoção. Caroline estava imóvel.

— Fiquei tão preocupada com você! Tão preocupada!

Caroline se afastou, brusca.

— Então, por que ainda não voltou para casa?

A alegria exultante da mulher se desfez rapidamente.

— Preferiu ficar aqui com seu namoradinho? – gritou, magoada.

— Caroline! – ela levou as mãos ao colo. – Há tanta coisa para conversarmos...

— Não temos nada a conversar! Tudo o que você poderia ter dito já não faz mais sentido.

Antonelle suspirou.

— O que você ouviu? – estava muito séria.

A filha baixou o rosto, tampando os olhos com as mãos.

— Conte-me, Caroline. Você ouviu alguma coisa? Já sabe a verdade?

— Não! – negou, aos berros, tampando os dois ouvidos. – Não há verdade alguma!

A garota voltou a tossir compulsivamente. Antonelle segurou os ombros da filha e olhou dentro dos olhos dela.

— Eu ia lhe contar – falou, desesperada. – Tente compreender. Não era para você saber assim...

— Não! – empurrou a mãe, insana. – É tudo mentira! Uma armação para me afastarem do Bernardo!

Antonelle arregalou os olhos, apavorada.

— Então, é verdade! Filha, você não pode...

— Posso, sim! — rebateu. — Nós nos amamos, e nada vai mudar isso.

— Mas, Caroline! — exclamou, alterada. — Você é filha do Gerson! Você e Bernardo são irmãos!

Aquela palavra caiu feito uma bomba. Não sobre Caroline, que já estava ciente da novidade, mas para alguém que ninguém viu chegar, logo atrás deles.

— Como é?

Antonelle virou o rosto e sentiu o coração apertar ao ver Bernardo. Ele parecia muito confuso.

— O que a senhora disse? — insistiu, com a voz baixa.

Ela tentou se explicar, mas foi incapaz. Observou a maneira triste como os dois apaixonados se olhavam, com uma dor que ela conhecia bem: o amor impossível.

A maneira como Caroline o olhava confirmou o que ele preferia não ter

— Isso quer dizer que...

Interrompeu a fala, como se expor sua dedução fosse mais doloroso do que apenas pensar. Ele passou os olhos por Antonelle, depois pela filha, e voltou para dentro da casa a passos lentos, com a cabeça baixa e o coração trincado. Ignorou todas as perguntas que surgiram em sua mente, insistentes como moscas ao redor do mel.

As mulheres também decidiram partir. Antonelle despediu-se brevemente de Gerson, sem saber se, um dia, voltariam a se ver.

— Se depender de mim, geará todos os dias — ele falou, com um encantamento entristecido.

Apaixonada, ela depositou um beijo nas mãos do seu antigo e eterno amor.

— Guarde este beijo em seu coração — falou, soltando o pulso dele. — É onde o meu residirá para sempre, não importa onde eu esteja.

Ela mordeu os lábios, contendo o pranto, e acompanhou as outras duas. Parado em sua varanda, o domador observou a dona dos seus sonhos seguir rumo ao castelo que a elite à qual ela pertencia impusera para o resto dos seus dias.

Durante o trajeto de volta, Antonelle e a criada combinavam uma história para justificar o reaparecimento da baronesa ao castelo. Decidiram pela versão que, num ato de desespero, a mulher partira imprudentemente atrás da filha, tendo passado todos aqueles dias perdida na floresta. Então, naquela noite do retorno, Caroline a teria avistado da sua janela e informado à criada, que a acompanhou no reencontro com a mãe.

— Está ouvindo, senhorita? — confirmou Dinamene, para a garota. — É isso que diremos ao seu pai.

Caroline encarou-a, zangada. A outra logo notou o equívoco que cometera ao usar a palavra pai.

— Está bem — relevou, triste demais para discutir.

Foi exatamente como contaram a história, ao retornarem. Porém, aquilo se tornou irrelevante; o que predominou foi a emoção do reencontro, que fez Elizabeth precisar de um chá tranquilizante e o barão de uma poltrona, onde se atirou, aliviado em ver a esposa sã e salva.

Naquele clima de comemoração, Caroline sentiu-se grata em perceber que sua presença não faria falta. Tudo o que queria era se isolar. Do topo da escada, olhou uma última vez para a mãe, que sorria brandamente para todos. Quem diria que aquela mulher tão frágil guardava tamanho segredo? Um amor impossível, do qual ela própria, Caroline, era o fruto.

Deitou-se sem trocar de roupa, sentindo-se atordoada, e adormeceu no mesmo instante. Lembrava-se apenas de uma última lágrima que escorreu pela sua face, até ser absorvida pelo lençol. Depois disso, foi assolada por tristes pesadelos. Num deles, ela se via no topo de uma torre, observando o jardim da sua casa por uma janela. De lá, podia ver Bernardo montando em um cavalo, prestes a ir embora. Quis detê-lo, implorar que ficasse, mas a porta tinha grades de ferro trancadas a cadeado. Estava presa naquele quarto, condenada àquela vida. Tudo o que podia fazer era observá-lo partir.

CAPÍTULO 28

O ADEUS

“Nosso maior erro, milady, é amar.”

Naquela semana, Caroline sentiu como se vivesse uma espécie de transe. Não sentia fome, raiva, revolta, muito menos alegria. O olhar estava opaco, e suas respostas eram sempre mecânicas e sem emoção. Claros reflexos do seu luto espiritual.

Com o retorno da mulher e a partida de Elizabeth com o marido, Enézio dedicou seu tempo a traçar o destino da filha desobediente. Não precisou pensar muito para se decidir, e foi em uma tarde de quarta-feira, num dos raros momentos em que ela deixou a solidão do quarto, que ele dividiu com ela suas conclusões.

— Caroline, venha cá. Preciso informá-la sobre uma decisão.

Ela se aproximou do pai, inexpressiva. Aquele sorriso satisfeito não a agradou em nada.

— Demétrio está de volta à cidade. Nós conversamos, no início da semana, e ele me perguntou sobre seu casamento com Filip. Pode imaginar a vergonha à qual me submeti para explicar que não houve casamento algum?

Ela concordou, deixando o pai continuar o sermão.

— Como sabe, Demétrio é um homem de muitas posses e está bastante interessado no dote que lhe confere. Chegamos a um acordo, e eu decidi casá-la com ele.

Cruzou os braços, preparado para rebater os argumentos que Caroline prendeu na garganta. Era repugnante a ideia de se casar com aquele homem! Lembrava-se bem do dia em que ele visitou o castelo, da maneira como a olhou, de como ela o odiou à primeira vista.

— Demétrio? — perguntou, enjoada.

— Não está em condições de exigir! E deve agradecê-lo, pois duvido que algum homem digno ainda a aceitasse depois do que fez!

Ela se exaltou, ofendida.

— O que pensa que aconteceu comigo na floresta?

O pai moveu o rosto para o lado, sombrio.

— Prefiro não pensar.

Sem mais uma palavra, ele se retirou. Caroline sentiu um arrepio incômodo; não suportava a ideia de dividir um cômodo com Demétrio, quanto mais os seus lençóis!

Tinha que existir outra opção! Mas qual, se Bernardo, rico ou pobre, jamais poderia ser seu homem? Pensava nisso quando, pela janela, avistou a resposta atravessando os portões da propriedade; a carruagem do duque de La Frièt. — Filip!...

A lembrança daquele rosto bondoso lhe trouxe um sorriso que há muitos dias ela não abria. Sim, Filip haveria de aceitá-la! Antes, no entanto, precisaria acatar seu sincero pedido de desculpas. Ela confiou que sim; afinal, uma mágoa não poderia ser capaz de se sobrepor a um amor de tantos anos.

Penteou os cabelos abandonados e cobriu o rosto com pó de arroz, apressadamente. Tirou do armário um bonito vestido bege e o vestiu.

Dos degraus, avistou Filip à porta do salão de entrada, com um dos criados.

Os sapatos dela estalaram no chão de pedra, despertando a atenção dos dois.

— Senhorita! — disse o criado. — Este jovem gostaria de vê-la.

Fez uma reverência educada, ciente de que falara com as paredes, e se retirou. Caroline e Filip estavam paralisados diante um do outro, com a expressão indecifrável.

— Filip!

Aqueles olhos azuis trouxeram o conforto que ela tanto vinha precisando. Longe de Bernardo, em crise com a mãe e sem a irmã por perto, ver aquele bom amigo era uma bênção preciosa.

Caminhou na direção dele, que continuava apenas a olhá-la. Imaginou se ele estaria zangado a ponto de não querer ao menos conversar, mas a verdade é que ele não se preparara para aquele momento. Ver Caroline após o triste episódio do abandono o desconcertou profundamente.

Ela parou diante dele, esperando que o rapaz dissesse algo. Filip pigarreou.

— Desculpe-me, não pude vir antes. Estive fora.

Ela assentiu, compreensiva. Filip demorou o olhar sobre ela antes de se libertar para um abraço aliviado.

— Que bom que está a salvo!

Quase havia se esquecido de como ele era capaz de acalmá-la. Naquele abraço, todos os seus problemas pareceram simplesmente evaporar. Exceto um.

Afastou-se dele, aflita.

— Você me perdoa, Filip?

Ele se assustou, pego de surpresa.

— Fui estúpida, e reconheço isso — justificou-se. — Mas eu espero que tenha entendido meus motivos, em minha carta.

Ele a ouviu em silêncio. Deixou-a explicar seus motivos, sua impulsividade, desculpar-se uma vez mais. Até que a interrompeu, segurando as mãos que ela agitava com nervosismo.

— Pare de se martirizar com isso — rebateu, tranquilo. — Eu a conheço há muito tempo, devia ter me preparado para que isso acontecesse. Acalme-se, que não guardo rancor algum.

Caroline experimentou uma inédita sensação de paz, naqueles dias tão turbulentos.

— E eu me deixei imaginar que você me condenaria! Esqueci-me de como é puro o seu coração...

Ele sorriu, modesto. Caroline estava contente, mas ainda não havia dito tudo o que gostaria.

— Filip, preciso lhe pedir um favor.

Ele se preocupou com aquela seriedade repentina. Ela sentiu o rosto ferver.

— É estranho que isso seja pedido como um favor, quanto mais vindo de uma garota! — descontraíu.

— Talvez não. Diga.

Respirou profundamente, buscando palavras coerentes.

— Meu pai arranjou-me um casamento com Demétrio. Ele é um homem asqueroso! E, a não ser que eu encontre alguém que me aceite, serei obrigada a desposá-lo — sorriu, tímida. — De qualquer maneira, eu sei quem é o único homem que saberia me fazer feliz...

... Já que não posso ter aquele que amo, completou, mentalmente. Filip continuou a olhá-la, sem compreender aonde ela pretendia chegar.

— Filip... Você se casaria comigo?

Ele arregalou os olhos, espantado com aquele pedido. Caroline emendou, apressada:

— Sei que não mereço, depois do constrangimento que lhe causei. E sei que é o pensamento mais egoísta do mundo! É por isso que estou pedindo como um favor, mais que qualquer coisa...

Ele estava completamente zozinho. Caroline o olhava com ansiedade, no aguardo esperançoso de uma resposta positiva.

— Casar-me com você... — ele murmurou. — É tudo o que eu sempre quis!

Ela sorriu, prestes a agradecer-lo, ao que ele continuou:

— Mas eu estou noivo.

A alegria dela desmoronou com a mesma velocidade em que veio.

— Noivo?...

Filip confirmou, sem jeito. Apontou o jardim, pela porta aberta, mostrando a Caroline uma bela dama de longos cabelos dourados e pele muito alva, num impecável conjunto azul-escuro de vestido e chapéu.

– Na verdade, viemos trazer os convites do casamento – explicou, ainda baqueado. – E visitá-la, é claro...

A garota estava muda. Seus olhos continuavam pregados na linda garota no jardim. Filip esfregou as mãos no rosto e segurou o ombro da eterna amada, fazendo-a olhar em seus olhos.

– Caroline, eu a esperei por todos esses anos! – sussurrou, apreensivo. – E por tantos dias, depois de ter me abandonado no dia que seria o mais feliz da minha vida. Eu estava tão disposto fazê-la feliz!

Passou a mão em seu belo rosto. Viu o sofrimento em seus olhos, e sentiu um forte ímpeto de abraçá-la, mas se recompôs a tempo.

– Por mais que a amasse, quando me convenci de que não voltaria mais, segui o conselho do meu pai e noivei com Gabrielle. A mãe dela era amiga da minha, sabe. É uma boa moça.

– Sim. Claro! – engoliu seco. – Que bom que encontrou alguém.

A voz dela era apenas um fio trêmulo. Filip apertou um beijo triste em sua testa.

– Seja feliz, está bem?

O queixo dela tremia quando ele afastou o rosto. Eles sabiam o que aquele momento significava, e seus corações se apertaram. Não resistiu a apertá-la num último abraço, sentindo os soluços dela chacoalharem seu corpo.

– Adeus, minha querida...

Notando que seus olhos também inundavam, ele atravessou a porta e voltou à companhia do pai e da futura esposa, sem se virar. Caroline o viu ser recebido com um gentil sorriso de Gabrielle, e teve certeza de que o havia perdido para

– Que grande encruzilhada a vida me preparou! – murmurou, reflexiva. – Amei como um irmão aquele a quem devia amar como um homem... E amei como um homem aquele que só poderia ter amado como um irmão!

Apertou os olhos, aceitando sua derrota. Sua última esperança estava perdida para sempre, atada nos laços matrimoniais de Filip com outra mulher.

Naquela tarde, Antonelle subiu ao quarto da filha mais nova, chamando-a para o chá.

— Você vem, querida? — insistiu. — Filip ainda está lá embaixo, com o pai e Gabrielle.

— Diga que estou indisposta.

Aquilo era um claro convite para encerrar o assunto. Porém, Antonelle não conseguiu se manter alheia à tristeza da filha, embora não se surpreendesse em vê-la amuada. Olhou para o corredor vazio atrás de si e entrou, fechando a porta.

— Acho que precisamos conversar.

Sentou-se ao lado dela, sobre o colchão da cama, mas foi Caroline quem começou o assunto:

— Não acha um pouco tarde para vir me dizer qualquer coisa?

Antonelle suspirou, compreensiva.

— Eu devia saber que você acabaria descobrindo...

— Pois é. Deve estar feliz por não ter precisado se dar o trabalho de me contar.

— Meu amor, eu sei que foi dolorosa a maneira como soube de tudo! Mas tente compreender o quanto também é difícil, para mim, ter de guardar essa história a salvo do conhecimento de todos...

A garota concordou, com os olhos pregados na parede. Antonelle respeitou o silêncio da filha, até ser surpreendida com uma pergunta inesperada:

— Você o ama, mamãe?

Antonelle sentiu o rosto corar. Esquivou-se do olhar curioso da filha.

— O que importa agora? Sou uma mulher casada, não mais uma mocinha.

— Antonieta não pensava assim.

Ela encarou a filha com os olhos inundados. Pela primeira vez, desde que voltaram àquela casa, trocaram um abraço verdadeiro e duradouro.

— Você se parece tanto com seu verdadeiro pai! — sussurrou, na segurança do ouvido dela. — Tanto...

Caroline se afastou, com a cabeça cheia de interrogações.

— Como aconteceu?

Antonelle limpou as lágrimas, sorrindo com as lembranças que desenterrava da memória.

— Cerca de dois anos antes de eu ser prometida ao seu pai, fui com a minha família a um grande encontro que reuniu os grandes senhores de terras da província. Eram três dias de reuniões, chás, contatos e vestidos apertados...

Caroline riu. Compreendeu, de imediato, que descobriria ser muito mais parecida com a mãe do que poderia imaginar.

— Eu estava completamente deslocada! Era a única moça jovem naquele lugar. No primeiro dia, até que suporrei fingir interesse por aquilo tudo. Já no outro, notando que minha presença era tão necessária quanto a de um monte de feno, saí para caminhar pelas terras do anfitrião. Isso a faz lembrar alguém?

Piscou para a filha, ajeitando-se para continuar.

— Nisso, longe de todos, encontrei um rapaz sentado com um bebê adormecido em seu colo. O homem que vi era Gerson, e o bebê era seu filho mais novo, Bernardo.

Caroline ajeitou a postura, com um sentimento estranho a lhe percorrer a espinha.

— Achei-o jovem demais para carregar uma expressão tão desgastada. Ele me flagrou a observá-lo e eu fiz a primeira pergunta que me ocorreu: “É seu filho?”. Ele disse que sim, sem esconder a tristeza que sentia. Devia estar carente de um desabafo, pois foi logo me contando a sua história. Falou especialmente da esposa, que morrera havia pouco mais de um ano, no parto daquela criança. “Ele disse que teria logo dado um fim à vida, se não fossem as duas crianças, tão dependentes dele. Encorajei e incentivei-o a seguir em frente. Aos poucos, ele começava a sorrir e fazer comentários mais extrovertidos. Conversamos por horas, e eu me encantei com aquele mundo onde não se falava de poder e ouro, mas de vida.”

— Compreendo seu ponto de vista.

— Sei que sim – sorriu. – Quando vi o sol se pondo, fiquei apavorada! Não acreditava que havia passado tanto tempo afastada. Despedi-me com pressa, mas ele pediu para eu ficar. Perguntou se poderíamos nos ver outra vez.

— E onde foi tudo isso?

Abriu um sorriso saudoso.

— Na verdade, estávamos nas terras dos de La Frièt, avós de Filip, que, por sinal, está em nosso jardim, neste momento, nos aguardando para o chá.

Caroline tinha os olhos arregalados.

— Então, Gerson trabalhava nas terras do pai de Filip?

— Fernão não era casado naquela época. Minha família e a dele eram muito amigas, e penso que resumo bem a história se disser que tínhamos uma relação como a sua com Filip. Inclusive o sentimento que ele cultivava por mim.

— O duque era apaixonado por você? – exclamou, querendo rir.

— Eu nunca tive olhos para ele, mas ele insistia na ideia de que nos casaríamos. Aliás, foi nesse encontro que meus pais conheceram os Mondevieu – balançou a cabeça, séria. – Depois daquele dia, em nossas frequentes visitas a eles, eu sempre dava um jeito de escapular para ver Gerson. Conversávamos incansavelmente, e eu precisava me conter para não deixar que anoitcesse sem ainda ter retornado.

— E como foi que se apaixonaram?

— Nós dois sabíamos que já tinha acontecido. À primeira vista, talvez... – suspirou. – Só sei que, certo dia, antes de voltar à companhia dos meus pais, ele

— me pediu um beijo. Eu não sabia o que dizer, muito menos o que fazer, então ele simplesmente me beijou.

Fechou os olhos, revivendo a emoção daquele momento.

— Naquele mesmo dia, Fernão veio de novo me falar sobre nosso futuro casamento. Eu disse que aquilo não aconteceria, pois era apaixonada por outro homem. Ele insistiu em saber quem era, mas eu apenas respondia: “Você saberá no dia em que ele for o meu marido”. A expressão da mãe acinzentou.

— Nossos encontros se tornaram cada vez mais imprudentes. Dinamene, que já era minha dama de companhia, verificava se o caminho estava livre, e nos comunicávamos com um código secreto; se dissesse que ia esfriar, era porque eu podia ir tranquilamente. Se reclamasse do calor, no entanto, era para eu tomar cuidado, pois havia alguém por perto – riu, saudosa. – Foi muita sorte jamais terem nos flagrado! Mas meus pais já começavam a se preocupar com meu comportamento independente. Então, trataram de me arranjar um casamento. Fui prometida a Enézio Mondevieu.

Caroline sentiu repúdio àquele nome.

— Fernão também desconfiava dos meus sumiços. Já fazia um ano que eu me encontrava com Gerson. Para desviar sua atenção, falei que o homem por quem eu era apaixonada era o próprio Enézio. Ele custou a acreditar. Todos nós conhecíamos aquele homem frio e insensível...

Ela apertou o tecido da sua saia nas mãos.

— Foi também quando me despedi de Gerson.

Caroline consentiu, cheia de compaixão.

— Você deve ter sofrido muito.

— Eu chorava todas as noites – revelou. – Casei-me numa tarde chuvosa, cinzenta como estava o meu coração.

Fez uma pausa triste.

— Tinha dificuldade até para engravidar. Era como se o meu corpo o rejeitasse! Perdi algumas gestações e, quando Elizabeth nasceu, pensei que uma garotinha viria nos trazer alguma alegria. Contudo, Enézio se tornou mais agressivo; acusava-me de ser incapaz de lhe dar um filho homem. Um ano depois disso, em visita a Fernão, Liza foi brincar com o pequeno Filip e a babá, e Enézio entrou para tratar de assuntos particulares com o amigo. Eu estava sozinha, agoniada e desesperada. Num impulso muito forte, corri até o casebre

do meu antigo e único amor. Não sabia que insanidade tinha tomado conta de mim, simplesmente me deixei levar. Naquele dia, voltei para casa grávida de uma menina.

Caroline tapou a boca.

— É claro, foi um susto quando descobri. Ernesto há tempos sequer me olhava, então, numa noite, eu o fiz tomar um tanto mais de vinho e me deitei com ele, para que pensasse que a gravidez era dele. Foi nessa mesma noite que Dinamene foi contar a Gerson que eu esperava um filho dele.

— E como ele reagiu?

— Não havia maneira de nos vermos. Dinamene me contou que ele ficou feliz, mas muito amedrontado. Foi ela quem teve a ideia, poucos anos mais tarde, de

— indicá-lo a Enézio para cuidar dos cavalos. Felizmente, ele admitiu Gerson e os filhos. Assim, podíamos, ao menos, manter algum contato — sorriu. — O resto da história, você já sabe.

Caroline ficou um longo tempo apenas absorvendo aquilo tudo. Quando, por fim, ergueu os olhos para a mãe, viu morrer para sempre a imagem de mulher submissa que sempre enxergara nela. Ali estava uma mulher a quem ela sinceramente admirava.

Dinamene abriu a porta.

— Senhora, não vai descer? O senhor seu marido a está chamando.

Caroline respirou fundo, um pouco zonza.

— Pode ir, mamãe. Eu tenho muito em que pensar.

Naquelas terras, outra pessoa além de Caroline vinha ocupando seu tempo com reflexões. As dúvidas de Bernardo já não se resumiam à escolha que ele teria de fazer, em breve, mas à verdade sobre ele e seu grande amor.

— Ainda em seu quarto, rapaz?

Gerson adentrou o quarto do filho, parecendo preocupado. Sentou-se ao lado dele, olhando-o com reprovação.

— Você sabe que precisa esquecê-la...

— E o senhor sabe o quanto é difícil.

Gerson acatou, compreensivo. Bernardo se sentou na cama, encarando o pai com ira.

— Por que nunca me contou?

— Segredos existem para serem guardados.

— Mas sou seu filho! — argumentou. — Devia ter me contado!

— Oras, eu sou seu pai, e nem por isso você me contou sobre sua paixão por Caroline!

Aproveitou o silêncio do filho para ganhar vantagem:

— Como você mesmo já percebeu, certas informações só estarão seguras se forem guardadas a dois. Um casal sem seus segredos, por menores que sejam, não são mais que dois amigos que acreditam estar apaixonados.

Bernardo balançou a cabeça, incapaz de discordar. Lembrou-se dos momentos ao lado de Caroline, na floresta, e de detalhes que jamais revelaria a ninguém. Como se lesse o seu olhar, Gerson interrompeu suas lembranças:

— Caroline é sua irmã. Encare de uma vez essa verdade...

— Não totalmente. Ela é minha *meia*-irmã. Nossas mães não são as mesmas.

— Bernardo, está procurando soluções vazias em terreno perdido. Aceite isso!

Entristeceu-se por ter aquela difícil missão de desiludir o filho apaixonado. Sabia o quanto aquilo era doloroso, mas era parte do seu papel de pai.

— E quanto à sua decisão? — desviou o assunto. — O barão não o manterá nestas terras por muito tempo se não produzir. Você sabe que ele não é um homem essencialmente bom. Cedo ou tarde, a paciência dele vai acabar, e pode até desistir de lhe recompensar.

Bernardo passou as mãos pelos cabelos. Seus pensamentos estavam confusos demais para chegar a qualquer conclusão.

— Pai, eu já falei que as moedas são suas. Ele ainda não as entregou?

— Danem-se as moedas! — explodiu. — Estou falando do seu destino! Vai continuar na terra dos Mondevieu ou buscar seus sonhos lá fora?

— Grande exemplo o seu! — irritou-se. — Está preso aqui há tantos anos...

Gerson sorriu, como se previsse aquele exemplo.

— Estar aqui foi a única forma de me manter perto das minhas maiores riquezas: a mulher que amo e a filha que ainda não pude abraçar.

Segurou a mão do filho, notando-o visivelmente atormentado.

— Ouça o conselho de um velho que errou por esperar demais. Amei Antonelle quando éramos livres e, ainda assim, deixei chegar o dia em que seria tarde demais para garanti-la ao meu lado. Por anos, guardei dinheiro para comprar um pedaço de terra. Hoje, não tenho nem o dinheiro, nem a propriedade. — ergueu os ombros, melancólico — O que quero dizer é que, no final das contas, tanto guardar e tanto esperar não me deram a segurança que eu esperava. Deixaram apenas a saudade de tudo o que poderia ter sido, mas não foi.

Os olhos do bom homem brilhavam. Ainda assim, ele mantinha um sorriso relutante.

— Está sugerindo que eu escolha um caminho enquanto ainda tenho as opções ao meu alcance?

O pai balançou vivamente a cabeça.

— Você entendeu o recado! — bateu no ombro do filho. — A dúvida é traiçoeira, Bernardo. Quando você menos espera, todas as portas que estavam abertas tornam a se fechar.

Levantou-se com um sentimento paterno de missão cumprida. Sabia que aquela conversa talvez levasse o filho a decidir partir e afastar-se do que restara da família. Seu contentamento, contudo, não estava em vê-lo sempre perto, mas sempre feliz.

Desde que saiu no sereno da noite, atrás de Dinamene, Caroline pegou uma tosse insistente que piorava a cada dia. A mãe queria chamar o médico, porém

Enézio insistia que era manha.

— Conhece a nossa filha! — argumentava, despreocupado. — Fará de tudo para se livrar do casamento.

“Nossa” filha... Como se ela também fosse dele! — pensava, indignada com a indiferença do marido. Decidiu se mobilizar sozinha e ordenou às cozinheiras que preparassem todo o tipo de chás e sopas para combater o forte resfriado. Tanto fez que, em menos de uma semana, a garota parecia outra. A tosse enfraqueceu, a febre passou, mas seus olhos continuavam abatidos. Aquilo, porém, não se devia à doença do corpo. Era doença da paixão.

Na manhã do sexto dia de tratamento, Dinamene a levou para caminhar pelo jardim, alegando que os primeiros raios de sol eram um santo remédio. Caminharam devagar, nos arredores do castelo, e Caroline se contentou em não encontrar o barão. Estava se tornando insuportável ouvi-lo ironizar sobre o seu “falso resfriado” a cada vez que a via.

Estava ofegante quando subiu as escadas de volta ao quarto. Aquelas caminhadas matinais pareciam mais cansativas que toda a sua jornada na floresta. A floresta...

Entristeceu-se. Aqueles pensamentos estavam diretamente ligados a Bernardo. Destrancou a porta do quarto, depósito dos seus pensamentos mais pessoais, e entrou, mal podendo acreditar em seus olhos quando olhou para a

— Bom dia, milady.

Ela não respondeu. Estava estática de susto. Certamente, delirava de febre... Bernardo se levantou, com os olhos cansados pousados sobre ela.

— Como foi que... Como você...?

Foi interrompida por um breve acesso da tosse que resistiu ao tratamento.

— Vejo que não fui o único que se resfriou com essas mudanças de tempo...

— Pois é...! — concordou, com o fio de voz que conseguia, tentando se conter.

Bernardo aguardou até ela conseguir respirar livremente. Superada a crise, Caroline retomou o fôlego e olhou para ele.

— Como entrou aqui?

Bernardo ergueu a mão, exibindo uma grande chave dourada que ela conhecia bem.

— Certa vez, uma garota esqueceu uma capa na minha cozinha, e havia alguma coisa no bolso...

Ela enrubesceu. Bernardo se aproximou, estendendo a mão que segurava a chave.

— Vim devolver seus pertences. A chave, para nunca mais ser flagrada em suas fugas mal-pensadas...

Entregou-lhe o objeto e estendeu a outra mão.

— E o seu agasalho, para que não se resfrie de novo quando for visitar alguém no meio da noite.

Caroline tomou a pesada capa nos braços.

— Obrigada – murmurou. – Mas não sei se ainda vou precisar.

Baixou os olhos para o chão, incapaz de encará-lo sob a lente da verdade. Bernardo deixou passarem longos segundos sem conseguir dizer o que pretendia.

Nesse intervalo, foi a própria Caroline quem abordou o assunto.

— Aceite o cavalo que meu pai lhe ofereceu, Bernardo.

Falou com firmeza, embora a voz estivesse fraca.

— É sobre isso que vim conversar – complementou, abatido. – Como eu queria que tudo fosse mais simples...

Deu as costas à garota, contendo-se para não se comover.

— A solução é simples – ela rebateu, esforçando-se tanto quanto ele para se manter firme. – Fomos nós quem complicamos tudo.

— Por amar – ele completou, exaltado. – Nosso maior erro, milady, é amar!

Ela concordou, sentindo o peito arder. Bernardo se aproximou, segurando as mãos dela com firmeza.

— Eu cometeria esse erro mais um milhão de vezes, mas jamais deixaria de amá-la!

Aquele olhar apaixonado tirou-lhe todas as forças.

— Bernardo...

— Nós ainda podemos ficar juntos! — animou-se, lembrando-se do conselho do pai. — Devemos aproveitar enquanto temos essa escolha.

— Bernardo, eu...

— Um dia, poderá ser tarde demais, e nos arreponderemos. Nossa chance é agora, só agora!

— Bernardo, nós somos *irmãos*!

Ela levou as mãos ao rosto, derramando as lágrimas que vinha contendo bravamente. Bernardo cruzou os braços, teimoso.

— E se nunca tivéssemos descoberto? Não estaríamos, agora mesmo, lutando pela nossa união?

Ela ergueu os olhos vermelhos, muito confusa, enquanto ele continuava:

— Onde foram parar nossos planos? Nossas promessas? Nosso amor?

A menina apertou os olhos, contendo a emoção antes de falar o que a estava sufocando.

— Eu vou me casar, Bernardo.

Não conseguiu encarar a expressão incrédula do amado. A tosse voltou à sua garganta, e ela a descarregou, nervosa. Passado o choque, Bernardo respirou fundo, decidido.

— É justo que se case com quem ofereça a vida que eu jamais lhe daria.

Ela apontou o dedo para ele, furiosa.

— Jamais repita isso! Eu não tenho mais escolha. Se não aceitar esse casamento, só Deus sabe o que o barão fará comigo. E de que adianta resistir, se minha vida se transformou num beco sem saída? — suspirou, amuada. —

Posso ter potes de ouro aos meus pés, joias me cobrindo o corpo. Trocaria isso tudo por um mundo onde eu e você pudéssemos ser um só...

Bernardo acariciou o rosto dela, ainda sério.

— Queiramos ou não, Caroline, nós dois somos um só.

Ela abriu um leve sorriso.

— É a primeira vez que você me chama de *Caroline*...

Bernardo não pôde mais conter algumas lágrimas. Beijou o rosto dela com ternura, demorando-se. Ela o segurou ali, encostado nela, sentindo o seu calor como se registrasse para sempre aquele sentimento em sua alma.

— O que aconteceu conosco?

Ele não soube responder. Afastou-se e passou os olhos pelos traços da amada uma última vez.

— Seja feliz, está bem?

Ela arregalou os olhos, não conseguindo acreditar naquele instante.

— Adeus, milady.

Sem mais palavras, evitando também mais sofrimentos, Bernardo foi até a porta. Espiou o corredor por uma fresta e retomou o rumo, com um sorriso tolo.

— É melhor tentar a janela...

Passou por ela para ir até a vidraça, mas foi barrado. Caroline o segurou pelo braço e mirou um beijo nos lábios daquele que, ela sabia, jamais conseguiria esquecer.

— Adeus – respondeu, finalmente.

Caminhou para o outro canto do quarto, de costas para ele. Não suportaria vê-lo ir embora. Ouviu o som da janela se abrindo e o esforço dele, que partia para nunca mais voltar.

Momentos depois, quando tornou a ser virar, viu apenas os raios de sol entrando pela janela aberta. Correu até o parapeito e viu o amado descendo os últimos tijolos até o chão, com auxílio de algumas plantas oportunas que

subiam pelas paredes. Bernardo pousou os dois pés na grama e iniciou uma caminhada sem volta. Tal qual em seu sonho, tudo o que ela podia fazer era vê-lo partir. A data do seu terceiro casamento já estava marcada.

CAPÍTULO 29

RENDIÇÃO

Ela segurou a mão da filha, sentindo profundo orgulho da sua força e da bondade daquela alma.

A partida de Bernardo abalou profundamente a disposição e a saúde de Caroline. A garota passou a viver reclusa em seu quarto, acompanhada apenas dos seus intermináveis acessos de tosse. Uma febre alta chegou a acometê-la, para o desespero da mãe, que tinha o terço cravado na mão dia e noite.

Aqueles sintomas, todavia, não se delongaram. Passada a primeira semana de fossa, Caroline estava, ao menos, conformada. Rendeu-se à sua condição de passividade, deixando de lado o seu ideal de uma vida intensa e inteiramente sua. Afinal, era mulher – e, como todas as mulheres da época, nascera condenada à submissão.

Quem mais se contentou com a melhora da menina foi Enézio. O casamento se aproximava, e não seria nada bom mandar a filha para o altar com sintomas de gripe. Naquelas semanas, ele vinha cuidando para tudo sair perfeito e compensar o fiasco da primeira tentativa de casá-la, abafando, inclusive, os rumores sobre o seu sumiço.

Convidou toda a alta sociedade e investiu pesadamente na decoração e nos detalhes. Queria luxo, inveja, comentários. Caroline pôde constatar aquilo em uma tarde em que Dinamene foi até o seu quarto, radiante, com um pacote nos braços.

— As costureiras estiveram aqui, senhorita. Trouxeram para a primeira prova. É o seu vestido do casamento...

Ela abriu o pacote, a contragosto, e estendeu a peça diante de si. Não pôde conter uma exclamação; era feito de seda, a mais pura que ela já havia sentido nas mãos. Toda a saia era enfeitada com detalhes minuciosos. Na cintura e no colo, inúmeros brilhantes reluziam com a luz vinda da janela.

Vestiu-o com cuidado, como se fosse feito de vidro. Sentiu-o encaixar com precisão em seu corpo, assim que a serva fechou o último botão perolado.

— Está maravilhosa, senhorita!

Caroline se contemplou ao espelho. Achou-se linda. Contudo, de que adiantava tanta beleza, se era destinada aos braços de um estranho?

Lembrou-se do vestido emprestado por Nuha, em seu casamento cigano. Tão mais belo, conquanto tão mais simples! A alegria que ela teve ao vestir aquela peça rústica, na expectativa de ser admirada por Bernardo, era incomparável ao desgosto daqueles dias que a aproximavam de sua sentença.

Forçou os braços para trás, tentando alcançar os botões. Dinamene se apressou em ajudá-la. — Está pinicando?

— Não — lamentou, com um suspiro exausto. — Está me matando.

Nos dias seguintes, todos os servos estavam empenhados nos preparativos para o casamento que aconteceria em menos de uma semana, buscando a perfeição que lhes era exigida.

Num piscar de olhos, Caroline viu amanhecer o dia da cerimônia.

— Bom dia, minha querida!

Antonelle entrou com uma grande bandeja de café da manhã e um sorriso ainda maior.

— Hoje é um grande dia! — anunciou, abrindo as cortinas. — O sol está brilhando para você.

Caroline ia retrucar àquela inútil tentativa de animação, mas não quis decepcionar a mãe. Sentou-se na cama, com um profundo bocejo que a fez tossir várias vezes.

— E essa tosse que não passa! — observou a mãe, preocupada. — E se lhe dá um acesso no meio da cerimônia?

— Eu me seguro — garantiu, sonolenta.

Estudou os pãezinhos frescos por muito tempo, sentindo o estômago embolar.

— Sem fome? — arriscou.

— Completamente.

— Deve ser a ansiedade!

Caroline encarou a mãe com franqueza.

— Mãe, esse casamento é um grande pesadelo para mim. Não finja que não sabe disso.

Antonelle enfim aquietou sua animação forçada.

— Tenha fé, minha filha. Você ainda pode ser muito feliz.

Mas ambas sabiam que aquilo não era verdade.

A cerimônia seria realizada no meio da tarde, por opção de Enézio. Ele não admitiu, mas o real motivo era a que as chances de Caroline fugir sem ser vista sob a luz do sol eram muito inferiores.

Passado o horário do almoço, os gramados do jardim já recebiam as primeiras carruagens, carregadas de gente fina e importante. Em poucas horas, grandes grupos de pessoas muito bem-vestidas se formavam no jardim, rodeando o corredor formado rumo a um altar ao ar livre.

Caroline observava a movimentação da janela do seu quarto. Não conseguia impedir que, a todo instante, os olhos caíssem sobre a pequena casa dos donos — que, como os demais servos, já deviam ter recebido a ordem de recolhimento. Era triste pensar que Bernardo não estava mais ali.

A porta do seu quarto se abriu às suas costas, por onde entrou sua mãe, impecavelmente arrumada num luxuoso vestido de cor clara e adornado por brilhantes. Não se surpreendeu em ver que a filha ainda não estava pronta.

— Seu casamento começa em pouco tempo — advertiu, tomando nos braços o vestido branco estendido sobre a cama.

Caroline franziu os olhos, com pensamentos que já vinha alimentando por toda a manhã.

— Por que estou me casando, mamãe?

Antonelle estranhou aquela observação.

– O que quer dizer?

– Quem idealizou essa festa? Quem teve a palavra final sobre meu destino, decidindo quando e com quem eu me casaria?

– O seu pai! – respondeu, automática, mas logo corrigiu. – Quer dizer...

Manteve os olhos em Caroline, que caminhava de um lado a outro do quarto, lunática. A garota começou a rir, o que a preocupou mais.

– Não é irônico? Estou fadada a passar o resto dos meus dias infeliz por ordem de alguém que não tem relação alguma comigo. Um estranho!

Antonelle suspirou, prevendo problemas.

– E o que pretende fazer em relação a isso?

– Nada.

Viu o olhar confuso da mãe e se explicou:

– O único homem que me faria feliz já deve estar a milhas de distância. Se eu me livrasse desse casamento contando a todos sobre meu pai verdadeiro, arruinaria a sua vida e a minha a troco de nada.

Os olhos de Antonelle se encheram de lágrimas. Segurou a mão da filha, sentindo profundo orgulho da sua força e da bondade daquela alma.

Em poucos minutos, Caroline Mondevieu deixava refletir uma noiva no espelho.

A cerimônia estava marcada para as três e meia da tarde. Pouco antes das quatro horas, uma das convidadas apontou para a escadaria do castelo.

– A noiva está chegando! – comentou, animada, ao ouvido da colega.

A informação foi transmitida em altíssima velocidade, transformando-se em um murmúrio ansioso. A noiva vinha acompanhada da mãe e de Dinamene, que seguravam, respectivamente, seu braço e a cauda do seu vestido. A garota sentiu o corpo estremecer ao deixar o último degrau, vendo todas aquelas pessoas olhando-a com curiosidade e sorrisos.

Apertou o braço da mãe e parou de andar, tossindo.

– Vamos, Caroline! – encorajou-a, com o coração apertado.

Respirou bem devagar, contendo-se, e continuou a caminhar. Todos se admiraram com a produção impecável: o belo vestido sob encomenda, acompanhado de um enfeite dourado no belíssimo coque e luvas brancas que cobriam todo o antebraço.

Os convidados se alvoroçaram. Algumas pessoas já vinham dar as congratulações à noiva, cheios de cordialidade, e Enézio se esforçava em guiar todos eles às cadeiras para que a cerimônia começasse.

A última pessoa com quem se deparou, no caminho, foi Filip. Estava enganchado a Gabrielle, mas sua atenção estava completamente voltada à noiva. Sua expressão era um misto de tristeza e admiração. Caroline mirou-o nos olhos, sentindo uma vontade muito forte de chorar. Antes de qualquer palavra ser dita, o barão se interpôs, guiando o jovem casal aos seus assentos.

Caroline baixou bruscamente a cabeça, querendo se livrar daquela tortura. O gentil e sorridente barão de Mondevieu dirigiu-se a ela, transformando-se de volta em quem de fato era:

– Comporte-se como a protagonista do casamento mais comentado do ano – exigiu, num sussurro irritado. – Um único deslize, e vai passar o resto dos seus dias no convento. Está ouvindo?

Ela simplesmente concordou, rendida. Dali, partiu para o corredor entre os dois conglomerados de convidados. Todos agora estavam em pé, olhando para a noiva que atravessaria o corredor conduzida por um estranho, o mesmo que proibira seu verdadeiro pai de sair da sua casa naquela triste tarde.

Seu pulmão começou a arranhar. De início, não conteve a tosse, mas sentiu o olhar irritado de Enézio sobre si e conseguiu impedi-la, erguendo o queixo para sua caminhada final rumo a dias de infinito desgosto.

O coração da menina estava aos pulos. Alguns músicos tocavam a marcha, próximos ao altar. Ao seu redor, pessoas sorrindo, observando e comentando. Meio a um mar de rostos que ela nunca vira antes, avistou o olhar triste de Filip e o sorriso emocionado da irmã mais velha.

Voltando os olhos para o altar, fantasiou, por um momento, que quem a aguardava era Bernardo. Enxergou-o ali, em pé, vestido da maneira como

estava no dia do casamento na floresta. Conseguiu até mesmo sorrir, antes de se lembrar que quem a aguardava ali, na verdade, era Demétrio.

O noivo se adiantou para receber a futura esposa. Caroline se enojou com aquele sorriso amarelo de fumo, acompanhado da malícia de um olhar ambicioso.

Virou o rosto antes que sentisse náuseas. Enganchados, viraram-se para o padre Reynald, o qual iniciou o longo discurso que teria uma única finalidade: a união matrimonial.

Após longas leituras, bênçãos e sermões, aos quais Caroline não conseguia prestar atenção, chegou o momento da pergunta definitiva:

– Se alguém for contrário a esta união, diga agora ou cale-se para sempre.

A noiva apertou os olhos, desejando imensamente ouvir, naquele silêncio profundo, uma voz que intercedesse por ela. O único som que ouviu, contudo, foi o canto de uma ave distante.

Se a natureza pudesse opinar, ela com certeza seria favorável a mim, imaginou, com tristeza. Já se conformava com a conclusão da sua cerimônia quando o silêncio foi quebrado por um murmúrio agitado e alguns gritinhos.

Viu que os olhos de Reynald não estavam mais em seus papéis, e sim em um ponto atrás dela. Virou-se para os convidados, sem compreender o que havia de errado, mas a fonte daquela inquietação estava além.

– O que significa isso? – murmurou o barão, indignado.

Uma frota de cavalos se aproximava, trazendo algumas dezenas de pessoas barulhentas.

– Parem este casamento! – ouviu-se, quando estavam mais próximos.

Caroline forçou a vista, tentando reconhecê-los. Os animais pararam nas proximidades, um a um, fazendo os convidados das últimas fileiras correrem para perto do altar.

Caroline sentiu o coração saltar de felicidade ao reconhecer uma única pessoa dentre todas: Bernardo.

– Repito! – ele gritava. – Este casamento não pode acontecer!

Os convidados se entreolharam sem compreender. Reynald estendeu o braço, aquietando-os. Parecia muito irritado.

— E quem seria o senhor, para poder influir na cerimônia da qual não está

— Ele está falando em meu nome.

Quem respondeu foi outra voz, mais distante. Bernardo desceu do cavalo, revelando uma pessoa que vinha montada atrás de si. Era Nuha.

O barão começou a rir, imaginando se aquilo tudo não seria um sonho sem sentido.

— *A senhora?* — zombou. — E posso saber por que devo dar ouvidos a uma Maldita?

Ela encheu os pulmões para responder, com seu sorriso sempre sereno:

— Meu nome é Antonieta de La Chauvenière. Sou bisavó da noiva.

O espanto com a notícia foi geral, especialmente para Caroline e sua mãe.

— Vovó... — murmurou Antonelle, pasmada.

— Creio que tenham se esquecido de me mandar um convite — falou, bemhumorada. — Na verdade, imagino que ninguém acreditasse que eu ainda estivesse viva...

Estendeu a mão para Bernardo, que a ajudou a descer do animal.

— Que grande piada! — exclamou Enézio, cético. — É óbvio que é uma fajuta!

— Antonelle não diria o mesmo. Não é, minha neta?

Antonelle saltou, os olhares todos se direcionando a ela enquanto sua suposta avó se aproximava a passos lentos, tirando um objeto das vestes.

— Quem mais, senão eu, possuiria esta joia?

Ela exibiu o colar que Caroline deixara na comunidade, na troca pelo relógio de Bernardo. A garota sentiu o estômago embrulhar. Antonelle cruzou os braços, irritada.

– Este colar é falso! O verdadeiro estava comigo, e foi passado para Caroline.

– Não podia ter ficado em melhores mãos – observou, amena. – Contudo, o tempo cuidou que ele voltasse à sua dona original. Se Caroline não carregasse este tesouro consigo, talvez eu jamais me desse conta de que ela era minha bisneta.

Antonelle virou os olhos espantados para a filha, esperando ouvi-la desmentir. Enézio estava igualmente assombrado.

– Caroline! – gritou, nervoso. – Você se misturou aos Malditos na floresta?

– Não seja tolo, Enézio! – interveio Antonelle. – É óbvio que esta senhora está mentindo! Não é mesmo, Caroline?

A garota estava engasgada. Seus olhos passaram pelo rosto de cada um dos presentes, esperando encontrar uma luz em algum deles. Contudo, estavam todos sedentos por respostas.

A voz tranquila de Nuha chamou de volta a atenção de Antonelle.

– Eu consegui encontrar Ernest.

Um longo instante se passou em silêncio. Antonelle fitou a senhora com surpresa no olhar. Sentia-se como se estivesse diante de uma lenda viva.

– Como disse?

– Encontrei-o no interior da floresta, naquela primavera. Ele também tinha partido ao meu encontro, sem saber da minha iniciativa.

Antonelle sentiu os joelhos amolecerem e se segurou no pilar. Todos prenderam a respiração enquanto a senhora contava sua história.

– Foram dias de incessante busca sem rumo, ambos guiados por uma misteriosa voz no coração. Ele estava tão fraco e doente! Encontrei abrigo em uma comunidade cigana, aqueles a quem vocês chamam Malditos. Eles me ajudaram a cuidar do meu amado, que acabou não sobrevivendo muitos dias.

Vários cochichos se espalharam entre os convidados, que compartilhavam entre si os fragmentos que cada um conhecia sobre o mito Antonieta. Caroline

pôde ouvir uma senhora gorda comentar, em voz alta, que sempre acreditou ser uma lenda.

Antonelle ainda encarava a avó, inconformada.

— Está me dizendo que deixou tudo para trás para encontrar a morte do seu amado?

— E o faria de novo se pudesse voltar no tempo.

Antonietta pegou o belo colar e pousou o pesado pingente na palma da mão.

— Esta joia guarda segredos que nenhuma de vocês poderia saber.

Prendeu a grande pedra verde nas pontas dos dedos e a girou, causando um estalo. Caroline pensou que ela a tivesse quebrado, mas a pedra simplesmente desencaixou do pingente.

— Se, debaixo desta pedra, não estiverem as iniciais AE, pode mandar me castigar neste mesmo instante.

Caroline se aproximou, afastando as pessoas do caminho, e pôde ver com clareza: a pedra verde era encaixada no metal por linhas em alto relevo que formavam uma fusão das letras A e E no interior de um círculo.

— Não é possível... — Antonelle murmurou, com os olhos inundados.

— AE... — sussurrou Caroline, admirada. — Antonietta e Ernest!

— Muito mais que isso, minha querida. As letras não remetem apenas a nossos nomes, mas ao significado implícito em nossas iniciais: a dádiva do Amor Eterno.

Muitos se aproximavam para ouvir melhor a velha senhora. Até mesmo Enézio parecia aquietado por sua serenidade.

— Ernest encomendou o colar assim. Quando fugi para encontrá-lo, guardei a joia, com muito cuidado, em minha trouxa. Apenas quando o encontrei foi que me dei conta de que havia perdido o colar.

— Deixou cair no jardim — explicou Antonelle, surpresa consigo mesma.

— Fiquei tão triste! — pressionou a pedra de volta no pingente. — Mas Ernest me tranquilizou; garantiu-me que nosso amor permaneceria vivo na joia, e que ela devia permanecer nas gerações seguintes, para que todas aquelas que o usassem pudessem ser guiadas até o seu amor eterno, por mais impossível que lhes parecesse.

Caroline e Bernardo se olharam, admirados. A garota sentiu o estômago afundar.

Impaciente, Reynald interveio, em voz alta:

— Seja quem for esta mulher, que argumentos ela traz que impeça a continuidade desta cerimônia?

Os olhares voltaram-se novamente à senhora, que anunciou, confiante:

— Esta moça já é casada, senhor.

O rosto de Enézio ficou púrpura ao som das várias exclamações surpresas, inclusive a da própria noiva.

— A senhora tem alguma prova para essa afirmação? — questionou o celebrante.

Ela acenou para um dos acompanhantes, montado sobre cavalo selvagem. De cima do animal, o cigano estendeu um grande lençol branco em cujo centro se via uma mancha forte de sangue.

— O casamento foi consumado — explicou, com tranquilidade. — Caroline se casou em nossa comunidade com este rapaz.

Bernardo se encolheu quando os olhares recaíram sobre si. Caroline abafou uma exclamação.

— É verdade o que esta senhora está afirmando?

Reynald a fitou com perturbação. Caroline abria a boca em vão, traída pelas palavras que não lhe queriam atravessar a garganta.

— Responda, Caroline! — bradou o barão, aproximando-se dela. — Você se deitou com este servo?

Ela recuou, completamente perdida. Todos a olhavam com a mesma expressão de espanto, cobrando a verdade.

— Eu... Eu...

Dessa vez, a crise que a invadiu foi incontrolável. Ela apertou o colo, tentando conter a tosse, mas suas forças já estavam esgotadas. Tapou a boca com uma das duas mãos, procurando cegamente por apoio com a outra, ao que suas pernas vacilavam.

Elizabeth correu para ampará-la. Caroline encostou-se à irmã, quase sem fôlego de tanto tossir. Quando afastou as mãos do rosto, seu coração congelou; tal qual o lençol que o cigano estendera, suas luvas brancas estavam manchadas de sangue.

CAPÍTULO 30

VERDADES E MENTIRAS

“A partir de agora, tudo será muito diferente...”

No dia seguinte, toda a alta sociedade já sabia do escândalo envolvendo a nova tentativa de casar a filha mais nova do barão, o que já tinha virado mote de piadas. Souberam da chegada inesperada dos ciganos, da notícia que traziam e também da fuga habilidosa do grupo.

Na ocasião, Antonelle tentou deter a avó.

— Fique conosco! — pediu, emocionada. — Não vá embora...

Com um sorriso brando, a senhora despediu-se.

— Minha missão aqui já está cumprida.

Partiu, acompanhada por todos, exceto Bernardo, que se deixou capturar. Ele não podia abandonar Caroline naquele momento, não apenas pelo amor que sentia, mas para apoiá-la no conflito do seu romance desvendado e na tuberculose, constatada pelo médico na manhã do outro dia.

— Tudo indica o mal dos pulmões — informou à família, pesaroso, após examiná-la. — Existem alguns tratamentos eficientes, mas nenhuma cura específica a curto prazo. Ela precisa de cuidados.

— Faremos o impossível! — exaltou-se a baronesa, que tinha os olhos inchados de choro. — Passe-nos todas as indicações e nós as seguiremos à risca.

O doutor apoiou a prancheta na mesinha de centro e anotou procedimentos para a alimentação e o dia a dia da enferma. Caroline, que deveria estar em sua cama, observava a conversa, dos degraus da escadaria.

— Doutor... — chamou Antonelle, aflita. — Como minha filha pode ter contraído essa doença?

Ele terminou de escrever e olhou para ela, tirando os óculos.

— Provavelmente, teve contato com alguém doente.

— Não há nenhum doente em minha propriedade — defendeu--se Enézio, com energia. — Eu jamais permitiria que...

O som distante de uma forte tosse interrompeu sua fala. Ele voltou os olhos para além da porta aberta, mirando um ponto para o qual disparou, tomado de cólera.

Bernardo estava no jardim, mantido sob a guarda de dois capangas armados. Arrancava pedaços de grama com os dedos, distraído, quando foi bruscamente erguido pelas roupas.

— Foi você! — Enézio berrou. — Está podre por dentro e passou seu mal à minha filha!

Ofegou várias vezes, com raiva, e atirou o rapaz de volta ao chão. O médico e a baronesa, que o haviam seguido, conseguiram contê-lo.

— Enézio! Está louco? — ela gritava. — Que mal esse rapaz lhe fez?

— Não a mim, mas à nossa filha! Aposto que se engraçou com ela no meio do mato, e foi dele que ela pegou doença! Doutor, exijo que o examine.

O médico obedeceu, assustado. Em poucos instantes, constatou a amarga

— O rapaz também está doente, senhor.

Antonelle mordeu os lábios, com medo da expressão do marido, que gritava de fúria.

— Desgraçado! Vai pagar com a sua própria vida!

Tomou a arma de um dos capangas e mirou a testa de Bernardo. Antes que qualquer um o detivesse, ou qualquer bala fosse atirada, um grito desesperado se aproximou, revelando Caroline. Ela se jogou no chão, com os braços estendidos, entre a espingarda e o seu amado.

— Terá que me matar, primeiro!

Mantinha o olhar firme sobre o padrasto, embora suas mãos tremessem. Ele baixou a arma, pasmado.

— Você é mesmo uma vagabunda – sussurrou, enojado. – Está me pedindo para deixá-la apodrecer ao lado dele, inundada do seu sangue vomitado!

A expressão dela não vacilou. Estava decidida.

— Só vou permitir que tratem de mim se Bernardo receber os mesmos cuidados.

Enézio largou a arma no chão, olhando o casal com desprezo.

— Pois, então, morra com ele!

Não tinha avançado dois passos quando a esposa se colocou em seu caminho. Lançava-lhe um olhar que ele raramente via em seu rosto.

— Caroline receberá todo o tratamento necessário para se livrar da doença – afirmou, definitiva. – E, se a condição que ela nos dá é que o rapaz também o tenha, assim será.

Enézio esticou o dedo imperativo para o rosto dela.

— Não debaixo do meu teto.

— Você os está condenando à morte!

Segurou-a pelos ombros, com raiva.

— Já tomei minha decisão, Antonelle!

Soltou-a com tanta grosseria que ela não conseguiu ficar em pé. Os guardas a olharam com preocupação, mas sabiam que era mais prudente deixá-la ali, massageando os próprios braços.

Levantou-se com a ajuda do médico, vendo o marido se distanciar com profundo ódio.

— Doutor... – falou, sem tirar os olhos de Enézio. – Mande trazer duas doses de cada recomendação prescrita. Temos doentes a tratar.

Todos ficaram imóveis. Caroline e Bernardo se entreolharam com assombro.

— Mas mamãe, como cuidará de nós sem o consentimento dele?

— Confie em mim. Enézio pode ficar muito bem debaixo do seu teto. A *minha* decisão é salvar a vida de vocês.

A garota se levantou e abraçou a mãe, incapaz de encontrar palavras para agradecê-la.

— Essa batalha, minha filha, nós venceremos.

Como em todo plano, colocar as ideias em prática era muito mais complexo do que simplesmente imaginá-las. Naquela noite, enquanto Enézio recebia um colega importante no escritório, Antonelle saiu para compartilhar a história com a família de Bernardo. Contou-lhes a situação e pediu auxílio e acobertamento, que eles não hesitaram em concordar.

Agradeceu-os, admirada com a predisposição daqueles dois homens. Já partia de volta à mansão quando William a alcançou, com o semblante sério.

— Não conheço muita coisa, mas sei que essa doença não é simples — suspirou, nervoso. — Diga-me: há uma grande chance do meu irmão... De ele...

Baixou o rosto, comovido. Antonelle pousou a mão firme em seu ombro.

— William, tudo o que estou fazendo é para impedir que isso aconteça.

— Mas as chances são grandes, não são?

Ele exalava a expectativa de ouvir que não, mas Antonelle foi sincera. Confirmou, com um sinal discreto, e o ouviu soluçar.

O próximo passo era decidir onde manter os pacientes. Pensaram em muitos lugares, no entanto sempre havia um risco grande demais, tanto de infectar os demais quanto de serem descobertos por Enézio. A solução surgiu por ideia de Gerson: a última cocheira, nos fundos do celeiro, que estava vazia.

Prepararam o local com o máximo conforto possível. Antonelle olhava para a filha com pena.

— Vocês não mereciam estar passando por isso! — lamentava. — Ficar aqui, nesta imundície...

Caroline segurou as mãos da mãe e abriu um sorriso.

— Estarei em dívida eterna com você por tudo isso!

Era nessas horas que os olhos da mulher marejavam e ela precisava se esforçar para não chorar.

Até ali, tinha sido relativamente fácil. A pior parte foi lidar com o barão. Antonelle tentou convencê-lo de que a filha fugira mais uma vez com o moço, já que o marido praticamente a expulsara, mas ele custava a acreditar.

— Deixe-me descobrir qual a sua relação com o sumiço de Caroline e vai sofrer pesadas consequências!

Enquanto não passavam de ameaças, ela estava tranquila.

Para pagar os medicamentos, não havia outro meio senão usar o dinheiro do marido. Periodicamente, quando ele saía, a baronesa pegava algumas moedas no cofre e entregava ao mensageiro, com ar de urgência.

— Vá à casa do doutor Gerard e pegue a encomenda que ele tem para mim — sussurrava, com as mãos suando. — A quem quer que lhe pergunte, no caminho, diga que são temperos para o jantar.

— Mesmo ao senhor barão? — assombrou-se.

— Principalmente! — e tirava mais uma moeda do decote. — Espero que saiba ser leal.

Era incrível como o medo dos criados desaparecia, diante daquela gentileza reluzente...

Felizmente, o frio do início do outono abriu uma brecha. A temperatura estava amena dentro do celeiro, e isso permitia aos dois refugiados não tremerem tanto com o frio. Contudo, as tosses vinham piorando. Antonelle não pregava os

olhos à noite. Só acalmou quando, enfim, a primeira encomenda chegou, e ela pôde providenciar os chás e as sopas com seus caríssimos compostos medicinais.

O efeito foi notado em poucos dias. A respiração dos doentes estava mais leve, a tosse controlada, e todos os cúmplices do tratamento concordaram que eles pareciam dispostos e corados. No entanto, as doses encomendadas mal duravam uma semana, e Antonelle precisava providenciar tudo novamente.

Enézio estranhava a agitação da mulher, naqueles dias. Ela andava às pressas, com os olhos e ouvidos atentos, alheia a tudo à sua volta. Não carregava o semblante subordinado de sempre.

Numa tarde de domingo, resolveu perguntar-lhe. Segurou-a pelo braço quando passava ao seu lado e a mirou diretamente nos olhos.

— Você parece ocupada demais esses dias — falou, com a voz grave. — Que tipo de atividade estaria tomando tanto sua atenção?

Ela abriu um sorriso atrevido.

— Do que você tem medo? — sussurrou.

O marido apertou a pele dela com mais força.

— Não brinque comigo. Não sabe do que sou capaz.

Antonelle puxou o ombro de maneira brusca, livrando-se dele. Encarou-o com firmeza e retomou seu caminho, com os passos fortes ecoando pelo corredor, como jamais ousara fazer.

Era a primeira semana da habitação secreta nos fundos do celeiro. No início, o nervosismo era tanto que os doentes não ousavam conversar, mesmo em sussurros. Contudo, o passar dos dias tranquilizou seus corações, e eles finalmente se deram conta da situação que compartilhavam. O plano os obrigava a passarem aqueles dias todos juntos, quase sempre a sós. Não tardariam a emergir os assuntos mal resolvidos, o que aconteceu naquela mesma tarde.

— Você ia mesmo se casar com aquele homem?

A pergunta foi tão súbita que Caroline engasgou e não respondeu.

— Como eu imaginei — concluiu, brincando com um punhado de feno.

Ela fechou os olhos, exausta das acusações dele.

— Por que fala como se eu tivesse desistido de tudo?

— Porque desistiu.

— Ponha-se em meu lugar! Que escolhas acha que eu tinha?

— Não estou falando de escolhas, milady. Falo de sentimentos.

Caroline deixou escapar um leve sorriso.

— Pensei que nunca mais o ouviria me chamar assim.

Os dois se entreolharam com intensidade. Qualquer sombra de rancor deixou o coração dele.

— Milady – repetiu, com a voz amena. – Minha milady...

Olhavam-se muito de perto, então ela recuou.

— Bernardo, não podemos! Nós somos ir...

— Somos duas pessoas que se amam – completou. – É tudo o que importa. O fato de termos o mesmo pai não pode mudar isso.

Ela o observou em silêncio, com os pensamentos vagando.

— Se não fosse você, agora eu estaria casada com aquele monstro...

Bernardo apertou os dentes, desgostoso com a imagem que lhe veio à mente.

— Você me salvou mais uma vez, afinal.

Ele aproveitou o riso dela para se aproximar um pouco mais.

— Engraçado como a vida parece conspirar para que fiquemos juntos...

A garota não recuou. Rendeu-se àquele olhar apaixonado e o abraçou.

— Fica comigo para sempre?

Ele se emocionou com a doçura do pedido.

— Até o último dia das nossas vidas – jurou.

Apertou-a com mais força em seus braços, jurando a si mesmo que nunca mais iria perdê-la. Nunca.

Nos dias que se seguiram, Dinamene se assustou com o desespero visível de Antonelle.

— O que acontece, senhora?

— Preciso encomendar mais mantimentos! O que temos só durará até amanhã, e as ervas que mandei buscar já deviam ter chegado!

Abanava freneticamente o rosto com um leque branco.

— Enézio vai perceber se eu mexer no cofre com tanta frequência...

Foi só dizer aquele nome que ele apareceu à porta do quarto. A mulher saltou de susto.

— Enézio! — tentou parecer natural. — Como entra assim, sem se anunciar?

— Acaso falavam de algo que eu não podia ouvir?

Ela forçou um riso, disfarçando o rosto corado com o leque.

— Que tipo de assunto eu teria com a empregada?

Enézio inclinou o rosto, relevando a questão, e virou as costas. Antonelle notou que ele estava muito bem-arrumado.

— Vai sair?

Sua voz transmitiu mais ansiedade que ela pretendia. Com uma sombra de suspeita nos olhos, o barão respondeu que sim.

— Por que quer saber?

— Por quê... Porque sou sua esposa, ora!

Passou velozmente ao lado do marido, sentindo o rosto queimar, e caminhou pelo corredor sem olhar para os lados. Não percebeu, mas os olhos de Enézio se mantiveram sobre si por muito tempo.

Ela se fechou na sala de leitura, ofegante de nervosismo. Deixou passarem vários minutos e espiou, com cautela, as duas extremidades do corredor. Estava vazio.

— É agora... — murmurou.

Com um impulso de determinação, correu até o quarto do marido e fechou a porta atrás de si, sem fazer ruído. Inspirou profundamente e se lançou em direção ao quadro atrás do qual se escondia o cofre. Removeu a tela que o encobria e girou o botão prateado.

Fez a sequência inteira com muito cuidado. No último movimento, esperou o ruído metálico da tranca se abrindo, porém nada aconteceu. Forçou a porta, que continuava imóvel, e recomeçou todo o seu trabalho, suando de nervosismo.

Mais uma vez, não obteve resultado algum.

— Mas o que aconteceu?

— Mudei a combinação.

Ela sentiu a alma congelar com a voz grossa que ouviu replicar atrás de si. Reconheceria aquele timbre irônico em qualquer lugar do mundo.

Sentindo as pernas tremerem, Antonelle se virou lentamente. Os olhos arregalados reconheceram Enézio, em pé, no outro canto do grande quarto.

— Pensei que eu não perceberia que o cofre estava esvaziando rápido demais?

Ele caminhou tranquilamente na direção dela, com o olhar fervendo. A mulher não movia um músculo.

— Pensei que fosse um dos servos. Qualquer um deles. Mas não a minha própria esposa...

Parou diante dela, com a respiração trêmula. Ela encolheu os ombros, aterrorizada.

— Enézio... Eu...

Seu murmúrio foi cortado por um tapa forte no rosto.

— Para que queria o dinheiro?

Ela deu vários passos para trás, cobrindo a face ferida. No intervalo do seu silêncio, ele a acertou mais uma vez.

— Para que queria o dinheiro? — repetiu, com mais raiva.

Pegou sua cinta nas mãos e fez o couro estalar na pele dela. Continuou atacando e questionando-a, e ela só conseguia gritar e se esticar para longe dele, às lágrimas.

— É para minha filha! — revelou, num grito revoltado. — Para curar Caroline!

Ao som daquele nome, Enézio parou. Antonelle se encolheu no chão, longe dele, soluçando.

– Então, você a escondeu – concluiu, com um sorriso nervoso. – Eu não a escondi. Eu a *protegi*! – corrigiu, cheia de ódio.

– Sou eu quem decide o que é melhor para ela. Sou o pai dela!

– ELA NUNCA FOI SUA FILHA!

Gritou antes que pudesse pensar. Antonelle tremia, desejando poder matar aquele homem com os olhos. Enézio parecia aturdido.

– O que quer dizer com isso?

Insana, Antonelle sorriu e se levantou, encarando o marido nos olhos.

– É exatamente o que ouviu, barão.

Começou a rir nervosamente. Nesse momento, Dinamene entrou no quarto com outras duas servas, assustadas com a gritaria. Antonelle continuou, sem tirar os olhos do marido:

– Caroline pode carregar seu nome, mas não o seu sangue.

Dinamene arregalou os olhos, apavorada, e correu até a patroa.

– Pobre senhora! Ela está fora de si...

– Deixe, Dinamene! – barrou-a, determinada. – Agora ele vai saber.

Enézio continuava perdido, incerto sobre considerar ou não aquilo que ouvia.

A esposa se aproximou mais, destemida.

– Sempre pensei que eu tivesse algum problema para engravidar. Na verdade, você me trazia tanto desgosto que era praticamente impossível que um filho seu

vingasse no meu ventre. Lembra-se do quanto sofri nos meses em que esperei Elizabeth? Agora, diga-me, quantos enjoozinhos tive na gravidez de Caroline?

A baronesa continuava sorrindo, cheia de satisfação, articulando as palavras como se elas pudessem feri-lo na pele. Dinamene ofegava de pavor ao seu

lado.

– Eu me deitei com outro homem, sim. E Caroline é fruto desse dia, do qual jamais me arrependi.

O barão a empurrou, enojado.

– Vadia...

– Vai me culpar? – enfrentou-o. – Você jamais se importou comigo. Foi o responsável pela fraqueza que me deixou vulnerável a outro homem.

– Você devia se envergonhar!

Ela balançou o rosto, tranquila.

– Minha única vergonha é ter aceitado viver sob seu comando por todos esses anos.

Deu as costas ao marido, que bufava de raiva, escoltada por Dinamene e pelas servas assustadas.

– Vou desgraçar sua vida! – prometeu. – A sua e daquela menina bastarda!

– E o que vai dizer aos seus amigos importantes? – olhou-o, séria. – Faça isso, e vai desgraçar a imagem que tanto preza. Será ridicularizado! Todos vão rir de você!

Enézio agarrou qualquer objeto ao seu alcance e atirou contra a mulher.

Contudo, ela já estava do lado de fora, e a louça se estilhaçou na porta fechada.

– Senhora! – Dinamene estava espantada. – Contou a ele...

Mas Antonelle não parecia sentir remorso. Tinha os olhos perdidos na parede, a mente agitada.

– É melhor nos prepararmos, Dinamene. A partir de agora, tudo será muito diferente...

CAPÍTULO 31

O ACORDO

Ergueu a xícara no ar e ofereceu um brinde à vida.

No anoitecer daquele dia, passado o impulso caloroso da sua revelação, Antonelle se sentia cada vez menos confiante. A insegurança tomava conta de si e a amedrontava, embora lutasse mentalmente para não enfraquecer.

A porta do seu quarto se abriu e o coração dela deu um salto.

— Quem é?

Não houve resposta. Quando ela viu Enézio, levantou-se, pronta para se defender.

Ele a olhou com desdém.

— Sente-se.

Não obedeceu. Permaneceu em pé, mirando-o com os olhos muito abertos e a respiração acelerada. Com calma, Enézio puxou uma cadeira acolchoada e se acomodou, levando Antonelle a fazer o mesmo.

— O que quer aqui? — perguntou, receosa.

O barão tamborilava com os dedos, aparentemente tranquilo. Antonelle não gostava daquela tranquilidade.

— Tudo o que você me revelou, hoje, coloca o seu destino em xeque. Tenho testemunhas que podem confirmar o que me disse. Ah, Antonelle!... — suspirou, fingindo-se pesaroso. — Você sabe que posso mandar executá-la por adultério, não sabe?

Ela sentiu o estômago revirar, o que a levaria a se ajoelhar e implorar o perdão dele, em outros tempos. No entanto, manteve-se firme.

— É isso que vai fazer?

Enézio arqueou as sobrancelhas, estratégico.

– Talvez sim... Talvez não...

– Quais as condições?

Ele se surpreendeu com a objetividade dela. Resolveu jogar o mesmo jogo.

– Onde está Caroline?

– O que quer com ela?

– Quero cuidar dela – explicou. – Dela e daquele rapazinho que você provavelmente também está abrigando.

Antonelle uniu as sobrancelhas, não compreendendo absolutamente nada.

– Cuidar dela?

– Sim. Cuidar dela.

Imaginou se, enfim, alguma compaixão teria despertado no coração de Enézio. Contudo, conhecia-o o suficiente para saber que ele devia ter outras intenções.

O barão continuou:

– Você sabe que depende totalmente dos meus recursos para salvar a vida dessa menina. Se eu a expulsar daqui, a vida de todos vocês estará

– Sim, eu sei – admitiu, com desgosto.

– Portanto, eu a salvo. Compro todos os medicamentos, componentes, extratos e o que mais for necessário. Quanto a você, permanece vivendo debaixo deste teto, ainda minha mulher, perante todos, mas nada mais relevante que um tapete, aos meus olhos. E como tal será tratada.

– Não me importo. Só interessa que minha menina seja salva.

– Nossa menina – corrigiu-a. – Ou muito mais minha do que sua. A vida dela está em minhas mãos; logo, Caroline pertence a mim, assim como o resto dos seus dias.

Antonelle sentiu o coração esfriar. Algo estava muito errado.

— Seja mais direto, Enézio.

— É muito simples. Se Caroline não é minha filha legítima, nada me impede de *comprá-la*. Isso me dá o direito de ser o ditador legítimo do seu destino. Quero que ela sobreviva e tenha ainda muitos anos pela frente, para que eu possa transformar a sua vida em um martírio.

Deixou escapar uma risada satisfeita. Antonelle viu o rosto dele se transfigurar num monstro.

— Você é desprezível...

— Só estou sendo justo. A menina sobrevive e pode gozar o resto da sua vida trancafiada em um convento, salvando a sua alma, imunda como a da mãe.

— Você a mataria! — berrou. — Caroline nasceu para ser livre!

— Tanto melhor. Assim, ela me pagará, muito lentamente, por toda a vergonha que me fez passar.

Antonelle fechou os olhos, zozna. Enézio a torturava mais do que se a açoitasse.

— Você não tem escolha — informou, levantando-se. — Não vim propor um acordo, apenas informar minha decisão. Amanhã, bem cedo, você trará Caroline de volta a esta casa.

Saiu assoviando, completamente alheio à indignação que a esposa derramava em xingamentos. Ela sabia que era inútil discutir com o marido; Enézio tinha a capacidade odiosa de sair ganhando em uma situação sem deixar saídas ao outro lado.

— Demônio... — sussurrou, trêmula.

Levantou-se, tentando pensar em qualquer solução. Sua mente estava vazia, como a sua alma de esperanças. Começou a gritar insanamente e a atirar os objetos da penteadeira para todos os lados, deixando o chão forrado de estilhaços de louça.

Foi em seu momento de revolta que uma ideia extrema apontou como a única possibilidade de libertação: fugir com Caroline.

Disparou escada abaixo e atravessou o jardim, sem se importar com o vento frio. Tinha um único foco: pegar sua filha e fugir com ela para longe, a salvo do marido e da sua ideia fixa em atormentar a menina.

Uma voz muito próxima, contudo, a fez vacilar.

— Para onde vai?

Não era uma pergunta autoritária, tampouco repreensiva. Soou de forma tão suave que mais parecia uma curiosidade materna.

Antonelle vasculhou ao redor até avistar, ao seu lado, ninguém menos que a

— Antonieta... — murmurou, emocionada. — Mas como... O que é que...

— Acho que ainda não respondeu à minha pergunta — replicou, com cortesia.

— Oh, sim! — desculpou-se. — Vou buscar Caroline. A senhora a conheceu...

— E para onde pretende levá-la, a esta hora da noite?

Antonelle tomou fôlego e relatou brevemente sua situação, que Antonieta ouviu sem interromper. Abriu um sorriso esperançoso, quando terminou:

— A senhora poderia nos ajudar! Talvez pudéssemos ficar com os ciganos...

Mas a idosa não sorriu de volta.

— Olhe o que está fazendo, Antonelle.

Ela se assustou.

— Só estou protegendo a minha filha!

— Está desviando o destino dela, é isso que está fazendo — corrigiu. — O importante, neste momento, é que Caroline possa se curar da doença para decidir por si só o que é melhor para ela. Se fugirem, que chances ela terá de continuar viva?

A mulher baixou a cabeça, contrariada.

— Mas Enézio...

— Palavras não são contratos nem amarras — tranquilizou-a. — Deixe-o cuidar de Caroline como se fosse, assim, conseguir o que quer. Uma vez curada, a menina saberá o que fazer.

Aproximou-se de Antonelle, que continuava muito nervosa.

— Confie em sua filha — pediu, com um sorriso bondoso. — Eu a conheci bem o suficiente para saber que ela é capaz de partir em busca da própria felicidade.

— Mas o que será do destino dela?

Antonietta fechou os olhos, serena.

— Já não é responsabilidade sua. A decisão será apenas dela.

Antonelle finalmente sorriu, com algumas lágrimas relutantes escorrendo pelo seu rosto.

— Diga-me que vai voltar para casa e deixar que Caroline decida seu próprio destino.

Ela fez que sim, decidida. A conselheira piscou com ternura.

— Então, eu já cumpri minha missão.

Deu as costas à neta e caminhou, devagar.

— Espere! Para onde está indo?

Antonietta continuou a caminhar, sem responder, desaparecendo na escuridão.

Antonelle, não contente, correu atrás da avó.

— Como sabia que eu...?

Mas não conseguiu terminar a frase. Antonietta tinha simplesmente desaparecido.

Caroline não dormira bem à noite, por conta do mal-estar da doença, e se sentia muito fraca logo pela manhã. Imaginou até quando suportaria viver naquele celeiro, olhando para quatro estreitas paredes de madeira do nascer ao pôr do sol. Para seu consolo, tinha, ao menos, a companhia do homem que

Cansada de tentar dormir em vão, sentou-se e espreguiçou-se demoradamente. Notou um vulto que a observava em silêncio, do lado de fora da cocheira. Era Gerson.

— Bom dia – cumprimentou-o, disfarçando a surpresa.

— Bom dia.

Ele a admirava com um explícito carinho paterno, o que a incomodou um pouco. Era a primeira vez que se via a sós com o verdadeiro pai, depois de saber a verdade.

— Onde está Bernardo?

— Foi tomar banho de sol.

Ela esperava uma explicação mais comprida, que preenchesse aquele silêncio perturbador. Sabia, entretanto, que não poderia fugir dos fatos para sempre.

— Então, você já sabe sobre...

— Sim, eu sei – interrompeu-o, indisposta a conversar sobre aquilo.

Ele abriu um sorriso compreensivo.

— Como se sente a respeito disso?

Era a primeira vez que lhe perguntavam aquilo. Ela olhou nos olhos dele, com sinceridade.

— Sempre me senti culpada por odiar meu pai. Fiquei aliviada em saber que, na verdade, ele sempre foi apenas um estranho que me dava dinheiro e vestidos.

— Entendo. Mas quis dizer em relação a mim.

Caroline baixou os olhos, incomodada com a pergunta. Ainda achava estranho enxergar o pai de Bernardo também como o seu.

Gerson também estava desconfortável, porém a ansiedade era perceptível em seus olhos.

— Todos esses anos, como eu quis poder chamá-la de filha — desabafou. — Via tanto de mim em você, a cada vez que a via passar, e, ainda assim, era obrigado a lhe tratar com formalidades...

Ele suspirou, segurando a comoção. Caroline estava admirada com o inédito carinho paterno que lhe era conferido e sentiu vontade de abraçá-lo.

Foi quando Antonelle surgiu, com os passos rápidos e os olhos preocupados.

— Mamãe? O que foi?

Estava visivelmente aflita. Abriu a pequena porta de madeira e agachou-se ao lado da filha, segurando firme sua mão.

— Caroline, ele já sabe.

A menina arregalou os olhos, sentindo o coração disparar.

— Meu pai? Digo... — olhou para Gerson, como se pedisse desculpas.

— Sim. Enézio — ela cochichava, com pressa. — Ouça, querida: a partir de agora, só você poderá decidir o seu destino. Não há mais nada que eu possa fazer...

A menina recolheu as mãos, indefesa. A mãe pensou em palavras de conforto que não tiveram tempo para serem ditas; uns passos pesados ecoaram no chão de madeira, aproximando-se. Em poucos instantes, o barão estava ali, diante deles.

— Parece que essa história tem mais gente envolvida do que eu supunha.

Olhou para Gerson, sugestivo.

— Foram ordens minhas — defendeu Antonelle, com frieza.

Enézio voltou os olhos para a filha, sentada no chão.

— São nessas condições que pretendia curá-la, Antonelle?

A mulher não respondeu. Enézio se aproximou da garota e também se agachou sobre o feno.

— Pobre menina bastarda. Tenho pena de você. E pensar que seu pai pode ser qualquer um...

Caroline cerrou as mãos, cheia de raiva.

— O importante é que não é você.

Ele soltou uma risada alta.

— Pensou que escaparia de mim tão facilmente?

Voltou a se levantar, deliciando-se com a incompreensão no olhar da menina doente.

— Vou ser bem objetivo: digamos que eu a comprei de volta — anunciou. — E o preço com o qual lhe pagarei é sua própria vida.

Bernardo retornou, neste momento, e se assustou ao ver Enézio entre eles.

— Ah, a outra criança doente! — ironizou. — Junte-se a nós. Assim, só terei que explicar uma vez.

Caroline fez sinal positivo e ele se sentou ao lado dela, cheio de desconfiança. Todos se entreolhavam com nervosismo enquanto o barão explicava seu acordo com Antonelle.

— Isso é ridículo! — protestou Caroline, levantando-se. — Você nunca poderá mandar em mim. Não é meu pai!

— Mas sou seu dono.

Ela sentiu o sangue ferver suas maçãs do rosto e avançou contra ele.

Antonelle a deteve com o próprio corpo, cochichando em seu ouvido:

— Deixe que o dinheiro dele salve sua vida. Depois, você decide o que fazer...

As palavras pareceram fazer sentido para ela. Refletiu por alguns instantes e resolveu, enfim, aceitar aquelas condições.

— Está bem. Eu vou com você, contanto que cuide também de Bernardo.

Enézio arqueou as sobrancelhas.

— Está doida! O tratamento custa uma fortuna!

— É minha única condição.

Enézio deu uma boa olhada no rapaz, com o olhar derramando desprezo.

— Está bem. Também trataremos o rapaz. Mas ele deixa as minhas terras assim que ficar bom, ou assim que morrer.

Caroline ainda não estava convencida da boa vontade daquele homem. Colocou-se à sua frente, olhando-o nos olhos.

— Tratará a nós dois com os mesmos cuidados. *Prometa-me, pela vida daquela a quem sempre chamou de filha...*

Ele se surpreendeu com a força daquele pedido, mas não se abalou.

— Como quiser.

Desviou-se dela e retirou-se antes de todos, muito sério. Bernardo correu até a garota.

— Milady! Ficou louca? Por que o desafiou?

— Ele pode expulsá-lo das suas terras quantas vezes quiser, mas jamais da

Segurou as mãos do amado, com um sorriso esperançoso. — Tudo vai dar certo. Eu prometo.

Enézio mandou prepararem o último quarto do corredor com duas camas de madeira. O cômodo estava abandonado havia anos e cheirava a mofo. Havia apenas um armário quebrado e uma janela pequena, sem cortinas.

Os doentes ficaram isolados ali, como dois animais indesejáveis, para que não propagassem a doença. Elizabeth, assim que soube a triste notícia, apareceu oferecendo ajuda. Porém, nem a visita da irmã pareceu alegrar Caroline, naqueles dias.

— Milady, por que está tão abatida?

Ela passava o dia deitada naquela cama dura, refletindo. Resolveu dividir seus pensamentos com Bernardo:

— Não consigo me conformar que ele queira que eu sobreviva só para me fazer sofrer! Minha mãe disse que ele vai me trancafiar em um convento. As freiras já estão hospedadas aqui, para me levarem assim que eu ficar boa...

Apertou os olhos, repudiando aquela ideia.

— Mas você não vai! Basta dizer que não quer.

— Ele me *comprou*, Bernardo! Não entende a que ponto chegou a obsessão dele em me dominar?

Ele suspirou, visualizando o problema.

— Da mesma forma, ele me expulsou da propriedade.

— Mas você ainda pode tomar suas próprias decisões depois disso. Pode pegar aquele cavalo e realizar o sonho da sua vida. Já eu...

Suspirou, cheia de agonia.

— Você pode vir comigo – sugeri. – Não será a primeira vez que o engana para ir embora.

Caroline deixou escapar um riso, olhando para ele com ternura.

— Casados, nós já somos. Até consegui impedir seu matrimônio com outro homem, não é?

— Pois é! – divertiu-se.

— Então! Eu ganho algumas corridas, guardo dinheiro e nós conseguimos uma boa casa para morar. Vou adorar enchê-la de filhos nossos...

Acariciou o rosto dela, sonhador. Mas o sorriso dela não durou muito tempo.

— Esqueça o barão, milady!

— Eu não sei – sussurrou. – Conheço bem a determinação dele. Tenho medo que ele consiga nos separar. Ou atormentar as nossas vidas para sempre...

Bernardo se aproximou mais e tocou o seu colo, onde antes ficava pousada a pedra do colar de Antonieta.

— Ninguém consegue arruinar um amor eterno.

Ela abriu um sorriso emocionado e o abraçou. Era incrível como só ele conseguia trazer Caroline de volta à vida.

Em poucos dias, os ingredientes transcritos pelo doutor chegaram e o tratamento foi iniciado. Elizabeth chegou à porta com uma bandeja e adentrou ligeiramente o cômodo.

— Aqui estão: a xícara prateada, do Bernardo, e a branca, para você.

— Fique aí fora, minha irmã! — advertiu, preocupada. — Deixo a bandeja na porta quando terminarmos, está bem?

Elizabeth suspirou com tristeza.

— Não suporto ter que evitar minha própria irmã...

Caroline inclinou o rosto, acostumada com aquele sentimentalismo. Soprou um beijo com a mão e se despediu, fechando a porta atrás de si e indo acordar Bernardo do seu sono profundo.

— Hora do chá!

Ele se sentou com um sorriso leve, como o de quem revive boas lembranças.

— Não devia ter me acordado. Estava sonhando com a gente. Nós dois, dividindo uma casa confortável, na província. Acha possível?

A menina ergueu as sobrancelhas, olhando para a fumaça que emergia do seu chá.

— Vamos nos preocupar em sobreviver, primeiro.

Com um sorriso, ela ergueu a xícara no ar e ofereceu um brinde à vida.

CAPÍTULO 32

O VOO DO PÁSSARO

O pássaro estava finalmente livre...

Passaram-se vários dias de intensivo tratamento. Enézio proibiu qualquer pessoa de entrar no quarto dos doentes, tanto por cautela quanto pelo gosto de ver Antonelle aflita, do lado de fora, punida com a proibição de ver a filha.

Todos os dias, os mais diversos preparados eram servidos com as ervas caríssimas que Enézio mandava buscar. Fez questão, ele próprio, de providenciar tudo e cuidar dos medicamentos, da encomenda ao manuseio, como se, assim, deixasse a vida da menina ainda mais presa às suas mãos. No jardim, Anita não falava em outra coisa senão no olhar de louco que o patrão carregava, cada dia mais evidente.

— Nunca o vi assim! Ele nem come mais, viu como emagreceu? Passa o dia inteiro naquela cozinha, falando sozinho, ou andando pela casa com os olhos arregalados, falando o nome da menina doente. Aliás, você sabia que ela não é filha dele?

Tinha perdido a conta de quantas vezes já contara aquela história.

Já se completava um mês sem que Antonelle pudesse ver a filha. Conseguia, por vezes, conversar através da porta fechada, mas o marido logo descobriu e passou a manter guardas no corredor, com ordens para impedi-la de se aproximar. Não queria permitir qualquer lampejo de felicidade à esposa adúltera, cujos dias se transformaram, aos poucos, em um doloroso passar de horas.

Bernardo estava particularmente preocupado com a garota. A vivacidade de sempre estava encoberta pelos intermináveis acessos de tosse seca e febre alta.

Preocupou-se que ela não progredisse no tratamento da mesma maneira que ele.

— É normal. Mulheres sempre foram mais sensíveis — tranquilizava-o.

Ele não se convenciu. Queria chamar o doutor para examiná-la, mas ela encerrava o assunto:

— Acredite, eu já me sinto bem melhor. Só continuo um pouco chateada, nada demais!

E Bernardo fazia como ela achava que devia ser.

Foi assim que o segundo mês de tratamento se arrastou. A garota se mantinha acordada, conversando e até mesmo rindo, mas Bernardo, várias vezes, flagrou-a cerrando os olhos com exaustão. Parecia não querer admitir sua evidente fraqueza.

Em uma tarde de sábado, ela adormecia profundamente quando Elizabeth chegou com a bandeja dos remédios. Bernardo foi atendê-la.

— Que milagre! É sempre Caroline quem corre para me receber.

— Ela não passou nada bem à noite. Aliás, tenho a achado muito fraca nos últimos dias. Ela não quer que chame ninguém, sequer me deixa medir sua febre.

Sempre diz estar melhor, mas eu não acredito muito...

Elizabeth balançou o rosto.

— Sempre teimosa! Não se preocupe, vou informar o doutor.

Entregou a bandeja para ele, tentando não derramar os dois recipientes cheios até as bordas.

— Já sabe... O seu é o da esquerda.

— Da minha esquerda — corrigiu.

— Não. Da minha. Este, com uma mancha escura na beirada.

— Mas este com a mancha não é...?

Ele se calou. Uma lembrança de dois meses antes fez seu coração parar.

Elizabeth notou que ele suava.

— Algum problema?

A bandeja caiu das suas mãos, causando um forte baque, mas ele não se importou. Correu para dentro e agachou ao lado da cama onde Caroline dormia.

Ela ardia em febre.

Elizabeth entrou no quarto, aflita.

— Por Deus, Bernardo! O que há?

— Chame alguém! — ordenou, desesperado.

Sem compreender, ela correu para fora, gritando nervosamente pelo nome da mãe. Bernardo chacoalhava a menina pelos ombros.

— Milady, acorde!

Ela abriu os olhos com dificuldade.

— O que houve?

— Você trocou, não foi? — acusou-a. — Nossos pratos, nossas xícaras. Você os trocou de propósito!

Ela suspirou, pensativa. Com uma expressão de dor, sentou-se na cama, muito devagar.

— Bernardo, eu...

Foi interrompida por um acesso de tosse. Sua voz estava muito próxima a um sussurro.

— Milady, por favor, diga que não fez isso...

Segurava o rosto dela entre as mãos, atordoado de desespero. A menina levou a mão à testa, com um gemido de dor, e seu corpo desabou sobre ele.

— Caroline! Fale comigo!

Ele a deitou novamente, com cuidado, tentando acordá-la. Foi quando Antonelle surgiu no quarto, com a filha mais velha, desvencilhando-se dos guardas.

— Bernardo! O que aconteceu? Como está minha filha?

Ele olhou para a mulher, apavorado.

— Não sei, ela desmaiou...

A mãe se ajoelhou ao lado da cama, balançando o corpo da menina. Espirrou água fria em seu rosto e sentiu um imenso alívio ao vê-la se mexer.

— Ela está com febre... — observou. — Bernardo, por que ela está tão fraca? Não estão tomando os medicamentos como devem?

Os olhos dele estavam pregados no chão. Uma lágrima ameaçou escorregar à medida que ele compreendia a grande besteira que ela fizera.

Elizabeth sentiu um nó no estômago ao notar a expressão do rapaz.

— O que está acontecendo com minha irmãzinha?

Ninguém se manifestou, com medo da resposta. Olhavam para Caroline, que agora sorria, sob um fio de consciência.

Bernardo se sentou na beirada do colchão, ao seu lado.

— Você sabia, não é?

Ela fez um leve aceno de cabeça, consentindo. Bernardo apertou os olhos, confuso.

— Naquele dia, quando pediu a ele que tratasse a nós dois com igualdade...

— Eu imaginei que ele pretendia apenas fingir que cuidaria de você — explicou. — Que não gastaria seu precioso ouro com mais um doente...

Antonelle levou as mãos à boca, começando a entender a situação. Desnorteadada, ela disparou pela porta aberta para mandar chamarem o doutor, seguida pela filha mais velha.

Bernardo enxergava diante de si, claro como se acontecesse naquele instante, o último pedido da menina a Enézio. Prometa-me, pela vida daquela a quem sempre chamou de filha...

Sentiu o coração afundar em angústia.

— Milady, por que quis correr o risco que era meu?

Ela levou sua mão ao rosto dele, acariciando-o com delicadeza.

— Tudo o que arrisquei foram anos de submissão e infelicidade. Você tem um sonho a perseguir.

— Não diga isso! — berrou. — Não fale como se você... Como se fosse...

Não conseguiu terminar a frase, irrompendo em soluços. Agarrou as duas mãos dela e fechou os olhos, suplicando a Deus, em pensamentos, que não levasse embora a sua amada milady.

— Bernardo, eu preciso que me prometa uma coisa.

Ele olhou para ela, com a visão embaçada pelas lágrimas. Caroline mordeu os lábios, sentindo uma pontada, mas logo voltou a respirar com tranquilidade.

— Vá atrás do seu sonho. E não pare até ter conseguido realizá-lo.

Com dificuldade, ela se sentou e ficou à altura dele, olhando-o nos olhos.

— Faça valer a pena a vida que eu salvei.

Ele balançou o rosto, discordando.

— Só se você estiver ao meu lado.

— Eu estarei...

Bernardo apertou o lençol entre seus dedos, contendo um grito furioso.

— Por que fez isso?

Ela sorriu, reproduzindo as palavras dele com os olhos semicerrados:

— Foi meu sacrifício por você. Meu jeito de fazê-lo saber que o amo.

Pela porta aberta, ela viu Antonieta entrar, envolta em luz e paz. Correspondendo ao sorriso bondoso da bisavó e estendeu a mão para ela, sussurrando ao ouvido do amado, num último esforço, as palavras que lhes pertenciam: *amor eterno*.

Então, como em tantos outros dias, o rosto dela descansou sobre o ombro dele uma última vez. Bernardo enlaçou o corpo dela com os braços antes que caísse e a abraçou com força, embalando-a com seus soluços. Aquela voz, ele sabia, jamais voltaria a ouvir.

As duas mulheres sentiram os passos congelarem, ao voltarem. Liza arregalou os olhos, agarrando-se ao braço da mãe.

— Não...

Antonelle inspirou coragem e se aproximou deles. Massageou distraidamente os cabelos da amada filha mais nova e pousou os olhos nas nuvens, pela janela.

— Ela fez a escolha dela.

O choro de Bernardo se intensificou, e Elizabeth enfim confirmou o que seu coração tentava, de todo modo, negar. Com um grito choroso, correu para abraçar a irmã e acompanhou Bernardo num longo e doloroso pranto de despedida.

Antonelle se manteve firme. Compreendeu que aquela partida era, acima de tudo, uma libertação. O pássaro estava finalmente livre das amarras que o acompanharam por toda a existência.

Enézio, que não esperava aquela tragédia, ficou profundamente consternado com o acontecimento. Não podia acusar ninguém de ter trocado os recipientes, ou estaria traçando a própria acusação. Sua única opção foi trancar a culpa na alma, enegrecendo-a ainda mais com aquele peso extra que o acompanharia pelo resto dos seus dias como preço da sua promessa descumprida.

Bernardo dispensou demais cuidados, já desnecessários. A doença deixou seus pulmões e se instalou em sua alma. Qualquer remédio já não faria o menor efeito.

Antonelle se confortava com alguma força que ela não sabia explicar, mas sabia vir de onde quer que sua filha estivesse. Era o que lhe dava ânimo para cuidar de Elizabeth, que chorava dia e noite desde a morte da irmã mais nova.

O velório aconteceu ao ar livre, sob as nuvens, a pedido de Antonelle. As solenidades foram providenciadas financeiramente por Enézio — que, aos olhos de todos, era o pai da garota. Padre Reynald prestou uma bonita homenagem à trajetória da garota, engrandecendo-a, como se costuma fazer àqueles que partem. Bernardo acompanhou tudo de longe, sentado em um dos bancos de pedra do jardim, derramando em silêncio as lágrimas da saudade

que o atormentaria pelo resto da vida. Sua dor era compartilhada por um jovem bemvestido que não despregava os olhos do rosto imóvel da garota, onde sabia que nunca mais veria abrir-se aquele sorriso que tanto amara.

Gerson se sentou ao lado do filho, observando demoradamente a multidão que se organizava no jardim em torno do último leito de Caroline. Precisou suportar ver, de longe, o barão receber os pêsames que deveriam ser seus.

Bernardo olhava para Enézio com ódio.

— Como ele consegue fingir tanto? Praticamente a assassinou... Esmurrou o assento do banco e limpou os olhos mais uma vez.

— Vou me vingar, pai – jurou. – Esse homem precisa pagar o mau que fez a ela.

— Se está pensando em matá-lo, é a sua própria vida que vai acabar

— Não importa! Ele merece pagar pelo que fez.

Gerson bateu a mão no ombro do filho, olhando-o com carinho.

— Meu filho, você pode se tornar um assassino ou um grande competidor.

Caroline, com certeza, preferiria a segunda opção.

O rapaz ergueu os olhos para o céu, entristecido.

— Deve haver algo que eu ainda possa fazer por ela...

— E há – atraiu a atenção do filho, que voltou a olhar para ele. – Aquele homem queria desgraçar a vida dela, e já não pode mais. Você, por sua vez, sempre poderá honrá-la. Apenas faça aquilo que mais a teria contentado na vida.

Piscou um olho e caminhou até seu casebre, cabisbaixo. Bernardo suspirou, lembrando-se do último pedido da amada. Tentava, de todo jeito, fugir da ideia de perseguir seu sonho, que já não parecia fazer sentido sem a companhia dela.

No entanto, respeitar o seu desejo talvez fosse a melhor maneira de se vingar daqueles que sempre tentaram dominar suas vontades.

Passada a missa do sétimo dia do falecimento, Bernardo não via mais razão em continuar naquelas terras. Estava banido e, mesmo que não o estivesse,

partiria por conta própria.

William o viu arrumando algumas trouxas sobre o cavalo, em frente à casa.

— O que vai fazer, meu irmão?

Terminou de amarrar seus pertences e pousou os olhos na floresta, cheio de incertezas.

— Também não sei.

Elizabeth voltou para casa um dia depois da missa. Ao se despedir da mãe, recebeu uma longa carta.

— Leia sozinha e queime-a depois. Ninguém, além de você, precisa saber disso.

Ali estava toda a verdade sobre Caroline, o verdadeiro pai da menina e o os planos de Antonelle dali em diante.

Já vivi muito sofrimento com seu pai, e permanecer nesta casa significará continuar a aceitá-lo. Pretendo partir com Gerson e seu filho, William, neste anoitecer. Ele tem um irmão no norte, nas terras de um duque que está em busca de alguém que trate dos seus cavalos. Tudo indica que é para lá que vamos. Não tente deter-me, filha, nem contar a ninguém! Só pode me ajudar mantendo silêncio.

Escreverei assim que tivermos chegado. Conto com sua cumplicidade.

Com amor, Mamãe.

O pedido foi respeitado. Ninguém nunca mais soube de Antonelle, exceto sua filha mais velha, que, algumas semanas mais tarde, recebeu uma nova carta. Nela, sua mãe contava como eram belos os campos que rodeavam aquele lugar onde passaria a viver com seu grande amor. Feliz, finalmente.

Enézio se esforçou em formular uma explicação convincente à sua solidão. Dizia a todos que a baronesa enlouquecera e fora internada, muito embora ninguém acreditasse. Com a ajuda de Anita, logo se espalhou o boato de que Antonelle fugira com outro homem.

Aos poucos, naquelas terras que já foram tão ilustres, as visitas rareavam, os chás esfriavam e nem mesmo Elizabeth aparecia. Os únicos que ainda o visitavam, naquele primeiro ano, eram Fernão e seu filho, Filip, que

desmanchou o noivado após a morte daquela a quem amava de verdade. Para sempre, a única mulher que ele amou.

Em pouco tempo, os grandes portões da propriedade enferrujaram-se por falta de uso, e o poderoso barão de Mondevieu se viu completamente sozinho em seu grande palácio de pedra. Aquilo abalou profundamente sua saúde mental, e aquele que era conhecido como o grande feudo dos Mondevieu ficou famoso como “as terras de Enézio, o louco”. Foi o seu maior castigo, que apenas o tempo poderia ter dado.

Bernardo ficou sabendo da história, e ficou aliviado por não ter assassinado o barão. O castigo de uma vida desgraçada é sempre maior que a morte, que mais liberta do que pune.

Agora, ele tinha sua casa na cidade. Construiu-a exatamente como vira no sonho que compartilhou com Caroline. A única diferença era que ela não estava lá com ele.

— Amor eterno — repetia a si mesmo, convicto. — Ela está comigo!

Sua frase foi interrompida pelo ecoar de uma buzina alta, que levantou poeira ao seu redor. Todos os cavaleiros partiram com o sinal de largada, exceto Bernardo, que olhava em seu velho relógio de bolso. Quando o ponteiro dos segundos atingiu o número doze, ele bateu no lombo de Apolo, fazendo-o disparar.

Os poucos que apostaram no corredor novato se arrependeram, de início. Contudo, o locutor anunciou uma virada espetacular no quadro dos corredores:

— O número doze está ultrapassando todos eles! É incrível, mas parece que ele está... Ele vai... Ele VENCEU!

Por uma diferença mínima, Bernardo ganhou a corrida. Sua vitória inesperada se repetiu inúmeras vezes, a partir de então, e o corredor se tornou o grande mito das arenas.

Num dos mais árduos campeonatos da categoria, o rei em pessoa foi premiá-lo.

— Interessante! Você nunca parte no mesmo instante que os outros corredores, mas vence, mesmo assim. A que deve suas vitórias?

Bernardo tirou os olhos da taça e olhou para o céu.

— Devo-as ao meu amor eterno.

O rei franziu a testa e fingiu compreender, afastando-se para premiar o segundo colocado. Bernardo continuou olhando para cima, avistando um grupo de pássaros que voava alto.

Dayeah... O pássaro livre, pensou. Elevou seu troféu para eles, sorrindo.

— Esta é para você, milady.

Tal qual ela lhe pedira, Bernardo realizou seu sonho. Observou o bando que passava por entre as nuvens, em voo pleno como aquele que Caroline finalmente conquistara. Ele estava em paz; sabia que ela também realizava o sonho que perseguira por toda a vida.

Era livre. Eternamente livre. Até o dia em que se encontrariam novamente para, juntos, alçarem um novo voo em direção ao infinito.

“Campeão, vencedor... Deus dá asas, faz teu voo. Essa fé que te faz imbatível te mostra o teu valor.”

Trecho da música **“Conquistando o impossível”** Beno César.

